

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM ESCRITA CRIATIVA

DANIEL FERNANDO GRUBER

A NOITE DO CORDEIRO

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

DANIEL FERNANDO GRUBER

A NOITE DO CORDEIRO

Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração em Escrita Criativa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva

Porto Alegre
2019

Ficha Catalográfica

G885n Gruber, Daniel Fernando

A Noite do Cordeiro / Daniel Fernando Gruber . – 2019.
261.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva.

1. Escrita Criativa. 2. Romance histórico. 3. Terror. 4. Caça às
bruxas. 5. Brasil Colônia. I. Silva, Luiz Antonio de Assis Brasil e.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

DANIEL FERNANDO GRUBER

A NOITE DO CORDEIRO

Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração em Escrita Criativa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva

Aprovada em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva (PUCRS) – orientador

Profa. Dra. Zilá Bernd (Unilasalle)

Prof. Dr. Claudio Vescia Zanini (Ufrgs)

Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes (PUCRS/York University)

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza (PUCRS)

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

Ao professor Luiz Antonio de Assis Brasil, pelo ensinamento e inspiração que tem dado a dezenas de jovens escritores; pelo pioneirismo e persistência de trazer a Escrita Criativa para a academia; pela confiança e orientação neste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, por ter comprado a ideia da Escrita Criativa e lutado por ela.

Aos professores do programa, pelas aulas e ensinamentos, em especial ao Bernardo Bueno pelas colaborações na qualificação desse trabalho.

Aos órgãos de fomento à pesquisa no Brasil, CNPq e CAPES, pelo estímulo ao conhecimento científico e intelectual, e em especial ao CNPq pela bolsa de estudos.

A todos os colegas das disciplinas, dos grupos de pesquisa e do meio literário. Parte do aprendizado aconteceu nas conversas de corredor.

À Gabriela, minha parceira de todos os momentos, e ao nosso filho Leonardo. Aos nossos gatos, Vênus, Ulisses e Titi, pois sem eles não somos uma família completa.

Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia é quando os homens têm medo da luz.

Platão

*A cada canto um grande conselheiro
Que nos quer governar cabana e vinha
Não sabem governar sua cozinha
E podem governar o mundo inteiro*

Gregório de Matos

RESUMO

Este trabalho está dividido em duas partes, uma ficcional e outra ensaística. A primeira apresenta o romance inédito *A Noite do Cordeiro*, que aborda as relações de poder durante o período colonial brasileiro a partir da crença e da descrença, do fanatismo e da perseguição, tendo como pano de fundo a presença da Inquisição portuguesa na Bahia do século XVII e a obsessão pelo estereótipo da bruxa disseminada durante aquele período. A segunda, intitulada “Poética do medo do escuro”, tem o objetivo de refletir a criação do romance, orientando-se pelos elementos que o constituem como uma história de suspense, tendo em vista a construção do efeito de medo e tensão na forma como aparece na literatura gótica, *thriller* e de terror. Aliando ficção e reflexão, o trabalho pretende demonstrar como a utilização dos elementos de medo servem a uma narrativa de ambientação histórica para fazê-la refletir sobre angústias contemporâneas.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Romance histórico. Thriller. Terror. Caça às bruxas. Brasil Colônia.

ABSTRACT

This work is divided into two parts, one fictional and one essayistic. The first part presents the unpublished novel *A Noite do Cordeiro*, which investigates the power relations in the Brazilian colonial period, based on belief and disbelief, fanaticism and persecution, having as the background of the Portuguese Inquisition in Bahia in 17th century and the obsession with the stereotype of the witch disseminated during that period. The second part, entitled “Poética do medo do escuro”, aims to reflect the creation of the novel, guided by the elements that constitute it as a thriller, with a view to building the effect of fear and tension in the form as it appears in gothic and horror literature. Combining fiction and reflection, the work intends to demonstrate how the use of the elements of fear serve as a historical setting narrative to make it reflect on contemporary anguish.

Keywords: Creative Writing. Historical fiction. Thriller. Horror. Witch hunt. Colonial Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
A NOITE DO CORDEIRO	15
POÉTICA DO MEDO DO ESCURO	209
1 AS HISTÓRIAS DE MEDO	211
1.1 Um pós-escrito para A Noite do Cordeiro	211
1.2 Medo do escuro	212
1.3 Gêneros do medo	216
1.4 Prazer estético no horror	218
1.5 Medo e repulsa	222
1.6 Uma história de loucura e morte	224
2 O MONSTRO	226
2.1 O monstro como arquétipo.....	226
2.2 O monstro como ideologia	228
2.3 As funções do monstro	230
2.4 A bruxa e o demônio	233
2.5 Dois monstros para um só mal	241
3 O ENREDO	243
3.1 As estruturas dos enredos de terror	243
3.2 O suspense e o mistério	247
3.4 As personagens	249
3.5 Espacialidade e atmosfera	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS	255
REFERÊNCIAS	257

INTRODUÇÃO

Tempos insanos parecem clamar por narrativas espetaculares. Períodos de crises sociais e culturais, mudanças de comportamentos e instabilidade política são terreno fértil para obras fantásticas, insólitas ou assustadoras. Assim como a tomada de consciência do absurdo existencial legou à posteridade os pesadelos de Kafka, também a alienação da nova sociedade industrial nos legou a distopia de Aldous Huxley e, mais tarde, com o massacre dos regimes ditatoriais, as de George Orwell e William Golding. Ainda mais tarde, com o avanço da luta das mulheres e a resistência do conservadorismo, o de Margaret Atwood.

No Brasil, não foram poucas as obras fantásticas que nasceram na sociedade pós-abolição e, depois, nos anos de chumbo: de Bernardo Guimarães e Júlia Lopes de Almeida a Murilo Rubião, José J. Veiga e Érico Veríssimo. E assim como Arthur Miller utilizou o episódio histórico das bruxas de Salém para retratar a paranoia anticomunista do macarthismo americano, também Dias Gomes, no Brasil, valeu-se da representação do aparelhamento inquisitorial português para falar sobre a repressão da ditadura militar em *O santo inquérito*. A literatura falou por alegorias sempre que falar abertamente da realidade não era permitido ou não tinha efeitos práticos.

O século XX, com suas descobertas científicas e tecnológicas, guerras de proporções globais e nucleares, regimes violentos e revolução digital, foi abrigo para inúmeros movimentos intelectuais, artísticos e populares que traziam a urgência de romper com o realismo e o naturalismo do século anterior. Do surrealismo aos heróis das histórias em quadrinhos, do mágico latino-americano ao expressionismo alemão, da fantasia mítica e da ficção científica ao terror, gêneros literários e cinematográficos sempre buscaram nos temas escapistas uma forma de contornar o pesadelo do cotidiano.

Parece ser uma questão própria da arte — e ao mesmo tempo mercadológica — dividir as narrativas em dois mundos: aquilo que é puramente artístico e aquilo que é da cultura popular (chamada de cultura pop). Experimentações alegóricas, expressionistas e metafísicas parecem pertencer ao campo da arte, enquanto histórias de detetives e de

monstros são relegadas ao puro entretenimento, à pura fantasia da qual nenhuma revolução cultural parece germinar. Não são poucos os leitores que, ao se depararem com tais produções, declaram: “Não tenho preconceito, mas...”, e a crítica, muitas vezes sentindo-se ameaçada pela afeição do público de massa por obras mais sensoriais que intelectuais, acaba construindo muros entre esses lados: a alta e a baixa cultura.

Aos poucos, essas barreiras vão se desfazendo. Hoje já podemos tratar de obras populares e recentes dentro da academia, desapegando-nos um pouco do empoeirado e desgastado cânone. Graças a isso, começamos a compreender algo crucial e bastante simples: as narrativas de gênero possuem um peso expressivo sobre as culturas contemporâneas e são, em último caso, grandes formadoras de leitores.

Eu confesso que fui um leitor tardio. Antes dos dezesseis anos de idade, não lembro de ter pego um livro para ler por conta própria. Mas quando descobri o fascínio da literatura, já estava completamente envolvido pelas narrativas fantásticas que cercavam a adolescência no início dos anos 2000: filmes, videogames, seriados, jogos de RPG. Era uma época prolífera para histórias de terror, sobrenaturais, de crimes, de investigações. Também era uma época marcada pelos mistérios históricos e misticismo de todo tipo: de repente, todos voltaram a se interessar pelas Cruzadas, templários, Inquisição, caça às bruxas, sociedades secretas, bruxaria, paganismo, esoterismo.

Esses temas apareciam em todas as revistas, livros, programas de TV. Era uma verdadeira febre. Havia o fenômeno *thriller* Dan Brown e todos os seus livros-satélites sobre segredos escondidos na História. Havia um grande interesse nas sagas de Marion Zimmer Bradley e seus romances arturianos, suas feiticeiras e seus mistérios sobre o continente perdido de Atlântida. Novelas que talvez não fossem obras de grande interesse da crítica literária, mas que foram decisivos na formação de centenas de jovens leitores.

Um dos primeiros livros que li, nessa época, foi *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Um livro difícil, pela linguagem erudita, que trazia todos aqueles elementos que despertavam nosso interesse: mistério, crime, inquisição, demonologia, Idade Média. Hoje eu já não conseguiria captar a sensação que tive ao lê-lo pela primeira vez, mas posso descrever o impacto que a leitura deixou na minha vida: me formou leitor e despertou a vontade latente de contar minhas próprias histórias de mistério.

O primeiro livro que comecei a escrever, talvez aos dezoito anos, se passava na Inglaterra medieval. Em tudo se parecia com o livro de Umberto Eco ou com qualquer *thriller* histórico da época. Eram meus primeiros escritos e, como todos os primeiros escritos, carregavam a expectativa ingênua de ser uma obra grandiosa. Nunca cheguei a

terminá-la. Em algum momento, percebi que não seria um *best-seller*. Percebi que precisava amadurecer.

Então fui ler outras coisas, escrever outras coisas, pensar em outras coisas. Conheci autores clássicos e contemporâneos, conheci contistas e poetas. Conheci cientistas e teóricos. Aprendi a pensar cientificamente, depois a pensar criativamente, e por fim desaprendi tudo e voltei a reaprender. Escrevi contos, um romance, artigos acadêmicos e uma dissertação de mestrado. Passaram-se quinze anos, minhas aspirações intelectuais me levaram para longe, mas, de alguma forma, o que está lá na origem sempre volta, pois é aquilo que nos forma.

Alguma voz interior me pedia para terminar aquele livro. Talvez para fechar as pontas de quem eu era, ou talvez para honrar aquilo tudo que me trouxe até aqui. Ou simplesmente porque agora me sinto um pouco mais preparado para isso.

Minha intenção em *A Noite do Cordeiro* era apenas escrever um *thriller* sobre a caça às bruxas e a presença inquisitorial no Brasil. Uma proposta simples e direta. Não tinha, inicialmente, o intuito de que fosse um romance histórico — na forma como ele é compreendido pela teoria literária —, muito menos de teor alegórico ou político.

Aos poucos, entretanto, acrescentei detalhes que complexificaram aquela proposta inicial. O enredo, embora realista num aspecto amplo, teria grandes influências do gênero policial, gótico e do cinema de terror, influências da qual nutro ainda um intenso afeto, de forma a articular o mistério das antigas lendas numa trama de suspense, que beirasse o fantástico sem nunca ultrapassar o limite. Essa junção entre reconstituição histórica e cultura popular, que, em minha opinião, foi articulada com competência em *O nome da rosa*, o livro que me formou como escritor.

Contudo, o comprometimento com o discurso histórico (ainda mais em se tratando de uma tese de doutorado) me levou a sofisticar essa ideia. Ao abrir a caixa temática do século XVII, me deparei com um número extraordinário de questões que permeiam e moldam o panorama daquele Brasil colonial. Dei-me conta de que uma simples narrativa de mistério não seria suficiente para explicar um período tão intrincado e conturbado.

De forma quase incontornável, eu teria que tocar em muitas daquelas feridas que ainda assombram nosso país: a escravidão, a diáspora africana, a dizimação dos povos nativos, a perseguição às mulheres (como ressonância da caça às bruxas europeia), a perseguição religiosa, o fanatismo, a corrupção judiciária, a centralização de poder, o

autoritarismo. Um passado que, como ressalta Lilia Schwartz, “vira e mexe vem nos assombrar, não como mérito e sim tal qual fantasma perdido, sem rumo certo”¹.

Por outro lado, aprendi com as (boas) histórias de terror e distopias que os gêneros insólitos e fantásticos, aparentemente tão descolados da realidade, sempre funcionaram como alegorias para a sociedade, a cultura e a política. *Frankenstein*, de Mary Shelley, surgiu num momento de revolução tecnológica e expõe o medo sobre os limites da ciência e da medicina. *Godzilla*, filme japonês sobre um monstro gigante que se origina em um acidente radioativo e volta para arrasar Tóquio, surge alguns anos após a destruição de Hiroshima e Nagasaki. Até mesmo a inocente Regan, no romance *O exorcista*, de William Peter Blatty, ao ser possuída pelo demônio, passa a gritar palavrões e a se masturbar com um crucifixo, numa época em que a sociedade americana passava por uma revolução sexual e de costumes. Não podemos esquecer, também, filmes como *A Noite dos Mortos-vivos*, de George Romero, e os recentes *Corra!* e *Nós*, de Jordan Peele, que tratam abertamente do racismo.

Seja para legitimar o *status quo* contra o que está fora da norma — como alguns filmes de terror sobre alienígenas dos anos 50, que reforçavam valores racistas e xenófobos — ou para subverter um estado reacionário da sociedade e expressar valores progressistas, é inegável que o horror, o terror, o fantástico, o estranho e o distópico, isto é, histórias que costumamos chamar de “narrativas de gênero”, possuem enorme vocação para retratar e reelaborar anseios coletivos.

Stephen King, um dos mais bem-sucedidos escritores de terror, lembra que o interesse por esse tipo de histórias se renova a cada dez ou vinte anos, e que elas sempre voltam em épocas de crise². Não é exagero pensar que escrever uma história de gênero também é escrever uma história sobre o momento em que nossos medos coletivos se transformam em monstros.

Este trabalho está dividido em duas partes: a primeira é a criação ficcional, o romance intitulado *A Noite do Cordeiro*. A segunda é de natureza ensaística, intitulada “Poética do medo no escuro”, na qual reflito sobre a criação e composição do romance, partindo da reflexão de alguns autores que abordaram o gênero terror e suspense. Nesse ensaio, arrisco levantar uma hipótese sobre o efeito estético produzido por obras desses

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.224.

² KING, Stephen. *Dança macabra: o terror no cinema e na literatura dissecados pelo mestre do gênero*. Trad. Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p.20-22.

gêneros, que chamo de *medo do escuro*, e que visa a contribuir para futuros escritores na elaboração de peças desse tipo.

A Noite do Cordeiro é uma história sobre Inquisição e caça às bruxas, mas também sobre crimes, mistérios e uma fascinação ancestral pelos demônios. Também é uma história sobre o Brasil, sobre o país e a cultura a qual pertencemos e que nos molda diariamente. É uma história sobre velhos fantasmas. Uma história com aquele ar de medievalismo que me fascinava na adolescência, e que ainda parece rondar estes dias de obscurantismo. É uma história gótico-tropical³ que, como a maioria das histórias góticas, fala da insistente vilania de uma classe aristocrática em eterna decadência.

³ O termo foi cunhado por Daniel Serravalle de Sá no livro *Gótico tropical: o sublime e o demoníaco em O guarani*. O autor demonstra, por meio de cartas escritas por Alencar, que de fato ele era leitor de romances góticos ingleses e, a partir da análise de sua principal obra, sugere que o romance *O guarani* apresenta muitos dos elementos do gênero gótico, como o retorno ao passado histórico e a presença de um vilão autoritário, dono de terras e centralizador de poder, que representa uma classe aristocrática decadentista.

A NOITE DO CORDEIRO

*Quem falar contra o filho do homem será perdoado.
Mas quem falar contra o Espírito Santo não será
perdoado nem neste mundo, nem no vindouro.*

Mateus, 12:32

*O que é isso diante de mim?
Uma figura negra que aponta para mim*

Black Sabbath

Durante o período colonial, o Santo Ofício de Lisboa enviou três visitas inquisitoriais ao Brasil. Na época em que se passa esta história, o tribunal instalado na cidade de Salvador contava com uma rede de auxiliares civis e eclesiásticos que percorria o Recôncavo a fim de investigar e punir crimes contra a fé. Portugal estava anexado à Espanha, sob o regime do rei castelhano Felipe II, conhecido por seu catolicismo fervoroso.



O método empregado pelos inquisidores, a repressão a dissidentes da Restauração Católica e a propagação da caça às bruxas europeia na colônia correspondem fielmente à historiografia. Durante a presença da Inquisição no Brasil, pelo menos duzentas pessoas foram condenadas pela acusação de feitiçaria. Quase todas eram mulheres.

Pouco antes de Mariana Soares ter desaparecido na mata, quase ninguém conseguia impedi-la de ficar quieta.

— Estive pensando, minha mãe, que tenho já idade para ganhar um vestido novo, pois não sei se disse isso à senhora, mas conheci um rapaz na última semana que... bem, ele é bastante tímido e fala muito pouco, mesmo assim creio que seja bom rapaz, penso que o pai irá estimá-lo... pois admiro quem leva esse jeito, calado, faz com que não pareça tolo como os outros, e então podemos encomendar o vestido àquele mercador que sempre vem aqui... Sei que não temos dinheiro agora, mas posso começar a servir alguma boa família no inverno e logo poderia pagar por ele...

Mariana acabara de completar quinze anos. Era pequena e acuada feito um filhotinho de gato. Seu rosto, mesmo sujo e com marcas rudes do campo, tinha uma graça genuína, sorriso doce, olhos distraídos (porém ligeiros) e uma expressão às vezes sonhadora, às vezes assombrada.

— Cala-te, Mariana. Estás a me deixar tonta. Por que as roupas não estão lavadas?

A mãe estava abaixada sobre a horta da frente, arrancando o inço com movimentos ríspidos. Seu rosto era sisudo, envelhecido precocemente. A família morava perto da mata e era muito pobre. Os pais eram lavradores e, no último ano, a colheita tinha sido desastrosa. Mariana recolheu o balde e deixou escapar um suspiro. Sua alegria se obscureceu. Disse à mãe que um homem no riacho a tinha deixado com medo.

— Homem? Que homem?

— Um desconhecido, minha mãe.

A mãe limpou o suor da testa, esfregou a terra úmida dos dedos e se levantou, impaciente. Havia uma infinidade de tarefas que pareciam nunca acabar: obter alimentos, não deixar que o fogo se apagasse, ou que se espalhasse a doença de algum animal. Dar comida aos porcos, às vacas, às cabras. Tirar o leite. Empilhar o feno. Lavar as roupas.

— Deixe de conversa, Mariana. Vosmecê está a me ocultar algo.

A menina baixou os olhos e emudeceu. A mãe a segurou pelo braço e revistou dentro do balde. Cavoucou entre as roupas até encontrar ali uma rosa vermelha. Ergueu-a diante dos olhos, como se fosse perguntar o que era aquilo, mas não disse nada. Não era preciso. Inclinou-se um pouco, limpou as mãos no avental e estapeou o rosto da filha.

Mariana sentiu o impulso de levar a mão à bochecha, mas se segurou e engoliu o grito de dor e vergonha.

— Jogue isso fora — ordenou a mãe. — Queime.

— Sim, senhora.

Mariana juntou a flor e se perguntou se realmente havia nela tanta maldade. Mas a mãe sabia quem a tinha dado de presente. Achou que a filha não podia entrar no bosque assim, em pecado. Então a fez se ajoelhar, juntar as mãos em prece e pedir perdão.

Senhor, me perdoa, orou Mariana. Pois tentei enganar minha mãe usando a arte maliciosa de Satã. Livra-me dos maus pensamentos e aceita-me pura novamente.

— Amém — finalizou a mãe com brandura, tocando o ombro da filha.

As nuvens se arrastavam pelas encostas, escuras e lentas, quando Mariana entrou no bosque. O sol começava a baixar atrás das copas das árvores. Um forte vento soprou, preparando o tempo para a chuva. Eram os primeiros dias de abril e logo viriam temporais violentos, que escureciam a tarde e espalhavam lama por todos os lados. As árvores ficariam secas e desfolhadas, os galhos parecendo garras compridas, o vento emitindo aquele chiado agudo, feito o lamento de uma velha.

As comemorações da Páscoa deveriam ser um período de júbilo e prosperidade, se o verão tivesse sido bom e a Lua do Milho coroada com mesa farta, belas cantorias e danças. Todos estariam alegres. Mas o que viria pela frente era uma longa temporada de privação e silêncio.

Mariana caminhou até a cerca que demarcava o limite da mata. Olhou para o fundo das árvores. Um ruído cavernoso ecoou lá de dentro. Uma brisa invadiu suas narinas.

— Mariana!

Olhou para trás e enxergou Joaquim vindo em sua direção, ofegante e agitado.

— A mãe está com pressa — disse ele, segurando seu braço.

— Solte-me. Já estou indo.

— Vamos logo, antes que escureça.

Joaquim tinha dois anos menos que ela. Era um menino afetuoso, embora às vezes meio bruto. A avó costumava dizer que rapazes amadureciam mais tarde, e que alguns não amadureciam nunca.

Entraram no bosque e andaram lado a lado pela trilha do riacho. Em todo o trajeto, Mariana tentou se comportar como uma boa moça, guardando as palavras dentro da boca. Lembrava-se das advertências da mãe: nunca se afastar demais da trilha e não falar com ninguém. E um alerta sempre tinha um motivo. Havia algo de assustador naquela floresta. Uns diziam que era a morada do diabo, e talvez tivesse algo de verdadeiro nisso. Ou era apenas o que contavam às crianças para não se aproximarem demais.

— Joaquim — ela disse. — O que um homem mais admira numa mulher?

— Que não faça perguntas tolas — ele respondeu. — Nem fique o tempo todo reclamando e maldizendo, feito uma megera.

— Estás a falar como nosso pai.

— Vai chover logo — ele desviou o assunto. — A mãe quer que tu laves as roupas a tempo de secar. Eu vou contigo. Ela pediu para que eu juntasse lenha.

— Tu?

— Sim. A mãe disse que já tenho idade.

— Para ir à floresta?

— Sim. Enquanto tu lavas as roupas.

— Mas não deixam ninguém entrar lá sozinho.

— Não estou sozinho — rebateu o irmão. — Estás comigo.

Então caminharam até a pequena clareira onde corria o riacho. Mariana se sentou perto da margem e colocou as roupas sobre o colo, molhando a escova e passando-a sobre o sabão de banha. Pôs-se a cantarolar uma velha cantiga, que falava de um rei que voltava da guerra para salvar seu povo. Sentia um estranho desejo dentro do peito: de ver aquele rapaz de novo. De ouvir sua voz, que, em vez de repetir galanteios vulgares, louvava sábios e livros que ela nunca tinha ouvido falar. Podia finalmente sentir o que era estar alegre, sentir o corpo queimar.

O irmão encheu um balde com água e levou até ela. Depois saiu para recolher gravetos e começou a escalar uma ribanceira, em direção à mata fechada.

— Não te afastes — advertiu Mariana. — Tenho que ficar de olho em ti.

— Shhh — ele ciciou de repente, colocando-se de cócoras.

— O que foi?

— Não ouviste?

— Não.

— Tem algo ali.

Mariana sentiu o impulso de se levantar, mas manteve-se estática. Joaquim se arrastou de joelhos entre os arbustos e sumiu da vista dela.

— Joaquim! Toma cuidado.

Ouviu sons de galhos se partindo a alguma distância. O medo se infiltrou em seu peito como um veneno. Arrastou-se de joelhos até a parte rasa do córrego e ergueu a saia para atravessar a água.

Alguns metros à frente, uma figura negra se ergueu. Por breve instante, Mariana sentiu o pânico se apoderar dela. Milhares de histórias de que contavam os índios atravessaram sua cabeça.

— Sou a Bruxa Enforcada! Vou cozinhar estas criancinhas!

Era apenas Joaquim, com o casaco escuro sobre o rosto, entortando a cabeça para o lado, esbugalhando os olhos e colocando a língua para fora. Mariana jogou a roupa ensaboada no chão, furiosa.

— Joaquim, meu irmão! Deves achar muita graça em fazer malcriações, enquanto tenho que trabalhar e vosmecê fica aí fazendo troça! É sempre assim. A mãe trata-me como uma besta de carga, enquanto a ti passa a mão na cabeça.

— Mariana...

— O que é?

— A verdade é que a mãe não me deu permissão para vir ao bosque.

Mariana cravou ainda mais os olhos nele.

— Meu irmão! O que estás a dizer? Mentiste para mim!

— Eu disse para a mãe que iria à roça chamar o pai.

— Joaquim, como pode?

O menino se levantou e olhou para ela com uma espécie de compaixão. Então começou a se afastar.

— Já é hora — ele disse.

— Hora de quê? Onde vais, Joaquim?

— Ali naquele arbusto. Acho que vi um preá.

Correu para longe e deixou a irmã sozinha outra vez. Mariana deu de ombros e voltou a se concentrar em sua tarefa.

Tentava inutilmente limpar um vestido manchado de sangue. Esfregou-o até seus braços perderem a força, mas a mancha não saía. Sentiu-se débil, suja, humilhada.

Então outro ruído chegou aos seus ouvidos.

— Joaquim?

Foi nessa hora. Os sons de grilos pareciam sair de dentro de seus ouvidos. O dia chegava ao fim e os últimos resquícios de luz se desfizeram. Começaram a cair os primeiros pingos de chuva. Um relâmpago cortou o céu, lançando luz e sombras por cima das árvores. Com o coração oprimido, Mariana se levantou e caminhou até a trilha.

— Joaquim? Estás aí?

Agarrando-se aos troncos, saltou uma ribanceira e caiu de joelhos do outro lado. Sentiu uma dor aguda. Diacho! Torcera o tornozelo. Arrastou-se até uma encosta, onde se escorou por alguns segundos. Sons de folhas e galhos se agitaram ao seu redor.

Não é Joaquim quem vem lá.

Tentou correr, com dor e sem enxergar nada. Sabia que feras costumavam atacar moradores das povoações próximas. Perseverou até não sentir mais as pernas, e então pisou em falso num barranco. Rolou para baixo, batendo a cabeça contra um enorme jatobá. A visão, embaçada pela chuva, acabou de turvar.

Joaquim, por que me trouxeste a este lugar?

Mesmo na escuridão, Mariana parecia distinguir alguma coisa lá adiante. Olhou através da intermitente luz dos relâmpagos e viu: uma forma toda escura, que não era a do irmão. *Não chegues perto da floresta*, a voz da mãe ressoou em sua cabeça.

Seus olhos se encheram de pavor. Bem na sua frente, viu a cabeça de um animal, chifres compridos e olhos amarelos. Ao pé da árvore, enxergou uma massa sanguinolenta. Um zunido infernal a envolveu.

Meu deus, o que é aquilo?

Agora ela sabia. Tinha entrado no bosque em pecado, e o diabo viera lhe buscar.

— Quem está aí? — ela perguntou uma última vez para a escuridão.

DOMINGO

CAPÍTULO UM

Eram léguas e léguas de mata espessa, com árvores tão antigas quanto Deus. A sequência de cerros escarpados formava a crista de um galo: era preciso entrar para o sertão e andar por dois dias até encontrar os cursos de água onde os nativos há muito tempo construíram suas aldeias. Entretanto, uma bela vista se abria ao enfrentar a brenha selvagem. De quando em quando, deparava-se com pássaros vermelhos e azuis, cujo canto remetia a melodias ancestrais em que o homem nunca tinha posto seus ouvidos.

O lugar estava a quatorze léguas da cidade do São Salvador da Bahia de Todos os Santos, no vale que separa os morros do Recôncavo, entrecortado por um riozinho de nome Subaé. Ao pé dessas elevações se estendiam longos pastos com rebanhos de ovelhas e cabras, que seguiam em direção a uma fazenda de cana-de-açúcar. Ali funcionava um engenho. Quem vinha da Barra do Sergipe do Conde, depois de algum tempo, atingia o topo de um outeiro, onde se avistava no alto o campanário de uma ermida. E por várias milhas não havia mais nada.

Se as sombras daquelas árvores pudessem sussurrar, diriam que o terror sempre chegava do mesmo jeito: sem ninguém perceber, até ser tarde demais.

Era uma manhã cinzenta e abafada, de muito calor. Vicente de Alcântara despertou com um sobressalto. Outra noite mal dormida. Notou em seu coração uma angústia que não se julgava capaz de sentir outra vez. O quarto exalava um cheiro áspero e triste de mofo. Ficou olhando sem objetivo para o teto até perceber que batiam à porta. Só então se levantou da rede e vestiu as calças, devagar. Olhou ao redor. Seus papéis, espalhados pelo chão. Lembrou-se de ter ventado durante a madrugada. Aquilo também o aborreceu.

— Padre — chamou uma vozinha lá fora.

Vicente estremeceu. Quanto peso havia naquela rogativa. Seu único desejo naquele instante era concluir seu trabalho e ir embora. Havia algumas semanas, o Colégio dos Jesuítas o enviara para substituir o antigo pároco, Antônio de Bragança, que falecera.

Vicente tentou explicar que não era a pessoa adequada para ministrar o rebanho, que era um escolástico e não um pregador, e que seu lugar era entre livros e não entre pessoas. Mas a Companhia queria que ele investigasse algumas circunstâncias singulares da morte do padre Antônio, e apenas um homem com suas qualidades poderia fazer esse trabalho. Foi o que eles disseram. Conseguiram-no persuadir com uma arapuca muito eficaz contra os amantes do conhecimento: a vaidade.

Tum, tum, tum, ressoou a porta outra vez.

— Preciso da vossa ajuda, padre — insistiu a voz.

Quando a notícia da morte de padre Antônio chegou à Companhia, Vicente logo identificou uma falha: um atestado alegava morte natural, entretanto no comunicado enviado por um dito juiz Corrêa ao superior do Colégio, constava que Antônio sofrera ataque do coração. Assim, quando uma falha se anunciava, o espírito de Vicente clamava por corrigi-la, pois a justiça não era nada mais que a ordem sobre os males, e a ordem não era nada mais que a harmonia, e a harmonia era a única forma de sossego àquela miserável vida terrena.

Vicente se pôs a recolher os papéis. Eram anotações da sua pesquisa e não calhava deixá-las em desordem pelo chão. Só depois foi vestir a batina e calçar as sandálias, enquanto as batidas na porta se intensificavam.

— Estou a me arrumar — ele gritou por fim. — Vá falando.

— Algo terrível aconteceu esta noite — disse a voz de uma criança.

Vicente se sentiu outra vez ansioso, aflito. Assim que averiguasse a morte do padre, voltaria para a cidade e um irmão com verdadeira vocação viria ocupar aquele posto. Então se dedicaria ao ofício que sempre almejou, bibliotecário do Colégio.

— A missa vai começar em breve, filho.

— É importante, padre.

Aproximou-se da porta, mas não abriu. Ficou em silêncio para ver se o menino ia embora. Ainda podia ouvir seus pés roçando o cascalho no batente.

— É minha irmã, Mariana — o menino disse de trás da porta. — Ela sumiu durante a noite. Está muito enferma.

— Ora, sumiu ou está enferma?

— Sumiu. Mas nosso pai a encontrou de manhã. Ela estava... assim como a dormir de olhos abertos.

O menino talvez esperasse algum consolo, mas Vicente permaneceu em silêncio, pois não podia dar nenhum. Não havia nada o que dizer. Sabia de quem se tratava, uma

família de lavradores que vivia do outro lado do outeiro e que de vez em quando vinha à missa. Mariana era a filha mais velha, e este menino devia ser Joaquim, o mais moço.

— Como se estivesse fora de si? — perguntou.

— Isso mesmo — o menino respondeu. — Estava ferida e... sem roupas.

Vicente se intrigou.

— Então — disse depois de refletir um pouco — certamente não foi uma fera da mata que a atacou. Senão teu pai estaria a esta hora a chamar pelos caçadores, não a mandar-te acordar o vosso padre.

— Ele não me mandou — disse Joaquim. — Não sabe que estou aqui. Tinha esperança de que o senhor pudesse nos ajudar.

Vicente caminhou até a cômoda e serviu uma taça de vinho de má qualidade. Levou à boca, engoliu depressa. *Devo ter cara de adivinho, pensou, para que todos me peçam: investigue isso, investigue aquilo.*

— Não posso ajudar — falou por fim. — Isso é assunto para tratar com o alcaide.

O menino fez silêncio, depois disse com pesar:

— O alcaide não fará nada por nós.

Vicente passou o rosário no pescoço e terminou de se ajeitar. Fez o sinal da cruz, pedindo perdão pelos pecados que havia cometido e que viria a cometer até o final daquele dia. Finalmente abriu a porta, mas já não havia ninguém do lado de fora.

Então se virou para a rede e disse:

— Já podes sair.

A rede de mexeu e uma mulher ergueu a cabeça. Uma jovem índia. Não disse nenhuma palavra, levantou e se dirigiu até a janela. Vicente a fitou. Por um momento, teve compaixão por ela, depois percebeu que o verdadeiro miserável era ele mesmo.

— Ver-te-ei amanhã de novo? — perguntou.

Mas ela não respondeu. Apenas pulou a janela e se foi.

CAPÍTULO DOIS

Era uma igrejinha em forma de T, num modo muito pobre. Os portais eram de pedra de cantaria e as torres, de pequenas dimensões, revestidas de cacos de azulejos e conchas. Havia uma única porta na fachada e as janelas não tinham vidros, apenas grades de madeira. O interior, de paredes caiadas e assoalho de madeira, o teto da capela-mor de boa alvenaria. Na sacristia havia apenas um arcaz onde se guardava os paramentos e duas escavações no canto, o lavatório e o mortuário.

Numa das extremidades, pregado na parede, havia um grande Cristo crucificado, com a cabeça caída e o sangue escorrendo das mãos, dos pés e do ventre. Fora trazido havia alguns dias como parte dos preparativos para a semana santa. Vicente não gostava da onipresença sufocante daquela imagem, encarando-o de pálpebras cerradas, acompanhando-o em qualquer ângulo que se movesse, sempre o lembrando da maldade e da crueldade de que os homens eram capazes.

Para as pessoas daquela freguesia, Vicente era um tipo esquisito. Parecia um urubu velho, embora fosse ainda razoavelmente jovem, com seu chapéu largo, sua batina negra e sua barba cinzenta. Quase nunca ria, mesmo depois de fazer troças. Como ninguém podia adivinhar o que pensava, costumavam evitá-lo.

Tinha o rosto comprido e os cabelos desgrenhados. Era tão magro que parecia tísico. Embora de estatura mediana, tinha os braços longos como de macacos. Comentavam que ele seria um ótimo esgrimista, por conta de sua envergadura, e ele respondia que tinha desistido dessa vida depois de ter matado uma pessoa, muito tempo atrás. Todos riam como se fosse uma brincadeira, mas no fundo ninguém sabia realmente o que pensar.

Antes de iniciar a missa, naquela manhã, ele se serviu de um cálice e bebeu. Na falta de um vinho de boa qualidade, obrigava-se a beber da aguardente produzida ali no engenho, que exalava um odor enjoativo e abrasador. Incendiava as narinas e a garganta.

Engoliu uma dose e sentiu as faces enrubescerem e os olhos marejarem. Passada a ardência, porém, o mundo e a vida pareciam mais toleráveis.

A luz recortada pelas grades iluminava o interior da igreja, que cheirava a peroba envelhecida. Os fiéis já começavam a se reunir para o sermão. As mulheres abanavam-se com seus leques, confinadas à parte mais à esquerda da nave, e a fileira de escravos aguardava de pé do lado de fora.

Um rapaz do povoado ajudou a aparelhar o altar com os frontais de brocado e guadamecis, ajeitar os retábulos e a prataria, os anjinhos dourados e as imagens de barro, e amarrar as sedas franjadas nos bancos dos fidalgos. O calor denso anunciava mais chuva. Ruídos chegavam constantemente do fundo das árvores, pois a igreja fora edificada próxima demais da mata. Mesmo o vento encanado por dentro de troncos ociosos era suficiente para assustar aquela gente, que vivia tomada pelo pavor de aparecerem selvagens, feras, monstros e assombrações.

Os colonos pareciam sempre prontos a ouvir sobre o inferno ou os demônios, que combinavam tanto com aquela terra pouco devota na prática diária, repleta de devassidão por trás das aparências públicas. Mas desse assunto Vicente já estava farto.

— Deixamos nossas casas e nossas famílias — ele questionou durante o sermão — apenas para explorar as riquezas desta terra?

Os fiéis queriam ouvir palavras de conforto sobre suas colheitas, mas Vicente nunca tinha nenhuma para oferecer-lhes. Tentou manter as costas viradas para a imagem do Cristo morto. Muita gente diria que estava a ponto de endoidecer por causa do isolamento, da frustração e do cansaço. Fazia calor todo dia, e havia muita precariedade naquele lugar. E Vicente era um bacharel de Coimbra numa terra onde o saber não tinha qualquer valor. As lindas paisagens rurais estavam infestadas de mosquitos e não havia livros. Não havia com quem conversar sobre assuntos que não fosse a lida do campo.

Assim se instalara também seu desgosto pelos assuntos espirituais. Já não conseguia rezar nem pregar. Dar a missa e consolar as pobres almas se tornara verdadeira tortura. Não entendia mais a missão da Igreja naquele fim de mundo.

Na saída da missa, um sujeito se dirigiu até a sacristia.

— Como vai indo, padre? — perguntou com ar ansioso e tirou da cabeça um chapéu tricorne com penacho, bastante espalhafatoso.

Vicente franziu o cenho, tentando se lembrar de quem era.

— Haverão de se acostumar comigo — respondeu.

— Faço-me crer que o senhor não está lembrado de mim.

Era um homem ossudo, de olhar meio desvairado, uma insistente mecha de cabelo engordurado caindo pelo rosto. Vestia roupas faustosas e coloridas, que pareciam mais denotar ostentação do que requinte.

— Vagamente — respondeu Vicente.

— Não vos culpeis, não sou morador da redondeza.

— Lembrei-me agora. O senhor é comerciante.

— Mercador — ele corrigiu, piscando os olhinhos com um sorriso entre a barba.

— Homem do mar, padre. Trago boas peças de escravaria da Costa do Marfim.

— Ah, o senhor é quem anda a trazer os africanos.

— Isso mesmo. Quero dizer, bem sei que os homens da vossa ordem não aprovam tal comércio, mas não esperava de qualquer jeito vender nenhum para vós.

— Hoje é dia santo, homem, não é para comércio.

— Ora, o que é isso. Não há dia que não seja para comércio.

O homem talvez esperasse mais cordialidade de um homem de Deus, mas Vicente não era do tipo que sorria e aflagava, do tipo que os homens dali estavam acostumados.

— Estás enganado — Vicente contestou. — Muitos de minha ordem aprovam isso de comerciar gente. Não apenas aprovam, como se fartam.

— Bem, eu não vivo só de vender gente — disse o mercador com ar presunçoso.

— Negocio livros, pergaminhos. Trago e levo cartas, dou notícias, essas coisas. Domingos Furtado — fez uma breve mesura. — Não deveis vos lembrar, mas da última vez que estive aqui, o senhor me fez uma encomenda.

Vicente puxou pela memória e finalmente se recordou: o homem havia lhe prometido, certa vez, trazer do reino alguns livros difíceis de conseguir, que estavam no *Index Librorum Prohibitorum*. Então fez um gesto para que o acompanhasse até o quarto paroquial, que ficava do outro lado da igreja, a alguns metros dali.

Era uma pequena cabana, solitária no topo do outeiro. O homem foi entrando e se instalou sobre um tamborete de madeira. Começou a remexer na sua sacola, depois bateu o chapéu nos joelhos e o colocou sobre a cômoda. Vicente serviu uma taça de aguardente apenas para si, mas a grosseria não fez o visitante perceber (ou se importar) que sua presença era indesejável.

— Bem — ele disse, levantando o chapéu e revelando uma pilha de livros. — Eu queria vos comentar, padre, o quanto a gente deste lugar anda a se comportar de forma

estranha. Parece que estão sempre a guardar segredos. Também não deitam muita estima por mim, mas os convenci a me aceitarem por perto.

— De mistérios bastam os de Deus — disse Vicente, passando a mão pelos livros e os folheando com um pouco de entusiasmo.

Havia um volume intitulado *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, de Nicolau Copérnico, *De magia*, de Giordano Bruno, e uma cópia da história natural de Plínio (o Velho). Vicente levou os livros até a estante e os escondeu atrás de volumes ordinários de ortodoxia. Cobriu com uma manta os papéis em cima da escrivaninha.

— Lá do outro lado do vale — continuou o homem —, perto da floresta, mora um lavrador com a mulher e os dois filhos. O senhor se lembra?

— Lembro — respondeu Vicente. — Mas são pouco devotos. Quanto te devo pelos volumes?

— Uma arroba de açúcar ou algodão está de bom tamanho. Mas por que dizeis que não são devotos?

Vicente lhe alcançou um saco de farinha das hóstias e uma resma de alho.

— Isto é tudo que tenho. Olhe e me diga se serve. — Depois acrescentou: — Pois sim, eles aparecem pouco à missa, a meu gosto.

— Sim, isso basta. Mas o senhor está enganado. São mui devotos. Contudo, raramente descem ao povoado.

Havia uma lacuna na frase, na qual Vicente deveria perguntar o porquê. Mas ele apenas se pôs a andar pelo cômodo, dando a entender que estava atarefado. Domingos Furtado continuou a falar num tom soturno e afetado:

— Hoje cedo estive lá. O senhor soube que a menina ficou acamada?

— Soube.

— Mas a doença não é do corpo.

Vicente fitou-o com cautela.

— Não é do corpo?

— Não. Ela sofreu um ataque, na floresta, na noite passada.

— Já sei. Mas não foi por nenhum animal.

— Por que o senhor diz isso?

— O menino veio aqui hoje de manhã e me contou.

— Joaquim? O que queria?

— Buscar ajuda.

— E o senhor, o que lhe respondeu?

— Mandei-o falar com o alcaide.

O mercador sorriu. Seu rosto tétrico se iluminou com a luz da janela e ficou enquadrado pelas sombras da parede, ganhando um aspecto lírico.

— Os pais puseram-se a procurá-la madrugada adentro — contou Domingos. — Mas ela só foi encontrada pela manhã, quase desfalecida. Estava completamente nua, exceto por uma coroa de raízes na cabeça. — Fez uma pausa para que Vicente imaginasse toda a cena. Pigarreou e continuou: — Tinha os olhos abertos e caminhava, mas não dizia palavra nem acudia quando lhe chamavam. Tinha arranhões e o olhar aterrorizado. Estava embruxada, como dizem. Isso foi o próprio pai quem narrou hoje pela manhã.

Vicente ia beber um gole da sua aguardente, mas se deteve e curvou as sobancelhas por trás do caneco, alarmado.

— Fizeram algo à honra da menina?

— Não se sabe ainda — respondeu Domingos. — Ela não diz. Pediram-me para mandar um médico. Conheço um barbeiro-cirurgião na cidade. Estou indo para lá.

Vicente ficou em silêncio por um instante, sondando a expressão no rosto daquele homem, tentando decidir se era passível de confiança.

— Escute — falou num tom baixo. — Ouvei dizer que há homens do Santo Ofício percorrendo algumas povoações ao longo do Paraguaçu.

— Tendes bons ouvidos, padre — confirmou o mercador. — A visitação está nomeando comissários, meirinhos e familiares por toda a capitania, a pedido de El-Rei. Lá na Câmara conta-se que um representante virá a esta freguesia nos próximos dias, para uma inspeção de fé. Mas não vos preocupe, estão só a caçar judeus.

— De qualquer forma, essa gente se arrepiá toda ao ouvir falar em bruxedo. É como cheiro de carniça para abutres.

— De mim não sairá coisa alguma — disse o homem, e deu um sorriso largo para encerrar a conversa, já se dirigindo até a porta. Antes de sair, porém, olhou para o padre mais uma vez e falou: — São gente trabalhadora, os Soares. Mas há algo de estranho naquela casa. São mui teimosos.

— Se houver, eu descobrirei. Até lá, busque alguma ajuda, por favor.

— Antes tenho que levar alguns negros para o engenho — disse o homem.

— Não espere que eu lhe dê a benção.

— Não diga isso, padre. O senhor terá que batizá-los. São todos infiéis.

— Deus nos ajude.

O homem sorriu e foi embora. Vicente bebeu o restante do caneco e deitou-se na rede. Tentou descansar um pouco, mas não conseguiu.

CAPÍTULO TRÊS

Todos dormiam, imitando os modos castelhanos da *siesta*, quando Vicente foi tomando pelas saudades de casa. Em sua rede, sentiu falta da brisa marinha e do pipilar das gaivotas no porto. O lugar onde se encontrava agora, embora agradável em aspectos bucólicos, belos passeios pelo campo, cantos de pássaros diversos e fontes de água, estava tão mal situado em relação ao mar que só havia matas, pastos e lavouras.

Pouco depois do meio-dia, apareceu à sua porta um rapaz com quem se afeiçoara nas últimas semanas, filho de um ferreiro das redondezas. Chamava-se Cristóvão e era quem lhe ajudava a arrumar a missa. O rapaz trazia um pastelão de galinha que sua mãe fizera para entregar ao padre. Vicente agradeceu e trouxe para ele os livros que o mercador havia lhe entregue.

— Tenho umas leituras novas para ti.

O rosto de Cristóvão se iluminou. Tinha olhos puxados, a pele trigueira e os cabelos negros da mãe, tupinambá. Deslizou o dedo sobre a lombada e cheirou o papel. Depois olhou para o padre como se pedisse permissão para folheá-los. Vicente o advertiu a ler apenas quando não houvesse ninguém por perto, pois não era preciso saber o conteúdo dos volumes para que o denunciasses. Livros eram como frascos de veneno.

Cristóvão tomou na mão o tratado de Copérnico.

— O senhor o leu?

— Sim. Há algum tempo, em Coimbra.

— É verdade que se fala que o mundo gira em torno do sol?

Vicente assentiu. Só o tempo diria se aquelas ideias sobre o Universo — que contrariavam as Escrituras — se evidenciariam. Descobrir que o homem não estava ao centro do mundo era algo que poucos seriam capazes de lidar. Mesmo quando se chegava

a essas verdades, havia muita gente disposta a desmenti-las, para que não se tivesse que enfrentar a pequenez humana. Conhecer a verdade era algo que o angustiava.

Pôs a mão no ombro do rapaz e o interrogou de súbito:

— O que sabes sobre a filha dos Soares?

Cristóvão assustou-se, como se o padre tivesse lhe desferido um golpe.

— Mariana? Como ela está?

Vicente não estranhou aquele reflexo. Intuíva que tivessem alguma relação, pois já os vira trocarem olhares na missa.

— Foi atacada na floresta — respondeu, sem esticar muito a corda, esperando que o rapaz mordesse a isca devagar.

— Atacada? Por quem?

— Por quem? — repetiu Vicente. — Não pensas que poderia ter sido por *algo*?

Cristóvão emudeceu. Em seguida, confessou que tinha, sim, ouvido a história, que todos andavam dizendo que estava enfeitiçada. Vicente sugeriu que o bom investigador não devia desprezar nem confirmar qualquer hipótese antes de uma evidência. Primeiro se investiga as causas prováveis e depois as impossíveis, para que se descartem. A solução estaria, naturalmente, entre as improváveis.

— Uma das hipóteses é que tenha sido embruxada — concordou —, mas outra é que tenha contraído algum mal. Nestas matas há muitas folhas, raízes e fungos que causam vertigens, tonturas e delírios.

Cristóvão respondeu que não era sábio para formular hipóteses, mas que ouviu dizer que Mariana fora encontrada nua no meio da mata. Vicente argumentou que ela poderia ter feito isso a si mesma, em delírio. Alegou que era comum, em jovens devotas enclausuradas em conventos, terem visões de santos, da Virgem ou do próprio Jesus, e aparecerem despidas ou trajadas com aparatos litúrgicos durante os transes.

— Não saberia dizer, padre — questionou o rapaz. — Mas por que desacreditar as moças, quando dizem que foram atacadas?

Vicente concordou. Intrigava-lhe mais o que tinha ouvido sobre arranhões e ferimentos no corpo de Mariana. Seria lógico pensar que ela mesma tivesse feito, com algum instrumento? Ou então, que uma fera a tenha pego?

Quando tocou nesse ponto, Cristóvão pareceu agitado e disse que tinha algo para mostrar. Fez um gesto em direção ao pé do morro, onde se estendia o oceano verde de pés de cana que ia dar na fazenda do engenho. Vicente o acompanhou até o local, um

ponto onde o solo estava revirado. Com uma pedra, o rapaz cavou a terra, revelando que tinha algo enterrado ali.

— Encontrei hoje pela manhã — disse.

Vicente se agachou e identificou um pedaço de carne macilento, envolto em chagas de sangue já secas. Era um pequeno animal, aparentemente um cordeirinho, cuja cabeça e a pele tinham sido arrancadas.

— Era teu?

— Não — respondeu Cristóvão. — Achei que tivesse sido um cachorro do mato. Às vezes eles enterram bichos mortos.

— Nunca soube de cães que tivessem habilidade para esfolar suas presas. Muito menos lançar fora a cabeça.

Pelo que se observava, o sangue fora recolhido antes de coagular, como era costume ao se fazer chouriço. A pele, retirada para ser reaproveitada como courino. Vicente pensou que, ou havia um ladrão pouco interessado na carne (talvez o animal estivesse doente), ou alguma besta desconhecida viera caçar perto das pessoas.

— Minha mãe me contou — disse Cristóvão — que nessas matas existia uma fera disforme, maior que um homem grande, com o ventre caído, a pele aveludada, três garras em cada braço e uma bocarra que comia gente.

Vicente sabia que a crença em monstros era corriqueira. O livro de Nicolas de Villegagnon, *As singularidades da França Antártica*, documentava fielmente a qualidade da fauna e flora brasílica, suas amazonas, seus antropófagos e os seu *hays*, seres peludos e de garras enormes. Vicente se lembrava das ilustrações, que o impressionaram na época, mas hoje tinha certeza de que não passavam de fantasias.

De toda forma, os trópicos eram propícios para habitar monstros com a boca na barriga, gigantes de duas cabeças e serpentes do tamanho de dragões. As pessoas que se instalaram ali tinham boas razões para nunca se aproximar demais da mata e desconfiar de todo estranho que aparecesse vagando pelas estradas. Nunca se podia saber quando o diabo apareceria se fingindo de amigo para roubar sua alma, seus filhos ou seus animais. Não era o paraíso que os viajantes pregavam. Ali era a morada de um mal inominável.

— Não mexi no corpo, padre — disse Cristóvão.

— O que foi?

— O cordeirinho. Não mexi nele.

Vicente se levantou e olhou para o rapaz com ar sombrio.

— Talvez haja um novo predador nas redondezas — disse.

Se fosse mesmo um cão, poderia estar sofrendo de raiva. Todos deveriam ficar atentos, e não seria prudente deixar que crianças se aproximassem do bosque. Na França, anos atrás, uma epidemia de raiva acometeu matilhas de lobos próximas às aldeias, e à noite eles vinham atacar tudo que pudessem: galinhas, ovelhas e recém-nascidos.

— Rezemos para que não seja o caso — disse Cristóvão.

— Ao contrário — respondeu Vicente. — Não creio que aqui se trate de um animal comum. Durante a Peste Negra, costumava-se colocar um porco diante da pessoa que iria morrer, pois se acreditava que tinha propriedades de cura.

Cristóvão fitou-o espantado.

— Não sei o que isso tem a ver com o animal morto, mas meu pai tem medo dos porcos, pois parecem nos olhar com olhos de gente.

— Muitas bestas são inteligentes — concordou Vicente. — Os elefantes, seres gigantescos que vivem no Oriente, choram a morte dos entes queridos. Já vi pais humanos que não tinham tanta estima. Esses animais carregam o corpo muitas léguas até um cemitério e depois o cobrem com terra. Pergunto-me se isso quer dizer que as bestas têm almas ou... se não é preciso ter alma para que se enterrem os mortos.

— Eu não sei nada sobre isso, padre.

Vicente deu um tapinha nas costas do garoto.

— Tem razão. Não sabemos nada sobre isso.

CAPÍTULO QUATRO

Cerca de dez homens e mulheres negros se enfileiravam lado a lado no centro da sala. O capataz os inspecionou abrindo seus maxilares e batendo com o cabo do facão em seus queixos, apalpando seus braços e os seios das mulheres, para saber se estiveram grávidas. Domingos Furtado, sentado na cadeira de espaldar, abanava-se com o chapéu em movimentos nervosos.

— Daqui a uma semana voltarei para buscar a mercadoria — disse ele ao capataz. — Teu patrão já deverá estar com o vigário.

O homem lançou um olhar rude e apenas assentiu.

Quando surgiu à porta o dono da fazenda, Dom José Pascoal Negreiro, o mercador se ergueu num pulo e esboçou um sorriso largo, que expunha os buracos em sua arcada.

— Dom José! Creio que vosmecê se encantará com a mercadoria.

Enquanto falava, passou a mão suavemente no peito dos homens e mulheres ali parados, para demonstrar a firmeza de suas constituições físicas.

— Olhe este. É um verdadeiro animal. Pegue nos braços.

Dom José se aproximou, espanou o pó do chapéu e o depositou sobre um prego na parede, enquanto uma menina índia lhe trazia uma caneca de aguardente. Arrumou as abotoaduras do casaco, tossiu, e só então olhou para aquele sujeito, que lhe inspirava algum tipo de repugnância. Dom José não gostava de comerciantes do além-mar. Especialmente traficantes. Enfim olhou para as pessoas à venda em sua sala, ergueu o braço de um deles e o fez dobrá-lo, para sobressair os músculos.

— É preciso vigor para a moenda — disse.

— Evidente — redarguiu Domingos. — Meus fornecedores em São Jorge da Mina estimam que uma dessas peças, estando boa dos dentes, as canelas finas e os calcanhares altos, pode trabalhar uma dúzia de horas sem interromper.

Dom José não pareceu impressionado. Pelo valor de um daqueles guinés, podia comprar três índios da terra adquiridos em guerra justa. Domingos contrapôs que três

índios não valiam um africano, pois daqueles, um morreria doente, o outro fugiria pela mata e o terceiro se recusaria a pegar na enxada, dizendo que era trabalho de mulher. Dom José respondeu que isso se resolvia com adestramento, e que naquela fazenda se dava o bom exemplo do castigo. Domingos argumentou que ainda havia o problema dos jesuítas, pois onde tivesse um deles por perto, logo os índios começavam a se rebelar.

— Nenhum desses malditos batinas-pretas me dirá como fazer negócio — protestou Dom José. — Culpa deste rei castelhano, que vai mole com a colônia. Quando nosso Dom Sebastião regressar e destronar o usurpador, poremos esses padrecos para correr.

— Deus abençoe vossas palavras, se o Desejado viver — respondeu Domingos. Então voltou à sua barganha, lembrando que aqueles guinés eram de nação nova. — Olhe o porte desta fêmea, Dom José. Costumam deixar as mulheres da casa enciumadas. São de despertar desejos ocultos, não são?

Dom José pareceu não compreender.

— Estás a insinuar que eu vá me deitar com uma negra?

— Meu senhor, que jeito — o homenzinho ruborizou-se. — Só queria ressaltar o porte. Dão boas cozinheiras. Uma negra é muito útil na colheita e na limpeza da cana.

Dom José olhou nos olhos de uma das meninas ali paradas.

— Essa gente fala?

— Quase nada. Fazem uns grunhidos de vez em quando.

— Ela pode entender o que dizemos?

— Creio que não, meu senhor.

A menina era magra e baixa, não devia ter mais que quinze anos.

— Esta não dará boa cria — disse Dom José, examinando seu quadril.

O homenzinho se abanou com a aba do chapéu. O suor escorria pelo queixo e entrava na gola do gibão, que se fechava em volta de seu pescoço de ganso.

— Mas é sangue puro — redarguiu. — *Non hai mestura*, como dizem. Podemos fechar em sessenta mil-réis pelas três peças, a fêmea e dois machos.

Dom José olhou para a menina mais uma vez, como se tentasse sondar dentro de sua alma se valia o investimento. Por fim concluiu que ela não tinha alma.

— Um vigário ordenado pelo Santo Ofício virá inspecionar a fazenda — disse.

Pois não irá decepcioná-lo — exclamou Domingos. — As negras fazem um ensojado de lamber os beiços. O vigário fará bem em batizá-los. O senhor não vai querer nenhum pagão andando pelo canavial.

— O que tem?

Domingos fez o sinal da cruz.

— Meu senhor! Já ouvi histórias de donatários que secaram a terra porque seus escravos não eram batizados. Que o Senhor nos livre! Tentamos acabar com suas idolatrias antes de os embarcarmos, mas é preciso limpar as casas de escravo mui bem limpadas, para que não tragam imagens de seus demos. Sempre há cultos entre os mais velhos. Estes são de uma raça nova, são loandas.

— Não me importa seus tambores e cantorias — disse Dom José. — Enquanto estiverem alegres e festejando não estão a armar revoltas. — Voltou-se para a menina. — Consegues me entender, negrinha?

A menina olhou para ele com ferocidade.

— Awa — disse ela. — Meu nome.

Dom José entortou a boca e mandou o capataz trazer o dinheiro. Depois, fez com que conduzisse os escravos até os aposentos e levou Domingos para mostrar suas terras.

Por trás do casarão se estendia um longo pátio, que terminava num pantanalzinho. Para além dele ficavam as casas de escravos. Eram pequenas choças de bambu e barro, montadas lado a lado. Em cada uma vivia uma pequena família. Mais adiante ficava um barracão maior, onde dormiam coletivamente os escravos que não tinham família. Era comprido e sem divisórias, com poucas janelas no alto. O portão era aferroado e os escravos dormiam em redes montadas sobre estruturas de madeira. O interior era abafado, quente e sujo. Domingos Furtado olhou, mas não entrou. Levou um lenço à boca e notou uma crosta de grãos esbranquiçados na soleira da porta.

— Sal — explicou Dom José. — Para não passarem os maus espíritos.

— Hum — resmungou o mercador. — Feitiçaria de negros.

Depois passou a elogiar as instalações, indicando que tinha sido uma boa ideia montar um alojamento coletivo, ideia que vinha de sesmeiros pernambucanos e que favoreciam a longevidade e a procriação dos escravizados.

— Mas tão perto de casa — retrucou Domingos. — Não teme que avancem?

— Eles são ferozes quando se criam para serem ferozes. Nós os domesticamos bem. São amigos. Posso até dizer que são fiéis.

— Não são para estimação, Dom José. Batize-os logo. Chame o padre da vila.

— O jesuíta? — resmungou Dom José. — Nem pensar. Esperarei o vigário.

Domingos ressaltou que o resgate de escravos na costa de África era abençoado pela Coroa e pelo papa, e os batinas-pretas nada podiam fazer quanto a isso. Submeter pagãos sarracenos era um serviço a Deus, afirmou, era visto a bons olhos por Roma. Afinal, os colonos eram civilizados e viviam de acordo com o direito romano.

Disse também que em Pernambuco estavam fazendo criação de africanos crioulos, colocando-os numa choça e os casando. Por isso estavam se comprando tantas mulheres e elas estavam encarecendo. Pelo preço de duas, se fazia mais duas ou três, dependendo da fertilidade do ventre. E o que era melhor, ressaltou, batizava-se na primeira semana e assim já nasciam cristãos e não corriam o risco de se perderem para os batuques.

— Não entendo — disse Dom José com reserva — por que tanta preocupação com os negros cristãos.

— Pois esses — resmungou Domingos — são os mais obedientes.

O capataz indicou o caminho para os escravos recém-chegados. Quando tocou na cintura da menina, ela afastou sua mão com um movimento feroz.

— Acalma — disse ele, segurando seu pulso fino.

Chamava-se Awa Ndongo. Sua mãe sempre lhe dizia que as mulheres precisavam ter quadris largos e seios fartos para fazerem bom casamento, mas quando os demônios brancos entraram em sua aldeia, nenhum deles quis se deitar com ela, por ser pequena demais. Ela chegou a se sentir feliz, porque a deixaram deitada no canto até que tivessem feito tudo o que tinham ido fazer.

Agora estava sendo levada até uma casa de escravos. Uma negra mais velha se aproximou e segurou seu braço, falando numa língua desconhecida. Aqueles africanos eram para Awa tão estranhos quanto os demônios brancos. A não ser por estarem todos jogados e trancafiados num mesmo galpão, não tinham nada o que dividir.

O capataz lhe entregou uma rede para que se arrumasse num canto. Antes de sair, passou a mão sobre o ombro dela e disse:

— Pele boa.

Awa sentou no chão, envolveu os joelhos com os braços e chorou.

CAPÍTULO CINCO

Vicente desceu a colina em direção à esplanada e caminhou por quase meia hora através dos campos enlameados. Nuvens cor de chumbo começavam a se formar atrás dos morros, de onde se podia ver um novo temporal se aproximar.

Avistou de longe a propriedade dos Soares, que não tinha mais que um alqueire de extensão da ponta da lavoura até a entrada do bosque. A casinha ficava de frente para um celeiro rudimentar, onde se criavam uma vaca, algumas cabras e uma vara de porcos. A casa era toda revestida de ardósia. Tinha uma área destinada a fazer fogo do lado de fora e uma pilha de lenha escorada contra a parede.

Nuno Soares veio à porta quando enxergou o padre. Foi tirando o chapéu e o segurando na altura da coxa, apertando as abas. Fez menção de beijar a mão dele, mas Vicente o afastou, depois pousou os dedos em seu ombro.

— Boa tarde, Nuno. Vim apenas ver a menina.

O homem suspirou e levou a mão até o queixo grisalho, como se quisesse estrangular um sentimento.

— O senhor pode entrar.

Quando Vicente se aproximou da soleira da porta, sentiu um chiado estridente no ouvido. Algo o impelia para fora. Não a casa, mas a consciência de que não poderia ajudar aquela pobre gente. Já fazia algum tempo que era apenas um homem metido numa batina. Deus já não falava mais através dele.

— Nossa Mariana está a dormir agora — disse Nuno.

— Está bem. Conta-me o que houve.

— Nós a encontramos de manhã, perto do bosque. Não falava nada. Parecia olhar para o além.

— Já sei. Disseram-me.

Os cômodos no interior da casa eram divididos apenas por cortinados de pano. Perto da janela ficava um único armário de louças e uma mesa para quatro pessoas. A luz entrava por uma janelinha baixa num único raio.

Mariana dormia sobre uma esteira de colmo no chão. A mãe, de joelhos, sussurrava alguma coisa em seu ouvido. Quando Vicente se aproximou, o marido fez um gesto para que ela se retirasse.

Mariana deveria ser uma menina doce e alegre, reparou Vicente, ainda que agora estivesse pálida e com um aspecto mortiço no rosto. Parecia dormir em paz. Não havia qualquer sombra que escurecesse seu semblante.

No mesmo instante em que a viu, sentiu uma pontada no estômago. Lembrava-se de uma menina que conhecera havia muito tempo, e talvez isso o tenha deixado ainda mais embaraçado. Estava exausto demais para procurar o amor de Cristo numa jovem como aquela outra vez. Curvou-se junto dela e sentiu seu coração. Batia devagar.

— Havia pouco ela delirava — disse o pai, com ar esgotado. — Contorcia-se toda. Falava coisas sem sentido. Que o lobo estava vindo... que a sombra ia lhe pegar.

— Tudo tem sentido — afirmou Vicente. — Mesmo que não o enxergamos.

Nuno evitava se aproximar da filha. Vicente reparou que lhe causara incômodo quando destapou a menina, deixando seu ombro à mostra. Todavia, era preciso examiná-la, pois tinha um ferimento na omoplata. Dois cortes de cerca de três polegadas que se aproximavam um do outro pela ponta, como se formassem um V, mas com as pontas curvadas para fora.

De acordo com o pai, o menino Joaquim havia retornado para casa na noite anterior dizendo que se perdera da irmã. Nuno saiu para procurá-la, mas na escuridão não conseguiu encontrar nenhum sinal dela. Pouco antes de amanhecer, enquanto percorria o bosque, a luz do lampião iluminou uma figura parada de pé diante de uma árvore, com o rosto voltado para o tronco. Mariana estava completamente nua, apenas com uma espécie de coroa de galhos sobre os cabelos. Quando se aproximou, Nuno percebeu que ela estava desperta, mas fora de si. Não o reconheceu, nem falava nada, como se dormisse de olhos abertos. Carregou-a para casa e a deitou na esteira. Mariana teve alguns tremores convulsos e disse palavras delirantes. Então fechou os olhos e caiu em sono profundo.

— Como alguém pode voltar da mata como se tivesse perdido a própria alma? — murmurou Nuno. — Nossa filha foi amaldiçoada.

— Acalma-te. Vamos descobrir o que houve. Olha bem para estas marcas. Tens ideia do quê, ou *quem*, poderia ter feito isto?

O pai balançou a cabeça. Não eram arranhões de galhos, e sim cortes, provocados por garras ou unhas, ou mesmo um objeto afiado.

— A casa mais próxima é a do engenho — disse Nuno. — Para o outro lado, onde vai dar no canavial.

— Entendo. A menina conhecia alguém lá?

— Não, senhor. Ninguém.

— Teu filho, Joaquim, onde estava?

— Estava a procurá-la o tempo todo.

— Onde ele está agora?

— Ele trabalha para o juiz, no povoado.

— Está bem. Falarei com ele.

Enquanto examinava a menina, Vicente pisou sobre uma tábua frouxa no chão e percebeu que dava para uma espécie de alçapão. Era comum que as casas tivessem um compartimento debaixo do assoalho para estocar mantimentos, mas quando foi se desculpar, percebeu que Nuno ficara nervoso com aquela descoberta.

— O que tem aí embaixo?

— Só um quartinho de rezas — disse ele.

Vicente observou com desconfiança ao redor da casa. No fundo do cômodo avistou um armário velho, cujas portas entreabertas deixavam aparecer uma prateleira com objetos estranhos. Foi até lá e o investigou também. Entre eles havia um cilício de anéis de ferro, usado para penitência, algumas cintas de couro e uma disciplina de sete pontas.

Afastou-se ao ouvir os passos de Marta Soares. Vinha trazendo uma caneca de chá. Ajoelhou-se diante da filha e derramou um gole sobre seus lábios.

— O que são essas coisas? — Vicente perguntou.

A mulher se levantou depressa e correu até o armário para fechá-lo. O marido falou em seu lugar.

— Um bom cristão deve saber se purificar, não é, padre?

— Mariana também?

— A expurgação é um ato de misericórdia. Sempre que estivermos manchados pelo pecado, nosso corpo deve se lembrar da falha da alma.

— Sempre? Pois parece bastante — concluiu Vicente.

Olhou mais uma vez para a menina e sentiu um nó na garganta. Depois de abençoá-la e prometer que rezaria por sua saúde, não havia mais nada o que fazer.

— Padre, é possível que tenha sido um castigo de Deus? — Nuno perguntou. — Ou uma vingança do Demônio?

Vicente fez um gesto para que ele não levasse aquela ideia adiante. Todos sempre pensavam no mais incrível primeiro. Mas pouco importava o que havia por trás de um crime antes de se saber quem era o criminoso.

— Não sei se o Demônio pode realmente intervir nas ações humanas — disse depois de refletir. — Mas o homem que empunha a espada já tem culpa suficiente. O Demônio não pode fazer nada sem os atos humanos. Antes de mais nada, raciocinemos sobre a verdade na superfície dos acontecimentos, pois ocupar-se de relações mais profundas de causas e efeitos parece-me precipitado.

O homem pareceu desolado, como todos os homens que não encontram nas ilusões as respostas simples para seus temores.

— Primeiro a colheita, agora Mariana — Nuno se queixou. — O Demônio está tomando nossas coisas, nos adoecendo aos poucos. Os padres conhecem mal o que é depender da terra e dos filhos. Se der um ano de chuva ou um ano sem chuva, perde-se tudo. Quem pode nos dar alguma garantia? Por isso rezamos.

— Quando a encontraste — atalhou Vicente, sem dar importância —, a trouxeste para casa a carregando nos braços, estou certo?

— Sim. Como o senhor sabe?

— Reparei, ao chegar, que havia um único rastro de pegadas.

O homem concordou e o levou até o lado de fora, para mostrar por onde tinha trazido a filha.

Entraram na mata e caminharam até achar a estreita trilha que levava para o interior. Atravessaram um pedaço de terreno acidentado, de vegetação espessa, e continuaram a andar por quase meia hora.

— Que mal vos pergunte, padre, onde aprendestes a ler rastros? — disse Nuno.

— Eu era um rapazote — respondeu Vicente. — Meu pai me levava para caçar veados nas cercanias de um rio chamado Mondego.

— Então o senhor é um caçador.

Vicente não respondeu. Então, enquanto caminhavam, Nuno fez um apelo para que o jesuíta descobrisse o que tinha acometido sua filha. Vicente tentou acalmá-lo, mas não tinha nenhuma resposta satisfatória para dar. Perguntou se, daquela distância, a casa

do ferreiro ficava próxima. A ideia fez com que Nuno arregalasse os olhos. Então era verdade, concluiu Vicente, que o filho do ferreiro tinha proximidade com Mariana.

— Aquele mameluco — Nuno se limitou a dizer, depois acrescentou: — Mariana estava prometida ao filho do juiz. Recusei-me a entregá-la e agora Deus está nos punindo.

Vicente preferia não tirar conclusões. Explicou que aquela era apenas uma informação, e que muitos indícios juntos poderiam levar a alguma pista sobre onde a menina estivera e com quem se encontrara.

Quando chegaram a um beiral, um local de difícil acesso, Nuno apontou para o lugar onde tinha encontrado a filha durante a madrugada. Vicente afastou alguns arbustos e saiu à procura de algum rastro. A chuva da noite ajudou a marcar o solo como se fossem tipos numa prensa móvel. Havia uma trilha de pegadas que era do próprio Nuno e, mais adiante, marcas de botas pequenas e pouco fundas, que sugeriam os passos de Mariana.

Vicente apontou as pistas e eles os seguiram, até alcançarem uma espécie de declive, onde o percurso de Mariana continuava por um caminho de folhagens amassadas. Na descida, duas trilhas de pegadas se contrapunham: a primeira apontava para a frente e a segunda voltava, e era mais funda no bico do que no calcanhar.

— Ela andou de costas por este ponto e depois deu a volta — concluiu Vicente. — Como se tivesse se assustado com algo e então se virado para fugir.

Nuno fez uma cara de dor ao visualizar a cena em sua cabeça. Vicente se abaixou e continuou a procurar. De repente, atravessando um espesso arbusto, enxergaram algo que os tomou de profundo horror: parecia, em muitos aspectos, um pequeno altar, primitivo, armado com galhos e arbustos amarrados. No topo estava pendurada a cabeça de um animal, já em decomposição, contra o tronco de uma árvore. Era um animal negro e com grandes chifres, provavelmente um carneiro. Aos pés da árvore estava seu corpo, em carne viva, a pele completamente removida. Por toda a volta se espalhavam ossos, penas, raízes e pedras empilhadas. A carne em decomposição atraía uma nuvem de moscas que emitiam um zunido pavoroso.

Vicente se agachou e juntou da pilha um pequeno crânio. Olhou aterrorizado para aquilo e seus pensamentos entraram em torvelinho. Diante daquela cena, todas as suas hipóteses se desvaneceram.

— Deus nos proteja — murmurou. — Não creio que tenha sido um cachorro. Pelo menos não um deste mundo.

Já estava escuro quando chegou em casa. Tinha a cabeça pesada e seu ventre rosnava. Um cheiro estranho rondava o quarto paroquial. Seu corpo o lembrava de que não tinha se alimentado o dia todo. Olhou para as mãos: tremiam. Chegou a tirar uma banana do cesto, mas seu estômago embrulhou ao sentir o cheiro.

— Acalme-se — disse para si mesmo.

Sentiu um aperto ao imaginar aquela menina se deparando com uma situação tão tremenda. Respirou fundo, coçou as picadas de mosquito e serviu uma taça de vinho ruim, mesmo sentindo suas têmporas latejarem. Foi até a escrivaninha e acendeu algumas velas. As cartas ainda aguardavam respostas. A morte de padre Antônio aguardava resolução.

Suas anotações, espalhadas sobre a mesa, pareciam querer dizer algo, mas ele ainda não conseguia enxergar o quê. Qual a relação entre um padre morto, uma menina enfeitiçada e animais esfolados? Provavelmente nenhuma. Entretanto, tudo naquele lugar parecia agora encobrir um estranho segredo.

Pensou em responder ao superior do Colégio relatando os acontecimentos, mas pareceu imprudente alarmá-lo com tantas informações desorientadas, antes de ter algo concreto a dizer. Voltou a pensar em seu retorno à cidade, onde poderia se ocupar apenas de coisas triviais. Nada de aparições e pessoas atacadas. Só livros e papéis.

Olhou para fora e avistou as nuvens negras de chuva no céu escuro. Debruçou-se sobre a janela, respirou o ar puro do campo, sentiu o silêncio absoluto. Não havia nada por pelo menos uma milha dali. Chegou a sentir uma espécie de vertigem ao se perceber tão isolado naquela imensidão vazia.

Voltou os olhos para o pequeno crânio que trouxera da mata e o colocou sobre a escrivaninha. Só então olhou ao redor do quarto e percebeu que algo estava diferente. Não sabia o que era, mas tinha certeza, estava diferente.

— É tu que estás aí? — ele perguntou para o canto escuro do cômodo, esperando que a jovem índia lhe respondesse, que estivesse ali o esperando.

Mas não havia ninguém. Ou ninguém respondeu.

Por intuição, olhou para a rede de dormir e percebeu nela uma marca escura. Pegou uma vela de cima da escrivaninha e aproximou a luz. Não teve dúvidas: eram manchas de sangue. Quando desenrolou as pontas e a abriu, tomou um susto. Enrodilhado dentro da rede, como se dormisse tranquilamente, uma massa disforme e cheia de sangue.

A cabeça do cordeirinho.

CAPÍTULO SEIS

A avó de Mariana e Joaquim se chamava Maria Bernardina. Sua casa ficava do outro lado do outeiro e sempre tinha um cheiro adocicado no ar, de canela, cravo e gengibre, misturado a um odor penetrante de ervas, raízes e terra. Uma coleção de sabores excêntricos e indecifráveis. Ela costumava ficar na varanda, cozinhando em sua panela de barro, e quase sempre tinha um caldo gorduroso e quente para servir.

Ao contrário dos outros colonos, a avó era uma mulher arredia, que passara grande parte da vida brigando com os padres. Depois de certa idade, deixara de frequentar a missa e todos se afastaram dela, com exceção de Ana, sua agregada.

Quando era mais novo, Joaquim costumava passar as tardes lá. A casa tinha desenhos estranhos nas paredes e ramalhetes de ervas e animais mortos dentro de vidros, ou amarrados nas vigas do teto. E espigas de milho e fileiras de frutas secas penduradas em grinaldas na parede.

A avó era cega. Uma mulher enorme, com a carne mole e a língua roxa, os cabelos brancos amarelados, escorrendo pelo crânio e estendidos em volta dos ombros. Joaquim ficava assustado sempre que a avó lhe estendia seus braços compridos e roliços que cheiravam a especiarias.

Às vezes ela tinha acessos e agia como louca, chamando por pessoas que não existiam, murmurando palavras estranhas. Ficava barulhenta e agitada, depois se acalmava e se estendia na cama, o rosto sulcado pelas rugas, os olhos embaçados. Agora Joaquim não tinha mais aquela idade, não tinha mais por que ter medo dela. Mas por que ainda sentia aquela ameaça rondando a casinha escura e úmida?

Conseguia sentir agora. As mãos ossudas e enrugadas da avó em volta de seus ombros, suas unhas compridas e secas, quebradas nas pontas, e suas veias azuis serpenteando manchas escuras na pele. Sua risada baixa, sua vozinha dizendo:

— Prove um pouco desse caldo, meu bem, vovó vai engordá-lo um pouco.

Sua mão movendo-se vagorosamente, suas unhas riscando a coberta. A avó tentando se erguer da cama, fazendo força com os braços e os olhos esbranquiçados e sem vida, emitindo um barulho gorgolejante. E então o barulho arrefecendo até se tornar só um zumbido, como o ruído inofensivo de um inseto.

Joaquim se lembrou de estar correndo para fora da casa, movendo-se sem conseguir sair do lugar, o coração em disparada. De repente, tudo parou. Tinha esquecido Mariana lá dentro. Deu meia volta e estava sozinho no escuro, pensando em coisas mortas penduradas no teto. Coisas mortas que voltavam à vida. Os coelhos que a avó degolava para fazer seus caldos, a gordura que tirava deles e espalhava pelo corpo.

Quando um trovão rasgou o céu, ele viu pelo rápido facho de luz a avó de pé ao lado da cama, nua e enorme, com seus seios murchos e os braços caídos rente ao corpo, seu rosto parecendo uma máscara pastosa e demoníaca.

Gritou com sua voz gutural:

— Quangeio! Quangeio! Escuta tua serva!

E começou a erguer as mãos em forma de garras.

Com horror, Joaquim sentiu que seu corpo não o obedecia mais, que seus pés se mexiam contra sua vontade e ele começava a caminhar na direção da avó, respondendo ao seu chamado. Um a um, pé direito, pé esquerdo, arrastando-se como uma dança em direção às mãos dela, suas unhas já do tamanho de facas, a mente de Joaquim aprisionada e aterrorizada dentro do corpo.

Sentiu as mãos frias da avó tocando seu rosto, sem que ele pudesse mexer um músculo sequer, e todo o seu corpo se enregelando, exceto suas calças, que ficavam quentes e molhadas. E então acordou.

Acordou com o latido do cachorro no curral. Pela janela, a imensidão do universo o cobria inteiro, com estrelas atravessando o véu de nuvens negras. A noite escura, a lua um fio apagado. As árvores balançando com o vento. Percebia aos poucos o limite entre o mundo dos sonhos e o mundo real. Descobrimo que estava sentado sobre a cama, que o armário no canto da casa formava uma horripilante sombra. E por fim percebeu que tinha urinado nos lençóis. *Ainda não sou um homem*, pensou em segredo.

SEGUNDA

CAPÍTULO SETE

Awa Ndongo despertou com uma mão percorrendo seu braço. A mão pertencia a uma mulher negra mais velha, que agora olhava para ela com certa curiosidade e complacência. Tinha olhos amistosos e sinalizava que era hora de acordar. O canto de um galo ao longe era tudo que se ouvia, mas ainda estava escuro.

A mulher mostrou a Awa uma pilha de panos dobrados, para que ela os vestisse. Ouviam-se cantorias vindas de fora. Em seguida a mulher se dirigiu para a porta, e de lá esperou Awa se levantar e se vestir.

Era corpulenta, mas com um ar altivo de rainha, de expressão ao mesmo tempo resabiada e pacífica, audaz e majestosa. Usava uma túnica inteiramente branca e um turbante vermelho no alto da cabeça. Tinha argolas compridas enfiadas nas orelhas e colares de contas coloridas em volta do pescoço, junto a um talismã de couro. O braço direito terminava num coto.

— Estou com fome — disse Awa em sua língua, mas a mulher continuou parada à porta, como se não entendesse, ou não se importasse.

A exaustão e a fraqueza devoravam seu corpo. Sentou-se e permaneceu paralisada, como se a inanidade pudesse lhe devolver as forças.

Em seguida, um homem de cor parda e olhos agitados entrou e começou a contar os escravos doentes, apontando-os com uma vara. Era o capataz, homem atroz e ameaçador. Awa já tinha visto homens assim nos portos, nem pretos nem brancos, que eram chamados de mulatos, pois, como as mulas, eram filhos de ninguém.

Quando sua contagem chegou em Awa, o homem pareceu se espantar em vê-la ali parada, e não soube bem como prosseguir. Depois de uma breve hesitação, aproximou-se e a golpeou na canela com a vara. Awa sentiu dor, mas segurou o grito. O capataz tentou puxá-la pelo braço e Awa recusou-se a levantar.

Da porta, a escrava mais velha correu na direção dela e a tomou por baixo do braço, gritando:

— Tola! Tola!

O homem se dirigiu a ela e falou:

— Diga a essa preta para se mexer, Piedade.

A negra arrancou Awa e as roupas dali.

— Obedece ao capataz, menina — disse Piedade num banto atravessado, que misturava palavras congolezas ao quimbundo. — Senão vai apanhar.

Fez um movimento com o braço, que imitava o golpe da chibata: *zuiiu! Clac!*

Awa compreendeu. Olhou para o lado e viu o F marcado a ferro no rosto dos escravos doentes, alguns deles já com a orelha arrancada, sinal de que tentaram fugir repetidas vezes.

Caminharam até o canavial. Um brilho rosáceo nascia por trás das encostas. Awa sentiu como se o seu espírito fosse esmagado por uma tormenta quando olhou para o imenso campo à sua frente. Por várias léguas se estendia um tapete perfeitamente verde, marcado por trilhas que pareciam ruelas e formavam quadras e esquinas, por onde caminhavam cinquenta ou sessenta escravos, em grande parte índios da terra.

— Estou com fome — repetiu Awa.

Piedade olhou para ela com preocupação e apontou para o céu.

— Quando o sol despontar, a cozinheira traz comida.

Até o final do dia, Awa aprenderia que os escravos passavam fome, mesmo com o decreto da Coroa de que fossem bem alimentados. Naquelas terras, onde não havia quem fiscalizasse, as leis eram apenas convenções triviais.

A ração mensal consistia em um alqueire de farinha de mandioca para cada homem, um pouco menos para as mulheres. Às vezes se dava carne seca e restos de baleia. Só para os doentes se dava galinha fresca. No mais, consumiam bananas e arroz, que eram plantados na roça particular.

A rotina no engenho era a mesma todos os dias. Levantavam-se com o cantar do galo e punham-se a fazer suas rezas, ajoelhados em direção ao Leste. Seguiam para o campo e trabalhavam até a primeira refeição, no meio da manhã, e depois até meio-dia, quando almoçavam ali mesmo. Rezavam mais uma vez e continuavam até anoitecer.

Na lavoura, o solo era preparado em trincheiras para receber as sementes. Os grupos se dividiam em funções: um puxava a cana, cortando o topo e as folhas do caule, mantendo apenas a parte viçosa. Outro colocava a cana nos sulcos e o terceiro vinha jogando terra por cima. O trabalho era acompanhado pelas cantorias, que ajudavam a

manter o ritmo e suavizar o rigor do trabalho. Awa não conhecia aquelas canções, nem aquela fala, mas o ritmo lembrava de alguma forma sua casa.

Trocou olhares com os dois escravos que a acompanharam na travessia, seus *malungos*. Um deles se aproximou e lhe deu um pedaço de pão seco. No seu povoado, do outro lado do mar, não eram mais que vizinhos. Ela chegava a temê-los, porque era prudente temer todos os homens. Mas aqui, olhava para eles com uma fagulha de alento. Eram os únicos que podiam entendê-la, o mais próximo de uma família.

Escravas índias tinham crianças pequenas atadas às costas enquanto trabalhavam. Golpeavam o solo com a regularidade de soldados numa dura guerra. Quem os conduzia era o capataz, montado num cavalo e escondendo o rosto debaixo do chapelão. Com a vara em riste, ia dirigindo o trabalho e castigando os ociosos.

Quando Piedade entregou a foice a Awa, o capataz veio até elas.

— Vai carregar a mina contigo, Piedade?

— Tem muita cana pra cortar, senhô.

— Então a partir de agora ela é tua. Vosmecê é responsável pelo que acontecer.

— Senhor, ela não é mina, é angola.

O homem lançou um olhar cheio de desconfiança para Awa.

— E eu com isso.

Piedade olhou para a novata como se dissesse: ouviste bem? Mas Awa entendia muito pouco as palavras dos brancos.

O corte da cana era feito em pares. Geralmente um homem as cortava e uma mulher as atava em feixes, mas neste caso Piedade tomou a frente. As canas eram amarradas com a própria folha e Awa logo descobriu que cortavam os dedos. Era dever de cada dupla de foiceiros juntar sete mãos de cana por dia. Cada mão consistia em cinco dedos, que era a dezena de feixes. Cada feixe deveria ter doze canas enroladas. Ao todo eram necessários quatro mil pés de canas por dia.

O colmo da cana era cilíndrico, nodoso e de cores variadas. Parecia uma espécie de bambu que produzia mel sem abelhas. Era esponjoso, succulento e cheio de um miolo doce e branco, que precisava ser esmagado para que se extraísse o suco. A flor era filamentosa e de raiz macia.

— Já vi que tens jeito para a cana — disse Piedade, oferecendo-lhe um sorriso. — Só não sei se isso é bom ou ruim.

Awa parou e olhou para ela.

— Como sabe a minha língua?

Piedade respondeu sem orgulho nenhum:

— Andei por muitos cantos de África. Agora, escute bem. A chibata é usada aqui para fazer trabalhar e para meter medo nos escravos, pois um branco sozinho não consegue controlar a todos.

— E por que não fogem?

— Arre! — fez a escrava, e deu uma gargalhada. — Demorou para que a pergunta saísse. Cheguei a pensar que não eras das bravas.

Apesar disso, ela não respondeu.

CAPÍTULO OITO

Uma luz pálida se infiltrava pelas frestas da janela quando Vicente se levantou. Continuava indisposto e abanando mosquitos invisíveis. A mulher — aquela mulher que nunca mais tinha aparecido — havia retornado aos seus sonhos.

Bebeu um caneco de vinho e mordiscou um pedaço de chouriço. Mastigou com asco, sentindo o gosto amargo e rançoso, e pensou: *vamos ficar como morcegos, comendo estas tripas cheias de sangue*. Então se lembrou do animal morto encontrado por Cristóvão. A pavorosa cabeça em decomposição deixada em sua rede. Quem fizera aquilo estava tentando lhe assustar. Tentando intimidá-lo, para que não se envolvesse. Mas quem, além de Cristóvão, soubera de sua visita à casa dos Soares?

Assim que terminou de comer, portanto, montou em sua mula e desceu o outeiro. Em nenhum momento Vicente escolheu se envolver ou afrontar aquela ameaça. Se perguntassem, diria que não se importava. Seu trabalho era atestar a morte do antigo pároco e ir embora o quanto antes. Entretanto, se deixasse aquele lugar assim, sem saber o que se escondia ali, o desejo pela verdade apareceria de noite para lhe assombrar. O maior castigo do homem era ter consciência das coisas e ainda assim escolher a ignorância.

Lá embaixo, avistou a meia dúzia de casinhas de teto baixo, quadradas e coloridas, enfileiradas ao redor da estrada. A fumaça levantava das chaminés e as sombras se alongavam sobre os telhados, espalhando-se entre as copas das árvores. Ali, ao pé das pitangueiras e jambeiros altos e solenes, cravava-se solitária a pequena povoação.

A maior parte das propriedades tinha um chiqueiro e um galinheiro, ou um cercado com cabras. Não era mais que um conglomerado de moradias grosseiras de pedras postas e telhados de colmo, duas instalações públicas e uma pracinha de armas, à volta de hortas compridas, celeiros e currais toscos.

Vicente atravessou a rua Que Sai do Engenho — a única, além da estrada — escutando o cacarejar das galinhas soltas pelos terreiros. Passou por crianças sujas e esfarrapadas que corriam na lama e o observavam com desconfiança. Uma enorme cruz de madeira era erguida por homens pendurados sobre vigas, para as comemorações da Páscoa. Vicente acenou, mas os homens apenas menearam a cabeça, receosos.

Os primeiros colonos se dirigiam aos campos. A chuva tinha refrescado o ar, mas deixou tudo debaixo de barro. A terra argilosa acumulava nas soleiras das portas e nos pátios, e as botas afundavam no solo. A não ser por algumas poucas escravas cumprindo suas tarefas, não se viam mulheres nas ruas. Elas só apareciam nas festividades, sempre com a cabeça coberta com toucados e arranjos de cetim ou veludo até o pescoço.

Na frente do terreiro que servia de praça, erguia-se a Casa de Câmara, um sobrado coberto de telha e com alpendre na fachada. Ali funcionava o Conselho de Vereança, o gabinete de audiências (presidido por um juiz ordinário), a almotaçaria e a cadeia. Era vigiada por um pequeno ordenado de soldados, embora o movimento fosse sempre calmo.

Atravessou a praça e entrou no prédio. Dois homens conversavam de frente para a janela e Vicente teve a impressão de que pararam de falar ao notarem sua presença. Ajeitaram-se sobre os próprios pés e o fitaram com expressões confusas.

— Bom dia, padre — cumprimentou o primeiro homem, o juiz Diogo Lobo Corrêa. Alto e forte, de queixo liso e quadrado, cabelos brancos caindo sobre os ombros. — Se é sobre a menina, já nos contaram.

O homem ao lado dele era o alcaide e sargento da ordenança, Rodrigo Vasco da Guerra. Era quem cobrava os impostos e dava assistência ao Conselho. Um sujeito antipático, corpulento e sisudo, sempre com a mão no cabo da espada.

— Pois estamos mui ocupados, tomando sol à janela, como o senhor bem pode reparar — disse com sarcasmo.

Vicente cerrou os olhos.

— Se vos falta serviço, podeis vos animar. Há muito o que ver na casa dos Soares. O alcaide sorriu amargamente.

— A menina passa bem. Ninguém veio prestar queixa.

— Mas parece que há uma besta solta por aí — acrescentou o juiz, apaziguador.

— Se for bicho desta mata — retrucou Vicente —, deve ter muita habilidade para escaldar um cordeiro e lançar fora sua cabeça.

— Jesus Cristo.

Vicente sabia que não tinha muita estima ali. A comunidade não o aceitara por completo. Achavam-no indolente, arrogante e duvidavam de sua honra. A maior parte dos homens daquela povoação era ignorante e de péssimos costumes. Havia algumas famílias abastadas, outras quase miseráveis, mas todas com um ou dois escravos, pois logo ao primeiro dinheiro se davam a comprar índios, para logo se tornarem senhores de algo. Vestiam-se com sedas e cetins, ornavam suas casas com serviços de prata e decoravam suas mulheres com joias. Enchiam-se de ouro, embora continuassem miseráveis. Para um jesuíta, viver em meio a tanta dissimulação era como pregar a cabras.

— São pobres lavradores, essa gente — disse Vicente — e não virão prestar queixa. Mas eu recebi uma ameaça em minha casa, ontem à noite. Alguém não quer que se investigue o caso, ao mesmo tempo que quer, pois senão não deixaria tantas marcas.

A conclusão divergente os confundiu. Era um jogo cansativo de gato e rato, pensou Vicente. A menina sofrera um trauma e estava agora em choque. Havia um animal morto, na floresta, a organização em volta do corpo, a cabeça presa numa lança, e em volta ossos e oferendas, coisas de culto.

— Tratamos aqui de crimes, padre — respondeu o alcaide. — Quem cuida de heresias, com todo o respeito, é o senhor.

Seria realmente difícil convencê-los da gravidade daquilo. Alguém estava matando e esfolando animais para meter medo nos camponeses. Uma menina ficou tão assustada que perdeu a consciência de si e ficou desvairada.

Nas últimas estações, colonos vinham reclamando de eventos estranhos em toda a lavoura, coisas que consideravam da ordem do mistério. Um cabrito que nascera com duas cabeças, uma vaca que dera sangue em vez de leite, um perdigueiro que se pusera a latir para o nada. Muitas pessoas passaram a alimentar suspeitas caprichosas de que pudesse mesmo haver uma causa de ordem sobrenatural.

— Não dê importância ao que diz o sargento, padre — contrapôs o juiz. — É função do Estado, sim, administrar os assuntos da fé nesta terra. Onde dissestes que fora achado esse culto?

— Do outro lado do córrego — respondeu Vicente. — Um quarto de hora pela mata adentro. Não é coisa dos gentios, disso tenho certeza.

O juiz esticou a cara, como se ficasse surpreso.

— Compreendo. Lá perto de onde morava a Enforcada.

Vicente curvou as sobranceiras e deu um passo à frente, pego pela curiosidade.

A Enforcada era um caso antigo, contou o juiz. Ouvia-se algumas vezes entre os camponeses, mas quem conhecia melhor a história eram os mais velhos. Todos cresceram ouvindo aquelas coisas. Contava-se que uma mulher vivia na floresta e fazia feitiços. Certo dia, os aldeões foram até sua choça, amarraram uma corda em seu pescoço e a penduraram numa árvore.

— Por Cristo, por que fizeram isso? — Vicente se horrorizou.

— O senhor não ouviu? Era uma bruxa.

Anos mais tarde, as pessoas a viram andando pela mata. Eles a mataram, sim, ressaltou o juiz, quando viu que o padre não estava compreendendo a situação. O corpo ficou pendurado na árvore até ser comido pelos pássaros. Enterraram a carcaça ao lado de sua choça e puseram fogo. A casa devia estar em ruínas, mas alguns escravos afirmavam terem estado lá. Tinham muito medo e a chamavam de Cabana da Enforcada.

— Viram a mulher a andar pela mata, mesmo depois de enforcada? — repetiu Vicente, para ter certeza do que ouvira.

Como uma aparição, explicou o juiz. Os que eram pequenos na época, depois a viam no meio das árvores e coisas ruins aconteciam. Lavouras apodreciam, animais morriam ou ficavam doentes. Crianças caíam de cama. Coisas de valor desapareciam. Diziam que ela voltava de tempos em tempos para se vingar dos que a enforcaram.

— Diga-me, o senhor acredita nisso? — Vicente suspirou.

— Não sou estudado nesses assuntos, padre. Mas neste mundo há muitas coisas de que não sabemos. E certamente nessa terra é o Demônio quem faz as leis.

— Limpa a tua boca, homem. O Demônio só tem poder de fazer o que o Senhor permitir. É o Senhor quem faz as leis.

O alcaide se afastou da janela e encarou o jesuíta com desconfiança.

— O senhor está atormentado. Vejo uma nuvem negra em volta dos seus ombros.

Enquanto colocava o chapéu, Vicente pensou se valia a pena insistir naquilo. Aquelas pessoas tinham suas próprias regras e seu próprio jeito de resolver suas questões. Ele, por sua vez, era um forasteiro. Mas pensou em Mariana, nas mãos daqueles homens, que não sabiam distinguir os sofrimentos de uma menina dos de uma vaca do seu curral.

Antes de sair, o juiz o chamou até a sala das audiências. Carregava ao seu lado um menino que, pelas feições (sardas, cabelos e olhos escuros), devia ser Joaquim Soares. Avisou que ele tinha algo a depor sobre o sumiço da irmã e o fez se sentar na ponta da

comprida mesa de mogno. A sala de audiências, ainda mais escura, era decorada com azulejos e longas molduras com pinturas sacras, o forro do teto em jacarandá. Vicente cumprimentou o menino com um mal disfarçado desgosto e pediu desculpas por não o ter atendido na manhã anterior.

— Joaquim, não é mesmo? Tu viste algo na floresta?

O menino olhou em volta enquanto pensava no que dizer. Parecia fazer força para encontrar as palavras. Fez que sim. Voltou-se para o patrão, que assentiu, como se lhe desse permissão.

— Vi uma coisa no bosque.

Vicente se abaixou para ficar à altura de seu rosto.

— Muito bem. Fala. Estava atrás de ti, essa coisa? Ou de Mariana?

— Não. Apenas me olhando.

— Era uma pessoa?

O menino não soube dizer.

— Conte a ele, filho — incitou o juiz.

O menino tomou coragem e olhou nos olhos do padre.

— Era uma bruxa.

Vicente o fitou com espanto. Então se levantou enfurecido.

— Por que achas que era uma bruxa, Joaquim? Por que não um ciclope ou um demônio com a boca no ventre, que os índios andam a encontrar por aí? Estás a dizer tais impropérios porque ouviste nossa conversa lá dentro, não foi? Ouviste-nos conversando sobre este assunto e é por isso que essa ideia se plantou em tua cabeça. Ou então foi teu patrão quem te sugeriu isso?

O menino arregalou os olhos, confuso. Ficou tão amedrontado que Vicente não teve coragem de pressioná-lo mais. Ele se afastou e Diogo Corrêa lhe deu permissão para voltar ao trabalho.

— Acalme-se, padre — disse o juiz, depois que Joaquim se foi.

Uma sensação de impotência se apossou de Vicente. Aquela história toda não passava de um amontoado de fatos desorientados, que levava a caminhos pouco produtivos. Como se todos tivessem sido profundamente inspirados por uma história de ninar e começassem a ver mulheres terríveis ou demônios em seus sonhos. Tinha a sensação de que poderia passar o dia todo interrogando aquela gente e que, mesmo assim, nenhuma informação relevante surgiria.

— Esta terra miserável está deixando a gente ensandecida, doutor Corrêa.

Os olhos azul-claros do juiz giraram em volta.

— Miserável não, padre. Há muita riqueza na Bahia.

Vicente segurou-se para não iniciar uma discussão a respeito da enorme precariedade que tinha observado durante o tempo que passara ali. Pensou muitas vezes em dizer que era melhor ter deixado a terra aos gentios, que faziam dela grande proveito, armavam grandes festas, mesmo pagãs, e que mesmo guerreando morriam menos que andavam morrendo agora, com as pessoas do reino caçando-os a tiros.

Comentou apenas que, por conta da riqueza, também havia muita miséria, já que não pode haver um sem que haja o outro. O semblante do juiz murchou. Estava claro que não concordava. Vicente muitas vezes pensou que Diogo Corrêa, por ser juiz, por ter estudado Direito em Coimbra como ele, fosse o único homem com algum refinamento intelectual naquele lugar. O único capaz de compreender conceitos básicos de justiça e moral. Mas estava enganado. Ninguém naquela terra se preocupava com o conceito do que quer que fosse.

— Deus há de fazer de uns a caça, para que outros possam se alimentar — respondeu o juiz. — Não é assim, padre?

— Jesus via a todos como iguais.

— Mas as Escrituras contam a história dos homens escolhidos por Deus, não é mesmo? Abraão, Moisés, Noé, Salomão e Davi, todos eles cometeram pecados aos olhos do Senhor, e mesmo assim o Senhor os amou e os escolheu para governar. Porque eram homens fortes, e os fortes devem governar sobre os fracos.

— As ações do Senhor têm muito mistério — respondeu Vicente —, por isso prefiro deixar que as Palavras sejam interpretadas pelos sábios da Igreja.

Vicente teve a impressão de que falar àquelas pessoas era como mostrar um afresco de Michelangelo a um homem cego.

— Não só os homens deste rei ausente — disse o juiz — mas também os brasis usam a terra e a deixam destruída. As frotas vão embora abarrotadas de açúcar, enquanto a fome fica nas aldeias. É porque falta a mão de um bom soberano.

Vicente se afastou, sem paciência.

— Não se engane, doutor Corrêa, nenhum rei é bom.

CAPÍTULO NOVE

Vicente atravessou a esplanada onde rebanhos de caprinos pastavam ao longe. Debaixo do sol inclemente do meio-dia, tinha que limpar a testa em movimentos obsessivos. *Onde fui me meter.*

Para além de um banhado, viu a casinha solitária de Maria Bernardina Soares. Uma das mulheres que haviam chegado àquela região com os primeiros colonizadores e conheciam as histórias dali. A casa era rudimentar, com paredes de taipa e cercada por um muro de pedras baixo que não fazia fronteira com nada além de mato. Tinha um largo terreiro na frente, onde talvez um dia existira um jardim, mas as plantas agora estavam mortas e a grama seca. Uma cruz branca fora pintada na porta, havia muito tempo, para indicar que ali morara uma parteira.

Vicente olhou pela janela. No interior escuro não notou nenhum movimento. Reparou num ramo de arruda pendurado na entrada e num filete de pó escuro saindo por baixo da porta. Ouviu barulho nos fundos.

Contornou a casa e encontrou uma mulher rachando lenha na parte detrás. Não era a velha Soares, mas uma mulher mais nova que deveria ser sua agregada. Tinha o vestido sujo, amarrado pelas canelas, as botas embarradas.

— Senhora — disse ele sem cerimônia. — Estou à procura de Maria Bernardina. A mulher escorou o machado e limpou o suor da testa.

— Ela está dormindo.

Vicente fez uma expressão impaciente, mas a mulher permaneceu imóvel, desgostosa, dando a entender que ele teria de esperar.

— Não é comum tratar assim o vosso padre.

— Desculpe-me, vossa reverendíssima — disse a mulher em tom arredio. — Vivemos um pouco isoladas nesta casa. Não estamos a par dos costumes.

Vicente examinou o pátio. Arruinado, tomado pelo junco e pelo lodo.

— Creio não ter visto a senhora na missa.

— Não costumamos sair muito. — Então se apresentou: — Ana Pereira.

— A viúva — concordou Vicente, tocando o chapéu.

Ela voltou a pegar o machado e Vicente teve de se afastar quando ela o ergueu e tomou impulso para golpear a lenha.

— Parece ser um costume desta terra — disse em seguida —, dar nome às mulheres conforme seus maridos, mesmo quando eles não estão presentes. Mas o senhor está equivocado, não se sabe nada sobre a morte dele. Ele está a viajar pelo reino.

Vicente sabia que o marido partiu havia mais de dez anos e não se tinha qualquer notícia sua. Provavelmente morrera num naufrágio. Sem que encontrassem o corpo, porém, nenhum homem reclamaria a viuvez daquela mulher.

— Não estou cá para discutir costumes.

Ana Pereira olhou em seus olhos.

— Não. O senhor está aqui para saber sobre a Enforcada.

O rosto de Vicente se comprimiu contra sua vontade.

— Como sabes?

— Desde ontem ninguém fala noutra assunto.

Ela ajeitou o vestido e cravou o machado sobre o toco de madeira, depois juntou a lenha rachada perto dos pés, ajoelhou-se e começou a amarrar os feixes. Vicente recolheu uma acha de lenha com ela. Os dois seguiram até a varanda, depositaram a madeira perto do fogo e Ana o levou para dentro.

A casa, de poucas janelas, estava quase inteiramente na penumbra. Sobre o chão de terra batida não tinha quase nenhuma mobília, mas no canto próximo aos utensílios de cozinha ficava uma espécie de ervanário, com vasilhas sobre as prateleiras. Maria Bernardina repousava sobre um catre velho no canto escuro do cômodo. Ao seu lado queimava uma pequena candeia e moscas vojavam em volta de restos de comida deixada sobre um prato no chão.

— Dona Maria — chamou Ana. — O padre está aqui para falar contigo.

Era uma portuguesa do Alentejo, com os traços rústicos dos antigos lusitanos. De cabelos compridos, brancos e ressecados, que a cobriam como uma mortalha. Vestia uma camisola suja e um velho medalhão no pescoço. Vicente manteve certa distância quando sentiu os pelos de sua nuca se eriçarem. Ela abriu os olhos e virou o rosto para ele. As órbitas esbranquiçadas de seus olhos o arrepiaram.

— O que quer um padre aqui? — a voz dela se projetou num som gorgolejante.

— Dona Maria Bernardina — disse Vicente —, ouvi dizer que a senhora conhece bem a história deste lugar.

A velha virou a cabeça e enterrou suas pupilas leitosas nos olhos de Vicente, como se pudesse enxergá-lo. Esticou a mão para o teto, com um dedo em riste, e Vicente pôde ouvir uma revoada de andorinhas passando perto do telhado.

— Chove mais — disse ela.

— Dona Maria Bernardina — insistiu Vicente. — A senhora conhece uma lenda que chamam de Enforcada, não é verdade?

A velha soltou um gemido agudo, que parecia vir do fundo de suas entranhas, como se não fosse capaz de fugir daquela conversa, que de alguma maneira ela já esperava. Sua voz se encheu de lucidez de repente.

— Deixe-me lembrar — resmungou. Pensou por algum tempo e tomou ar. — Foi depois que mataram aquela moça. Faz alguns anos. Eu colhia frutas no bosque. Senti uma presença muito estranha perto de mim.

Vicente se aproximou, inquieto. Maria Bernardina ouviu seus passos e esticou o braço, enrolando seus dedos no pulso dele.

— Era como uma mulher — ela continuou. — Estava perto de mim, me observando. Não fez nada. Ficou apenas a me olhar. Como uma sombra.

— Como sabia que era uma mulher? — perguntou Vicente.

— Ela tinha as mãos... Não saberia descrever. Era como um animal. Um animal negro. Mas era uma mulher.

— Como era o rosto dela?

— Isso eu não lembro. Estava encoberto por um capuz.

— A senhora acha que ela ainda está lá na mata?

A velha arregalou os olhos e virou-se para ele com visível pavor.

— Oh! Não vá lá, padre. O mal vive naquela mata. Não chegue perto.

A velha começou a tremer, como se lembranças tormentosas viessem à tona. Ana a acalmou e a cobriu com um lençol.

— Padre, é melhor o senhor deixá-la descansar.

Vicente e Ana saíram para a varanda e puseram-se a empilhar o resto da lenha. Ele perguntou o que mais ela sabia. Aquela história, explicou Ana, era apenas para meter medo nas crianças, mas tinha um fundo verdadeiro. Quando ela era moça, conhecera

Paula Dias, a mulher enforcada na floresta. Era uma moça letrada, que viera degredada do reino. Costurava em troca de dinheiro, na época em que a região começava a ser povoada. Os homens aceitaram que ela ficasse ali e construíram uma cabana para ela, no meio da mata. Às vezes ela descia até a aldeia para trocar mantimentos. Como sabia escrever, o padre deixou que ajudasse na escola, ensinando as meninas a ler.

— Falas de Antônio de Bragança? Então tu o conhecestes. Sabes do que morreu?

— De velho, dizem.

— Não, não é o que dizem. Uns dizem que foi do coração.

— Pode ser.

— A senhora foi aluna dessa Paula Dias?

Ana assentiu. Quando tinha onze ou doze anos, uma menina da idade dela também havia desaparecido sem que ninguém soubesse o motivo. Procuraram por ela vários dias na floresta, mas não a encontram. Então alguns caçadores descobriram a casa de Paula Dias. Acharam uma cova no chão e a acusaram-na de ter assassinado a menina e a enterrado ali. Mas não havia nenhum corpo. Alegaram que os cães o tivessem comido. Em seguida, algumas crianças contaram aos seus pais que Paula Dias as levava até sua cabana e as obrigavam a ficarem nuas.

— Isso era verdade? — perguntou Vicente.

— Se eu tiver que seguir meu coração — respondeu Ana — diria que foi mentira daquelas crianças. Mas qualquer coisa é um bom motivo para enforcar quem as pessoas daqui não gostem.

As crianças e as moças se reuniam na casa de Paula Dias para aprender a fiar, enquanto os pais, irmãos e maridos saíam para trabalhar. Ela lia para as moças novelas sobre cavaleiros e outros livros que não eram litúrgicos. Perto do verão, contudo, foi morta pelos homens da aldeia. Isso assombrou por muito tempo não apenas as crianças e as moças, mas toda a comunidade. Começaram a se perguntar por que aquilo tinha acontecido. Mas os homens não queriam que fizessem perguntas.

Todos tinham medo da magia de Paula Dias. De seus encantos e poções. Ela abençoava colheitas e o ventre das mulheres recém-casadas. Mas um dia começaram a sumir essas meninas e nunca foram encontradas.

— E tu sabes quem as pegou, pelo amor de Deus? — Vicente esbravejou.

— Diziam que as feiticeiras tinham casamento com o Demônio, e se reuniam de noite no meio da mata, passavam no corpo a gordura dos recém-nascidos.

Vicente andou pela varanda, assombrado, fitando a mata escura atrás da casa.

— Essa aparição que alguns dizem ver, o que é?

Ana baixou a cabeça, se virou para o outro lado, transtornada.

— Quando eu era moça — murmurou — eu entrei no bosque para colher algumas flores. Achei uma roseira, muito bonita, de rosas vermelhas. Mas eram proibidas. Diziam que trazia má sorte. Foi quando senti alguém atrás de mim. Parecia uma mulher, mas ela tinha as mãos estranhas, como se fossem galhos. Não disse nada, só ficou a me olhar. Depois desapareceu.

Vicente enxugou o rosto com a manga do hábito, sentindo que aqueles fatos não levavam a lugar algum.

— O que acha que ela queria?

— Apenas assustar — concluiu Ana. — O que mais há de querer um morto.

A história está ficando complicada, pensou Vicente, enquanto voltava à praça para buscar sua mula. De repente, encontrava-se imerso naquela grande quantidade de informações. Era preciso ordená-las. Os relatos que colheu naquela tarde pareciam levar a um ponto em comum: de tempos em tempos, meninas eram atacadas na floresta e desapareciam. Por algum motivo, Mariana escapou. Talvez não por muito tempo. Alguém logo voltaria para terminar o que começara.

Os desaparecimentos se relacionavam de alguma forma ao enforcamento de uma mulher temida e odiada muito tempo atrás. O temor ou a culpa por sua morte levou muitos aldeões a relatarem, anos mais tarde, sobre estranhas figuras vagando pela mata. Eram perguntas demais para nenhuma resposta.

Escutou alguém gritar. O som se aproximou e ele reconheceu a voz de Nuno Soares. Vinha correndo em direção à Casa de Câmara, pedindo ajuda. Vicente fez sinal para que se acalmasse e tentou levá-lo para o outro lado do prédio, para que os homens do povoado não os vissem. Nuno parou, apoiando-se sobre os joelhos e tomando fôlego.

— Mariana acordou! — disse ele, esbaforido.

CAPÍTULO DEZ

Sentiu um cheiro ruim ao entrar no cômodo. Levou a mão à boca, temendo que a comida no estômago subisse para a garganta. O ar pesava. Mariana estava escorada contra a parede, com os olhos murchos e perdidos num ponto além do teto. A mãe, ao seu lado, tentava fazê-la tomar um caldo quente.

— Bom dia, Mariana — disse Vicente. — Como estás te sentindo?

Os olhos da menina giraram de repente e encontraram os dele. Era um olhar morto. Seu rosto, pálido e anódino, como se a alma alegre tivesse abandonado o corpo.

— O padre veio te ver, Mariana — disse o pai.

A menina não demonstrou nenhum interesse e voltou a olhar para o nada.

— Conte ao padre, Marta — Nuno ordenou à esposa. — Estás autorizada.

A mulher depositou calmamente a cumbuca no chão e olhou para Vicente de forma quase tão seca quanto a filha.

— Ela falou palavras que não conhecemos — disse a mulher. — Esta manhã tinha os olhos abertos, mas não nos via. Mexia as mãozinhas, mas não dizia coisa com coisa. Há de ser a marca do Demônio, padre, que é pior que qualquer febre do corpo.

Vicente se aproximou da menina e ajoelhou-se ao seu lado.

— Não queres me contar o que há, Mariana?

Ela se negou, sem se virar para ele.

— Estou aqui para te ajudar. Queremos tua saúde. Queres repetir as palavras que disseste a tua mãe hoje de manhã?

Mariana se virou e contorceu todo o rosto, como se lutasse contra seus próprios atos. Arregalou os olhos e lançou para o padre um olhar gélido. As palavras saíram de sua boca com um gemido longo e doloroso:

— O... lobo... corre...

O lobo corre. O que queria dizer? Então, com o queixo no peito, ela abriu as pálpebras e as suas mãos começaram a girar sobre os lençóis, com gestos pavorosos de

agonia. Vicente viu algo em seus olhos, como se qualquer coisa maléfica a perturbasse. Ela se virou e emitiu palavras estranhas numa voz grave e gutural:

— *Ela... patzan... min... bisha!*

Vicente tomou distância. A mãe se aproximou e a segurou pelos braços, tentando conter sua agitação. A menina se calou, deixando a cabeça tombar sobre o peito.

— Saia, padre, por favor — implorou a mãe.

Vicente deixou a casa e esperou no pátio. Nuno Soares o segurou pelo punho e se pôs a lamuriar pelo estado da filha. Desde a semana anterior, queixou-se, Mariana andava agressiva e arredia. Relaxara nas tarefas, respondera com grosserias, deixara de rezar. Andava dispersa, preguiçosa.

Vicente retraiu o braço por reflexo e respondeu-lhe com tranquilidade que muitos doutores associavam aquela conduta à idade. Fez uma expressão contemplativa, aproximando-se do pai e, diminuindo a voz, perguntou se já tinham vindo suas regras. Nuno pareceu se chocar com a pergunta e não conseguiu responder.

— Entendo — disse Vicente. — Essa não é uma pergunta apropriada para ser feita por um padre. Mas a faço na condição médica. De qualquer forma, o senhor não precisa me responder. Se tiver notícias, pode mandar me chamar.

Ia partir, mas o homem puxou seu braço mais uma vez.

— Ouça, padre — disse ele. — Mariana estava conversando com alguém que não estava lá. Ficamos assustados.

Vicente olhou com curiosidade. Então Nuno lhe contou que tinham escutado Mariana conversar com alguém naquela manhã: ela falava e esperava, como se aguardasse a resposta. Olharam para dentro e a viram sacudir a cabeça, responder e concordar com algo invisível, mas não havia ninguém.

— Tenho pouco conhecimento sobre o assunto — disse Vicente —, mas sabe-se que meninos e meninas de pouca idade costumam falar com seres imaginados, como forma de brincar.

Nuno balançou a cabeça, desiludido. Estava claro que não havia nada de brincadeira. Quando perguntaram a ela com quem falava, Mariana respondeu que estava mandando embora uma Mulher de Preto.

Vicente assentiu com a cabeça, intrigado. Os devotos, explicou, quando arrebatados pela fé, costumavam ver santos e receber aparições divinas, conversar e até

serem tocados por eles e inspirarem milagres. Mas Mariana a tinha descrito como uma velha, que escondia o rosto num manto e soprava palavras em seu ouvido. Não havia nada de santo. Vicente permaneceu firme e disse que iria pensar sobre o assunto.

— O senhor não acha que o Demônio tomou nossa filha?

Vicente segurou a mão dele.

— Tenho convicção de que não, Nuno. Muitos homens sábios na Igreja duvidam que esse tipo de possessão aconteça.

— Padre, por favor, nos ajude.

— Tenha fé. As melhores explicações são as mais simples.

Havia naquela casa uma espécie de atmosfera densa, como uma poeira grossa que percorria o ar, e Vicente teve vontade de sair dali o mais rápido possível.

CAPÍTULO ONZE

Ratos. A plantação e as casas de escravos infestavam-se deles. Eram perigosos porque mordiam quando acuados e urinavam nos alimentos. Alguém sempre ficava doente. Mas os ratos também salvavam da fome. Sem que nada fosse dito, todos sabiam que engrossavam os caldos servidos à noite. Awa observou: um homem corria atrás das pequenas criaturas, perguntando aos outros se as haviam encontrado em suas choças, e depois entregava um saco cheio à cozinheira. Todos comiam em silêncio.

Logo ao cair da noite começavam os gritos do lado de fora. Outra lição que Awa aprendeu nos seus primeiros dias no engenho: raramente se passava um dia sem que um ou mais escravos fossem castigados. Geralmente acontecia depois que a colheita do dia fosse entregue e contada. Aqueles com produção abaixo do exigido eram levados para o centro do pátio e, se a infração fosse baixa, apenas passavam a noite amarrados no tronco de uma árvore. Passavam fome e sede, ficavam com o corpo esgotado e às vezes tinham picadas enormes de formigas e mosquitos. Alguns preferiam ser açoitados a passar a noite lá. Durante o período das colheitas, a chibata e os berros de agonia e dor podiam ser ouvidos quase todo entardecer.

Naquela segunda noite, quando o som de gritos invadiu a casa coletiva, Piedade puxou uma canção de sua terra, uma melodia bela e triste, e rapidamente um escravo começou a bater seu tambor. Junto com as vozes, Awa podia ouvir o batuque ritmado das mulheres com seus pilões, moendo a mandioca, e a cozinheira ia preparando o cuscuz.

A lua em quarto crescente, símbolo de Alá, subia ao céu do lado de fora. Um homem veio convocar os *mandinkas* para o *salat* do pôr do sol, a primeira prece da noite. Tiraram seus calçados e se juntaram no centro do terreiro, e uma mulher trouxe um saco com areia do mar para purificarem as mãos, o rosto, os braços, as orelhas e os pés.

— Allahu Akbar! Ashadu an lailahailala! — repetiam, o que significava *Deus é grande! E afirmo que só há um Deus!*

Depois comiam rapidamente para se reunirem outra vez no centro do terreiro, gritando e batendo palmas ao ritmo dos tambores. Os músicos começaram a afinar seus *koras* de muitas cordas e os *balafons* feitos de cabaças presas entre blocos de madeira e percutidos por pequenos malhos. Apareciam os *griôs* contando histórias de seu povo, recitando antigas lendas sobre os reis do Mali e guerreiros *mandinkas* e fábulas *mandês*.

Piedade — uma mulher respeitada, que fora trazida de uma aldeia às margens do Cacheu havia mais de dez anos — deu início a uma dança que se chamava *seoruba*. Todos cantavam em coro:

Vai, camponês, levanta que a comida chegou

Vai, que a comida já está aqui

Meu irmão, eu te chamo, para trabalhar no campo

É nossa faina, nossa labuta!

Então a música parou. O capataz apareceu pela porta, carregando nos ombros um escravo. Era um dos *malungos*. Desfalecido, a cabeça baixa, suave. Sangue escorria pelo seu corpo. Atrás vinha Dom José em pessoa.

— Não parem a música — ordenou o capataz.

Os tambores voltaram a soar até que a música foi retomada, mas ninguém voltou a dançar. Dom José permaneceu na porta enquanto o capataz deitava o escravo ferido numa rede. Chamou Piedade e disse a ela, num tom dócil:

— Ele tentou fugir.

Piedade ajeitou o escravo sobre a rede e ajoelhou-se ao seu lado, analisando suas feridas. Dom José se aproximou e disse-lhe em tom cordial:

— Piedade, por favor cuide dele, como bem tu sabes fazer. Foi um incidente infeliz. É valioso para mim.

Piedade consentiu. Dom José e o capataz foram embora e os escravos voltavam a cantar. Awa limpou dos olhos uma lágrima de raiva.

— Como é teu nome? — perguntou ao *malungo*.

— Kunle — ele respondeu com dificuldade.

— Os espíritos tutelares cuidarão de ti.

Ao dizer isso, Awa tapou o rosto do companheiro com um pano. Solicitou a Piedade que limpasse as feridas enquanto ia buscar remédios.

Do lado de fora, na horta, ela encontrou babosa, camomila e sálvia. Trouxe algumas folhas enroladas no vestido e pediu para Piedade aquecer água no fogo para fazer uma infusão. Elas limpavam as feridas com salmoura e depois com o preparado. Awa abriu a folha da babosa e espalhou o sumo pelo corpo machucado do escravo, depois o cobriu com as folhas da sálvia.

— Poderoso Ntoni Malau, Senhor da Terra — ela rogou —, feche as feridas, faça cicatrizes e dai-nos vigor.

Estendeu velas acesas ao redor de Kunle e fez movimentos com as mãos por cima dele. Os outros olhavam com curiosidade e um pouco de espanto. Piedade a ajudou, depois elas o deixaram descansar. A música e a dança continuavam.

— Como podem festejar? — gritou Awa, com o rosto afogueado.

— Escute com atenção — disse Piedade. — Existem três castigos. O primeiro é para os que não trabalham o suficiente. Pensam que podem resistir, e então vem o segundo, para os que se negam a trabalhar. Sofrem vários dias. Mas se tentam fugir, conhecem o terceiro, o pior de todos. Depois nunca mais tentam.

Awa se armou para responder, mas Piedade a interrompeu.

— Sei o que vosmecê dirá. Que jamais irá se curvar. Alguns chegam a comer terra até o corpo se estragar por dentro, mas isso não dará certo. Irão te curar, e quando estiveres saudável, te darão um castigo que vosmecê nunca irá esquecer. Nos primeiros meses já perdem esperança. O que resta é fazer o que eles querem e tentar buscar alívio no restante do tempo. É o que todos fazem por aqui.

— Awa é filha de guerreiro, e a dor e a morte não lhe trazem medo.

— É o que todos dizem. Mas teus espíritos não estão deste lado do oceano.

— Eles estão por todo lugar.

— Aqui não é qualquer lugar. Aqui é o Inferno, como dizem os padres cristãos. Algum dia nós iremos embora, menina, mas não será hoje, nem amanhã. Alá está do nosso lado e nos dará o sinal quando for a hora.

Awa se levantou, contrariada.

— Quando esse momento chegar, baba, quero estar entre os teus.

— Então trate de dominar esse bravo.

CAPÍTULO DOZE

Vicente deixou a mula pastando no pátio. Foi se sentar à escrivaninha para fazer suas anotações, mas seus olhos encontraram as órbitas vazias do pequeno crânio que tinha recolhido na mata, no dia anterior. Pelo tamanho, pensou, era de uma criança. Ficou horrorizado com esse pensamento.

Escreveu em seu caderno todas as questões que fervilhavam em sua cabeça: *Meninas desaparecidas. Mariana atacada. Animais mortos. Paula Dias enforcada. Mulher de Preto.* Sabia que no sertão havia muitas doenças, ataques de feras e selvagens, e que muitas crianças não chegavam à vida adulta. No caso dessas meninas, porém, era como se seu destino macabro fosse naturalmente aceito por todos.

Por outro lado, esses acontecimentos pareciam não ter qualquer importância para a apuração da morte de padre Antônio, e Vicente não costumava crer em coincidências. Entretanto, havia uma agora: Paula Dias, a primeira mulher a ser morta, era sua ajudante.

Tentou desenhar no papel os cortes em forma de V que encontrou no ombro de Mariana. Tinha a intuição de que não eram ferimentos acidentais, mas a marca de alguma coisa. Algum tipo de sinal, como símbolos usados por antigos magos.

Depois se levantou e pôs-se a circular pelo quarto. Aquilo o perturbava. Seria mais fácil se pudesse apenas redigir o atestado do padre morto e ir embora. Mas agora, será que conseguiria deixar tudo isso para trás? *Ora, é claro que conseguiria.* Aquelas pessoas não significavam nada para ele. *Mesmo aquela pobre menina?* Sim. O que estava dizendo! Ela também não significava nada. Quantas meninas caem doentes todos os dias naquela terra imunda e miserável. Isso não era da sua conta.

Decidiu ocupar a cabeça e se servir de uma caneca de vinho. Buscou algo para comer, mas, com a confusão dos últimos dias, esqueceram-se de estocar mantimentos. O armário agora estava vazio. Ficou sentado durante vinte minutos na rede, contemplando estupidamente aquele quatinho onde vivia. *Por que me abandonastes aqui, Senhor? Que desprezível sorte reservastes para mim neste lugar esquecido por Vós?*

Ouviu barulhos na janela. Sua primeira reação foi temer pelo invasor da noite passada. Levantou-se num salto e procurou com o que se defender. Achou o castiçal de bronze em cima da cômoda e o empunhou como a um martelo. Depois reconheceu as batidinhas na madeira e se tranquilizou.

— És tu, finalmente.

Aproximou-se da janela até que, pela luz tênue das velas, percebeu a jovem índia. Ela pulou para dentro e seus olhos rebrilharam na escuridão do quarto.

— Sinto muito — disse Vicente. — Hoje não tenho comida para te dar.

A menina passou os olhos em volta, ansiosa. Vicente se aproximou com cuidado e ela então esticou sua mão, roçando os dedos na barba dele. Ele sentiu uma quentura pelo corpo, mas sua alma afundou numa desolação completa. A sombra do pecado sussurrava em seu ouvido mais uma vez e ele foi fraco e mesquinho. Sua inteligência, seu conhecimento, suas palavras letradas não conseguiam nomear aquelas sensações e aqueles sentimentos. Concluiu: a civilidade dos livros era apenas uma doce ilusão para abrandar os tremores bestiais do corpo.

Cochilou deitado na rede. Mesmo tendo chovido nas últimas noites, não fora suficiente para refrescar e afastar os insetos. Queria algum tipo de trégua com aqueles bichos monstruosos. *Pestes do Egito!* praguejou em sua cabeça. Depois se lembrou da frase de Galeno: *Triste est omne animal post coitum, praeter mulierem et gallum*. Todo animal é triste após o coito, exceto a mulher e o galo.

A menina se desvencilhou de seus braços e caminhou até a janela, mas parou para juntar do chão alguns papéis que o vento derrubara. Colocou-os de volta em cima do caderno de anotações, sobre a escrivaninha. Ela se detinha mais do que o habitual a uma mulher diante de papéis escritos.

— A senhora sabe ler?

Ela balançou a cabeça. Em seguida, fez uma expressão perplexa e apontou para o papel em que estava desenhado a marca de Mariana.

— O cordeiro — disse ela.

Vicente esticou o pescoço, alarmado. Tinha a sensação de que há pouco, na rede, havia sonhado com Mariana. No sonho, ela estava deitada na cama, no escuro, e gritava, tentando expulsar algo de seu corpo. Havia sangue sobre os lençóis e homens estranhos à volta, observando. Mas talvez não fosse Mariana.

Tarde demais, pensou Vicente. O demônio sabia que ele estava seduzido pelo medo. Tinha sido pego.

— O que disseste?

A menina olhou para ele e mostrou o papel com o símbolo.

— O cordeiro — repetiu.



CAPÍTULO TREZE

Gritos horríveis e intermitentes vinham do cômodo mais afastado da casa. A mãe colocou sobre a mesa um prato com três fatias de pão, um pedaço de carne seca e uma jarra de vinho. Ajeitou três canecos, enfileirados. Joaquim despejou água sobre uma bacia e o pai estendeu as mãos para serem lavadas. Sentou-se à ponta da mesa e distribuiu a comida. Joaquim se sentou à direita do pai. Por último, a mãe lavou as próprias mãos e foi se sentar do outro lado.

A lua brilhava lá fora e ventava forte. Os três deram-se as mãos e fecharam os olhos. Sobre a mesa, a luz de uma vela projetava sombras terríveis nas paredes. Apenas os três rostos, pálidos, imergiam da escuridão.

— Senhor — rezou o pai, estendendo as mãos para que o filho e a mulher se juntassem. — Perdoa nossos pecados e livra-nos do tormento pelo qual haveremos de passar. Fortalece nossa fé e o amor que temos a Ti, e faz-nos enxergar com repúdio a torpeza de nossos atos. Permita-nos ser Tuas crianças e contemplar Teu amor e Tua misericórdia. Perdoa-nos por matar a fome com este alimento impuro, e protege-nos por sentir seu gosto pecaminoso. Abrevia nossa vida de pecado e traz-nos a paz eterna, pois somos teus fiéis e humildes servos no Vale da Morte. Amém.

— Amém — repetiram mãe e filho.

Comeram em silêncio, mas outro grito violento rasgou o torpor. A mãe fez menção de se levantar, mas o marido a segurou pelo pulso.

— Faz duas noites que ela está assim — disse Nuno. — Piora depois que escurece, já sabemos disso. Não há o que fazer.

A mulher baixou os olhos. Continuaram a comer.

Quando a filha se acalmou e o silêncio da noite caiu sobre eles, ouviram um barulho do lado de fora da casa.

— O vento derrubou alguma coisa no celeiro — disse Joaquim.

— Está se armando um temporal — alertou o pai.

A mãe esmigalhou seu pedaço de pão sobre o prato, mas não levou nada à boca. Seus olhos estavam pregados à mesa. O marido lançou um olhar ríspido a ela.

— Se queres morrer de inanição, mulher, não serei eu que te impedirei.

— Estou sem fome, meu senhor — ela respondeu e se levantou da mesa, dirigindo-se até o leito da filha. O marido chegou a se erguer, como se estivesse se preparando para ir buscá-la de volta à força, mas se conteve. Dirigiu-se ao filho.

— As cabras estão amarradas?

— Não — respondeu Joaquim.

— E o que espera?

— Sim, senhor.

O menino vestiu seu casaco e pegou a lamparina em cima da bancada.

— Não demore — advertiu o pai.

Joaquim anuiu com a cabeça e saiu para o pátio.

O pai foi até o outro cômodo e encontrou a esposa de joelhos, debruçada sobre a filha. Mariana regressara ao sono tranquilo.

— Não te preocupes, Marta, o médico está a caminho.

A mulher se virou, como se duvidasse, mas não respondeu. O marido insistiu.

— Sei o que vais dizer. Também não confio naquele vendedor de escravos. Mas coloquei dinheiro na mão dele.

O vento chiou pelas frestas da janela, enchendo o quarto de apreensão.

Joaquim levou as cabras até o canto do celeiro e amarrou suas patas traseiras. Os animais ficavam agitados quando estava para chover, e às vezes se machucavam, batendo-se uns nos outros e contra as paredes.

— Acalme-se — disse ele para a cabra mais velha, acariciando seu focinho.

Um sopro forte entrou por entre as tábuas da parede e a chama da lamparina bruxuleou. Quando o fogo voltou a iluminar ao redor, o reflexo da luz que vinha de fora tremulou com a passagem de uma sombra.

O coração de Joaquim disparou e ele tapou a boca com a mão. Correu até a porta do celeiro e a fechou depressa. Afastou-se e apagou a lamparina. Ficou agachado contra uma pilha de feno, olhando para as frestas da porta.

Lá está! Alguma coisa se movendo lá fora.

Com a visão se acostumando ao escuro, viu uma das cabras ficar de pé num pulo, presa pela corda. Outros animais também começaram a se agitar. Joaquim escutou ruídos de galhos se partindo, barulho nas pedras. O vento voltou a uivar. Os sons se aproximaram e um vulto cresceu por baixo da porta, cortando a luz do luar no chão.

O menino se ergueu e correu rente à parede, escondendo-se atrás de uma pilastra. Em seguida a porta se abriu, emitindo um rangido assombroso, e ele se virou de costas, para não ver o que quer que estivesse ali.

— Joaquim.

O som familiar daquela voz. Saiu correndo em direção ao pai e o abraçou.

— Joaquim, eras tu quem rondava a casa? — o pai perguntou.

— Não.

O pai puxou-o para fora do celeiro, fazendo um sinal para que mantivesse silêncio. Voltaram para casa e se trancaram lá dentro. Sabiam que alguma coisa ainda estava à espreita na escuridão.

TERÇA

CAPÍTULO QUATORZE

Nas primeiras luzes da manhã, Vicente foi até o rio tentar se recompor. Mesmo sem sol, o calor era infernal. Reconhecia nisso a sabedoria dos índios, pois com eles tinha aprendido a se banhar e viver de forma menos precária, embora naquela manhã nenhum banho pudesse aplacar seu cansaço. O corpo todo doía.

A povoação lá adiante parecia apenas um assentamento de construções sombrias, enfileiradas numa espécie de sorriso amargo, como dentes escuros brotando no meio das planícies verdes. Era um dos aldeamentos mais antigos do recôncavo, formado por uma comunidade humilde, porém florescente, que viera no rastro de impetuosos fazendeiros que adentraram o sertão em busca de terra arável.

Os moradores, a maioria colonos vindos do reino, passavam os dias nos campos ou na igreja, em cânticos e orações a cada hora de sol. Passavam as noites no escuro, temendo o Diabo e o oculto. O pavor das bruxas viera com os colonos nos navios e qualquer coisa que desviasse do caminho de Deus era prontamente combatido. O fervor da fé só se igualava ao temor do pecado, da perversão e da rebeldia.

Mergulhando a cabeça na água fria, Vicente conseguiu pelo menos entrar num breve estado de torpor. Percorreu uma série de sonhos intranquilos. Pensou nas meninas daquele lugar, desaparecendo sem deixar nomes nas lápides ou nos registros de família. Pensou em Mariana e na sua doença de alma. E, inevitavelmente, pensou naquela mulher dos seus pesadelos.

No dia de seu casamento, muitos anos atrás, Vicente era apenas um rapazote de vinte e dois anos. Sua noiva tinha dezesseis e era bonita como uma pardoquinha cantando no galho numa tarde de primavera. Eles não se amavam, mas a convivência os trouxera uma amizade silenciosa.

Ela preparava o desjejum bem cedo para que ele fosse ao trabalho, na Promotoria Pública de Coimbra. Vicente era um jovem escrivão recém-saído da universidade, seus ordenados mensais eram suficientes para dar a eles uma vida confortável e com algum luxo. Às vezes ele voltava com algum quitute para ela, que comprava nas barracas instaladas sobre o largo em frente. À noite eles se deitavam na mesma cama e apenas dormiam. Ele esperaria que a mulher estivesse pronta para conceberem o ato conjugal. Enquanto isso, frequentava casas de consolo à noite com os amigos. A esposa fingia não reparar quando ele chegava tarde, e ele fingia acreditar na sua ingenuidade.

Publicamente, comportavam-se como se tivessem consumado a união, dando desculpas evasivas aos conhecidos e à família sobre a gravidez que nunca vinha. O pai dele, um proeminente comerciante de açúcar, mandou um médico inglês à sua casa, contra sua vontade, para examinar a moça. Concluiu que ela nada tinha que indicasse infertilidade, que gozava da mais plena saúde. Vicente, paciente, já havia desistido de tocá-la, e sua vida seguia ao passo da rotina.

Certo dia, porém, ela se dirigiu a ele na cama e pediu que parasse de ver suas amantes. Prometeu que, se ele não fosse mais aos bordéis, nem se aproximasse de qualquer outra mulher, ela tentaria recebê-lo. Ele consentiu, alegre, e de fato nunca mais voltou à farra com seus amigos, nem se encontrou com qualquer outra mulher.

Ela engravidou no primeiro mês após o primeiro ano. Vicente já a amava, e a notícia do filho o tornou o homem mais feliz do mundo.

Fazia apenas algumas semanas que Vicente colocara os pés naquela povoação. Ao chegar, encontrara os mesmos homens encostados à janela da Casa de Câmara. A mesma displicência, o mesmo olhar indiferente.

Ele estava sem suas vestes da Companhia e carregava um sacolão nas costas. Os homens olharam para ele como se fosse um andarilho, do tipo que deserta de um grupo de tropeiros. O alcaide lhe avisou que naquelas bandas não havia nada, era apenas uma comunidade de lavradores, mas Vicente respondeu que vinha a pedido do bispo, para substituir o pároco morto. Então os homens olharam para ele com grande desconfiança e disseram que seria preciso consultar os conselheiros.

— Vou esperar — disse Vicente, largando suas bagagens em cima da mesa dos despachos. Esperou até que todos tivessem lido o documento que ele trazia assinado pelo governador-geral.

Foi um jeito meio tortuoso de começar amizades. Logo percebeu o quanto aquele lugar era diferente de sua terra, como aquela gente era ressabiada. Tinham hábitos singelos, não tinham muita afeição por citadinos, seus modos, sua fala ligeira.

Naquela noite Vicente foi servido com um farto banquete de carnes, porém poucas verduras e frutas. Duas meninas gêmeas, uma loura e outra ruiva, passaram-lhe as chaves da casa paroquial e levaram a comida até seus aposentos. Havia algo de fantasmagórico nas suas silhuetas recortadas pela luz da candeia.

— Padre, o senhor não deve sair do seu quarto à noite — disse uma delas.

— O mal vive naquela floresta — disse a outra.

Vicente percebeu, já naquela ocasião, que os aldeões temiam a mata tanto quanto dependiam dela para recolher madeira, frutas e boas caças. Temiam canibais que habitavam a costa, monstros terríveis que moravam nas profundezas da selva. Viviam tão atemorizados que deixavam seus pertences em sacos e canastras, para correrem em direção à cidade ao menor sinal de alerta.

Agora aquela agitação e aquele medo o tinham contagiado também.

Levantou a cabeça da água e enxergou uma figura pequena parada à margem, olhando fixo em sua direção. Era um curumim do povoado.

— Está aí — disse ele. — O senhor Visitador.

Vicente estremeceu. A hora tinha chegado.

Caminhou até as pedras, onde tinha deixado suas vestes e seus pertences.

— Peça aos homens que se preparem. Estarei pronto em seguida.

O menino não disse nada. Virou-se e correu em direção ao povoado.

Só então, parado à margem do rio, Vicente percebeu que estava nu.

CAPÍTULO QUINZE

Nuno Soares chamou o filho até a frente de casa e perguntou se ele conseguiria guardar um segredo. Então lhe estendeu a mão e mostrou uma pequena raiz cheia de terra, de uma espécie que os índios chamavam de *manioca* e que ralavam para fazer farinha. Mas aquele broto estava disforme, retorcido. De dentro dele saiu uma pequena larva esbranquiçada, que andou pela palma da mão do pai até que ele jogasse tudo no chão.

— Nossa plantação está amaldiçoada — disse ele.

Não esperou para esclarecer ao filho o que queria dizer com aquilo e foi pendurando o machado na cintura. Os dois seguiram em direção ao bosque. Caminharam pela velha trilha por um quarto de hora.

— Foi por causa de Mariana? — Joaquim perguntou. — A mãe lhe bateu porque ela olhou para um rapaz na missa.

O pai ouviu em silêncio o questionamento do filho, com os olhos fixos nas árvores adiante. Respondeu com cautela que um menino era diferente de uma menina, que Joaquim já tinha idade para entender. O filho varão, explicou, era a salvação da família. O braço de um filho era o que enchia a vida da família de glória.

— Mariana ajuda a mãe nos serviços da casa — retrucou o menino.

— E também é uma boca a mais para alimentar.

Enquanto seguiam pela brenha da mata, Nuno pediu ao filho para falar sobre a vocação de Abraão. O menino pensou um pouco, depois respondeu que o Senhor ordenara a Abraão que deixasse sua terra, onde havia uma grande fome, e fosse para a terra onde Ele lhe mostrasse, Canaã, pois lá daria a Abraão um grande e próspero reino.

— E o que houve em Canaã?

— O Senhor o chamou e disse para ele tomar seu único filho, Isaac, e levá-lo ao alto de um monte, e ali oferecê-lo em holocausto.

— E então?

— Abraão levou a lenha e o fogo e construiu uma pira, e colocou o filho sobre ela. Ele ergueu a faca para imolar Isaac...

O pai o interrompeu com um gesto e disse:

— Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Mas o temente a Deus deve amar ao Senhor acima de qualquer outra coisa. O sangue corajoso de Abraão corre em nossas veias, Joaquim. Deus sabe qual é nosso destino. Nós apenas temos que seguir Suas ordens.

O filho concordou e eles voltaram a caminhar. Quando se aproximaram de um velho tronco retorcido, o pai fez sinal para que Joaquim esperasse ali. Entregou-lhe uma tira de pano e pediu que vendasse os olhos. Joaquim estacou.

— Pai.

— Faz o que eu digo.

O menino se sentou sobre o tronco, trêmulo, e deixou o corpo ceder. Impaciente, o pai amarrou a tira nos olhos dele. Afastou-se, olhou para o filho mais uma vez. Desamarrou o machado do cinto e disse:

— Perdoa-me, meu filho. O que será feito aqui tu não podes ver, pois tua alma é pura, e a minha já está arruinada.

Então segurou o filho pelos ombros e o colocou de pé, fazendo-o caminhar até um ponto mais adiante na mata. Joaquim seguiu na frente do pai, em passos vacilantes, as mãos nas costas.

Chegaram a uma pequena clareira. O pai colocou o filho diante de um arbusto e ordenou que ele esticasse seus braços. Sentiu espinhos perfurarem sua carne, nas pernas e nas mãos. O pai ergueu o machado. O menino tomou distância e Nuno golpeou o espinheiro. Depois colocou o machado nas mãos do filho.

— Bem aí — disse ele, conduzindo os braços do filho até o ponto em que ele deveria acertar.

Joaquim golpeou com perseverança, mas a força empregada logo o exauriu. O pai tomou o machado e continuou, até que o arbusto todo fosse arrancado.

— Às vezes Deus permite que a tentação nasça no meio de seu rebanho — sussurrou o pai — para nos medir, assim como fez a Abraão. Temos que destruir as ervas daninhas para que não corrompam nossa terra.

Joaquim permaneceu firme. O pai tirou seu cantil e jogou um pouco de aguardente sobre o mato derrubado. Acendeu o fogo com uma pederneira e o arbusto começou a arder, como a sarça no monte. Vendado, Joaquim sentiu o calor consumir o que havia

estivesse diante dele. Sabia que era a roseira selvagem de onde veio a bela flor rubra que os namorados davam a suas pretendentes. Toda aquela vida se extinguiu.

— Joaquim, o que fez Abraão quando ergueu a faca?

— Ele ofereceu o filho ao Senhor, mas o anjo o interrompeu, dizendo-lhe que o Senhor sabia que Abraão temia a Deus, pois não Lhe recusara o único filho, e entregou a ele um carneiro, para que sacrificasse na pira.

— Entendes, Joaquim. O Senhor providenciará.

— Sim, senhor, meu pai.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Adiante vinha uma comitiva de não mais que quinze pessoas. O som hipnótico de uma sineta marcava o passo ritmado e lento. Homens vinham à frente, a pé, guiados por dois soldados a cavalo. Seguia uma sege pequena, puxada por uma junta de bois, logo à frente de uma carroça com mulheres sentadas em cima de pertences, levando pequenos animais ao colo. O som do atrito dos rodados de madeira e ferro contra os torrões de terra seca, em cadência, produziam uma sensação angustiante, como parte de um espetáculo mal interpretado. Nuvens passageiras fizeram cair uma chuva, graúda, e o vento empurrou o grupo à frente, soprando nos ouvidos o alerta de uma tempestade.

— Vamos, vamos — gritavam os homens, puxando as mulas, enquanto as mulheres desciam das carroças para cobrir os pertences com lonas. O anúncio de que um visitador do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa chegava às povoações do sertão causou alvoroço por toda a comunidade.

Em poucos instantes a chuva tomou conta de tudo. A sege seguiu inabalável, deixando para trás os camponeses e os soldados. Os conselheiros vieram receber a comitiva na porta da Casa de Câmara e Vicente se juntou a eles.

O homem que vinha na sege colocou o pé para fora e alguns escravos abriram um toldo sobre a passagem, para que não apanhasse chuva. Já se tinham ouvido histórias sobre o tal comissário provincial da visitação, um castelhano chamado Dom Aguilar Ortega, que assumira o bispado de Toledo havia muitos anos, até a coroação de Felipe, quando então foi despachado para Lisboa como um mero prelado. Veio à colônia acompanhando o visitador-geral, a mando do inquisidor-geral dos reinos. O que se sabia é que era homem criado no rigor da inquisição espanhola e professado na demonologia.

Diziam que Dom Aguilar era conhecedor das artes do Demônio e que andava com o *De la démonomanie des sorciers* de Jean Bodin debaixo dos braços. Diziam outras coisas também: que era gigante e inabalável, que sua voz punha medo até numa matilha de lobos, que era irredutível e que tinha faro para coisas de feitiçaria.

Por isso, quando um homenzinho magro e encurvado desceu da sege, todos pensaram que se tratasse de outra pessoa.

Vicente permaneceu imóvel, como se a qualquer momento o verdadeiro Visitador fosse sair de trás daquele velho, ou que ele fosse apenas repassar algum recado. Mas Dom Aguilar estava ali, diante deles, também paralisado diante da porta, como se esperasse que alguém lhe estendesse a mão.

— Vossa Reverendíssima — saudou por fim o juiz Corrêa.

O homenzinho não respondeu e se dirigiu até uma cadeira de espaldar, na ponta da mesa dos despachos. Todos o acompanharam com os olhos.

— Dom Aguilar — disse Vicente. — Fizestes boa viagem?

O Visitador distribuiu alguns sorrisos cordiais (menos para Vicente) e estendeu a mão para que beijassem seu anel. Mesmo frágil, Dom Aguilar Ortega era um homem de fisionomia brutal. De certa imponência, olhar astuto e um falar aveludado, seus gestos eram todos pomposos, desde a forma como ajeitava suas pastas sobre a mesa até a maneira como construía as frases em silêncio dentro da cabeça, antes de começar a falar. Era educado e calmo, e a maneira como fazia soar as palavras transparecia inteligência e sagacidade, embora de um jeito irritante.

Lá fora, a carroça chegava à praça. Um dos soldados que os acompanhava se prostrou à porta da Câmara e fez um sinal para o Visitador, como para avisar que estavam todos ali. Um rapaz que parecia ser seu criado entrou esbaforido no cômodo e se posicionou ao lado dele, cochichando-lhe alguma coisa.

Só então o velho dirigiu seu rosto chupado na direção de Vicente, com uma expressão severa.

— Padre Vicente — disse ele, com a voz suave. — Fui informado de que, agora há pouco, o viram banhando-se no rio. Se for verdade, bem, pergunto-me se devo tolerar que um homem de Deus ande a se deitar na água dessa forma, nu como um pagão.

Vicente sorriu para ele com uma simpatia exagerada.

— Não há com o que se preocupar, meu senhor, nenhum bom cristão dessa comunidade esteve lá.

Os homens se aglomeraram em volta da mesa. O Visitador esperou que alguns escravos instalassem as cadeiras de presidir os conselhos.

— Uma pessoa — disse Dom Aguilar, e que mais tarde Vicente percebeu se tratar de Domingos Furtado — veio me procurar, durante minha passagem à cidade, a fim de relatar factos deveras intrigantes que vieram a ocorrer nesta povoação. — Fez um gesto

para o escrivão e este tirou um papel dobrado de uma pasta e o colocou sobre a mesa. — Portanto registramos em ata que, como sabem, venho à colônia a serviço de nosso estimado Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, presidido nestas terras pelo inquisidor licenciado Marcos Teixeira, a quem reporto-me em minha inspeção pelo interior da capitania, e que por sua vez responde à nossa majestade El-Rei.

Seus olhos eram escuros e nebulosos, capazes de olhar sem expressão, mas também de fazer brilhar lampejos apaixonados que beiravam a loucura.

— De fato — respondeu Vicente. — Em nome do bispo da Bahia e da Companhia de Jesus, reconhecemos o poder independente da Inquisição e saudamos Vossa Excelência nos assuntos da fé.

— O que essa pessoa vos relatou, Excelência — intrometeu-se o juiz Corrêa —, há de ser a pura verdade. Coisas das mais estranhas têm acontecido em nossa freguesia, e há indícios de que possam ter sido inspiradas pelo Demônio.

O Visitador deu um sorriso difícil de decifrar.

— Caros conselheiros — disse ele. — Aqui estou para investigar crimes contra a fé. Pela autoridade que nos investiu o papa e El-Rei, em virtude da santa obediência e sob a pena de excomunhão, assim ordenamos e estabelecemos por três admoestações e de modo peremptório a todos e a cada um, laicos, membros do clero secular e do clero regular, em qualquer função, grau ou dignidade, que vivam nas terras desta freguesia ou num raio de seis léguas que, em prazo de seis dias, a contar de hoje, nos digam se sabem, ou se ouvirem dizer que tal pessoa é herege, conhecida como herege, suspeitosa de heresia, ou que fala contra algum artigo da fé, ou contra os sacramentos, ou que não vive como as demais, livre do pecado, ou que não evita o trato com os crentes da fé de Moisés ou dos sarracenos, ou que invoca ao demônios ou lhes rende cultos e firma-lhes pactos.

Houve um silêncio e todos se absorveram em seus pensamentos. Com exceção de Vicente, que temia o pior, todos se regozijavam. Em silêncio, puseram-se a listar nomes.

Dom José convidou o Visitador, Vicente e o alcaide Rodrigo Guerra para cearem na sua casa à noite. Era costume que fazendeiros recebessem as autoridades na sua chegada, já que as vilas e aldeias não tinham hospedarias nem casas de pasto.

Dom Aguilar concordou e, pelo resto daquela tarde, programou-se para conhecer a igreja no outeiro. Cumprindo as normas do decoro, Vicente se ofereceu para mostrá-la.

Seguiu na frente com sua mula e o Visitador o acompanhou numa liteira, uma espécie de cadeira erguida por paus e conduzida por escravos.

Enquanto o comissário examinava a construção e os ornamentos no interior da ermida, Vicente pensou que era melhor dar algo ao velho para satisfazê-lo logo. Mostrou-lhe então o pequeno crânio que encontrara na floresta. Dom Aguilar tomou-o na mão e o examinou brevemente contra a luz da janela.

— Devo supor — ele disse — que também anda o senhor a buscar respostas nas lendas populares para o que a natureza de Deus nos mostra tão claramente. Preferis acreditar em crianças mortas em vez de enxergar a verdade.

Vicente olhou para ele com uma expressão indigesta.

— Qual verdade, meu senhor?

— Que esta caveira não pode ser de uma criança, pois não é sequer humano.

O comissário devolveu o crânio a Vicente, que o analisou com cuidado.

— É claro — anuiu ele, iluminando-se. — Trata-se de um macaco.

Dom Aguilar olhou para ele sem mostrar qualquer expressão, mas com um brilho nos olhos que sugeria certo entusiasmo, como se achasse que o padre não era afinal tão decepcionante. Limitou-se a balançar a cabeça e andar na direção da porta.

— Não me assusta o senhor não conhecer os macacos, padre. Mas me assusta não conhecer o homem. Confundir um macaco com um ser humano é erro gravíssimo. Coloca-nos numa posição de semelhança com as bestas.

Vicente fez um gesto breve de desculpas. Então tirou do bolso do hábito um papel dobrado e entregou a ele. Disse que no papel havia um símbolo desenhado, que tinha encontrado nas costas da menina que fora atacada na floresta e que agora todos diziam estar embruxada. Uma índia, que conhecia bem aquele lugar, lhe disse que era o símbolo de um cordeiro, mas não sabia o que significava.

— Parece-me que os índios daqui andam a tomar lições de astrologia — disse o Visitador com escárnio ao abrir o papel. — É o símbolo de um carneiro, por suposto, mas não qualquer carneiro, pois é o emblema do signo zodiacal de Áries.

Vicente teve de admitir que era verdade. Como não notara antes?

— Não tomarei mais o vosso tempo com tais bobagens — disse por fim.

O Visitador devolveu-lhe o papel e pôs-se a inspecionar ao redor da igreja, com uma expressão amarga.

— Devo confessar-vos, padre Vicente, que nenhuma alma será salva dentro de um lugar como este, em franca decrepitude. Mal posso imaginar como o senhor seja capaz de

dizer missa num lugar como este. Vede, faltam adornos. Faltam bons rendados para o altar. Faltam imagens de adoração. Não há nada aqui além de paredes brancas. Vou recomendar à Sé da Bahia que destine alguma verba para este lugar.

— Obrigado, Dom Aguilar. Será muito bem-vinda.

— Guarde vossa gratidão, padre. Estou apenas a identificar os lugares por onde o Demônio pode ter se infiltrado nesta freguesia.

Vicente preferiu mudar de assunto.

— Nossa escola é precária, mas tem trazido muitos meninos da terra para a fé cristã. Verá que nossos curumins já estão a falar latim.

Dom Aguilar deteve-se.

— Latim! Ora, padre Vicente. Ano que vem estará o senhor ensinando gramática aos porcos e retórica às galinhas?

— Perdão, Excelência. Mas toda a gente deve aprender a língua das orações.

— Selvagens não podem aprender a agir como cristãos. Mesmo se amanhã estiverem falando latim, depois de amanhã estarão lhe frechando o peito.

— Bem, então o que buscais nestas terras, Dom Aguilar?

— O que todo inquisidor busca: a verdade, a justiça e a heresia. Busco limpar a depravação, a infidelidade e a corrupção da alma.

Vicente sabia que o entendimento de verdade entre eles seria inconciliável. E aquilo era tudo. Não havia mais o que discutir. Apenas rezar.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Vem comigo — disse o capataz.

Awa interrompeu o corte da cana e olhou para ele. Piedade estava ao seu lado com uma expressão cordial.

— Vosmecês vão ficar na cozinha hoje — ordenou o homem, apontando para a casa-grande. Virou-se para Piedade: — Negra, tu é responsável por ela. Se acontecer algo, tu é quem vai pro castigo.

— Sim, senhô.

Awa largou o cesto e a foice no chão e acompanhou Piedade. Atravessaram o canavial, a casa de escravos e o pátio e entraram na casa-grande pelos fundos. Era a primeira vez que Awa colocava os pés lá dentro.

A casa tinha meias-paredes cobertas de sapê e poucas divisórias. A madeira tinha tom escuro e a pintura já descascava. O interior era comprido e largo, mas o que sobrava de espaço faltava em mobílias. Em sua terra, Awa acharia uma casa assim motivo de chacota, mas os brancos gostavam de ter grandes vazios para se vangloriar.

Passando uma escada que levava ao porão, um corredor estreito dava para a cozinha, uma construção de pedra anexada à casa. Lá dentro, duas crianças índias nuas, sentadas no chão, comiam uma espécie de mingau com os dedos. Uma índia atarracada e velha mexia uma panela de barro diante do fogão, que tomava a parede toda. Acima dele havia um suporte de madeira com alguns talheres pendurados em ganchos de metal. Muitos deles poderiam ser usados para ferir os senhores brancos, mas eram deixados ali sem nenhum cuidado, e nada acontecia a eles.

— Não sei cozinhar — disse Awa, sentindo tanto medo daquele lugar como tinha do canavial. — Quero voltar para lá.

— Deixa de choramingo. Qualquer um preferia estar aqui — disse Piedade.

— Pois então eu deixo para outro.

Piedade deu-lhe um tapa.

— Se alguém da senzala te ouvisse dizer isso, vosmecê seria renegada pelo resto dos teus dias aqui.

Embora não concordasse e se sentisse oprimida naquele lugar, Awa logo compreendeu que sua recusa seria interpretada como arrogância. Aquela gente já estava acostumada a servir os brancos.

Olhou para a índia concentrada no fogo e teve pena dela também, mas depois se recriminou por ter tido esse sentimento. A cozinheira não entendia a língua dela e não compreendera nada da conversa.

— O que há de tão bom aqui?

— O patrão vai dar um jantar — disse Piedade. — A gente come o que sobra.

— Comida de branco — resmungou Awa. — *Resto* de comida de branco.

— É melhor que comer só farinha.

Awa pensou nas gaiolas de madeira penduradas nas pilastras da varanda, com passarinhos canoros, coloridos e emplumados. Ela os ouvia cantar de manhã cedo, mas sua música soava como as elegias tribais de sua terra. O passarinho não sabia que estava ali apenas para adocicar os ouvidos do senhor.

— Pássaro gordo na gaiola continua sendo pássaro na gaiola — ela disse.

A cozinheira se voltou para Awa entregando-lhe uma panela de inhame para serem descascadas e milho para ser debulhado. Escravos entravam e saíam da cozinha o tempo todo. Algumas vezes eles roubavam frutas nos cestos em cima da mesa e a cozinheira gritava com eles e os enxotava. Da janela, Awa via o pátio da casa-grande e os casebres dos escravos, onde as crianças brincavam e ainda não entendiam que eram escravas.

— Toma cuidado com a senhá da casa — disse Piedade em português. — Ela reclama de tudo, até quando não encontra nada pra reclamá.

— Mardita — disse a cozinheira.

— Limpa a boca! As parede são mais fina que a farinha dos preto.

As duas riram.

— A senhá jogou chá em mim uma vez, dizendo que tava mal coado — continuou Piedade. — Isso acontece toda vez que o marido dela some de noite.

— Mardito — acrescentou a cozinheira.

Enquanto debulhava o milho, Awa foi até a varanda onde estavam as gaiolas com os pássaros. Num impulso, abriu a portinhola de uma delas.

Vai, bicho! Vai embora daqui!

A portinhola da gaiola ficou aberta, mas o passarinho não saiu. Ficou apenas gritando. Para ele, a porta aberta significava apenas que seria alimentado. Aquele era todo o mundo do pássaro, tarde demais para devolvê-lo aos céus. Awa fechou a gaiola e se resignou. Era isso que acontecia quando se contentava com o que os brancos davam?

— Aconteça o que acontecer — disse Piedade — nunca diga não ao senhor da casa. Não discuta, não os deixa saber que está brava. Aceita, concorda, depois faz o que quiser quando eles virarem as costas.

— O que eu quero é ir embora daqui — respondeu Awa.

— Vai levar uma chicotada por pouca coisa, só por estar dizendo isso. Mas se é o que quer fazer, precisa aguentar uma chicotada. Às vezes o castigo dói menos que baixar a cabeça. Mas não te enganes, chega uma hora que não se aguenta mais.

— Prefiro morrer.

— Tem coisa pior que a morte neste lugar.

— Alguns conseguem escapar.

— Não sei onde ouviu isso.

— Existe. Eu sei que existe.

— O que mais se conta neste lugar são lendas. É como voltar da morte. A gente só fica acreditando que existe o outro lado, mas a gente não sabe como é.

— Minha mãe me ensinou a ouvir os mortos — disse Awa em tom desafiador.

— Cuidado, menina. Essa conversa é perigosa.

Awa teve raiva dela. Parecia que Piedade tinha se acostumado à sua gaiola. Ela escolheu o caminho mais fácil, o do medo. Será que era o tipo de mulher que se enganava com a sensação de segurança da sua prisão? Não havia nada mais humilhante do que isso. Mas Piedade não fazia parte do seu povo e elas estavam muito longe de casa. Aquela terra terminaria por enlouquecê-las e, certamente, com o tempo, elas se dobrariam.

O sol já se derramava alaranjado no horizonte e a comida borbulhava no fogo. Piedade montava os doces para a sobremesa em cima do balcão, sussurrando uma velha canção ou uma velha reza de seu povo, trançando o melado entre os dedos, quando o senhor da casa apareceu e chamou as mulheres da cozinha.

— Receberemos uma visita importante esta noite. É um homem de extrema importância, um homem de Deus, que vem em nome da Coroa. Ele não sabe que há pretos

e gentios aqui que ainda não foram batizados, por isso devem agir como cristãos. Não por mim, não porque estou mandando. Este senhor está aqui para prender pagãos.

— Sim, senhô — concordou Piedade.

Awa não compreendeu o que aquilo significava, mas ficou em silêncio porque o silêncio era sua defesa contra qualquer perigo daquela casa.

CAPÍTULO DEZOITO

Começava a entardecer e a povoação foi iluminada com grandes tochas sobre postes. A vigia era constante e amparada pela prática de eleger moços jovens que ficavam de guarda a noite inteira numa torrezinha de madeira. Os patrulheiros, como eram chamados, se sentiam orgulhosos de serem escolhidos e incentivados a delatar qualquer um que adentrasse as fronteiras.

O tempo começara a secar, mas a terra ainda estava embarrada. O eleito da noite subiu na torre com ar orgulhoso: era um garoto de não mais que quinze anos. Seus amigos fizeram troça quando ele passou. *O que um menino poderia fazer contra invasores?* pensou Vicente enquanto os observava.

Os garotos saíram para a orla do bosque, com uma garrafa de vinho nas mãos, e se acomodaram sobre um muro baixo para beber e gargalhar. Não ficaram muito tempo. Também eles tinham medo. E quando a floresta começou a produzir seus ruídos arrepiantes, os garotos logo voltaram para a segurança de suas casas.

A carroça mandada por Dom José para levá-los até a fazenda estacionou à porta da Câmara. O alcaide e o Visitador subiram e, em seguida, Vicente. Partiram, mergulhados num denso silêncio.

Poucos minutos depois estavam reunidos na sala da casa-grande. Uma jovem africana trouxe quatro canecos de barros numa bandeja de prata, contendo uma bebida amarelada. Dom Aguilar cheirou antes de colocá-la na boca e, depois de fazer uma cara estranha, tocou o líquido com a ponta da língua.

— Este é o vinho de cana que se faz por aqui?

Dom José fez que sim, orgulhoso. Chamavam de garapa. Dom Aguilar depôs o caneco no chão sem dizer nada. O fazendeiro quis saber se não lhe agradava.

— Não julgo a qualidade. Mas a beberagem é coisa do gentio bárbaro.

Então todos se sentaram à mesa. Uma outra escrava, um pouco mais velha e sem uma das mãos, veio com a comida. O cardápio foi quase todo preenchido por pescados: acarás, baiacus, dourados e garoupas trazidas da cidade.

— Reparei que não há carne de porco — disse o Visitador.

— Os peixes da Bahia são moles, mas muito saborosos — justificou Dom José.
— O senhor verá que o peixe-boi cozido com couve é gordo e saboroso como porco. Até parece porco no cheiro e no gosto. Com tanta cana a ser produzida, meu senhor, não sobra lugar para plantar nem criar muita coisa.

— Entretanto, todos na vila criam porcos.

— Mal sobra lugar para pasto. Não é prudente ter muitos animais na fazenda, pois atacam as plantações. Os porcos logo se tornam selvagens.

— Compreendo, senhor Dom José. Mas devo averiguar se este é realmente o motivo para não os haver. A prática de Moisés está espalhada até entre bons fazendeiros.

— Fique à vontade. Este é o vosso trabalho.

O Visitador provou um pouco de cada alimento, parecendo não se impressionar com nada, embora no final tenha comido razoavelmente bem. Quando o som de pratos, canecos e mastigações tomou o lugar do silêncio, ele pediu que falassem sobre os acontecimentos recentes, cuja sua experiência pudesse os ajudar a solucionar.

— Como deveis ter ouvido — disse Dom José —, uma menina caiu doente depois de se espantar com algo na mata e ficar assombrada, como que por magia. Embruxada, como se diz. Desde então não faz mais que dormir. Não é verdade, padre?

— Sim — concordou Vicente com cautela.

O Visitador tirou uma caderneta do bolso e um pedaço de carvão e pôs-se a anotar o que diziam.

— Terei a bondade de examinar a menina pela manhã — disse. — Entretanto, não podemos nos deixar seduzir pelas garras da *gentilicia supersticio*. Já vi crianças que fugiam da cruz e lhe ardiam a pele ao toque da água santa, mas ao findar da investigação não havia qualquer espírito neles. As marcas do Demônio são rigorosas.

— Confiamos em vosso julgamento — assentiu o senhor do engenho. — Mesmo se concluídes que nenhum demônio tocou na criança.

As escravas entraram novamente trazendo mais bandejas de iguarias. Dom Aguilar reparou especialmente na mais jovem, que tinha uma expressão sisuda e, em sua opinião, hostil e pouco confiável. O que mais lhe chamou a atenção foi o pingente que ela carregava ao pescoço. Vicente podia intuir o que se passava em sua cabeça.

O Visitador então olhou para seu prato. Fora servido com uma espécie de pastelão branco e farelento, que parecia cru e insosso.

— Essa iguaria os negros chamam de beiju — explicou Dom José. — É mais agradável que pão de trigo, porque a mandioca é de melhor digestão que a farinha.

— Comida de selvagem. Pelo visto confia em vossos escravos, senhor Dom José.

— Na medida do possível — respondeu o outro.

O Visitador repreendeu-o com o olhar. Disse que as pessoas daquela terra estavam muito servidas dos africanos e dos gentios em suas casas, o que era imprudente. Na lavoura, vá lá, não havia muito o que perder, a não ser o próprio investimento, quando eles se punham a escapar, mas em casa era demais arriscado. Dom José respondeu que a escrava sem a mão era excelente cozinheira, e que a mais nova sabia lidar com os escravos que voltavam do castigo, isto é, sabia tratá-los com banhos de ervas e outras coisas.

— Ah, é mesmo? Que outras coisas?

— Rezas. Cantos. Não sei o que mais. O que me importa é que funciona.

Dom Aguilar abriu sua caderneta e fez novas anotações.

— Quais são seus nomes? — perguntou.

— A mais velha chama-se Piedade, a outra não tem ainda.

— Não tem nome?

— Não. Ainda não foi batizada.

— Senhor Dom José!

— Vá perdoar-me, reverendíssimo. Prometo fazer no próximo domingo.

— No domingo de Páscoa? Impossível. O senhor quer celebrar a ressurreição de Cristo cercado de pagãos aos vossos pés?

Fez mais anotações, então deu um sorriso satisfeito e fechou a caderneta. Olhou para o senhor do engenho com cordialidade e lhe disse que, nos próximos dias, viria ao engenho rezar uma missa aos escravos. Para reforçar, afirmou que era perigoso deixá-los daquela maneira, pois muitos tinham artes com espíritos e firmavam pactos com diabos.

— Estais a sugerir que uma delas pode ser a tal bruxa? — disse Dom José.

— Ora, que bruxa? — espantou-se o comissário.

— A que enfeitiçou a menina na floresta.

Vicente deixou escapar um resmungo do outro lado da mesa. Todos olharam.

— Parece que levam mesmo a sério essa questão — comentou o jesuíta.

— Evidente — redarguiu Dom Aguilar. — Há quem professe que a crença em feiticeiras não é matéria para a doutrina cristã, mas a bula de Inocêncio doutamente revela

que a bruxaria é dos piores crimes contra a Fé. — Virou-se para os outros, como se fosse recitar a tal bula. — Muito pior do que o herege blasfemo ou sodomita é aquele que, por meio de ciência oculta, prega que seja possível transformar as criaturas de Deus em seres melhores ou piores por forças antinaturais.

Vicente sentiu vontade de contrariá-lo, mas conteve-se:

— A crença na magia não é suficiente para torná-la verdadeira.

— Está certíssimo, padre Vicente, os homens não possuem poderes mágicos apenas por acreditarem-se feiticeiros. Mas tais operações podem ser efetuadas pelos demônios, e por isso o feiticeiro é sempre servo deles e de seus pactos.

Vicente empertigou-se na cadeira. Questionou se parecia certo que demônios pudessem transformar a matéria da criação divina, e o comissário lhe respondeu que as obras divinas eram, decerto, mais verdadeiras que as operações demoníacas, porém o Direito Canônico estipulava que o mais forte sempre tem poder de influir sobre o mais fraco, de forma que o poder de Deus é superior ao do Diabo, mas o do Diabo é superior ao dos homens, e a permissão de Deus a esses poderes seguia Sua Vontade, que é justíssima, no ato de testar o livre arbítrio. Houve um breve silêncio e todos na mesa se entreolharam.

— Isso quer dizer que bruxas existem — falou Dom José.

— As Escrituras, em sua autoridade — argumentou o Visitador —, chamam as pessoas que tentam induzir outras a realizar prodígios perversos de bruxas. Há quem afirme que tais poderes não são reais, mas fantásticos. Para o Tribunal, pouco importa a eficácia. O que se observa é que tais atos tornam as pessoas infiéis a Deus e, portanto, hereges. E, como tal, devem ser julgadas.

As escravas vieram novamente, carregando bandejas com a sobremesa. Serviram uma fartura de doces vistosos.

— Senhor Dom José — disse Vicente. — Ao meu entendimento, o senhor aceitou que sua escrava nova seja batizada, e estive pensando comigo se o senhor não faria uma caridade à Igreja, que a emprestasse por um ou dois dias.

— Emprestar minha escrava?

— Para que nos ajude nas preparações da Páscoa. Há muito o que fazer e poucos braços. Em contrapartida, a menina aproveita esses dias para tomar algumas lições de catequese. Assim poderá ser batizada logo.

Os olhos de Dom Aguilar se iluminaram.

— Excelente ideia.

— Padre — respondeu Dom José com indisposição —, o que pedis é muito custoso. Sinto-me constrangido em negar-vos, mas, vede, a moça ainda nem fala.

— Outro bom motivo para deixá-la comigo — retrucou Vicente. — Quando eu a trouxer de volta, estará falando como uma lisboeta.

— E de que me serviria tais modos? — gargalhou Dom José. Mas, da ponta da mesa, o Visitador meneou a cabeça para ele em aprovação. Por fim respondeu: — Está bem. Mandarei alguém levá-la.

Mais tarde, enquanto os homens se despediam na sala, Vicente se dirigiu até a cozinha e encontrou a menina nos fundos. Ela olhou primeiro com nítido temor, depois abrandou e o encarou com curiosidade. Vicente perguntou se ela conseguia compreendê-lo e ela assentiu.

— Soube que curou um escravo — disse. — Sei que, de onde vens, sabes muito de curar uma pessoa. Quero que me ajude a curar uma menina. Podes fazer isso?

A escrava baixou a cabeça, pensativa. Largou no chão a vassoura e por fim concordou, timidamente.

— Obrigado. Virão buscar-te. — Antes de sair, ele ainda sussurrou para ela: — Não te preocupes. Não tenhas medo. Ninguém te fará mal.

Mas ela não acreditou. Não era prudente acreditar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Vicente bebera mais do que o recomendado pela etiqueta de jantares públicos. Estava exausto. Sua cabeça doía e o mundo ao redor girava quando ele e o comissário foram deixados na frente do galpão comunal do povoado, uma espécie de hospedaria com um paiol comprido e dormitórios para viajantes, onde a qualquer hora do dia se sentavam homens de todos os tipos para beber e buscar mulheres.

Dom Aguilar entrou para suas acomodações sem dizer nada e Vicente se sentou à mesa, com meia dúzia de soldados. Ali estava uma pequena reunião de homens barbados em vestes sombrias, as cabeças cobertas por chapéus escuros. Havia uma mestiça sentada sobre o colo de um deles, e ambos riam alto. A mulher abraçava seu pescoço e acariciava sua barba, o homem apalpava suas coxas.

Nas cidades por onde Vicente passou, encontrara muitos bordéis municipais, que tinham a finalidade de acalmar os ânimos dos homens. Aquela prática não era corriqueira apenas nas cidades, onde becos e ruelas os protegiam de olhos alheios. Estava também nas aldeias e povoações. As mulheres eram sempre índias ou mestiças. Nunca negras, que serviam na lavoura, nem brancas, raras na colônia.

— Onde ela está? — Vicente indagou para aqueles homens embrutecidos, a voz trêmula, a boca torta e os olhos vazios.

Por um momento, fez-se silêncio. Alguém soltou um risinho, como para ressaltar o estado ridículo de um homem vestido como urubu, segurando-se no caneco de vinho para não tombar. Todos gargalharam e viraram as costas para ele. Era só mais um bêbado buscando atenção numa noite solitária.

Vicente contornou o prédio e caminhou até o outro lado, cambaleando. Escorou uma mão numa árvore, abaixou-se, bebeu o último gole e esperou os sucos ácidos do estômago emergirem pela garganta. Não veio nada. Só a flácida sensação de que velejava num bote em alto mar.

Foi então que a viu. Estava deitada na grama, com as pernas e os braços abertos. Um homem gordo, as calças nos joelhos, movimentava-se sobre ela. Encheu-se de fúria e uma força descomunal lhe sobreveio das entranhas. Juntou do chão uma pedra e caminhou até lá. A índia, quando o viu se projetar por trás das costas do gordo, arregalou os olhos e soltou um gemido apavorado. O gordo mal teve tempo de se virar e a pedra desceu em sua nuca com o peso de um martelo. Por um rápido instante ele tonteou e desabou para lado. A índia se levantou, assustada, e saiu correndo.

Mesmo aturdido, o gordo se levantou e puxou o facão. Quando olhou para aquele homenzinho de preto com a pedra ainda ensanguentada na mão, uma gargalhada sinistra escapou pela sua boca.

— Essa é boa — ele riu. — *Vade retro*. Dá azar matar padre.

Vicente deixou a pedra cair e se pôs de joelhos, derrotado. O gordo levantou as calças e saiu, abandonando-o em sua desgraça.

Estava sozinho numa bela planície durante um temporal. Prestes a encontrar uma mulher. Era uma mulher bela, com cabelos negros e compridos que caíam até a saliência na barriga. Estava grávida. Era *sua* mulher. E o filho dentro da barriga dela era *seu*.

Ela vinha em sua direção e seu sorriso era franco. Eles se abraçaram como se estivessem há muito sem se ver. Ele se abaixou e tocou a barriga dela, encostando seus ouvidos. Ouviu o coração da mulher pulsar, depois ouviu o do bebê. *Tum-tum, tum-tum*.

Então surgiram sons aquosos, cavernosos. Sons de *entranhas*. Olhou para as suas mãos e elas estavam cobertas de sangue.

O que eu fiz? O que eu fiz?

Do meio das pernas da mulher ele viu despencar, entre líquidos amarelados, uma tripa de órgãos: intestino, cordão umbilical, placenta. Sua mulher caiu para trás, morta. Mal tocou o chão e seu corpo se deformou, apodrecido.

Entre o amontoado de sangue e carne no chão, ele viu o bebê. *Seu bebê*.

Estava vivo. Parecia uma criança saudável, com exceção de um par de olhos amarelos, de pupilas elipsoidais. Olhos completamente malignos.

Alguém o acordou com um cutucão.

— Padre — chamou uma voz. — O senhor está bem?

Vicente levantou a cabeça da mesa e viu o rosto do seu ajudante. O rapaz estava pálido, assustado.

— Cristóvão. Estavas a me procurar? A esta hora?

Olhou ao redor. Ainda se encontrava no galpão, o caneco vazio. O cheiro ácido do vômito alcançou suas narinas. Apenas um homem ainda estava de pé, conversando com uma índia de meia-idade do outro lado. Os outros dormiam sobre a mesa, como ele.

— Eu estava na torre — disse Cristóvão. — Estava lá em cima, na vigília, quando... quando vi uma coisa entre as árvores. Fiquei com medo e corri.

Vicente tentou se levantar, mas não conseguiu. As pessoas estavam comentando, sim, estavam vendo coisas na mata. Nos últimos dias, quase tudo que ouvia dos moradores era sobre movimentos de sombras perto do bosque, mesmo que fosse apenas um galho seco sob o vento. Todos sentiam que alguma coisa estava diferente, se movimentando. Se preparando para algo.

— Deixa-me adivinhar — disse, a voz ainda embargada. — Tu não saberias me descrever como que era.

— Não.

— Mas não foi por isso que vieste aqui.

— Tendes razão — sussurrou o garoto, cabisbaixo. — Foi por causa de uma moça. E também por causa de meu pai. Queria confessar-me e pedir perdão.

— O que tem teu pai?

— Prometeu-me em casamento.

— E tu não gostas da moça.

— Eu gosto, padre. Gosto muito da moça.

— A moça de quem tu gostas sabe das tuas intenções?

— Talvez.

— Está prometida a outro?

— Sim.

— É Mariana Soares?

Cristóvão confirmou.

— No entanto, está agora embruxada — disse ele. — Quero ajudá-la.

— Se pretende ajudá-la, não a envolvas nos teus sentimentos oblíquos. Ela está confusa e precisa ficar isolada. Pronto. Estás absolvido.

— Eu fui até a casa dela — insistiu o garoto. — Tentei dizer a ela o que sentia, mas não consegui. Fiquei apenas rondando, sem criar coragem.

Vicente ainda estava zozzo, mal conseguia olhar para ele.

— Prometa-me que não irá mais lá — disse.

— Padre, há algo ruim naquela casa. Atrás daqueles armários. Um quatinho esquisito. Todo escuro e pintado de preto, onde aquela família guarda coisas estranhas. Coisas que parecem ser usadas para algum tipo de cerimônia.

Vicente se lembrou dos instrumentos de mortificação que encontrara no armário, e do alçapão trancado debaixo do piso.

— Sim, já vi. Tu já entraste lá?

— Não. Apenas vi. Depois tive um sonho horrível. Um sonho em que havia homens estranhos lá dentro, matando animais e usando o sangue para algum ritual.

— Está bem. Foi apenas um sonho. Ficaste impressionado. Volta para casa, que já é muito tarde.

— Não, padre. É meu dia de ficar na guarda. Tenho que voltar para a torre.

Vicente não respondeu. Teve pena do garoto.

— Faz-me um favor, então — disse ele. — Procure naqueles livros que te dei por um símbolo como este.

Com o dedo, desenhou no chão a marca que encontrara nas costas de Mariana, o V com as pontas curvadas. Cristóvão olhou para o desenho com curiosidade.

— O que é?

— Não sei. Por isso te mandei descobrir.

Cristóvão assentiu com a cabeça, deu meia-volta e começou a caminhar em direção à noite. Vicente olhou para ele ainda e disse:

— Faremos o que estiver ao nosso alcance para salvar Mariana.

CAPÍTULO VINTE

Kunle indicou o caminho e deixou Awa na escuridão silenciosa. Ela se encostou por um instante à parede da casa de escravos, sentindo-se sozinha e amedrontada. Sabia o que acontecia a mulheres pegadas andando no meio da noite. Esgueirou-se por entre o canavial. Viu do outro lado as árvores espalhadas e as sombras noturnas que a enchiam de pavor. Teve a sensação de que algo se movimentava, mas foi apenas o vento. Ficou paralisada sob o tapete escuro das canas, tomando fôlego e coragem.

Contornou todo o amplo terreno e chegou até o bosque além das propriedades do senhor do engenho. A possibilidade de encontrar um homem branco tinha um gosto aterrador: não era de morrer que tinha medo, mas de ser capturada novamente, ter de voltar àquela vida absurda, ficar presa nela para sempre.

Avistou uma série de árvores cerradas que pareciam formar labirintos onde o luar não penetrava. No escuro ela teria mais chance. Por um breve momento achou que havia possibilidade de chegar a um caminho que levasse ao porto, e de lá se infiltrar numa embarcação. Nada parece impossível quando não se tem nada a perder.

Duas sombras atravessaram o campo. Kunle e o outro *malunga*. Sentiu-se um pouco mais aliviada. Tentaria chegar até eles e, juntos, teriam uma chance. Então ouviu latidos. Percebeu, quando já era tarde, que seria mais difícil do que imaginava. Havia uma armadilha preparada para os passarinhos fujões.

Agora deveria ir até o fim. Então correu com um choro estrangulado, mas alcançou as árvores e se embrenhou no matagal. A luz fraca só permitia ver as árvores escuras e indistintas. Conforme avançava, começou a perder a fé na própria capacidade. O latido ficou mais próximo, e ela sabia que os cães eram mais rápidos, mais precisos e mais ferozes. Cães de caça treinados para localizar fugidos.

Fechou os olhos. Sua única chance era se esconder. No entanto, sabia que os cães sentiriam seu cheiro. Ouviu o som de passos por perto.

— Kunle — sussurrou.

Os passos hesitaram. Não vieram até ela. Tornaram-se mais furtivos, como se quisessem se aproveitar da sua falha. Awa voltou a correr. Não sabia para que lado estava indo, mas os barulhos atrás a fizeram avançar em ziguezague. Sentiu que uma presença forte se aproximava pelas costas.

Alguém a alcançou e a derrubou no chão. Era um homem forte. Ela ficou paralisada, incapaz de se mexer, mesmo sentindo os joelhos dele esmagarem suas costelas. Sentiu dor, mas a dor não importava. Tentou se livrar, mas ele a puxou com força e a deixou se debatendo em seus braços, como um peixe a pouca distância da água.

O homem a virou para o chão e tapou sua boca, segurou seus braços e imobilizou seu corpo. Awa estava certa de que era o capataz, até ver que suas mãos eram negras como as dela. Relaxou o corpo e ficou quieta, esperando que ele a libertasse e dissesse que estava tudo bem, mas ele continuou a prendê-la. Disse alguma coisa na língua dos brancos, mas Awa não reconheceu sua voz.

Era um dos escravos, mas nenhum dos seus companheiros. *Traidor desgraçado.* Ele a fitou com uma expressão séria, como se pedisse para que ficasse quieta e colaborasse. Awa viu a sombra de mais alguém atrás deles.

— Preta fujona — disse Piedade. — Eu bem que te avisei.

QUARTA

CAPÍTULO VINTE E UM

Silêncio inquietante ao redor. Apenas o som de cabras nos campos e pássaros em volta da mata. Vicente despertou, ainda entorpecido pela bebida e empapado pela atmosfera dos pesadelos da noite. Lá fora começara o tilintar de ferro batendo em procissão. O sol erguia-se por detrás dos montes, esticando um manto azulado sobre as casinhas.

Colonos começavam a se reunir na igreja, ao soar dos sinos das *laudes matutinas*, acomodando-se sobre os bancos sem trocarem nenhuma palavra. Sob o olhar sufocante de Dom Aguilar Ortega, preparou-se em silêncio os arranjos da missa do Nosso Senhor dos Passos para a quarta-feira santa. Todo sombrio, o comissário pediu o espaço do púlpito para ler o édito de fé.

— Escutai, homens e mulheres desta povoação — pronunciou em tom grave. — Eu vos pergunto: qual safra vingará sem que se arranquem frutos apodrecidos? Será pecado sonhar com uma terra purificada? Foi Nosso Senhor quem escolheu falar através dos santos padres da Igreja, e nenhum herege dirá blasfêmias à porta de suas casas, e nenhum demônio arrancará crianças de seus ventres na calada da noite. É tudo que pedimos.

Rumores se formaram entre os fiéis. Cabeças balançaram em aprovação.

— Chegou-nos recentemente aos ouvidos — continuou —, não sem grande aflição, que em certas regiões da Bahia, nessas províncias e aldeias, muitas pessoas, ao negligenciarem a própria salvação, entregaram-se a temíveis pecados. Pelos seus encantamentos, malefícios e conjurações, levaram-se ao assassinato de novilhos, bezerros e leitões, ao sumiço de meninas, e têm arruinado os produtos da terra, os frutos das árvores, destruído homens, mulheres, rebanhos e pastos.

— Traga a nós a verdade! — gritou um camponês.

— Sim, sim. Acalmem-se todos vós. Tais pessoas atormentam homens e mulheres e animais, com dores lastimáveis e doenças atrozes, impedem os homens de realizarem o ato da procriação em suas mulheres, e as mulheres de conceberem, de tal forma que os

maridos não vêm a conhecer as esposas e as esposas não vêm a conhecer os maridos. Falo mentiras? Ora, acima de tudo isso, por instigação do Inimigo, não se escusam de cometer as mais sórdidas abominações, os excessos mais asquerosos. Pois não é assim?

Um estado de inquietação se impregnou na plateia. O comissário então decretou o estabelecimento da vigília inquisitorial, ressaltando que todos os delegados do Santo Ofício tinham poder inquestionável de proceder para a correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas que julgassem envolvidas nos crimes de fé. Mandou afixar à porta da Casa de Câmara o édito público que condenava as heresias, avisando à população que o notário receberia as confissões e denúncias pelas próximas horas e dias seguintes. Entre as culpas prescritas estavam: apostasia, sodomia, blasfêmia, feitiçaria, bruxaria, ritos judaicos ou maometanos, concubinatos e erros luteranos.

Aqueles que, durante o período de graça (um dia), confessassem seus pecados por conta própria, e dessem nomes de outros culpados, receberiam o monitório, que os livrava da penitência. Todos sabiam que quem não se pronunciasse nesse tempo, corria o risco de sofrer as penas mais severas, que iam desde o banimento, o degredo, a excomunhão até a pena de morte. Quem era condenado passava meses ou anos preso, até o fim do processo. Muitos morriam na cadeia, pelas más condições. Não raro, aqueles que morriam no cárcere eram inocentados tarde demais. E havia, por último, o medo da falência, já que todos os onerosos custos do processo eram cobrados do réu.

Logo uma fila de homens e mulheres se formou diante da Câmara. Dom Aguilar e Vicente aguardaram de pé no canto da sala enquanto o notário registrava tudo num livro de atas. O juiz Diogo Corrêa, sentado na mesa dos despachos, era quem atendia as pessoas, uma a uma. Os denunciantes se sentavam na funesta cadeira de espaldar, na ponta da mesa, e era possivelmente o único momento em que se sentariam numa cadeira com tal imponência. Isso lhes inspirava poder e convicção. Como as denúncias eram mantidas em sigilo, o denunciante poderia acusar qualquer pessoa de quem desconfiasse. Geralmente as denúncias eram feitas a pessoas de quem o denunciante tivesse aversão, medo ou conflitos rotineiros, e não era raro quem denunciasse a esposa, os pais, os irmãos.

Dom Aguilar Ortega esteve empenhado em uma série de discursos públicos nas horas que se seguiram. Compareceu às atividades coletivas, lanchou na casa comunal, sempre à vista de quem quisesse ver. Seu estilo era calmo e eloquente, em que não se notava nenhum sinal de ansiedade ou incerteza. Colocava-se à disposição dos moradores

para explicar-lhes os tipos de culpas, frequentemente fazendo esforço para entrar em contato com os mais simples. Apesar de rígido, tinha talento para demonstrar seu senso de justiça. O fervor com qual as pessoas reagiram era uma decorrência de seus desesperos. Por duas vezes, uma pequena multidão se reuniu para ouvi-lo falar diante da praça.

Mais de quinze pessoas já tinham comparecido à Câmara naquela manhã. A fila só diminuiu perto do meio-dia. Três mulheres, que batiam boca umas com as outras, aguardavam na frente do prédio. Um guarda se aproximou e elas se calaram. Marta Soares foi a última a aparecer. De cabeça baixa, carregava nas mãos uma rosa murcha.

Vicente saiu para arejar. Estava havendo uma grande devassa, e ele sabia que por onde a Inquisição estendia seus braços, as pessoas simples eram arrastadas pelo medo e pelo furor. Dom Aguilar veio lhe fazer companhia do lado de fora, pondo-se a comer uma goiaba e reclamar da falta de variedades de alimentos. Vicente explicou que a gente dali andava a dizer que a terra tinha sido amaldiçoada, por isso não plantavam desde o ano anterior. Dom Aguilar soltou uma risadinha.

— Que asneira.

Vicente olhou para ele com inquietação.

— Meu senhor, perdoe minha intromissão. Penso que se seguirdes o regimento à risca, metade dessa gente vai ser degredada e acabar nas execuções públicas.

O velho manteve-se impassível. Disse que ele podia guardar sua complacência para a missa, e que era de importantíssimo valor observar a lei com rigorosidade, para que se pudesse fazer a justiça. Era duro e grosseiro, mas acreditava piamente no que dizia. Isso certamente o tornava ainda mais perigoso.

— A lei não é a justiça — insistiu Vicente. — A lei é um instrumento para se chegar a ela. Nesta terra, meu senhor, parece um instrumento feito para atrapalhá-la.

— Padre Vicente, não se poderia crer que estudastes Direito em Coimbra.

— Perdoe-me, Excelência, mas é justamente porque o estudei que digo desta forma. O Direito é uma visão filosófica que...

— O Direito é a práxis e a ortodoxia — interrompeu Dom Aguilar.

— Mas o mediador não deve usar o bom senso acima de tudo?

— Padre — disse ele com inclinação ao mesmo tempo irônica e professoral —, nossa função não é fazer justiça. Quem o fará será a corte secular nas instâncias superiores do reino. Nosso trabalho aqui é apenas ajuntar suspeitos e os levar a julgamento. Se forem inocentes ou não, a nós não cabe dizer.

— Pois parece-me que o que importa é sair daqui com uma dúzia qualquer de condenados, para mostrar a El-Rei que o Santo Ofício está a fazer bem seu trabalho, vigiando as consciências e as punindo com severidade.

O comissário concordou. A ordem não podia ser mantida com mãos fracas. Depois jogou o resto da goiaba aos pés de Vicente e voltou para dentro.

O juiz não queria ouvir o depoimento de Marta Soares, já que ela estava envolvida na investigação da própria filha. Dom Aguilar veio resolver a situação e disse que escutaria a denúncia da mulher.

— Denuncio duas mulheres — declarou Marta. — Que vivem numa mesma casa.

— Mãe e filha? — Dom Aguilar questionou.

— Elas não são parentes.

— Duas mulheres avulsas vivendo juntas? — espantou-se o comissário.

Marta se aproximou da mesa. Pela janela se insinuava uma luz poeirenta. Explicou que uma era velha parteira e que a agregada era viúva e não tinha filhos. A velha era mãe de seu marido, chamava-se Maria Bernardina. A outra chamava-se Ana Pereira.

— Sempre desconfiei de minha sogra, senhor — disse. — Fazia truques com bebês. Usava pimentas e ervas. Coisas estranhas.

— Que truques?

— Truques para o bebê soluçar e se acalmar. Coisas de parteira.

— A senhora falou em ervas.

— Usava todo tipo de coisa para fazer remédios. Usava-os nos bebês, fazia rezas. Todos na vila iam à sua casa para que fizesse quebrantos e tirasse maus-olhados. Mas eu nunca me meti nessas coisas. Nunca deixei que tocasse nos meus filhos. Ela botava pimenta nas crianças para sugar energias.

— Ora, o que é isso! Energias!

— Sim. Já ouvi falar em feiticeiras que chupam a alma das crianças. Dizia que estava só usando a natureza.

— Amar a natureza é idolatria — afirmou o comissário.

— Pois foi o que eu disse a meu marido.

— Quando?

— Quando o quê?

— Quando disse isso ao seu marido?

— Quando quis que fôssemos ver sua mãe, porque não conseguíamos ter um filho.

— Um filho homem?

— Isso.

— E conseguiram?

— Tivemos Joaquim.

— Então foram à casa dessa senhora receber suas feitiçarias?

— Não, vossa excelência! Somos bons cristãos!

— Como são bons cristãos, se vosso marido queria ter com a feiticeira?

— Mas eu não o deixei!

— Então só a senhora é boa cristã.

— Mas ele não foi.

— Mas quis. A intenção basta. Já é heresia querer.

Marta se jogou sobre a mesa, aos prantos, gritando que não fizera por mal. Disse que estava desesperada, pois dera à luz três crianças que não chegara a batizar.

— Morreram?

— Todos eles! E agora estão no inferno essas pobres alminhas! Eu não podia crer que Nosso Senhor queria uma tristeza tão grande para nós! Agora diga a mim se isso não é o Demônio agindo a mando de alguém?

— É preciso averiguar — disse o comissário. — O Demônio deixa marcas concretas. Se a senhora for o instrumento que Deus pôs em nossas mãos, dona Marta, para descobrirmos os agentes do Demônio, que vossa boca seja santa, pois precisamos limpar este lugar do mal. Fala abertamente o que fazem essas mulheres.

— Fazem adivinhações! Dizem que vai chover apenas olhando os pássaros.

— A prática de adivinhar é frequentemente associada ao Diabo pelo Cânon. Tentar ir além das potencialidades humanas que Deus nos permitiu é pecado grave.

— Certa vez, meu marido comentou que havíamos sido roubados, e a mãe olhou para uma bacia de água e ali leu a sorte, dizendo que víssemos se o negro de ganho que trabalhava para nós não tinha por acaso fugido. E assim se fez: o negro tinha fugido, e tivemos certeza que era o negro o autor do furto.

Dom Aguilar anotou tudo. Pediu para que ela falasse da outra mulher. Marta tinha certeza de que Ana Pereira fazia bruxedos, afirmou que uma criança certa vez sangrou depois de passar por ela. Noutra vez, a própria Marta acordara de noite com ruídos, como se tivesse alguém dentro da casa, e enxergou a dita Ana de pé contra a parede, a observando no escuro. Quando Marta se levantou, a mulher imediatamente desapareceu,

pois era apenas a alma que tinha saído do seu corpo e voado até ali para vigiá-la. Quando ainda era casada, Ana ajudava nos partos, mas depois perdeu a propriedade do marido por não pagar as dívidas. Era uma cristã-nova.

— Convertida? — quis saber o comissário, anotando em seu livro.

— Sim. Todos na vila nos perguntamos por que não teve filhos. Ela não é estéril, pois uma vez engravidou, mas perdeu o bebê. Depois que ela chegou, meu senhor, muitas mulheres perderam os bebês, porque ela punha feitiço em todas. O que acontece nessa povoação não é natural. Ela e aquela velha têm pacto com o Diabo. E quem mais além do Diabo tiraria nossas crianças senão para serem sacrificada nos seus rituais diabólicos?

A esta altura, Marta estava de pé, muito transtornada. Um dos guardas a pegou pelos ombros para que se acalmasse.

— Tudo o que a senhora disse foi escrito e será averiguado — explicou Dom Aguilar com tranquilidade. — Em breve poderá ser chamada para falar novamente.

A mulher saiu, muito nervosa. A porta da Câmara foi fechada e o comissário, com a ajuda dos guardas, recolheu os documentos da mesa numa pasta. Avisou que os levaria até o quarto do arquivo para que continuassem à tarde.

— Por hoje está bom — exclamou satisfeito.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Piedade trouxe um prato com restos de comida e deixou aos pés de Awa. Mesmo faminta, a menina chutou o prato para longe. *Comida de branco*. Trouxeram Kunle desacordado sobre o cavalo do capataz, como um saco de batatas ensanguentado, imundo, arranhado e mordido. Na porta da casa de escravos, o capataz ordenou:

— Tragam a curandeira.

Em seguida surgiu Dom José, assustado e furioso. Descobriu Awa com os olhos e fez um aceno para que viesse acudi-lo. O capataz deitou Kunle na rede e outro escravo virou-o com rispidez, de costas para cima, onde os ferimentos pulsavam em carne viva. Kunle emitia apenas gemidos. Abriu os olhos, mas não parecia olhar em direção nenhuma. Awa se inclinou sobre ele com os olhos marejados e pediu que trouxessem sal.

— Salve o negro e serás recompensada — disse Dom José a ela.

Piedade veio com uma bacia de salmoura. Em alguns pontos, o tecido da roupa de Kunle já havia colado na pele e Piedade teve que rasgá-la com as mãos. O capataz emprestou seu facão para que ela abrisse o restante.

— Médico — disse Awa na língua dos brancos.

— Não tem médico pra preto — disse o capataz, e foi embora.

Awa molhou um pano limpo na salmoura e esticou sobre as costas do *malungo*. Kunle guinchou de dor. O olhar de Piedade questionava se aquilo era mesmo necessário.

— Machuca — respondeu Awa —, mas vai sarar.

Só então ela percebeu que uma orelha de Kunle fora decepada. O sangue em toda a lateral da cabeça estava encrostado e enegrecido. Pelo resto da vida ele estava marcado como preto fujão. Sua liberdade nunca mais viria por meio da lei.

— Ele lutou — disse Piedade, examinando as marcas pelo corpo.

Awa fez o melhor que pôde, tentando lesá-lo o menos possível, limpando e enfaixando suas feridas. Quando ele adormeceu, Piedade deu as costas.

— Por que eu? — Awa perguntou antes que ela fosse embora.

A mandinka se deteve e ficou parada diante da tênue luz da janelinha, mas sem se virar. Awa repetiu a pergunta:

— Por que escolheram me salvar, e não ele?

— Tu ainda tens chance — ela disse em tom sóbrio.

Kunle foi coberto por infusões de ervas e enrolado em largas folhas de bananeira. Seus ferimentos logo iriam infeccionar se não fossem limpos da maneira correta. Awa não podia fazer mais que esperar a febre baixar e as lesões cicatrizarem, enquanto isso sua cabeça se enchia de vingança. Desejava a morte do capataz e do senhor do engenho. Depois recriminou-se: deveria guardar suas forças para o momento de fugir. Cada pensamento de raiva que assombrava seu coração também sugava partes de sua alma.

A voz de seus ancestrais sussurrou em seus ouvidos: *não seja tola, menina, tu não compreendes o mundo dos brancos*. Ainda acreditava na compaixão e na tolerância deles, mas eles nunca a deixariam escapar dali, viva ou morta. *Se os servires com teu sangue e tua carne, e o leite dos teus seios, como fazem as vacas e as cabras deles, então eles te deixarão em paz*. A voz dos ancestrais era implacável. *Mas se tentares partir, eles te quebrarão ao meio, te deixarão andar sem vida no corpo pelo resto dos teus dias. Eles nunca permitirão que escapes do seu poder, pois seu poder é infinito*.

De tempos em tempos, Kunle despertava e tinha alucinações. As palavras tentavam sair da boca dele com dificuldade:

— Vários... capuz na cabeça... aves negras. Peles de animais... nas paredes.

Awa levou um dedo aos seus lábios, a fim de que não fizesse esforço. Mas ele sentia grande ânsia de dizer:

— Quarto todo escuro... Arrancaram minha... alma.

Então a dor o consumiu e ele não teve mais forças. Awa o deitou com suavidade na rede e o cobriu com um pano velho. Suas mãos tremiam de medo e cólera.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Dom Aguilar ofereceu a Nuno Soares um sorriso acolhedor. Na companhia de Vicente, tinha ido para ver a menina. Alegou ter alguma formação médica e experiência em identificar falsas possessões e bruxedos. Afirmou já ter realizado inúmeros exorcismos, e muitos casos se tratavam apenas de coisas da cabeça. No entanto, também já tinha enfrentado o Demônio algumas vezes, sabia identificar quando ele estava de verdade no corpo de um bom cristão, e os meios para fazê-lo deixar o enfermo em paz.

Nuno ficou impressionado. Convidou-os a se sentarem e serviu uma caneca de aguardente. O visitante bebeu um gole generoso e fez cara de satisfação.

— Se este é o vinho produzido aqui, homem, é de mui boa qualidade.

Vicente se prostrou de pé num canto. Dom Aguilar, antes de examinar Mariana, disse que precisava fazer umas perguntas. Não se importou de que a menina os escutasse. Nuno percebeu que essa era sua intenção.

— Senhor Soares, o senhor sabe o que vim fazer nesta terra?

— Procurar hereges.

— Sim, procurar hereges. O senhor sabe qual a importância disto?

Nuno pensou um pouco.

— Creio que seja para evitar que prejudiquem as pessoas boas.

O inquisidor sorriu. Concordou perfeitamente com a proposição, acrescentando que, mais do que prejudicar, os hereges verdadeiramente *envenenavam* os homens bons, como a serpente envenenou a mulher, e a mulher envenenou o homem, levando-o a ser expulso do Paraíso. Os hereges eram poucos e muito pequenos no princípio, alegou, mas, como um vermezinho num vinhedo, podiam acabar estragando uma safra inteira. Nuno sentiu-se impelido a servir mais um caneco.

— Portanto, senhor Soares — continuou o comissário —, a Santa Igreja Católica prega por seu rebanho, e não o quer contaminado pela mancha da heresia, pois afasta os homens bons de Deus. Agora, de que forma isso é possível, o senhor deve estar se

perguntando, e eu vos respondo. É preciso retirar o fruto podre do cesto, eliminar a praga da lavoura. O senhor, como o Bom Semeador, sabe bem que este é o meio certo. Então diga-me, sabeis por que vim a vossa casa?

— Por causa de minha filha, senhor.

— E por que pensais que seja interesse do Santo Ofício examinar vossa filha?

— Andam a dizer que ela está embruxada.

— O senhor então concorda?

— Que ela está embruxada?

— Oh, não. Esta afirmação só caberia a um especialista. Digo se o senhor concorda com o que andam a dizer a respeito de vossa filha.

— Sim.

— E que se acredita que possa ser obra de bruxedo?

— Sim.

— De forma que é bastante provável que quem lhe tenha feito o malefício seja alguém com quem vossa filha tivesse contato nos últimos dias?

— Talvez.

— E que essa pessoa seja alguém do povoado.

— Sim.

— O que preciso do senhor, agora, é muito simples. — Estendeu sobre a mesa sua caderneta de anotações. — Basta que escrevais nesta folha o nome de pessoas que o senhor pensa que poderiam ter feito isso com vossa filha.

Nuno encarou o papel com visível pânico. Dom Aguilar recolheu a caderneta e soltou um leve suspiro.

— Entendi, senhor Soares — disse ele. — O senhor não sabe escrever? Perdoe-me por este constrangimento. Neste caso, receio que o senhor terá que me dizer o nome das pessoas. A menos que possa apontá-las em silêncio.

Nuno ficou sem saber o que dizer e por fim se desculpou:

— Não sei quem poderia ter sido.

O comissário deu a entender que tomaria nota.

— Bem. Neste caso, precisarei que o senhor me relate, um a um, os nomes de quem vossa filha teve contato nas últimas semanas.

— Achei que o senhor iria examiná-la.

— Ah, sim. Eu irei. Mas antes, é dever nos cercarmos de todos os subsídios. Não vos preocupais, são apenas nomes. Tenho que voltar para a Câmara com alguma coisa

com a qual começar. Lembrai-vos de que qualquer testemunho dado a um inquisidor está assegurado pelo anonimato. Ninguém saberá o que o senhor me disse entre estas paredes.

— Bem — Nuno começou a falar. — A menina ajuda a mãe nas tarefas, não sai nunca de casa. O senhor sabe, não é correto uma menina sair de casa.

— O senhor está muito certo. Mas deve haver algum momento em que ela tenha saído. Talvez para a missa, ou para algum festejo.

— Mariana vai à missa apenas em nossa companhia. Mas recentemente ela foi atacada na floresta, como o senhor deve saber.

O comissário endireitou os ombros e esticou o pescoço.

— Bem, conte-me como foi que isso aconteceu.

— Mariana foi com o irmão ao córrego lavar roupas...

— Só eles dois?

— Sim.

— A menina e o menino?

— Ela e o irmão — repetiu Nuno.

— Muito bem. Continue.

Nuno pareceu estar alarmado. Contou como Joaquim havia retornado naquela noite, sem a irmã, que não havia qualquer sinal dela próximo ao córrego e que entraram na mata cerrada e a encontraram quase desfalecida perto de uma árvore, já pela manhã.

— Ah, é mesmo? E o que havia nessa árvore? — perguntou Dom Aguilar.

— Havia um culto ao Demônio.

— Um culto ao Demônio?

— Sim.

— Como era?

— Um animal morto, preso sobre galhos. Ossos, raízes e pilhas de pedra.

— Ora — concluiu o comissário. — A mim parece um caso legítimo de pacto demoníaco. — Soltou um suspiro aliviado: — Agora podemos examiná-la.

Nuno Soares ficou de pé diante da filha, como se tivesse medo de se aproximar mais. Vicente parou ao lado dele com a mesma sensação. Dom Aguilar, por sua vez, se ajoelhou e segurou Mariana pelos ombros, mas ela apenas deixou-se cair sobre as mãos dele, ainda com os olhos perdidos na parede.

— Menina, estás a me ouvir? — sussurrou o visitador. Pôs sua mão sobre a testa dela. — Credes vós no Senhor Nosso Deus?

Com a palma, cobriu todo o rosto de Mariana. Ela reagiu virando a cabeça para o lado com rispidez.

— Vede? — disse Dom Aguilar. — Não tolera ouvir o nome santo.

Mariana fitou o crucifixo na parede. Dom Aguilar virou os olhos para o mesmo ponto e sentiu-se desafiado. Tirou do bolso um rosário e enrolou nas mãos dela.

— Quem te fez este mal, minha filha? Diga-nos o nome.

Entrando inesperadamente em casa, Marta Soares correu até a filha e se colocou entre ela e o visitador.

— Olhai, meu senhor — disse. — Não lhe faz mal a cruz.

Dom Aguilar assumiu um semblante pensativo e fez com que a mulher se afastasse. Começou a tocar nas partes do corpo da menina: atrás das orelhas, nos tornozelos, em cima dos ombros, procurando marcas específicas. Chegou a levantar seu vestido e a baixar o decote, expondo parte dos seus seios. O pai se virou contra a parede e fechou os olhos. O visitador por fim encontrou a marca em sua omoplata.

— Ah, bem — suspirou. — Aí está a tal marca. Já sei que se trata de um símbolo dos ditos astrólogos, um tipo de mago. É magia em geral usada por homens instruídos, mas é magia. Não importa quem a pratica, se o camponês seduzido pelo Demônio ou o fidalgo pela soberba, mexer com adivinhação e previsão é contra a lei de Deus.

— Então é uma marca de bruxa? — quis saber Nuno.

— Não — respondeu Dom Aguilar com severidade. — De bruxa, não. Mas de magia, sim. Uma marca profana, sem dúvida.

— Então não há nada de errado com nossa filha? — perguntou Marta.

— Acautelem-se — repreendeu o visitador. — Não há provas de que não esteja possuída por algum demônio, a mando de uma feiticeira. — Fez uma pausa pensativa. — Diga-me, senhor Soares, há escravos na casa?

— Não. Somos apenas nós quatro.

— Mariana tem contato com algum negro ou gentio da terra?

— Não.

— Tem algum objeto estranho que foi dado por alguém?

A essa pergunta, Marta voltou a se intrometer.

— Senhor! Ela tem uma rosa vermelha, que a avó lhe deu. Desde que a maldita flor apareceu, Mariana está se comportando desse jeito.

— Ah! Pois a traga para cá.

Marta entregou a flor nas mãos de Dom Aguilar. A rosa já estava enegrecida e quase sem pétalas, seca e murcha.

— Reconhece isto, Mariana? — disse o visitador, apontando a flor para ela.

Marina olhou e fez uma careta. Um rosnado parecia ter saído de sua garganta.

— Ah! Vejam — exclamou Dom Aguilar. — Asseguro-vos que o Demônio se apodera da alma através da tentação. O possuído perde temporariamente suas faculdades, e o Diabo age dentro e através do corpo. Confirmai a nós, senhor Soares, que pessoa dera o objeto a ela?

— A avó — admitiu Nuno.

— A *velha* deu a rosa a Mariana! — gritou a mãe. — Está enfeitiçada!

— Cala-te, Marta! — esbravejou Nuno.

O visitador se eriçou. Mesmo indignado, foi quase como se sorrisse. Após breve silêncio, um cheiro ruim invadiu o quarto. Marta levou a mão ao nariz, horrorizada. Mariana abriu a boca como um animal e soltou um guincho apavorante, tremendo e se contorcendo sobre o leito. Palavras entrecortadas se seguiram a gemidos e gesticulações desordenadas. Debatia-se com violência e por fim esticou os braços à frente e apontou para um canto escuro do quarto.

— Está ali! Está parada ali na frente!

Todos olham para onde ela apontava, mas só havia sombras.

— Quem, Mariana? — Vicente perguntou.

— A mulher de preto!

Quando Dom Aguilar escutou essas palavras, parecia quase sentir prazer, e jogou-se para segurar os braços da menina. Mariana o agarrou pelo pulso e o obrigou a soltá-la. A mãe tentou interferir, mas, quando foi abraçá-la, ela esperneou e mordeu sua mão. Um lastro de sangue sujou a cama. Urros terríveis emergiram daquela confusão.

— Está em cima de mim! — Mariana berrou.

— Tragam um pano! — ordenou Dom Aguilar, e se pôs a rezar o pai-nosso.

Marta foi buscar uma toalha e o pai começou a rezar também. Vicente tentou se aproximar da cama e acalmá-la, mas Mariana se enfureceu, foi tomada por espasmos e contorceu mais uma vez todo o corpo, erguendo o ventre e curvando a cabeça para trás.

— Mariana, o que há contigo? — Vicente falou, enquanto tentava alcançar sua testa com as mãos. Ela ardia em febre.

— *Nethqadash shehmakh* — ela recitou num som gutural, os olhos virados e o pescoço entortando para o lado.

— O Demônio fala pela boca dela! — gritou Dom Aguilar, e estendeu o rosário diante dos olhos da menina.

Mariana continuou a contorcer o corpo e produzir ruídos abissais. Do canto de sua boca saiu uma baba branca e espessa. A mãe voltou com um balde de água e um vento forte soprou pela janela. Todos se encheram de pavor. Quando o visitante olhou para a parede, seus olhos se arregalaram. O crucifixo na parede estava pendurado apenas pela parte de baixo, virado ao contrário.

— O Demônio está neste quarto! — gritou.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

De pé na frente de casa, olhando para a franja escura das árvores, Joaquim Soares percebeu que a floresta não parecia mais um terrível presságio. Ele já não tinha mais a sensação de que alguma coisa o observava, espreitando sua família. Tudo permanecia quieto agora, os grilos e os sapos empenhados em sua sinfonia.

Poucos conseguiam resistir ao chamado da floresta. Em seus corações — nas profundezas de suas próprias sombras — pulsavam os desejos que aquelas pessoas queriam esconder. A floresta tinha uma voz doce e musical, uma voz que atraía os homens como o canto das sereias, que atravessava embarcações e levava marujos ao fundo do mar. Uma voz que chamava para vontades inconfessáveis.

Apenas recolhendo o feno, perto do curral, no início ele não percebeu o quanto tinha se afastado. Tarde nublada e luz pálida atrás das montanhas. Logo seria preciso atear o fogo para espantar os animais selvagens. Pensou que seu pai se orgulharia se tivesse feito uma tarefa que não era dele: acender as tochas no limiar da mata. Foi assim que Joaquim atendeu ao chamado da floresta.

Existem muitas coisas morando dentro daquela mata, disse a avó Maria Bernardina certa vez. As árvores não gostavam de visitantes. Elas é que os vigiavam. Joaquim nunca tinha visto nada daquilo, mas algo deixava trilhas por lá. As pegadas não pareciam de homens nem de mulheres. A floresta chamava para dentro.

Parou próximo ao primeiro poste, largou os gravetos no chão, como se fosse se desfazer de tudo que lhe ensinaram. Atiçou o acendedor com a pederneira. Ficou de pé diante da tocha por alguns minutos, recriminando-se pela luxúria de ver o fogo crepitar. Já era tarde demais para voltar para casa.

Alguns minutos depois ele entrou na mata. Alguma coisa dentro de si dizia que era para estar ali, que era para testemunhar o movimento oculto do universo, embora não pudesse formular o pensamento nesses termos. Ele tinha que estar ali e *ver*.

Os galhos dos jatobás se dobravam ao vento, parecendo um emaranhado de ossos esbranquiçados, velhas entranhas de um esqueleto colossal. No meio das árvores era escuro, mas dali surgiu uma sombra, cruzando o ar feito uma flecha. Um grasnado agudo e arrepiante chegou aos seus ouvidos. Num piscar de olhos, algo tombou no chão, rápido e seco como um fruto podre caindo do galho, como um corpo estranho sendo expelido pela natureza. Em vez de fruto, era um pássaro grande, de penas escuras, debatendo-se.

Joaquim se abaixou e observou a gralha estrebuchar suas garras. Sem tirar os olhos, bateu em volta à procura de alguns gravetos, jogando-os por cima do pássaro e depois o cobrindo com grama seca. Tirou do bolso pederneira. A gralha pareceu encará-lo com seus globos negros, como se outra coisa enxergasse através de seus olhos.

— O Senhor te purifica — disse Joaquim, e ateou fogo.

A chama se ergueu e começou a corroer as penas até tomar o animal por completo. De joelhos, Joaquim observou impassível sua carne se consumir.

Como que enfeitado, caminhou em direção à mata. O vento suspirava nos galhos. De forma quase tênue, ele podia ouvir uma batida ritmada ao longe.

Tuc, tuc, tuc, tuc.

Andou entre as árvores escuras. Tinha apenas a sensação de que era observado. Parou para limpar a lama dos calçados, depois deu um passo para trás, quase tropeçando na vegetação rasteira. *O que é aquilo?* Com uma espécie de grito abafado, recuou. Apanhou às pressas sua pederneira e começou a se afastar. Foi levado por um estranho impulso de parar e olhar para trás. Viu os galhos de um arbusto balançarem. Quem quer que fosse, esperava-o lá. Através dos troncos ocos vinha o chamado. Ele fora convocado.

Viu a monstruosa figura negra fitando-o de trás das árvores. Coberta com um manto negro, a cabeça como a de um animal, com longos chifres.

Restava apenas terminar o que tinha vindo fazer: entregar-se.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Vicente e Dom Aguilar voltaram para o povoado sem dizer palavra, digerindo aquilo que tinham presenciado. Mesmo comovido, Vicente tentou interpelar em nome de Ana e Maria Bernardina. Argumentou que os camponeses estavam sob o jugo da superstição, e que o que aconteceu com Mariana não tinha nenhuma relação com o que faziam as duas mulheres naquela casa. Dom Aguilar o interrompeu, como se dissesse que já sabia disso, e lançou um olhar inquisitivo.

— Há quanto tempo o senhor professa a fé, padre Vicente?

Não deixou escapar nenhuma emoção ao perguntar. Vicente respondeu que tinha se ordenado havia mais de dez anos, no convento de Santo Antão, em Lisboa, após concluir os três anos de Filosofia e Teologia obrigatórios em Coimbra.

Dom Aguilar não se satisfez, perguntou o que ele fazia antes. Vicente sentiu um arrepio. Sabia que ele estava cavoucando seu passado. Para o Santo Ofício, a limpeza de sangue era o principal fator na escolha dos familiares, título que denotava os oficiais leigos que prestavam serviço ou ajuda para a máquina inquisitorial, atuando como fiscais, olheiros, procuradores, meirinhos etc. Ser um familiar trazia grande prestígio às famílias. Aqueles que fossem condecorados com o título recebiam ao final do processo uma medalha que se prendia na roupa. Os familiares espalhavam-se por diversos cantos da colônia e eram tão temidos quanto os próprios inquisidores.

Para ser um familiar, entretanto, havia uma longa qualificação. Os candidatos deviam comprovar pureza de sangue com relação à “raça infecta”, isto é, não deveriam ter nenhuma nódoa de sangue judeu, mouro, mulato, índio ou negro. Também não podiam ter suspeita de conduta moral desviante, possuir concubinas, filhos não reconhecidos ou rumores de perversões sexuais. Faziam-se então diligências exaustivas sobre o sangue e a conduta do concorrente, mas também de sua esposa, pais e avós.

— Meu passado é limpo, Vossa Excelência — disse Vicente, com leve insolência. — Mas a investigação não carecerá, pois não tenho intuito de me tornar um braço da vossa Inquisição. Só estou aqui a aguardar a chegada do novo pároco.

Ao adentrarem a Câmara, Vicente examinou a pilha de livros que Dom Aguilar depositara sobre a mesa dos despachos. Um exemplar em latim do *Directorium Inquisitorum*, de Nicolau Eimerich, um *Malleus Maleficarum*, de Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, um *De la demonomanie des sorciers*, de Jean Bodin, e um *Disquisitionum Magicarum*, de Martín del Rio. Todos manuais para identificar feiticeiras e seus malefícios.

Dom Aguilar avisou que havia livros proibidos na pilha, e Vicente, desculpando-se, justificou que sua curiosidade intelectual não podia lhe impedir de folheá-los.

— Não é meu intuito impedir vossa curiosidade intelectual, padre. Mas é meu dever lhe avisar que até mesmo o senhor pode acabar na mesa das denúncias se for infectado por tais conteúdos. Lidar com as artes do Demônio exige experiência e perícia.

Vicente ignorou o alerta e abriu o livro de Bodin sobre o que chamava de demonomania das feiticeiras. Começou folheando a esmo, analisando as litogravuras que mostravam imagens medonhas de demônios e bruxas. Encontrou marcações em trechos sobre pactos demoníacos, reuniões na floresta, sacrifícios de animais, adivinhações, assassinatos de crianças e invocações de temporais para prejudicar colheitas.

Um sentimento ruim o oprimiu. Se havia alguém em perigo, pensou, era Ana Pereira e Maria Bernardina Soares. Era preciso resolver o enigma de Mariana antes que a viúva e a velha servissem de consolo para as mãos sedentas dos clérigos portugueses.

Quando já era noite, e Vicente se preparava para voltar ao outeiro, alguém desceu da torre de vigia e tocou sete badaladas na sineta da praça. O alarme era tocado sempre que alguma emergência rompesse a calma, como a precipitação de algum incêndio ou a invasão de alguma fera, índios ou saqueadores. Uma pequena aglomeração se formou no terreiro. Vicente e Dom Aguilar passaram pela multidão que já se ajuntava e encontraram Nuno Soares diante do sino, amparado pelo juiz Corrêa e com uma expressão aturdida. Seu rosto tinha um tom leitoso, pálido, os lábios arroxeados.

— Joaquim sumiu — disse. — Tenho certeza de que agora levaram meu menino.

Vicente segurou os ombros de Nuno e o levou para dentro da Câmara. Dom Aguilar e o juiz colocaram o homem numa cadeira e mandaram trazer água fresca.

— Quando? — Vicente perguntou.

— Desde a manhã não o vejo — respondeu o pai. — Achei que tivesse passado a noite na casa do doutor Corrêa, mas quando ele mandou seu negro procurar o menino, meu coração se apertou na hora. Uma coisa aqui dentro me diz que ele foi levado.

Vicente olhou para o juiz e este confirmou com a cabeça.

— Muito bem — disse Dom Aguilar. — Mandarei um guarda ir atrás dele. Agora peço a todos que se recolham para suas casas e não criem mais confusão.

A multidão começou a se dissipar e o alcaide Rodrigo Guerra se ofereceu para sair com Nuno em busca do filho. Vicente se dispôs a esperar ali, caso chegasse alguma notícia. Dom Aguilar se recolheu para seus aposentos e a praça voltou a ficar silenciosa, apenas com os cricris esparsos dos grilos.

Vicente cochilava sobre a cadeira na varanda da Câmara. Algumas horas se passaram e nenhuma notícia sobre Joaquim havia chegado. Poucas estrelas brilhavam no céu, apesar da lua intensa. Insetos enormes vojavam em torno do lampião pendurado na pilastra da entrada. A luz do lampião tremulou de repente. Vicente demorou a perceber que havia algo diferente, pois tinha os olhos meio abertos e meio fechados. Quando se deu por conta, ergueu-se num salto. *Tem alguém aí.*

Num lampejo, enxergou um vulto parado a dois metros diante dele, no escuro da noite. Tênuo barulho de passos em algum lugar nas árvores atrás do prédio.

— Quem vem aí? — perguntou.

Os passos cessaram. Ouvia-se apenas o leve som de uma respiração.

Tomado por uma ousadia irracional, Vicente se levantou e correu no escuro, na direção do invasor, e jogou suas mãos contra ele. Não era alto, mas tinha sua boa envergadura, e agarrou o vulto pela roupa, empurrando-o contra a parede do prédio.

— Padre! Sou eu! — disse uma voz de mulher.

Através da pálida iluminação, Vicente identificou Ana Pereira, que agora descobria o rosto de um manto escuro.

— Pelo amor de Deus, dona! O fazes aí parada?

— Vim contar o que queríeis saber — ela disse. — Ainda que seja tarde.

Vicente suspirou e fez um sinal para que ela o acompanhasse até um lugar mais discreto. Pararam debaixo da sacada, onde o luar não os alcançava.

— Fala.

— O antigo padre — ela sussurrou — ele não morreu, mataram-no.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Awa Ndongo abriu os olhos sem saber se estava acordada ou sonhando. A escuridão da casa de escravos era absoluta. Ouviu tilintares de ferro, como se alguém arrastasse correntes. No entanto, todos estavam dormindo. Não havia uma única entrada de ar por ali. O barracão era todo fechado, sufocante.

Alguém se movimentava do lado de fora. Ela podia ouvir seus ruídos. A porta da casa de escravos se abriu de repente, com um clangor tenebroso, e o resíduo do luar iluminou parcamente. Awa se levantou, como se fosse carregada por uma força, e saiu.

Lá fora, ouviu um som ritmado ao longe: *tum, tum, tum*. Viu a figura grotesca parada de pé próximo das árvores. Parecia um enorme búfalo, coberto de pelos escuros. A coisa, no entanto, não a viu. Simplesmente entrou para dentro do canavial e desapareceu. *Os espíritos estão tentando se comunicar.*

Um facho de luar iluminava o caminho até o celeiro da casa-grande. Awa se esgueirou até lá em seus passos leves e ligeiros, como muitas vezes se esgueirou nas esquinas do vilarejo onde nascera, às margens do rio Kwango, brincando de se esconder dos seus irmãos. Foi numa dessas brincadeiras que viu Kunle pela primeira vez, já grande e forte e de sorriso brilhante, saindo ao lado do pai e dos tios para caçar. Agora ele estava deitado em seu leito, e seu espírito estava prestes a deixar o corpo.

Kunle piorara na última noite. A febre aumentou e as infecções esbranquiçaram, a pele ao redor das feridas arroxou-se. Ele gemia em seu sono inquieto. Piedade avisou que ele iria morrer, tentou consolar Awa de que assim era melhor. *Não*, ela pensou. Não até que tudo tenha sido feito.

Awa se enfiou por entre os animais do celeiro. Puxou um cabrito pelo pescoço e o amarrou com uma corda. Ele a seguiu em silêncio, como se encoberto por um véu de

obediência. Ela ouviu estranhos barulhos no fundo da casa-grande, e um arrepio desceu por sua espinha. O que acontecia lá, atrás daquelas paredes, quando caía a noite?

Levou o cabrito até a orla do bosque, atrás da casa dos escravos. Tirou toda a sua roupa, entregando seu corpo nu para a Lua, empunhando a faca que roubara da cozinha. Tentava a todo instante desviar o rosto dos olhinhos negros e inexpressivos do pequeno animal, que lembravam os de seus irmãos diante dos carrascos. Abaixou-se e cortou o pescoço dele num único golpe. O cabrito caiu de joelhos, debatendo-se e balindo de forma penosa, tentando se desvencilhar dela enquanto o sangue jorrava da garganta.

Awa tomou o sangue dele com as mãos e o espalhou em sua testa, em seu peito e depois por todo o corpo. O animal caiu morto sobre sua própria poça vermelha. Com a faca, Awa rasgou a barriga dele e tirou suas vísceras. Um cheiro ferroso e um fedor de excremento inundou suas narinas. Ergueu o coração do animal, com a sensação de que ainda pulsava em sua palma, e o ofereceu aos seus ancestrais.

— Ouçam-me! — ela gritou para eles. — Ouçam minhas preces! Aceitem esta vida em troca de outra. Salvem Kunle do rastro da morte!

Estava feito. Não podia mais voltar atrás.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Vicente fitou Ana com rispidez.

— Podeis acreditar em mim — ela disse, lendo a desconfiança em seu rosto.

— Não creio que seja do vosso feitio confiar em padres — ele respondeu. — Eu, se fosse vós, também não confiaria. Mas com um inquisidor por perto, a senhora prefere me ter como aliado do que como inimigo. Não é isso? Fala. Não a julgo.

— Posso confiar no senhor, afinal?

— A confiança exige tempo e dedicação. Digamos que, no momento, estou disposto a escutar o que tendes a dizer.

Ana fez uma longa pausa até que iniciasse seu relato. Queria revelar a Vicente todos os fatos que recobriam aquele caso de padre Antônio, que julgava sórdido e aterrador, e contou, por fim, que tinham encontrado uma menina na casa paroquial havia alguns meses. O padre a tinha desonrado. Então o encarceraram imediatamente, enquanto ele repetia desvairadamente que uma voz em sua cabeça o mandava fazer aquilo.

Os colonos foram tomados de pavor, sentiram o peso da culpa recair. Tinham assassinado Paula Dias alguns anos antes, e achavam que ela voltara para se vingar. O padre apareceu morto em sua cela no dia seguinte. O coração dele batia melhor que o da menina em seu quarto, disse Ana, o que o fez parar foi arsênio.

— Envenenado — espantou-se Vicente. — Deus do Céu! Que história.

— Não, padre. Essa é apenas a ponta do novelo.

— Conta-me tudo, então. Não me escondas nada.

Padre Antônio tinha muito poder, contou Ana. A povoação, naquele tempo, era ainda mais precária, um ajuntamento de colonos cuja grande alegria na vida era ter um filho para ajudar na lavoura, ou colocar um véu branco sobre uma filha moça. As famílias, muito devotas, faziam tudo que o padre ordenasse. E ninguém emitiu uma palavra a respeito do enforcamento de Paula Dias até aquele momento.

Quem a pendurara no galho? Ana chegou a questionar isso, certa vez, diante do juiz e do alcaide, mas ninguém lhe ouviu. Quem a levou até a floresta, a amarrou, enrolou uma corda em seu pescoço e a puxou contra o galho do jatobá, observando com frieza enquanto se debatia com os pés, engasgava-se, esbugalhava os olhos?

Padre Antônio se aproveitava do prestígio para atentar contra a honra das meninas e meninos que frequentavam a escola, e os ameaçava para que mantivessem segredo. Paula Dias, a degredada, foi quem descobriu tudo. Escreveu uma carta relatando à ouvidoria da Bahia e pagou para que fosse entregue por um mascate. Mas este foi mais esperto, e leu a carta. Descobriu o que se passava ali e decidiu chantagear os envolvidos, obrigando-os a fazer parte de seus negócios escusos.

— Esse homem é Domingos Furtado? — perguntou Vicente.

— Por suposto, padre.

Paula Dias, então, envolveu-se numa armadilha. Algumas crianças foram convencidas de que era culpada, e a denunciaram. Padre Antônio instou moradores a tomarem providências sem os meios judiciais e ela foi cercada na praça do povoado, levada por dois homens até a floresta e morta. Mas as corrupções do padre continuaram. Para encobri-las, espalharam a história de que Paula Dias aparecia para se vingar.

— Mas no fim — concluiu Vicente — o padre também foi morto.

— Todo mundo acaba morto quando se volta contra homens violentos — murmurou Ana com desdém. — Paula Dias era boa mulher. Mas, para essas pessoas, todo o ensinamento que ela dava às meninas era perigoso.

— Pois as meninas eram camponesas e artesãs, e deviam ter a mente voltada ao trabalho e à fé? — sugeriu Vicente.

Ana se encolheu, emocionada. Lembrou-se da cena que viu quando moça, o vestido de Paula Dias exposto sobre uma estaca no centro da vila, para avisar que estava morta, um lembrete do que aconteceria a quem insistisse naquelas ideias. Seu corpo foi encontrado pelos guardas, nu e pendurado pelo pescoço, próximo da sua cabana. Ao invés de a retirarem de lá, a deixaram onde estava. Muitas crianças chegaram a organizar expedições para vê-la. Os pais os impediram e a floresta virou lugar proibido.

— Ora, muitas pessoas mataram Paula Dias — afirmou Ana. — Foi morta porque falou demais. Havia muitos envolvidos naquilo. E todos usaram sua morte para manter em silêncio as meninas que frequentavam a escola.

— E tu sabes quem estava por trás de tudo — disse Vicente. — Preciso que fales para mim, a tempo de evitar mais mortes.

— Não haverá como evitá-las, padre.

— O que quer dizer?

— Pois eu ou o senhor não temos poder para terminar com isso.

— Isso o quê?

Ana sacudiu o vestido e preparou-se para sair.

— Já sabeis onde procurar.

— Antes, diga-me a senhora, por que me contaste tudo isso? — perguntou ele.

— Para que sabeis que Paula Dias não era herege. Era mulher boa, muito mais próxima da santidade que qualquer um neste lugar.

— Não vejo que implicação esse caso tenha para os acontecimentos recentes.

— Não vedes, padre? Ela sabia sobre tudo que acontecia aqui.

Muitas daquelas meninas, ano após ano, iam embora contra a vontade, explicou. Eram mandadas para conventos no reino e nunca mais se ouvia falar nelas. Os moradores acordavam e elas não estavam mais lá. Dizia-se que tinham entrado na floresta e sido levadas pelo Diabo ou devoradas por lobos.

— Não há lobos nestas terras! — Vicente se exaltou.

— Há o que eles quiserem que haja.

— Quem são *eles*?

— Todos eles, padre, todos eles. Vede, ano após ano, aquelas meninas desaparecerem e seus pais mal choraram suas faltas.

— Mas contigo nada aconteceu.

— Pois logo me casei. Esqueci o passado e nunca abri a boca. Mas eles tentarão me levar também. Há muitas coisas neste lugar que o bispo e o governador não imaginam. Mas não acho que se interessem por nossa vida, desde que o alcaide recolha os impostos e o engenho envie açúcar para o reino.

Levantou o capuz, escondendo o rosto. Vicente a deteve e, com pressa, desenhou no chão a marca que encontrara nas costas de Mariana.

— Por favor, diga-me isso, pelo menos. Conheces este símbolo?

Ana olhou por um breve instante.

— É o cordeiro pascal. Todo ano, nesta época, alguma família o põe sobre o batente da porta. Mas não me pergunte, pois mais eu não sei.

Então Ana voltou pelas sombras até as árvores. Vicente ergueu as sobrancelhas. Todo mundo que está vivo deve sentir medo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Os homens se reuniram na frente da Câmara, pois não tiveram sucesso em encontrar Joaquim. Organizaram um grupo de buscas. Vicente mandou chamar Cristóvão, que fazia o turno na torre de vigia. Nuno Soares não gostou que o garoto fosse junto, mas não ofereceu resistência. Buscaram lampiões e candeias e entraram na mata.

A escuridão era imensa entre as árvores. Com seus casacos e chapéus escuros, ficavam quase invisíveis. Nuno e o alcaide iam na frente, e atrás vinham Vicente e Cristóvão, cada qual com seus lumes. O rapaz se admirou com a fartura de plantas, que se adensavam cada vez mais. O caminho era fechado, os arbustos iam crescendo em largas folhas e surgiam troncos cada vez mais enredados em cipós e barbas-de-pau. Vicente examinava o solo à procura de marcas. A busca seria longa: talvez não encontrassem nada até de manhã, quando viesse a luz.

— Joaquim! — gritaram eles por algum tempo, depois desistiram e resolveram procurar em silêncio.

Por um longo trecho, contornaram o bosque em direção ao interior da floresta. Depois abandonaram a parte mais aberta e entraram de vez, em fila indiana. Cruzaram o córrego sob um pálido luar e novamente se viram perdidos no negrume da mata.

— Conheces este lado da floresta? — Vicente perguntou a Nuno.

— Só estive aqui para caçar.

Logo descobriram que a brenha era mais densa e emaranhada do que parecia à primeira vista. Não havia trilhas e não se podia avançar com rapidez. As ladeiras eram íngremes e escorregadias, cobertas por arbustos espinhosos. No topo de uma subida, adentraram um pinheiral. Os troncos altos iam formando corredores e labirintos.

— Esperem — sussurrou Vicente.

Todos pararam às suas costas. Ele se abaixou e iluminou o chão, indicando rastros. Eram pegadas bem pequenas, quatro dedos em volta de uma palma.

— Uma onça? — perguntou Rodrigo Guerra.

— Não tão grande, mas ainda grande — respondeu Nuno.

— Uma jaguatirica? Um cão selvagem?

— Não neste lado.

— Eu já vi o que um cachorro pode fazer — contrapôs o alcaide. — Um perdigueiro pode estraçalhar facilmente um bezerro.

Vicente iluminou na direção das pegadas. Rodrigo Guerra foi à frente, seguido pelos outros. Antes que o alcançassem, porém, soltou um grito.

— Meu Deus.

O outros correram e pararam diante de um tronco volumoso. Ali estava o corpo retorcido de um animal, pendurado num galho, na altura do peito, mutilado e coberto de sangue. Quase podia se sentir um vapor saindo das vísceras frescas. Cristóvão levou a mão à boca. Nuno examinou e depois virou o rosto para a luz, com tristeza.

— É o nosso cão.

Olharam para ele com incredulidade.

— Vosso cão? — retrucou Rodrigo Guerra. — Como diacho ele foi parar aí?

Cristóvão se interpôs, assustado.

— Onças fazem isso?

Vicente virou seu lume para o animal morto.

— Ele está aberto, foi esviscerado. Não é obra de bicho.

Nuno enfiou sua mão dentro da abertura no abdômen do animal.

— Retiraram as entranhas, os buchos, tudo.

— E o corpo ainda sangra — apontou Vicente. — Não faz muito que o mataram.

E então todos se alarmaram por Joaquim.

Conforme avançaram, a floresta foi se tornando mais densa. Um novo relâmpago rasgou o céu e iluminou adiante. Numa bifurcação, não muito distante, eles encontraram o tronco de uma árvore retorcida. Ali pararam para descansar.

— Onde estamos? — Rodrigo Guerra perguntou.

— Longe — sussurrou Nuno.

Por um instante, enquanto recuperavam o fôlego sentados sobre pedras, seus ânimos arrefeceram. Não tinham mais esperanças de encontrar o menino. Quem o pegou, deve tê-lo levado embora a essa altura, sertão adentro. Mesmo assim, tinham que continuar. Era preciso ter algo a dizer quando regressassem.

Voltaram a caminhar. Só conseguiam enxergar troncos de tamanhos e formas inumeráveis, a maioria dos galhos coberta por musgos cinzentos. Logo começou a chover. Então puseram-se a correr na direção a algum lugar onde pudessem se abrigar, mas não havia nenhum à vista. A duzentos metros dali, enfim, encontraram uma cabana. O lampião de Cristóvão dançou pelos pés deles quando a porta de madeira, toda coberta de junco, apareceu no foco de luz. Estava escondida pelo emaranhado de galhos, cipós e limo. Todos olharam assombrados e Cristóvão segurou firme no pulso do padre. Parecia que a cabana não deveria estar ali. Era tosca, de uma única peça, em ruínas.

— Vamos olhar — disse Vicente.

A porta foi aberta facilmente. Rodrigo Guerra iluminou o interior e as sombras fizeram movimentos sinistros lá dentro. Vicente deu uma rápida olhada pela retaguarda antes de entrar, enquanto um relâmpago iluminava a mata às suas costas. Teve a sensação de ouvir algo entre as árvores, algo medonho, mas não havia nada lá.

— Ouviram isso? — ele perguntou.

Teias de aranha cobriam as vigas no teto e a poeira se levantava conforme eles se moviam. Estalidos subiam da madeira podre, como se aquele lugar tivesse permanecido calado por muitos anos. Imundo, exalava um cheiro adocicado que se espalhava pelos cantos. Uma enxerga de palha no chão, ao lado de uma estante vazia, parecia ser tudo.

— Cristóvão — murmurou Vicente. — Afasta-te da porta.

O garoto se virou e iluminou o canto. Sobre a madeira do piso, enxergaram o que pareciam ser restos de carne. Rins, um estômago e intestinos, amontoados sobre um pedaço de pano velho.

— Não é de gente — disse rapidamente o alcaide, adivinhando o que se passaria na cabeça de Nuno. — Mas já se sabe para onde vieram os restos do teu cachorro.

— Parece que este lugar não está tão abandonado — Cristóvão comentou.

Na outra parede, diante da janela, pendurados sobre uma espécie de varal com armação, três peças de couro fino se esticavam para a secagem. Eram peles finas de animais, provavelmente bezerros ou carneiros. Alguém já as tinha limpado de toda a pelagem e gordura e as banhado em sal, processo que Vicente conhecia bem por se tratar da confecção de pergaminhos, que depois seriam usados em livros e documentos.

Com pavor, continuaram a explorar o recinto. Encontraram, no fundo do cômodo, um pano de linho esfarrapado que separava um quatinho contíguo.

— Estou a sentir algo ruim aí dentro — disse o padre.

O alcaide não deu ouvidos e entrou.

— Melhor ficarem onde estão — alertou.

Mas o temor de Vicente o impulsionou à curiosidade e ele entrou logo atrás. Do outro lado, avistou um quartinho pequeno e sem janelas, muito apertado, ainda mais preenchido pelas teias de aranha. Pendurados no teto encontrou crânios de animais. Nas duas paredes laterais, prateleiras com papéis velhos e vasilhas transparentes. Era possível identificar animais mortos, órgãos, partes de corpos dentro de compotas. Quando enfim iluminaram o fundo, os olhos de Vicente se arregalaram.

— Jesus Cristo! — disse. — Que é isso?

Na parede, sobre uma espécie de altar de madeira, repousava uma imagem de barro e palha sobre um ninho de raízes apodrecidas. A estatueta tinha braços e pernas, como uma figura humana, mas sua cabeça estava adornada com gravetos que lembravam as galhadas de algum animal silvestre.

Nuno Soares entrou nesse momento e ficou abismado.

— É adoração ao Diabo!

Vicente se voltou a procurar os papéis nas prateleiras. Surpreendeu-se com o que havia ali. Páginas arrancadas de livros, textos impressos em tipografias europeias clandestinas, que mostravam figuras de demônios e listavam seus nomes: Baal, Agares, Vassago, Samigina, Marbas, Valefar, Amon, Barbatos, Paimon. Sobre as prateleiras, algumas anotações manuscritas, símbolos e caracteres que pareciam do alfabeto hebraico, um livro de capa preta. Vicente abriu na página de rosto, onde identificou um pentáculo desenhado e leu o nome *Lemegeton Clavicula Salomonis*. Guardou o livro em seu alforje a tempo de que todos ouvissem um barulho, como uma batida seca na madeira. *Tum. Tum. Tum.*

Voltaram para o cômodo principal, onde Cristóvão estava parado diante da porta com uma expressão pasmada. A luz de sua candeia iluminava apenas seus olhos arregalados, parecendo amplificar os ruídos ao redor.

— O que foi isso? — perguntou Rodrigo Guerra.

Percorreram toda a casa com seus lampiões, mas não encontraram nada. Uma nova batida foi ouvida: *tum!* O baque foi seguido de uma espécie de murmúrio que parecia insurgir de baixo de seus pés. Iluminaram a parede, perscrutando a origem do barulho. A escuridão não permitia identificar qualquer coisa além das fendas entre as tábuas. Puseram a luz sobre a estante vazia no canto e o barulho se projetou dali. Vicente e Rodrigo Guerra arrastaram-na para um canto, e Nuno iluminou o local, revelando um

buraco cavado no chão de terra. Dentro do buraco, com o dorso nu e sujo de terra, estava Joaquim, amarrado pelas mãos e pelos pés, a boca amordaçada e os olhos vendados.

QUINTA

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Ana Pereira esticou o braço até encontrar um ovo. Puxou-o para fora, colocou-o contra a luz para ver se estava bom. Passou o dedo para sentir alguma possível rachadura.

— Obrigada, mãezinha — disse para o buraco na caixa de madeira.

Ouviu a galinha se remexer lá dentro. Colocou o ovo no cesto e serviu os grãos para as cabras. Duas brancas e uma preta vieram saltitando até ela.

Desde que o marido falecera, dez anos atrás, as duas mulheres naquela casa sobreviviam com aquilo que produziam ou que encontravam na floresta. Elas tentavam sobreviver da terra, sem coisas feitas pelos homens. Ainda não conseguiam, precisavam ir ao povoado trocar mantimentos, sal, vinho, vinagre, azeite. Viver a mercê daqueles homens era uma vida incompleta, longe de sua plenitude.

Ana tinha quinze anos quando aquele padre a chamou em seu quarto. Disse que tinha algo importante para lhe ensinar. Quando lá chegou, ouviu da boca dele, uma boca horrorosa, que estava convocando todas as meninas da freguesia para conversar sobre suas atitudes impróprias, que estava decepcionado com o comportamento delas e com o que andavam aprendendo nas lições com Paula Dias.

Ana foi à igreja se penitenciar. Ajoelhou-se no confessionário e enxergou o rosto de padre Antônio encoberto pelas sombras. Ele ordenou que ela não tivesse receio, pois Deus não a julgava. Então ela contou tudo. Contou que o rapaz prometido para ser seu noivo a havia tocado. E que ela gostara. O rapaz estava reunindo o dote para pagar ao pai dela, e eles casariam em breve. O padre pediu que descrevesse tudo que seu noivo tinha feito, onde a tinha tocado e como, e o que ela havia sentido. Ana acreditou que, estando diante de um servo de Deus, poderia dizer tudo que fosse necessário para receber o perdão. Contou tudo. Tudo que o padre havia lhe pedido. Todos os detalhes.

Quando terminou, padre Antônio não disse mais nada. Apenas soltou um gemido abafado do lugar onde estava. Ana pensou que talvez Deus jamais a perdoasse por aquilo. Era bastante ingênua, e não tinha ideia de que um padre podia mentir e enganar. Ele era

um homem de autoridade. Fez ela acreditar que, se coisas ruins aconteciam em sua vida, era por sua própria culpa. Que *ela* tinha deixado *aquelas coisas* acontecerem.

Depois do primeiro encontro, Ana passou a temê-lo. Padre Antônio era um homem severo e tinha olhos agitados, que dançavam em torno das órbitas baças. Ele a chamou em seu quarto muitas vezes, passou a lhe repreender de muitos modos, quase sempre a chamando de mulher de vida fácil. Numa espécie de cerimônia, o padre a colocou nua sobre seu catre e começou a rezar sobre seu corpo numa língua estranha. Dizia para ela receber a comunhão, colocava seu membro para fora e derramava seu líquido sobre ela.

Havia mais pessoas na sala. Talvez dois ou três homens, que ela nunca conseguiu identificar, porque ficavam sentados ou de pé nos cantos, no escuro, vestidos com capuzes negros. Ana sabia que eram poderosos, que representavam Deus e o Rei, falavam com autoridade e passavam peças de ouro e prata de mãos em mãos. E Ana queria se tornar uma boa cristã, achava que para isso era preciso passar por aquilo.

E de novo.

E de novo.

Ana sempre ia à Igreja se confessar. Seguidamente via outras mulheres lá dentro, no confessionário. Certa vez, teve a impressão de ter escutado a conversa de padre Antônio com Marta Soares, uma mulher pouco mais velha e que tinha acabado de dar à luz uma menina. “Perdoe-me, porque pequei”, ouviu a voz de Marta.

O confessionário era dividido em duas partes: no compartimento da esquerda, fechado com uma porta, era onde o padre se sentava. A luz não entrava nesse compartimento e ele se separava dos demais por uma tela de madeira trançada, por onde não se via mais que o vulto do confessor, embora se ouvisse com clareza sua voz. O outro compartimento era o do penitente, protegido do exterior por uma cortina. A comunicação entre as partes se dava por um painel corrediço que ficava fechado na maior parte do tempo, e que se abria quando o padre estava disponível para a confissão.

A divisória de madeira se abriu e a voz grave sussurrou do outro lado:

“Estás no reino de Deus.”

A voz de Marta soava trêmula.

“Eu segui a ordem”, disse ela. “Sem carne vermelha nas duas primeiras semanas, e nenhum tipo de carne nos últimos sete dias. Uma infusão de alecrim e macela pela

manhã. Nas últimas três semanas, me alimentei apenas depois do anoitecer. No entanto, minha filha nasceu mulher. Prometeram-me um varão, e ela nasceu mulher.”

“Vosmecê está pronta?”, perguntou o padre calmamente.

“Estou. Prometeram-nos que nosso desejo seria realizado!”

Houve um breve silêncio.

“Esta cerimônia já foi realizada muitas vezes”, disse ele. “Em muitas delas o desejo funcionou. É um rito bastante intrincado. Cada estágio precisa ser feito da forma correta. O *quanto* vosmecê quer?”

“Mais que tudo.”

“Vosmecê sabe o que estaremos prestes a fazer?”

“Sim.”

“Sabe que é perigoso?”

“Sim.”

“Não se trata apenas de orações. Nem de poções, unguentos. Vosmecê passará dias sem comer e sem dormir. Chegará ao vosso limite. Passará por rituais pesados. Haverá dor, talvez violência.”

“Eu sei. Li num livro negro que me veio parar na mão.”

“Não diga isso. Esta não é apenas uma forma de se chegar a Deus. O que estamos a fazer aqui é muito mais escuro.”

“Reuni o que me foi pedido”, acrescentou Marta. “Sal, giz, velas.”

“O que estamos a mexer é real. Seres de espírito verdadeiros.”

“Sim”, respondeu ela, com convicção.

E então os murmúrios ficaram baixos demais.

Dentro de casa, Ana misturou o ovo com vinagre e sálvia. Levaria para dona Maria Bernardina beber. A bebida faria o sangue dela circular. Maria Bernardina era uma moira, e a mãe de Ana também era, e Ana era uma moira também. Mas Maria Bernardina não estava em sua cama naquela manhã.

CAPÍTULO TRINTA

Marta Soares olhou para eles com uma antevisão arrebatada. Logo se pôs de joelhos e começou a rezar, em lágrimas. Repetiu diversas vezes que tinha culpa nisso, batendo com a palma da mão na testa e depois estapeando o próprio rosto, com cada vez mais força. O marido a agarrou pelas mãos e a ergueu num supetão, a colocou de lado e mandou que fosse buscar água.

A chuva havia cessado ao amanhecer. Colocaram Joaquim, encharcado e debilitado, diante da lareira. Vicente se agachou perto dele:

— Quem fez isso contigo, Joaquim?

O menino devolveu o olhar com insegurança e medo, tentando encontrar as palavras ou revivendo as cenas de agonia. Baixou o rosto com resignação e disse:

— O demônio.

Um suspiro longo e exausto saiu das narinas do padre.

— Precisas contar-me a verdade, Joaquim, para que possamos te ajudar e à tua irmã. Diz-me, quem foi que te levou àquele lugar?

Os olhos do menino arderam em chamas.

— O demônio! — ele gritou.

Vicente se ergueu, exaltado.

— *Quem*, Joaquim? — disse em tom bravo. — Quem te levou lá?

O semblante do menino tornou-se imperioso e colérico.

— O demônio! O demônio! O demônio!

A mãe voltou com uma bacia e um pedaço de pano umedecido e se meteu entre eles, pondo-se a limpar a terra no rosto do filho. Enquanto ela tentava tranquilizá-lo, Vicente foi ver como estava Mariana. Em seu leito, a menina olhava com uma expressão de conformidade, como se as palavras do irmão pudessem finalmente explicar as suas.

— Ele também o viu — sussurrou ela.

Vicente manteve a firmeza.

— Tu e teu irmão foram à floresta sem permissão — falou — e então se encontraram com o demônio. É isso que queres dizer? Bem, suponho que o demônio tenha poder de te enfeitiçar, para que vejas coisas que não estão aí, e diga coisas que não compreende, Mariana. Mas devo crer que o demônio também amarraria as mãos de Joaquim e poria uma mordaca em sua boca, e que o trancaria numa gruta atrás da parede?

Os olhos da menina se voltaram para um canto escuro do quarto.

— Aquela mulher... ela nos manda fazer coisas que não queremos fazer.

— A enforcada? — ele perguntou.

Ela deu de ombros.

— Quem, Mariana?

Num ímpeto, Vicente se ajoelhou e tentou abrir a portinhola no chão ao lado dela. Deu um puxão agitado, mas estava trancada. Ao ouvir o barulho, Nuno e Marta se alarmaram, e a mulher teve o impulso de correr e se colocar em sua frente.

Vicente se levantou, tentando manter-se calmo.

— Senhor e senhora Soares — disse. — Vosmecês estão diante de um servo de Cristo. Se isso não me dá autoridade para vos pedir que abram este alçapão, isto então dará: há uma investigação criminal em curso nesta povoação, por ordem do inquisidor-geral. É obrigação fornecer *toda* a ciência necessária para tal investigação.

— Por suposto, padre — disse Nuno Soares com audácia. — Se o senhor vier com uma procuração expedida pelo juiz, não poderei negar-vos que reviste nossa casa. Mas se o senhor não tiver essa autorização, não vos deixarei invadi-la.

— Como queira, Nuno. Contudo, saiba que obstruir uma investigação inquisitorial é atitude de enorme suspeita, e terei de reportá-la ao inquisidor.

— Faça isso.

— Pense bem, homem. Seus dois filhos foram atacados, e as únicas pistas que temos são lobos, bruxas e demônios. Ponha a mão na consciência.

— Não vejo motivo para duvidar dos meus próprios filhos. Se eles dizem que o demônio os atacou, então talvez deveis investigar a mata.

Mas demônios não rasgam a roupa de moças, pensou Vicente. Nem amordaçam meninos. Quis dizer isso a eles, mas diante daquela resistência, não teria como avançar.

Desceram o outeiro, Vicente em sua mula e Cristóvão a pé, ao seu lado.

— Conte-me, padre, como está Mariana?

— Vai mal, rapaz. Sabe de algo, mas não quer contar. Está com medo.

O garoto contorceu o rosto em agonia.

— O senhor precisa tirá-la de lá, levá-la a um lugar seguro. Ela corre perigo.

— Isso eu já percebi. Mas ainda careço de saber os pormenores, para que as peças se encaixem e possamos contemplar o fato em sua integridade. Certamente a mesma pessoa ou coisa que atacou Mariana também fez cativo o menino naquela choça. Se interesse houvesse da parte do alcaide, bastaria que um guarda mantivesse vigília àquela cabana até seu dono regressar. Então saberíamos quem está por trás de tudo.

— Como o senhor pode ter certeza de que o monstro vai voltar àquela casa?

— Cedo ou tarde o criminoso sempre volta ao local do crime. Ademais, tenho plena convicção de que, sejam quem ou o que for, ainda busca por Mariana, pois ela ainda carrega a marca de... seja lá o que é aquilo.

— Bem, padre, eu encontrei algo sobre aquela marca num dos livros...

— Faz-me feliz, rapaz — exclamou Vicente. — Diz-me o que descobriste.

— Parece o símbolo do Carneiro, a constelação que tem a estrela Ari como principal, e que por isso é signo do zodíaco.

Vicente soltou um resmungo decepcionado.

— Então Dom Aguilar estava certo. — Refletiu por um tempo, até sua expressão tomar uma forma preocupada. — Vede, rapaz. Estamos em abril, que é o mês em que a constelação do Carneiro passa pela faixa zodiacal. Isso quer dizer...

— Esperai, padre — interrompeu Cristóvão. — Encontrei mais coisas. A marca se parece com o símbolo do Carneiro, mas é também diferente. Deveis lembrar que, bem, o cordeiro era símbolo de sacrifício para o povo antigo...

— *O cordeiro* — concordou Vicente, preocupado. — Foi o que me disseram. Fala-se dele no testamento dos hebreus. Sim! Como não me dei conta.

— Se estava nas costas de Mariana, talvez signifique algo perverso. O cordeiro é o carneiro puro, ainda virgem. O desenho é aberto na forma de um V, letra do alfabeto latino que, segundo Giordano Bruno, simboliza a vulva, o vaso da mulher, e também se encontra na palavra *virginem*.

— Uma senhora me disse que é o símbolo do cordeiro pascal, e que a cada ano aparece na casa de alguma família na época da Páscoa, tal como foi dito a Moisés quando Deus escolheu o povo dele. Talvez seja algum símbolo de culto. Já se viu que os cordeiros gostam de ser sacrificados, e o mesmo não queremos que aconteça a nossa Mariana.

Concordaram em silêncio.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Levaram a primeira mão de cana até a moenda. A moagem consistia numa enorme construção de madeira junto à plantação, ao lado de um barracão aberto com pelo menos quinze braças de comprimento e sete de largura. Passaram por três enormes caldeiras que, de longe, faziam arder a pele dos escravos enfileirados em sua volta, espalhando fogo por todos os lados. Olhar para a casa de caldeira pela primeira vez era como vislumbrar o inferno, com os condenados ardendo em eternas chamas de desgraça.

Atrelada a um par de bois, a máquina ficava na parte de dentro do barracão. Fazia girar dois grandes tambores de pedra, de uma vara de diâmetro e duas de comprimento. Eram elevados acima da parede de tijolos e rolavam um para dentro do outro.

Uma longa esteira feita de cintos de couro e correntes estendia-se dos tambores até a construção e atravessava todo o mecanismo. Os sacos de cana trazidos do campo eram descarregados ao lado da cabana. Ao longo da esteira, crianças e mulheres índias trabalhavam descarregando os feixes, que depois seguiam até a moenda e eram amassados e derrubados sobre outra esteira que depositava o bagaço no fogo.

— Vê aquele machado? — disse Piedade, apontando para a ferramenta pendurada na parede. Awa olhou. — É para arrancar a mão de quem se prende na moenda, para que a máquina não se estrague. Por isso tome cuidado quando for despejar a cana.

Awa tocou no coto do braço da companheira e olhou consternada. Então depositaram o carregamento e voltaram para o campo.

— Quem são os donos desta terra? — Awa perguntou, olhando para os escravos como formigas na infinidade verde do canavial.

— Os caboclos são os donos deste chão — respondeu Piedade. — Eles, assim como nós, tiveram as terras tomadas pelos brancos.

Os índios e negros à sua volta usavam apenas ceroulas, que iam da cintura até abaixo do joelho, e envolviam a testa em lenços. Recebiam tecidos novos somente a cada dois anos, quando muito, por isso era prudente proteger a própria roupa, que rasgava ou

desfiava com frequência. Eram postos em grupos de dez a quinze na lavoura para trabalhar de sol a sol. No início faziam de tudo, mas, se apresentassem aptidão para algum ofício, podiam se tornar aprendizes de um escravo mais antigo.

Poderiam ser oficiais de casa de caldeira, purgadores, mestres de enxada ou da horta. Preparar a terra e cavar os buracos era uma faina penosa, especialmente num solo pesado como aquele, argiloso e escuro.

— E o que é preciso para contatar os espíritos deles? — Awa perguntou.

Piedade olhou para ela com desconfiança, mas seu olhar logo se transformou e seu rosto assumiu uma expressão de ira.

— Onde estavas ontem à noite? — ela se zangou. — O que andas pretendendo?

Naquela manhã, escravos tinham ouvido boatos de que um animal desaparecera do celeiro da casa-grande. O capataz passou por eles, detendo-se, um a um, farejando quem deles o tinha furtado. Estranhamente, o patrão achou que não havia provas de que fosse algum deles e mandou esquecerem o assunto. Na senzala, entretanto, todos se olharam como se não conhecessem mais uns aos outros.

Awa não respondeu. Continuou cortando os pés de cana com impaciência.

— Cuidado, menina — alertou Piedade. — Se te pegam fora da casa de escravos depois que o sol se põe, eles te amarram no tronco e te açoitam até te dobrarem.

Awa então contou o que fizera na noite anterior e o motivo. Piedade alertou-a de que, se ela quisesse estar junto quando fugissem, não poderia tomar atitudes insensatas e atrair a atenção do capataz.

— Ontem à noite — disse Awa — vi um vulto andando pelo canavial.

— Todo ano ele aparece. Na última noite da quaresma, para cavalgar pelos campos sob a luz da lua. Dizem que é o diabo a andar pelos campos. — Piedade olhou para ela e disse com severidade: — Escute, menina. Nunca iremos voltar para nossa terra. É preciso que saibas disso. Somos escravos nesta colônia. Terás que aceitar essa condição se quiser ir embora daqui. Há um lugar, uma comunidade, muitas léguas ao norte. É para lá que iremos. Mais que isso não devemos nos atrever a sonhar.

— Sonhar nunca é atrevimento — respondeu Awa, embrutecida.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Durante aquela manhã uma nova uma nova fila se formou diante da porta da Câmara. Dezenas de colonos se prostraram de pé ao longo do largo em frente esperando para denunciarem e deporem nos casos sob investigação. O juiz Corrêa indicou o assento a um homem de roupas grosseiras, muito velhas, que Vicente logo identificou ser o capataz da fazenda do engenho. Deviam ser suas melhores roupas, pensou.

— Vim acusar meu patrão, Dom José Gois Negreiros — disse. — Cristão-novo.

Vicente olhou para Dom Aguilar com espanto, mas este se manteve impassível.

— Muito bem — assentiu o juiz, anotando tudo. — Do que o acusa?

— De certa vez ter dito, numa discussão, que a lei verdadeira era a de Moisés.

— Vosso patrão é convertido?

— Sim, senhor.

— Mas o senhor o acusa de ainda praticar o costume hebreu?

— Sim, pois não acredito na sua conversão.

— Houve mais algum indício?

— A família do patrão nunca trabalha aos sábados, embora os empregados trabalhem sempre.

Do seu canto escuro, Dom Aguilar balançou a cabeça de leve, indicando sua desaprovação.

— Houve mais alguma situação? — perguntou o juiz Corrêa.

— Sim, deixe-me lembrar. Bem... Sempre que a família se reúne para ler a Bíblia, prefere versículos do testamento velho. Parece ter mais em conta o Rei Salomão que o próprio Cristo.

— Será investigado — respondeu o juiz Corrêa, conferindo se o escrivão havia registrado. Agradeceu o homem e protocolou a denúncia.

O capataz tirou o chapéu, fez uma mesura exagerada e saiu.

* * *

Quando a fila chegou ao fim, Dom Aguilar olhou para Vicente com uma feição indecifrável:

— Escutamos quase todos. Temos muitas denúncias e testemunhos, alguns muito graves. Emitirei mandados de busca e de detenção o mais rápido possível. Teremos de encontrar o malfeitor dos meninos antes da celebração do domingo. No entanto, apenas uma pessoa não depôs ainda...

Vicente tirou o chapéu e dirigiu-lhe um olhar agudo.

— Estou a vossa disposição, Excelência.

O comissário fez um gesto para que ele se acomodasse na cadeira das testemunhas.

— Quero rever todos os registros antigos desta comarca — disse Dom Aguilar.
— Se houver algum herege que tenha escapado do castigo, devemos rever seus depoimentos, e, se for o caso, fazer-se cumprir a lei.

— A menos que já estejam mortos.

— Neste caso, como prescrito pelas Ordenações Filipinas, devemos exumar seus restos, queimá-los e tomar os bens de seus herdeiros.

— Ninguém vos verá com bons olhos por aqui, vossenhor, se sairdes a desenterrar mortos por aí.

— Não estou aqui para agradar — disse ele com ar de censura. Então se ajeitou em sua cadeira e fez sinal para o escrivão registrar a ata. — Antes de começarmos, padre, quero que me fale o que sabeis sobre as pessoas desta povoação.

— São quase todos camponeses pobres — disse Vicente. — É difícil achar que se possa imputar a eles crimes graves contra a fé. Talvez alguns desvios pequenos...

Dom Aguilar não demonstrou contrariedade, nem fez sinal de estar aborrecido. Escutou até o fim e disse:

— Alguns colonos mostraram-se solícitos à chegada de um delegado da Visitação, enquanto outras tentam esconder suas culpas, o que há de ser averiguado.

— Se eu estivesse no lugar dessa gente, Excelência, também ficaria em dúvida entre temer a chegada de um visitador ou fingir ser seu aliado.

— E o que vos faz pensar que não estais no mesmo lugar deles? Não pensais, padre Vicente, que minhas informações sobre a vida local se baseiam apenas nas pessoas que interroguei. Sabe-se muito mais sobre os hábitos cristãos do vulgo conversando com seus vizinhos, escravos e parentes. Além do mais, o verdadeiro inquisidor não necessita

fazer longa série de perguntas a uma testemunha ou réu, pois as respostas já se sabem antes. Para ser inquisidor é preciso ter vocação para ler as gentes. Se o senhor passasse menos tempo com os livros, talvez entendesse do que estou a falar.

— Ora, a verdade deve estar acima de tudo — retrucou Vicente. — E a verdade tem muitos lados, que só os homens doutos podem alcançar.

— Deus é quem está acima de tudo — redarguiu Dom Aguilar, imperioso. — Pois a verdade provém Dele.

— A menos que a verdade nos revele que estejamos enganados a respeito das Escrituras e da teologia...

O comissário olhou para ele com profundo espanto.

— Padre Vicente, o senhor insulta o nome de Deus e o nome da Santa Igreja Católica com vossas ideias heréticas! O senhor mancha de imundície a santa batina que veste! Não vos envergonha de chamar a si mesmo de padre?

— Dom Aguilar, perdoe-me se vos ofendi. Minha intenção foi apenas fazer conjecturas lógicas. O grande mestre Platão nos ensinou a amar a dúvida e a temer as certezas, pois pela dúvida podemos prever o ato seguinte de nossos inimigos, mas pela convicção nos enfraquecemos e nos traímos.

— Mas se devemos duvidar das coisas do homem, que é imperfeito e se trai por suas próprias falhas, nunca devemos duvidar das coisas divinas, pois Deus nunca erra.

— Mas não é verdade que só conhecemos Deus pelos olhos do homem?

— Sofisma! Conhecemos Deus pela palavra de Cristo, que foi a face do Senhor na Terra e não poderia estar enganado.

— E não é verdade que só conhecemos Cristo pela palavra do homem?

— Padre Vicente, a fé é o caminho para os mistérios do Senhor. Foi Deus quem criou a verdade, e Dele não se duvida.

— Hei de concordar convosco. Entretanto, se a fé é experiência humana, não estaria somente acima de cada homem, enquanto a verdade estaria acima de tudo e de todos?

— Porém a verdade também só pode ser conhecida através dos olhos e das palavras do homem.

— Neste caso, parece que temos um impasse: ou a verdade nunca se alcança ou ela vai do gosto de cada um.

— Ou ela provém de Deus, e eu poderia vos mandar prender por heresia.

— Neste caso — arrematou Vicente —, parece que temos um veredicto: a verdade provém daqueles que têm poder sobre os que duvidam.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Ana Pereira, parada à porta de sua casa, falou em voz firme ao alcaide:

— Não sei onde ela foi se meter. Chamei-a várias vezes, mas não vi sinal dela.

— Não brinques comigo, mulher — retrucou Rodrigo Guerra, balançando o papel com a ordem judicial nas mãos.

No início daquela tarde, logo após os ofícios da *sexta*, Dom Aguilar mandara colocar em prática suas ordens de prisão. A primeira da lista era Maria Bernardina Soares.

Sem paciência para mais delongas, o alcaide esmurrou a porta com selvajaria e Ana teve de se afastar. Ele revistou a casa de canto a canto e voltou ainda mais enfurecido.

— Dize-me, onde tu a escondeste?

— Estais louco, homem! — gritou a mulher, com sincera indignação. — Quando acordei pela manhã, já não estava. Pergunte aos conselheiros para onde a levaram!

Incomodado, o alcaide ordenou que ela subisse em seu cavalo e a levou sob custódia. Ana não tentou resistir. Já esperava por esse momento e tinha se preparado para quando ele chegasse.

Nuno Soares os recebeu na porta da Câmara com um semblante abatido. Pediu a Ana que entregasse sua mãe, mas ela reafirmou que não sabia sobre o paradeiro dela.

— Se querem encontrá-la — disse —, procurem no bosque.

Todos sabiam que Maria Bernardina tinha o malvisto costume de andar descalça pelo mato, recolhendo suas ervas e entoando suas cantigas. Nas horas seguintes, então, os homens do povoado saíram à procura dela na mata.

Ana foi posta de pé diante da Mesa de audiências. O juiz Corrêa sentou ao centro, o escrivão ao lado esquerdo e Dom Aguilar à direita. Foi o comissário quem conduziu o interrogatório.

— Aqui estamos, senhores, para dar início ao processo — disse ele. — Este tribunal será orientado pela justiça e seu objetivo maior é a salvação da alma. O Senhor, em sua imensa glória, deu ao homem o livre-arbítrio, para que pudesse separar na hora de

abrir as portas do Paraíso àqueles que escolhem o amor a Deus e os que escolhem o pacto com Satanás. Por isso é prudente observar que aqueles que se compadecem do herege e do pecador estão contra o Senhor.

Em seguida, voltou-se para Ana com uma candura ensaiada.

— Poderia dizer-nos teu nome, onde reside e tua situação?

— Ana Pereira. Residente da freguesia que é esta mesma. Casada.

Dom Aguilar fez uma careta de desaprovação à última palavra dela.

— Dona Ana, antes de apresentarmos as denúncias contra a senhora, procederei com uma séria de questões relevantes a este processo, está bem? Dizei-me, a senhora come carne em dias santos?

— Não.

— Come carne de porco, toucinho ou morcela?

— Não, senhor.

— Não come?

— Somos pobres, senhor. Donde arranjaría tais iguarias?

— A senhora e quem mais?

— A dona da casa onde moro, Dona Maria Bernardina.

— Ela também não comia carne de porco?

— Nenhuma de nós duas.

— A senhora diz que é pobre. Mas então comeria, se tivesse condições?

— Não teria coragem de matar um porco se fosse meu, senhor.

— Ora, e por que não?

— Não sei vos dizer. Apenas não conseguiria olhar em seus olhos e enfiar uma faca em sua garganta.

— Um porco é uma besta, dona Ana. Não há nada mais natural neste mundo do que abatê-lo para o sustento de si. Assim Deus quis e Cristo orientou-nos nas Escrituras.

— Perdoe-me, senhor. Não é por conta de restrição que não os como, mas porque me acostumei a não ter essa opção.

— A senhora comeria, se lhe trouxessem agora?

— Sim, senhor.

Voltou-se para o juiz Corrêa.

— Senhor Corrêa, mande vir de sua casa um pedaço de carne de porco.

— Meu senhor...

— Não compreende meu pedido, doutor Corrêa?

— Compreendo, sim. Mandarei meu negro buscar.

O comissário se dirigiu mais uma vez a Ana.

— Dona Ana, a senhora se banha às sextas-feiras?

— Sim.

— Sai à rua aos sábados?

— Vou pouco à rua, monsenhor. Mas se precisar, saio.

— Vai à missa todos os domingos?

— Sempre que posso.

— Por que não poderia?

— Às vezes há muita coisa o que fazer em casa.

— Então não folga nos dias santos?

— Folgo. Mas o tempo não obedece aos dias santos, embora devessem estar à vontade de Deus. Quando chove, há muito o que fazer.

— Vosmecê está caçoando da vontade divina, dona Ana? Isso é pecado grave. Deus tem seus motivos, e se faz chover aos domingos é para testar nossa fé.

— Creio muito nisso, senhor. Apenas não posso guardar os dias santos se tiver que recolher a lenha, guardar os animais, cobrir a horta, fechar a casa.

— Crês que há homens ou mulheres que, à sua própria vontade, podem fazer chover aos dias santos?

— Como isso pode ser possível, senhor?

— Então não acredita em feitiçaria?

— Acredito que exista. Os Evangelhos falam sobre bruxas, então não posso negar que existam. O que não posso acreditar é que façam chover quando a chuva não for uma vontade de Deus.

— Então conhece os Evangelhos?

— Sim, senhor.

— Isso é bom, dona Ana. Mas é ruim não acreditar que uma bruxa possa fazer chover, se assinar um pacto com Satanás.

— Senhor, muitas pessoas nesta povoação acreditam que, se fizerem pactos com demônios, podem fazer chover, fazer a plantaçao crescer e dar filhos varões.

— Ele pode, de facto — concordou o comissário. — O Demônio é poderoso, mas apenas porque Deus assim deseja. Como disse a vosmecê, o livre-arbítrio. Dona Ana, é nosso dever aqui neste Tribunal identificar as alianças demoníacas e purificá-las em nome de Nosso Senhor.

— Sugiro que o senhor comece a procurar na casa das boas famílias.

— O que é isso? A senhora não sugere nada! Quem sugere aqui sou eu. Ademais, nas boas famílias é onde reside a fé mais pura em Cristo.

— Uma vez ouvi dizer, senhor, que Satanás prefere sempre os que andam mais perto da decência, da castidade e da correção, que escolhe os homens bons, porque são os mais insuspeitos. As grandes heresias não nasceram sempre daqueles que, em sua crença inabalável, acreditavam estar salvando a humanidade?

— A senhora tem bom ouvido, admito.

— Ouvi isso, sim, mas não acredito.

— Não acredita?

— Não. Não acho que os homens de bem são alvos do Demônio, e sim que, por trás de sua decência, escondem a verdadeira corrupção e os desejos mais ímpios. Quando vejo alguém que se julga perto de Deus, sei que ele está no olhar do Mal, pois a arrogância do bom é onde mora a tentação.

— Cuidado, dona Ana, vossas palavras estão repletas de retórica e esvaziadas de fé. Onde a senhora ouviu tais pensamentos?

— Estes, não os ouvi. Eu os formulei.

— Formulou?

— Sim.

— A senhora lê?

— Um pouco.

— Isso é mal, dona Ana. Mulheres não devem estudar, isso é tarefa dos homens. Por isso, ler é algo que a mulher aprende em casa apenas se o pai ou o marido consentirem. No vosso caso...

— Não tenho pai, e meu marido está a viajar.

— Exato.

— Não quero que o senhor pense que, se não vou à igreja, não esteja com Deus. Rezo todas as noites, antes de dormir.

— Mas a vossa casa não é a igreja, dona Ana. E presumir isso seria heresia.

— Eu não disse isso, senhor. Apenas que...

— Mas acabaria dizendo, se prosseguisse neste pensamento. — Ele remexeu alguns papéis e pigarreou. — Agora, queria lhe perguntar algo da mais grave relevância. Peça que responda com sinceridade e meça bem vossas palavras.

— Se medir as palavras estarei deixando de ser sincera.

— Dona Ana, seu marido partiu há dez anos, pelo que fui informado, para resolver negócios no reino, e nunca tornou.

— Isso mesmo.

— A pergunta é: por que nunca houveram de conceber rebentos?

Ela pensou. Mediu as palavras em sua cabeça.

— A verdade, senhor, é que um de nós era... é estéril.

— Um de vós? Por que não a senhora?

— Não sei, senhor.

— Ele nunca requisitou arrumar outra esposa?

— Não, senhor.

— Era direito dele, a senhora sabe.

— Sei, senhor.

— E a senhora não voltou a casar-se, após tantos anos?

— Não, senhor. Creio que meu marido ainda vive. Dediquei-me a cuidar de dona Maria Bernardina até seu regresso.

— Ora, então a senhora não buscou, neste tempo todo, dar filhos ao mundo?

Ana percebeu que caíra numa armadilha. Nervosa, viu-se mentindo.

— Eu bem-queria meu marido, senhor, e prometi honrar seu nome, nunca mais voltando a casar-me.

O comissário pareceu ficar satisfeito com a resposta. Riscou algo em suas anotações e continuou com o processo.

— A senhora lê a sina em feijões, ossos, pedras ou bacias d'água?

— Não, senhor.

— E em pássaros no céu?

Ana percebeu que o velho queria lhe encurralar.

— Às vezes sabemos, pela forma como os pássaros voam, se está para chover.

Dom Aguilar endireitou-se na cadeira e franziu o cenho.

— Como se pode saber uma coisa dessas a não ser por adivinhação mágica ou por se fazer antes um feitiço para chover?

— Não sei como, senhor. Apenas sei.

— Então admite que tem poderes mágicos.

— Mágicos? Não! Não, senhor!

— Quando fez pacto com o Demônio?

— Não, senhor! Nunca!

— Assinou algum livro de capa negra?

— Não!

Nesse momento, o escravo do juiz Corrêa entrou no salão trazendo um prato com um pedaço de carne de porco assado, farofa e algumas frutas. Dom Aguilar fez um sinal para que deixasse à mesa e chamou Ana para se sentar e comer. Ela hesitou por um tempo, confusa, mas cedeu. Cortou um pedaço pequeno e pôs na boca. Mastigou e engoliu.

— Só isso? — disse o comissário, com uma expressão cruel. — Coma mais, dona Ana. A senhora não nos disse que nunca tem oportunidade de comer assim carne de porco? É para fartar-se.

— Obrigado, senhor, mas estou sem fome.

— Dona Ana, serei sincero com a senhora. Estamos aqui fazendo um trabalho sério a fim de identificar pessoas batizadas que mantêm costumes hebreus em seus hábitos. A senhora, como todos sabem, é cristã-nova.

— Sim, mas fui convertida.

— É claro. Mas para que possamos acreditar, a senhora deve nos provar. Portanto, entenda, dona Ana, não estamos aqui para avaliar sua fome, e sim sua correção católica.

Sem ter mais o que dizer, Ana baixou a cabeça e começou a engolir a comida.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Da sala de audiências, Ana foi levada para a cela da prisão. Vicente tentou interceder por ela, mas o alcaide o impediu de passar. Em uma breve discussão, o padre fê-lo perceber, com firmeza, que estava diante de um antigo funcionário da Justiça, que sabia os procedimentos legais, seus direitos e os da ré. O alcaide respondeu que a mulher teria de arranjar um procurador e Vicente afirmou que esse seria ele. Rodrigo Guerra teve de ceder e fez sinal para o guarda deixá-lo passar.

Ana estava recolhida no canto escuro e úmido. A prisão ocupava quase todo o primeiro piso do prédio da Câmara: era toda de pedra crua sobreposta e tinha apenas duas janelinhas em cada parede, gradeada com grossas barras de ferro. As janelas davam para a rua, de modo que, quando havia criminosos presos ali dentro, as pessoas que circulavam em volta paravam para cuspir neles ou jogar coisas para dentro.

Com exceção de pilastras de madeira, onde muitas vezes os acusados ficavam acorrentados, a cela era toda aberta e sem qualquer privacidade. As necessidades eram feitas em buracos nos cantos, aos olhos de todos, e ficavam ali até secarem ou, de tempos em tempos, serem recolhidos. O fedor e a imundície eram insuportáveis e atraíam todo o tipo de insetos e animais rastejantes.

Vicente se abaixou até ficar à altura dos olhos de Ana.

— Vou tirar-te daí, eu prometo.

Com uma expressão indiferente ela disse:

— Padre, se há tantos homens que creem inabalavelmente no paraíso, não deveriam enfrentar com bravura a morte, e ansiar pela passagem? A crença em Deus, e tudo que rodeia Sua Palavra, não é só uma tentativa dos homens para confortarem-se?

— Mas então devo supor que o herege não teme a morte — sugeriu Vicente.

— Todos temem a morte. Mas muitos não são capazes de admitir. Não suportariam enfrentar a vida.

— E o que há de mal num consolo?

— Nada, padre. Mas a ilusão de um consolo ainda é uma ilusão.

— Algumas ilusões são necessárias, senhora. O homem não suportaria o abandono. Os sacerdotes fazem o trabalho de mil soldados, persuadindo os homens a acreditarem em algo comum, e com isso acudirem-se entre si.

— Entre si, ou a favor de si? — ela zombou. — Parece-me, padre, que a sagração só é boa para o próprio ídolo.

— Ana — disse ele. — Como seria um mundo onde todos fossem descrentes? Onde não houvesse nada o que construirmos juntos, tudo fosse permitido?

Ana olhou nos seus olhos.

— Seria um mundo igual a este — disse. — Olhe, padre, olhe ao seu redor. Olhe esta prisão e as pessoas que me colocaram aqui. Para essas pessoas, o que não aceitam sempre provém do Mal.

— A cristandade tem seus frutos podres — disse Vicente —, mas é feito de gente boa, que honra sua fé no Senhor.

— Não, padre. Aqueles que acreditam muito em alguma coisa são mais perigosos do que os que não creem em nada. São os que matam por ideias estúpidas.

— E tu crês em quê, mulher?

Ana ergueu as mãos na frente do rosto e com os olhos mostrou o mundo ao redor.

— A natureza é perfeita — ela disse. — Olhe à sua volta, padre, para além dessas paredes frias e sujas.

— A natureza é perfeita pois é obra de Deus.

— Para o seu Deus — retrucou Ana — o conhecimento é um fruto proibido. O conhecimento é um pecado. Só a devoção cega é recompensada. Seu Deus escolheu homens gananciosos para reinar. Escolheu adúlteros para espalhar Sua palavra. Abandonou o próprio filho na cruz e ordenou que Abraão sacrificasse o seu.

— Era para provar sua fé!

— Pois se o seu Deus precisa enganar para ser adorado, então ele é um deus mesquinho. — Ela baixou as mãos e fez uma breve pausa.

Aqueles homens jamais a deixaram sair livre, Vicente pensou.

— Vou ser direto contigo — disse ele. — Precisas confessar algo que sirva a essa gente, ou irão te torturar. Deves confessar apenas culpas que não sejam graves o suficiente para te levares à forca, e para que possas apelar quando chegares a Lisboa...

— Lisboa — ela repetiu num sussurro. Vicente não teve certeza se se tratava de uma pergunta.

— Sim. Primeiro te levarão à Bahia, para seres julgada. Depois te irão degredar para o reino. Eles não irão te absolver, pois te considerarão feiticeira, e estão em busca de bruxas para meter medo às mulheres das vilas. Para controlar a aflição que o povo tomou pelos acontecimentos daqui. Eles precisam de um bode expiatório.

O semblante de Ana estava lânguido, mas seus olhos tinham um brilho colérico.

— Não confessarei nada — disse entredentes.

— Pense bem, senhora. Sofrerás dores terríveis, e no final confessarás o que eles quiserem. Far-te-ão assinar uma ata concordando com palavras que sairão da boca deles e não da tua, atestando que tu as disseste. Trairá até mesmo teus entes queridos para que eles interrompam a tua dor. No final, estarás tão alquebrada que tentará encontrar misericórdia no que eles te dirão, e terminará acreditando que são homens bons, que falam em nome de Deus e que possuem poder para te libertar e te purificar.

— Que assim seja. Nada direi a eles em consciência limpa.

— Confesses, mulher. Confesses que fazes remédios mágicos com tuas ervas. Não é verdade isso?

— É verdade.

— E que lê o futuro numa bacia d'água.

— Isto não é verdade.

— Mas diga que é. Eles acreditarão.

— Não é isso o que querem ouvir — Ana disse de forma lúgubre. — Irão me acusar de ter matado crianças recém-nascidas.

— Mas isto não é verdade — retrucou Vicente.

Ana se calou. Vicente viu algo em seus olhos que o perturbou.

— O que dizeis, mulher! Tens mesmo a morte de crianças em tua consciência? Conta-me a verdade!

Ela parecia consumida. Olhou para ele com um lampejo de raiva. Vicente baixou os olhos, constrangido e culpado.

— Eu estava grávida — ela disse. — O que mais poderia fazer?

Padre Antônio violara muitas meninas e meninos da freguesia. Muitas moças procuraram Maria Bernardina para que ela, com seus chás e suas raízes, interrompesse a gravidez. Ana foi uma delas. Depois que seu marido se foi, Ana tornou-se sua ajudante. As moças as procuravam para que salvassem suas honras. Se tivessem filhos bastardos, seriam abandonadas pelos noivos e maridos, ou mortas.

— Fui a primeira a retirar aquela coisa de dentro de mim, que não ousou chamar de criança — disse ela. — Ajudei muitas moças a fazerem o mesmo. Muitas daquelas que foram levadas embora depois.

Todo ano elas sumiam, explicou Ana, da noite para o dia, sem que ninguém pudesse se despedir. Eram enviadas para algum convento em Portugal. Numa povoação tão devota quanto aquela, uma filha desonrada não poderia ter outro destino.

— Escrevi muitas cartas para minhas companheiras endereçadas aos conventos para onde eram enviadas — disse Ana —, mas a resposta nunca tornou. O mercador jurou tê-las entregue diretamente à madre superiora. Depois recebi uma carta assinada por uma de minhas companheiras, pedindo que eu não escrevesse mais a ela, pois tinha escolhido por vontade própria a clausura e a servidão matrimonial a Deus.

— Palavras que não pareciam ter saído da pena de uma moça.

— Decerto que não — confirmou Ana. — Forjaram a carta para que eu não insistisse no assunto.

Ouviram o *clec!* da grade de ferro e o alcaide entrou na cela, avisando que o tempo de Vicente tinha acabado. Ele se aproximou de Ana rapidamente, pedindo a ela que dissesse um nome, quem tinha feito aquilo. Ela olhou para ele sem esperanças:

— Procure nos arquivos.

Vicente se levantou a tempo de Rodrigo Guerra agarrá-lo pelo braço.

— Solte-me, sargento.

— Não é nada pessoal, padre. O senhor deve sair agora.

— Sempre é pessoal.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

As peças começaram a se encaixar, pensou Vicente. Aos poucos, ele conseguia desenhar no ar o quadro geral da história. Para convencer os pais daquelas moças, os homens da povoação se utilizavam das superstições locais. Entre elas, a de que Deus retribuía a oferenda de uma filha para casar em troca de um filho homem. Mulheres que não conseguiam ter filhos varões prometiam suas meninas a Deus quando tivessem idade para casar.

Naquela época, Ana Pereira casara com um homem que fazia negócios no reino. Mas quando ele saiu em viagem e não regressou, os conselheiros começaram a pressionar para que ela voltasse a se casar. Entretanto, havia padre Antônio, um homem que usava de sua influência para cometer perversões. Depois que ele a violentou, Ana recorreu à velha Maria Bernardina para tomar um chá abortivo.

Entre os costumes cruéis daquela freguesia, estava o de manter mulheres e meninas sob o controle dos homens de bem. Estipularam o voto de silêncio a elas e começaram a vigiar seus partos. Numa comunidade que vivia em torno da espera de um filho, este era o pior dos crimes. Boatos de que Ana teria matado o filho de seu marido passaram a circular e aquelas mulheres seriam perseguidas.

Depois de inúmeras denúncias, os conselheiros resolvem prender padre Antônio. Em seguida, alguém o envenenara em sua cela. Deus do céu! Talvez fosse a própria Ana. Um vigário registrou como morte natural. Esse pequeno erro despertou a desconfiança dos jesuítas do Colégio, que enviou um substituto, ele mesmo, Vicente de Alcântara, para, secretamente, investigar a morte de Antônio de Bragança. Fim da história.

No entanto, não era o fim da história. Mesmo concluindo sua tarefa e elucidando o caso da morte do padre, muitas lacunas precisariam ser preenchidas. Quem, afinal, dera fim à vida do padre na prisão? Quem quer que fosse, mesmo tratando-se de Ana, devia ser levado a julgamento. Além disso, quem se aproveitava da ignorância daquele povo

para tomar suas filhas? Para onde as mandavam, se não eram para conventos no reino? O que faziam delas, afinal?

Naturalmente, o problema terminava em Mariana. Ela era o último cordeiro. Alguém tentaria levá-la, cedo ou tarde. O trabalho só terminaria, Vicente teve certeza, quando descobrisse quem queria fazer mal a ela.

Vicente se preparava para subir de volta o outeiro, pois o vento da noite já roçava o seu rosto, os cabelos soprados por uma aragem úmida. Um guarda regressou e tocou o sino da praça, muito agitado. Quando os homens se reuniram no terreiro, o guarda anunciou que tinham encontrado Maria Bernardina no matagal.

O padre e o alcaide tomaram um cavalo e saíram em direção ao local indicado. Passaram pela casa agora vazia das duas mulheres e adentraram o bosque além. Logo avistaram um grupo de soldados parados em círculo. Vicente foi o primeiro a avistá-la. Um trovão rugiu na mesma hora.

O vento soprou mais uma vez entre os galhos de uma velha jaqueira, os arbustos se agitaram. Viram primeiro seus pés, muito pálidos, amarelados e enrugados, e suas canelas roliças, as varizes saltando para fora, como se as veias pulsassem por fora da pele e não por dentro, embora também agora não pulsassem mais. Dona Maria Bernardina estava ali: pendurada pelo pescoço, suspensa num galho grosso, completamente nua.

SEXTA

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Marta Soares acordou com um pálido raio de sol sobre o rosto. Demorou algum tempo para entender onde estava, que horas eram. Estranhou não ter acordado com o cantar do galo. Depois compreendeu: o galo não cantara naquela manhã.

Ouviu um balido esganado: *béerrcl*. O marido e o filho já deviam estar na lida.

Quando se ergueu, porém, viu que o marido dormia profundamente ao seu lado, como se estivesse sob encantamento. Levantou-se, intrigada, vestiu-se e foi até o leito do filho. Joaquim não estava lá. Saiu apressada e, do lado de fora, encontrou a filha de pé no meio da terra embarrada do pátio, a camisola coberta de lama.

— Mariana.

A filha levantou a cabeça e olhou para a mãe. Seus olhos tinham aspecto melancólico. Alguns metros à frente da filha, perto do celeiro, Marta viu a cena pavorosa. Compreendeu por que o galo não cantara naquela manhã. Estava morto. Em frente ao galinheiro, a cabeça arrancada. Em volta dele, todas as galinhas, mortas também. Não apenas mortas: retalhadas. No centro, um carneiro jovem se estrebuchando no chão.

Joaquim estava de pé, de costas para a mãe e de frente para o animal. Só quando Marta ouviu o som metálico de um objeto caindo de suas mãos, percebeu seus punhos cobertos de sangue.

— Joaquim! — ela deu um grito desesperado.

Nuno Soares surgiu atrás dela com uma expressão atônita. Não conseguia acreditar no que via. Deu dois passos em direção aos animais mortos e parou. Não havia nada mais para ver.

— Mariana, volta para dentro — falou com voz severa.

A menina hesitou, como se fosse dizer algo, mas obedeceu.

Nuno sussurrou o nome de Joaquim.

— Veja, meu pai. Segui exatamente o que me disse a voz. Fiz o que era certo, como eles me ensinaram.

Joaquim tinha imolado um animal pastoril e um animal de carne branca para cada pessoa de sua família. Com o sangue do carneiro, macho, de um ano de idade e sem defeitos, como instruiu o Senhor, ele untou a moldura da porta. Era assim que o povo antigo recebia a Passagem do Senhor, a Páscoa.

— Vá para dentro com tua irmã, Joaquim — disse o pai.

O menino olhou para ele sem entender. Afinal, tinha feito tudo como era para ser. Tinha atravessado a Passagem, aguentado as horas de sofrimento na Cova. Não era mais um menino, e naquela noite seria iniciado entre os Homens.

O pai não esmoreceu. O olhar de Joaquim tomou a dimensão de um rancor. Por fim obedeceu.

— Olha tudo isso ao nosso redor — disse Nuno para a esposa. — É a loucura.

— É um palco, meu senhor — respondeu Marta. — Apenas uma peça, para nos impressionar.

— Estão conseguindo.

— Não permitiremos.

Nuno se exaltou.

— Olha para isso, mulher. Primeiro amaldiçoaram nossa colheita, depois levaram Joaquim. Agora acabaram com nossos animais. O que mais vão tomar de nós?

— Nós o recuperamos! Recuperamos Joaquim!

— Como és tola! Quando tudo isto acabar, levarão Mariana também!

Marta caiu no choro. O marido a agarrou pelos ombros, deixando sair um suspiro.

— Vosmecê sabia disso — ele exclamou. — Sabia disso o tempo todo, e mesmo assim assinou aquele livro. Vendeu nossa filha ao Diabo. Tuas lágrimas são as lágrimas de Judas!

Marta ergueu a cabeça e limpou o rosto.

— Então terminemos logo com isto!

Mariana estava de pé no meio da sala, virada para a parede, com as mãos juntas em forma de oração. Joaquim estava ao seu lado, sentado de pernas abertas.

— Mariana, ajoelhe-se — disse Nuno ao entrar em casa.

— Pai — gemeu a menina.

— Serei direto contigo, filha, e quero que me respondas com sinceridade. Tu alguma vez barganhaste com Satanás?

A menina olhou com espanto para ele. Não reconhecia o próprio pai.

— O que estás dizendo, meu pai! Nunca! Jamais!

— Tu ainda reconheces a Palavra de Deus?

— Sim, meu senhor! É claro que sim!

— Escute, Mariana. Não deixarei que o Demônio viva num lar cristão. Se ele está dentro de ti, então tu não poderás ficar nesta casa. Tens que me dizer a verdade, pois está se formando um tribunal lá no povoado, e tua vida corre perigo.

— Não acreditas em mim? Eu juro-vos que não negociei com o Diabo.

— Por que então foste à floresta com Joaquim? Por que voltaste de lá nua como Eva? E como uma puta, trazias na mão uma flor da luxúria! Por que dizia palavras que não conhecemos, na língua das serpentes? Por que falavas com quem não podíamos ver? Com quem estavas conversando, Mariana? Com o demônio que te possuiu naquela floresta? Assinastes o livro dele? Falaste com a Serpente?

— Pai! Juro-vos! Não assinei livro algum!

— Então por que voltaste da floresta como se estivesse enfeitiçada? Quem te embruxou? Fizeste um pacto negro com o inimigo? Um pacto maligno de sangue?

Mariana chorava. Caiu de joelhos, esfregando as mãos no rosto.

— A verdade, meu senhor — ela disse —, é que tu e minha mãe planejam me entregar. Prometeram-me ao Diabo, para que ele lhes desse em troca Joaquim.

Nuno horrorizou-se, mas não conseguiu abrir a boca.

— Eu ouvi tudo! — Mariana gritou. — Ouvi tudo que conversavam. Prometeram a eles que se tivessem um filho homem, entregariam vossa primogênita!

A mãe, entrando num rompante, correu até a filha com fúria e a golpeou no rosto com o punho cerrado. Mariana caiu para trás, levando a mão à face. O sangue começou a escorrer de seu rosto.

— Sua víbora! — a mãe gritou. — Bruxa maldita!

Nuno agarrou a mulher para contê-la. Marta soltou um urro de raiva e se debateu até perder as forças e se encolheu nos braços do marido.

— Tu mentes, minha mãe! — Mariana gritou. — Tu mentes para teu marido e para teus filhos!

— Mariana, já chega — ordenou o pai.

— Tu mentes para Nosso Senhor, rezando em silêncio contra o pecado! — A voz de Mariana tornou-se grave e gutural, ela arreganhou os dentes e seus músculos se

contraíram. Jogou os braços rijos para trás, sua face tomou uma feição hedionda. — Secretamente tu compactuas com os espíritos!

— Dobre a língua, Mariana! — gritou o pai.

— Tu mentes como uma serpente!

Nuno esbofeteou a filha, mas não lhe deu tempo para se recompor. Logo agarrou-lhe pelos braços e a arrastou pelo chão até o lado de fora da casa. Mariana gritou com desespero para que ele a soltasse, mas Nuno a carregou pela terra embarrada até o outro lado e a atirou dentro do celeiro. A menina caiu no chão ainda gritando e chorando. O pai fechou as portas e a trancou lá dentro. Passou o cadeado e ouviu a filha bater com força contra a madeira.

Baixou a cabeça. Sabia que precisava fazer aquilo. Conteve as lágrimas e deu as costas aos gritos, abafados pelas paredes do galpão.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Era apenas o alvorecer o dia. As aves entoavam seus cantos nos galhos dos buritis ao longe. Quando já era claro, o capataz galopou entre a plantação até onde os escravos trabalhavam. Cumprimentou Piedade com um toque no chapéu e apontou para Awa.

— Não sei o que fizeste praquele negro — disse. — Mas vai fazer ele viver.

Awa se levantou e sorriu. Kunle tinha acordado! Preparou-se para sair correndo em direção à casa de escravos, mas o capataz a segurou.

— Onde tu pensas que vai? Volta ao trabalho até que eu te chame.

Ela olhou para ele com selvajaria, mostrando-lhe os dentes, e então se afastou. O capataz se curvou sobre o lombo do animal e aproximou o rosto de Piedade.

— Escuta bem o que vou dizer, negra — sussurrou para ela. — Volta à tua sanzala e te desfaz de todos os teus símbolos infiéis. Deixa apenas os santos. Tira de lá tudo que for mourisco. Os guardas estão vindo prender Dom José. Vão revistar toda a fazenda, e o que encontrarem de idolatria e heresia vão recolher e prender os donos. Vão levar todo negro que puderem. Tu sabes o que fazem com os prisioneiros. É pior do que aqui.

Piedade escutou com firmeza tudo que o homem lhe disse, e então respondeu com tranquilidade:

— Vosmecê se preocupa a troco de quê, se os outros nos levarem? Se prenderem Dom José, novo patrão branco vem no lugar. Nada muda. Nós nunca vai ser de vosmecê, capitão. Antes, vá, se não é melhor nos levarem duma vez e nos queimarem lá no reino, e morremos nós do outro lado do mar, pertinho de nossa casa.

O capataz contorceu a cara e cuspiu no chão. Em seguida trotou até onde Awa cortava a cana e meteu a mão em seu pescoço, arrancando o talismã que Piedade havia lhe dado.

— Feitiçaria de negro — resmungou ele, enfiando no bolso. — Depois não digam que não avisei.

Awa levou a mão à garganta, como se o capataz tivesse lhe arrancado um pedaço da pele.

— Eu vim pra te buscar — disse o capataz com uma espécie de escárnio. — Arruma as tuas coisas. Vou te levar para o jesuíta.

Jogou no chão um pedaço de corda e mandou que Piedade amarrasse as mãos dela. As duas se entreolharam, assustadas.

— Diacho! — resmungou Piedade.

Sem apelar, o capataz conferiu se as mãos de Awa estavam bem atadas. Então puxou-a para que subisse na garupa. Quando ela montou, Piedade segurou suas mãos como se estivessem se despedindo. Sussurrou-lhe:

— Fique pronta. Será hoje à noite.

O capataz deu um pinote com o cavalo e Piedade teve de se afastar.

— Vosmecês tão com raiva de mim — disse ele. — Mas vosmecês vão ver que estou salvando o couro das duas. Aia!

E com esse grito, saiu trotando em direção à estrada.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Uma luminosidade incômoda fazia arder os olhos quando se olhava para o céu. Era uma manhã própria para um funeral.

Enquanto preparavam o corpo de Mariana Bernardina, Vicente se reclusou em seu quarto para preparar a missa da Sexta-Feira Santa. Atormentado pelos acontecimentos recentes, sentou-se à escrivaninha e começou a escrever em seu caderno:

V. Re.^{mo} Sñor.

Aos dez dias do mes de Abril de mil seiscentos e vinte e hum annos na freguesia da Nossa Señora da Purificaçam da Baya de Todos os Sanctos das Partes do Brasil, informo abaicho ao Collegio da Companhia de Jesu a situaçam como appareço ahi: a sra. Marta Gouveia Soares declara que sua filha Mariana, de ydade de quinze anos solteira natural da çidade do Porto e moradora nesta freguesia, foy achada...

Interrompeu, porque a mensagem soava já um tanto alarmante. Foi então consultar seus alfarrábios sobre medicina, pois seria prudente buscar causas lógicas antes de se perder nas antinaturais.

Segundo a medicina humoral que aprendera em Coimbra, estudada nos escritos de Hipócrates e Galeno, a saúde do corpo era mantida pelo equilíbrio entre quatro líquidos fundamentais: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Eles procediam, respectivamente, do coração, do sistema respiratório, do fígado e do baço. As doenças decorriam, diziam esses autores, do desequilíbrio entre tais humores.

Sabia-se que a bile negra, ou *melancolia*, era associada à noite, por isso o temperamento preferido do Diabo. Nos casos do humor ruim, deveriam ser feitas triagas para forçar a cura do doente. A descoberta é do próprio Andrômaco de Creta, médico de Nero. Era preciso observar as mudanças ambientais, uma condição particular do ar ou da

água, um verão quente ou úmido, uma desfavorável conjunção dos planetas que influenciasse de mal jeito a hidráulica do corpo.

Folhando o catálogo de doenças, Vicente encontrou o que lhe interessava: a reação de mulheres que gritavam, desmaiavam, faziam movimentos involuntários e tinham alucinações, atribuídas a um mal que se chamava *hysteria*, palavra que derivava do vocábulo grego *hyster*, que quer dizer “útero”. Segundo escritos de Hipócrates e de Platão, tratava-se de um mal que atingia as mulheres por causa dos vapores que emanavam do órgão feminino através dos nervos, influenciados pela fermentação do corpo. Tais vapores tinham a propriedade de chegar ao cérebro da mulher, explicando a ocorrência dos sintomas.

Antigamente eram as parteiras que as atendiam, e o tratamento consistia em oferecer cheiros fortes para que a matriz histérica descesse para o lugar. Também se poderia fazer vaporizações de infusões de ervas perto das partes pudendas. Galeno considerou a doença como problema da circulação da semente feminina, causado pela falta do coito entre os casais. Bastaria a retomada dos deveres matrimoniais para colocar os humores da mulher novamente no lugar. No caso das jovens, o problema era resolvido com o sangramento mensal.

Mas como curar a menina? Vicente se perguntou. Vivia-se na colônia de forma precária, com falta de abastecimento do reino, carecendo de utensílios, boticários, especiarias. Epidemias de pleuris, sífilis, peste amarela e bexiga devastavam regiões inteiras no interior. Não havia escorrimento para as sujeiras nos quintais da casa, nem poços de água limpa. Passava-se fome porque acabava a mão de obra, toda ela morrendo miseravelmente nos campos.

Os jesuítas tinham provisão de medicamentos na botica do Colégio, mas a cidade estava a léguas dali. Uma triaga que aprendeu a fazer levava mais de setenta ingredientes, entre raízes, óleos e sais que não se achava com facilidade. Era preciso alguém que conhecia propriedades curativas daquelas matas. E o tempo se esgotava.

Alguém bateu à porta. Foi como uma previsão divina, respondendo às suas angústias. Lá estava aquele homem rústico, vestido em roupas encardidas de terra, carregando uma jovem africana ao seu lado. Reconheceu o capataz da fazenda e a escrava que havia pedido emprestada.

— Vim trazer a negra, padre. A mando de Dom José.

— Sim. Sim. Obrigado.

O capataz meneou a cabeça e voltou para a carroça. A escrava ficou parada diante da porta como se fosse uma encomenda.

— Entra — disse Vicente, tentando encontrar um tom suave que não lhe metesse medo, embora soubesse que a situação não tinha nada de dócil.

Dentro, ela voltou a ficar parada, de pé, diante da janela, em posição de servilismo, mesmo com um gesto de Vicente para que se sentasse.

— Vou explicar-te o que faremos — ele disse. — Iremos ver uma menina que está doente. Ela não come, não fala e passa pouco tempo acordada. Não sabemos o que ela tem, e o cirurgião que mandamos chamar pode demorar alguns dias a chegar. Gostaria que fizesse uso de teu conhecimento para remediá-la.

— Está embruxada — falou a escrava, com dificuldade em encontrar as palavras. — Ouvi dizer.

— Mas quero ouvir uma opinião diferente. — Vicente se afastou dela, para que sua aflição diminuísse. — Depois que a menina ficar bem, escreverei para o Colégio dos Jesuítas para tentar comprar tua liberdade.

Awa Ndongo levou um tempo para entender as palavras dele, e então seus olhos brilharam devagar.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

A missa foi triste e solene. Nuno e Marta Soares compareceram à igreja e sentaram-se na primeira fileira. Tinham o rosto abatido, mas mantiveram-se firmes e sérios.

Estava outra vez abafado e Vicente já sentia suas roupas empapadas. Repousou a Bíblia sobre o atril e abriu no *Liber Psalmorum*. Recitou com voz grave: *Notum fac mihi, Domine, finem meum, et numerum dierum meorum quis est, ut sciam quam brevis sit vita mea*. “Faz-me conhecer, ó Senhor, o meu fim, e a medida dos meus dias, para que eu compreenda o quanto sou efêmero.”

Depois seguiram todos em procissão até o cemitério. Fizeram um círculo em volta da cova nua, ao pé de uma árvore seca e morta, e ali puseram o corpo de Maria Bernardina Soares. Dois homens com pás jogaram terra sobre ela, até fecharem o buraco. À única pessoa que choraria por sua morte não foi dado o direito de estar lá, pois passara a noite no cárcere.

Ao findar da manhã todos voltaram às suas casas. Mesmo sendo dia santo, Vicente notou atividade na Câmara e a sege de Dom José estava estacionada na praça. Tentou entrar no prédio, mas um guarda o deteve na porta, avisando que o comissário estava em audiência privada. Esticou o pescoço para ver lá dentro e enxergou Dom Aguilar, o escrivão e o senhor do engenho sentados à mesa de audiência. Perguntou-se quem ele estava denunciando e, em se tratando do homem mais poderoso daquele lugar, temeu pela vida do denunciado, fosse quem fosse.

Por volta do meio-dia um rumor já tinha se formado na praça. O povo se reunia em volta do alcaide, que relatava a alguns oficiais os últimos acontecimentos da madrugada. Dom José deixou a sala de audiências, acompanhado de um escravo, tomou a sege e voltou para sua fazenda, apressado, sem conversar nem olhar para ninguém.

O comissário e o juiz Corrêa vieram até o lado de fora ouvir as notícias sobre o enforcamento de Maria Bernardina Soares e a descoberta dos objetos de magia negra na cabana da floresta.

Dom Aguilar arregalou os olhos. Logo deliberou sobre a culpabilidade da prisioneira, Ana Pereira. Pediu que o juiz emitisse um despacho para a devassa, que incluía uma prova de bruxa em local público, seguido de interrogatório particular. Vicente, que conhecia bem os métodos do Santo Ofício e seus familiares, sabia que isso significava confissão sob tortura.

Naquele momento estavam todos crentes, com exceção de Vicente, de que uma assembleia de bruxas se escondia nos cantos obscuros daquela comunidade, e da qual fazia parte Maria Bernardina — que “por inspiração divina decidiu dar fim à vida de ímpia imundície” — e Ana Pereira, que havia de ser sua líder.

Gritos de *prendam a bruxa!* começaram a surgir entre os aldeões na praça. Vicente se virou para a aglomeração e fez um gesto com as mãos para que mantivessem a calma.

— Isto aqui está uma pura doudice — gritou ele.

Dom Aguilar deu um passo à frente e também se voltou para a multidão.

— Declaro, neste sórdido e angustioso momento, que a senhora Maria Bernardina Soares, ontem acusada formalmente de haver enfeitiçado sua própria neta, Mariana Soares, decidiu tirar-se da vida esta manhã, inspirada pela melindrosa voz de Lúcifer, seu Mestre Negro, com quem tinha um pacto demoníaco. Sua discípula, igualmente *bruja*, a senhora dona Ana Pereira, com quem compartilhava o teto e a assembleia negra, encontra-se sob a custódia da Justiça, e passará às mãos da corte secular, de modo que El-Rei, Dom Felipe III de Espanha e II de Portugal, aplique-lhe a lei. Prevê-se, como é comum em tais casos, que, depois do expurgo de sua alma, a pobre *niña* Mariana se encontre livre do estado de obsessão sobrenatural, para que este assentamento suspire aliviado e possa, na paz do Senhor, regressar a seus assuntos.

O discurso resultou em mais gritaria. A crise ia se resolvendo como era comum ser resolvida nos reinos ibéricos, com mais ações imediatas e violentas do que investigações. Os aldeões estavam sedentos de alívio e elucidação, exaustos das vidas duras e miseráveis que levavam. A possibilidade de olharem diretamente para as pessoas culpadas pelos temporais, animais mortos e colheitas ruins dos últimos meses era mais que satisfatório — era exitoso.

Dom Aguilar foi recebido como um salvador, o homem que libertaria aquele povo da má sorte. Apenas sua coragem, honestidade e firmeza poderiam trazer de volta a esperança em uma era de glórias.

* * *

Como parte do espetáculo, mandaram trazer Ana Pereira da prisão, puxada pelos braços por um soldado, os pulsos presos atrás das costas por grilhões de ferro. Em procissão, caminharam todos até a margem do Subaé, cantando salmos. Na frente ia o comissário e o juiz Corrêa. Atrás vinham os soldados, Ana, Vicente e os aldeões.

À maneira como faziam pelo mundo europeu, a principal prova de bruxaria era o chamado *banho*. Chegando ao rio, amarraram a acusada a uma corda e a puseram de frente para a margem.

— A suspeita será lançada aí — explicou Dom Aguilar. — As águas são uma criação de Deus e, se a rejeitarem, e ela porventura flutuar, saberemos que está de conluio com o Demônio.

Os dois soldados enrolaram a corda na cintura de Ana e seguraram as pontas para içá-la, caso afundasse.

Vicente se colocou diante deles.

— Dom Aguilar — gritou, tomado pela fúria. — Não permitirei que esta mulher seja submetida a este procedimento bárbaro em *minha* freguesia!

— Afaste-se, padre Vicente.

— *Eu* sou o sacerdote responsável por estas almas — Vicente o desafiou, apontando o dedo para seu próprio peito e depois para a massa de aldeões exaltada — e *não permitirei* que o clamor de vingança pública deite sua raiva nesta mulher, que não tem qualquer prova que pese contra sua inocência!

— Exatamente por isso, padre, que iremos submetê-la ao banho. Os procedimentos seguirão os caminhos da lei — voltou-se para o juiz Corrêa, que assentiu — pois, como mandam as ordenações, nas acusações de heresia, feitiçaria e bruxaria, o acusado que for denunciado por seus vizinhos e parentes tem a culpa presumida. Um culpado jamais deve ficar solto se representar perigo à comunidade.

— Mas esta mulher *não tem* vizinhos e muito menos parentes, e não tem marido, pai ou qualquer homem que interceda por sua inocência.

— Tanto mais perigosa ela é! — bradou o comissário.

— *Eu* intercedo por ela! — declarou Vicente. — Dez culpados soltos não equivalem a um inocente preso!

— Não sejas ridículo, padre. Esta mulher não foi julgada, ela está apenas detida. E como tal, será submetida a uma investigação rigorosa para garantir sua inocência. — Olhou com malícia para a plateia. — Ou sua culpa.

— Vós, Dom Aguilar Ortega, sois um maldito demônio! — gritou Vicente, e cuspiu no chão.

O comissário voltou-se para os aldeões e abriu os braços.

— Vede! Este é o padre de vós. Um homem que quer acobertar uma bruxa! Um homem que se diz servo de Deus, mas coloca-se diante da verdade para ocultá-la, para impedi-la! Este homem, que se diz santo, mas que se deita com prostitutas aos olhos de todos, e entrega-se às mais lúbricas prevaricações e devassidões! Este homem, que se alia a hereges e adoradores do diabo! Este homem, que muito provavelmente tem pacto com Satanás, e que beija o seu traseiro à meia-noite nas profundezas da floresta! Quem de vós poria sua mão no fogo por este homem para dizê-lo livre de impurezas?

A população gritou fortes vaias e apoiou as palavras do inquisidor. Ele se voltou para Vicente, enchendo seu próprio rosto com um sorriso cruel.

— Vede, padre Vicente. Ninguém na *vossa* freguesia o estima. O senhor não lhes conta crédito algum.

— É verdade, Dom Aguilar — falou Vicente com amargura. — A prudência é incômoda, tediosa e bastante impopular por estas terras. Todos preferem homens que ajam ruidosamente e sem pensar.

O comissário pôs a mão suavemente sobre o ombro do juiz Corrêa e lançou a ele uma expressão abalada, como se estivesse sendo vítima de uma perseguição.

— Faça como achar mais adequado, doutor Corrêa — disse.

O juiz, que até o momento observava com cautela, olhou para o jesuíta com o que parecia ser alguma indulgência.

— Padre Vicente — disse ele. — O senhor está detido por desacato a uma autoridade eclesiástica e incitação à desordem pública.

Um dos soldados tomou Vicente pelo braço. O padre deu um puxão para se soltar.

— Sei o caminho — disse com tristeza, e foi levado embora.

Dom Aguilar se voltou para o soldado que segurava Ana Pereira.

— Soldado, prossiga.

O soldado empurrou Ana para dentro do rio e caminhou ao seu lado até que a água batesse em suas cinturas. Sussurrou em seu ouvido que ela pedisse graça ao bom Deus e segurasse a respiração.

Durante todo o tempo Ana permaneceu calada e séria, fitando o nada e segurando qualquer emoção. Decidiu que a dor não a dobraria.

O soldado segurou seus cabelos atrás da cabeça e deitou seu corpo na água, empurrando-a até o fundo. Quando seu corpo emergiu, Ana começou a se debater com as pernas, e o soldado teve que segurá-la até ela afundar por completo. Segurou ainda por um tempo enquanto ela se debatia e engolia água. Então a soltou.

O comissário se aproximou da margem para ver melhor, mas recuou quando a água alcançou suas botas. A população aguardava silenciosa.

Depois de um tempo, Ana parou de se debater.

— Espere — ordenou Dom Aguilar quando o soldado olhou para ele. — Não a toque até que tenhamos certeza.

Então o corpo de Ana fez um movimento espasmódico e ela começou a se debater novamente. Primeiro o seu vestido se abriu e inflou na superfície, e depois todo o seu corpo apareceu na superfície. O soldado a içou pela corda e ela ergueu a cabeça, puxando o ar com força e se engasgando.

— Muito bem — gritou Dom Aguilar, da margem. — Como viram, Deus a rejeitou. Está claro que ela carrega a marca de Satã.

Tiraram Ana do rio e a puseram nas pedras. Estava com o rosto arroxeadado. Viraram-na de bruços e golpearam suas costas até que ela se pusesse de quatro e expelisse toda a água. O soldado ainda teve de conter as pessoas, que avançaram contra ela.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Ainda havia rumores pela praça quando Vicente foi levado para a Câmara. O soldado deixou-o se sentar numa poltrona, pediu perdão, fez o sinal da cruz e foi se prostrar diante da porta, com a mão no cabo da espada.

Vicente pediu para esperar na pequena biblioteca do segundo piso, pois isso ajudaria a passar o tempo. Deus o retribuiria por esse ato de compaixão. O guarda primeiramente negou. Mas preferia temer uma reprimenda do juiz, que tinha fama de brando, a sofrer as consequências de quem faz despeita aos padres.

O arquivo ficava contíguo à biblioteca, no andar superior. Vicente passou os olhos apressadamente pelas estantes e depositou sobre a mesa uma pilha de grossos livros empoeirados, que se intitulavam *Livro dos Registros I, II e III*. Supostamente, eram as informações mais antigas daquele termo.

Começou pelos registros de sete anos atrás. Havia ali as certidões de casamento do juiz Corrêa com dona Isabel Corrêa, de Nuno com Marta Soares e diversas outras pessoas da freguesia. Casaram-se quase juntos, em meses adjacentes: junho, julho e agosto. Em setembro daquele ano houve apenas um falecimento, uma moça de quinze anos. Motivo do falecimento: doença do coração.

De acordo com os registros de almoxarife do celeiro comunal e de negociações comerciais de produtos, grande parte da lavoura teve de ser queimada, e muitos animais caíram doentes por causa de uma epidemia. Tiveram de ser sacrificados. Conforme presenciava agora no caso de Ana Pereira, não devia ter sido difícil para o padre Antônio convencer a comunidade de que Paula Dias era uma bruxa, que amaldiçoava a colheita e raptava crianças.

De acordo com Ana, o padre Antônio havia violado algumas moças da comunidade e Paula Dias havia descoberto. Ela fora a primeira a morrer, enforcada por alguém ou por um grupo de pessoas que não queria que suas denúncias se

espalhassem. Talvez o próprio padre Antônio a tivesse matado. A morte dela foi acobertada, e logo tinham espalhado a história de que enfeitiçara algumas meninas.

Ainda era necessário compreender quem mais, além de padre Antônio, determinava o destino daquelas meninas. Alguém que teria de silenciá-lo anos mais tarde. Seria a mesma pessoa que havia tentado matar Mariana na floresta e, depois, sequestrado Joaquim? A mesma pessoa que enforcara Paula Dias e, anos depois, Maria Bernardina?

Antes que Vicente desconfiasse de algo, deveriam fazê-lo crer que se tratava de um ataque sobrenatural. Mas quando se recusara a acreditar, começando a investigar o passado, um inquisidor precisou afastá-lo imediatamente. Isso queria dizer que Dom Aguilar tinha acordos com aquela gente?

A cabana de Paula Dias era utilizada por alguém que esfolava animais. A pessoa que se escondia na cabana era aquela descrita como o Demônio, que se punha a assustar as pessoas que entravam lá. Teria ele enforcado Maria Bernardina depois que ela resolvera contar os segredos?

Os registros mais recentes eram sobre um processo de demarcação de terras de Dom José. Havia um extenso dossiê sobre a fazenda e denúncias de que ele era judeu e praticava sua fé herética. Se Dom José for preso pela Inquisição, pensou Vicente, isso quer dizer que não faz parte do esquema, mas que talvez *eles* tenham interesse em seus bens. Com o processo por judaísmo, os bens seriam imediatamente confiscados.

Vicente ouviu passos na escada. Escondeu os livros debaixo da mesa e se virou para a biblioteca.

— O que fazeis aí? — ouviu a voz do juiz Corrêa.

— Nada — redarguiu. — Estou a matar tempo.

O juiz parou diante da porta, com as mãos nos bolsos e os olhos desconfiados, sua cara sombria e enigmática.

— O senhor sabe o que dizem de vós?

Vicente olhou para ele.

— Que bebo demais?

— Que lê demais — disse o juiz.

— Bem, é que não me conformo em ver o mundo só com os olhos. Preciso das respostas, e nunca as encontro.

— E não será por que elas não estejam nos livros?

— Ora, e onde mais estariam?

— Em Cristo. No trabalho de cada dia. Na fé.

— Doutor Corrêa — zombou Vicente. — Vede. Tornei-me padre para ver se Deus falava comigo, e olhe agora, estou mais sozinho que nunca.

— Deus vos perdoe, homem! Um padre que não encontrou Deus!

— Eu estudei por muitos anos os teólogos da Igreja, mas a cada ano que passa eu encontro cada vez menos sentido nas ações do Senhor. Ele se manifesta para a gente humilde nos campos, mas não para aqueles que o buscam nos estudos e nas reflexões. Se o Senhor quer que tenhamos fé Nele, por que não se manifesta para todos?

— Pois aí não haveria sentido na fé. A fé naquilo que nossos simples olhos não veem é o que separa os crédulos dos incrédulos.

— Portanto, doutor Corrêa, Deus recompensa com a fé os ignorantes, que não precisam de nada para acreditar no que dizem os padres, mas pune os estudiosos, que procuram Sua existência nas evidências.

O juiz fez uma cara horrorizada. Depois, como se lhe batesse um profundo pesar por aquele homem, disse-lhe:

— Bem, o senhor pode ir. Não vou prendê-lo por miudezas do clero. O senhor que se resolva com o Santo Ofício.

Vicente agradeceu com uma mesura, pediu licença e saiu. Quase tropeçou ao descer as escadas. As respostas não estavam nos livros, mas ele sabia onde as encontrar.

CAPÍTULO QUARENTA

Awa abriu a despensa da casa paroquial. Havia pouca comida. Alguns pedaços de carne seca pendurados por ganchos, queijo, pães e rapaduras de melado e amendoim.

Em cima da cômoda, uma cesta com bananas, pitangas, buritis, carambolas e romãs, frutas que ela nunca tinha visto. Foi provando um pouco de cada e abrindo as portas dos armários e das gavetas para procurar objetos de valor. Guardou na parte de dentro do seu vestido um abridor de cartas pontudo e alguns paramentos de prata da missa.

Depois se sentou no chão e comeu até não aguentar mais.

Um vulto passou pela janela, cortando a luz da tarde que vinha de fora. Ela rolou para o lado, assustada, e foi se arrastando pela parede até o outro lado do quarto, onde havia uma canastra grande o suficiente para ela se esconder.

— Awa! — gritou uma voz perto da janela.

Pela forma como pronunciava seu nome do jeito certo, Awa soube que era um dos seus malungos. Com cautela, foi até a janela e espiou. O escravo estava de pé na frente da casa, esperando. Awa colocou a cabeça para fora e o chamou.

— A negra me pediu para te mandar uma mensagem — disse ele.

— Piedade? Como ela está?

— Está bem. Kunle também. Já está se sentando e comendo.

Awa sorriu o quanto podia.

— Estou pensando num jeito de sair daqui — disse ela. — Mas não enquanto os brancos estiverem de olho em mim. Qual é a mensagem? Anda, fala logo!

O malungo então falou, de um jeito um pouco solene, que os escravos iriam fugir naquela noite. Haveria uma grande procissão pelo campo, e a fazenda e o povoado ficariam vazios. Além do mais, não podiam mais esperar, pois o comissário do Santo Ofício estava fazendo uma devassa por tudo, investigando Dom José e tudo que tivesse duas pernas no engenho. O plano era se encontrar na clareira da floresta ao norte quando a lua estivesse no ponto mais alto.

Awa perguntou o que fariam para despistar o capataz, e o escravo lhe respondeu que Piedade ia dar um jeito.

— Que jeito?

— Coisa dela — disse o malungo. — Não sei.

Awa apenas concordou e prometeu que estaria lá. Daria um jeito. O malungo ressaltou que eles não poderiam esperar ninguém, caso ela se atrasasse. Era preciso que estivesse lá na hora certa.

— Estarei lá — ela repetiu.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Vicente e Cristóvão foram buscar Awa na casa paroquial para levá-la até Mariana.

— Vou resumir-te a história — disse Vicente do lombo da mula. — De tempos em tempos, escolhem meninas jovens para mandá-las embora daqui. Não sei o que fazem com elas. Também não sei quem está envolvido, mas tenho a convicção de que aquele mercador, Domingos Furtado, é quem as leva. Lembro-me de que me disse que não trabalhava só em traficar gente, mas que também vendia pergaminhos. Pensei que se referisse aos africanos, mas havemos de convir que quem vende negros também pode sair a vender meninas por aí. Não faltará quem as compre, não achas?

— Para quê os pergaminhos?

— Vá saber. Chamou-me a atenção pois o pergaminho é artigo raro hoje em dia, especialmente nestas terras. Aí, vede, aparecem cordeirinhos com a pele arrancada, e as encontramos, as peles, curtindo naquela choça da floresta. Ou o mercador se esconde lá, ou quem lá vive tem negócios com ele.

— Do jeito que falais, padre, parece que quereis dizer que há uma conspiração em curso nesta comunidade.

— Em que época e lugar não há uma conspiração em curso?

— Bem, e como salvamos Mariana?

— Boa pergunta. Aí não sei. Duas coisas ainda temos a descobrir: quem a atacou na floresta e como fez para enfeitiçá-la. Ela e Joaquim falam num demônio que espreita por essas matas, mas tenho convicção de que não é mais que alguém tentando assustá-los. Intrigam-me ainda algumas coisas. As palavras em língua estranha que saíram da boca dela enquanto delirava, e aquele estranho verso...

— Que verso?

— “O lobo corre”, foi o que ela disse. Tentei lembrar-me de algum poema...

Cristóvão sorriu.

— O que é engraçado? — perguntou Vicente.

— Não é nada, padre. Desculpe-me. É que o tal verso soou como o nome de uma pessoa, e minha cabeça fez um trocadilho.

— Nome? Que nome?

— O do juiz. Diogo Lobo Corrêa.

Vicente olhou para ele com profundo espanto.

— Rapaz! Que diabo de gênio tu vai me sair!

Amarraram a mula perto do bosque e aproximaram-se da casa em silêncio. Awa seguiu atrás do padre e Cristóvão foi na frente, ansioso. A lua cheia se erguia no céu e iluminava toda a noite. Havia luzes acesas do lado de dentro da casa, mas não se ouvia ruído algum. Olharam pela janela e viram a luz do candeeiro bruxuleando. Ninguém lá dentro. Repararam na abertura no piso.

— O alçapão — Vicente sussurrou. — Está aberto.

Viram uma sombra passar. Abaixaram-se atrás da janela e esperaram. Os passos repercutiam no assoalho de madeira. Vicente arriscou dar uma espiada e enxergou Marta Soares guardando um objeto metálico dentro de uma canastrinha no armário. *A chave*. O alçapão estava outra vez fechado.

Vicente fez um sinal para Cristóvão contornar a casa e outro para Awa aguardar no bosque com a mula. Quando ele e o garoto chegaram à parte da frente, enxergaram dois homens na porta do celeiro, segurando tochas. Eram Nuno Soares e Dom Aguilar, parados um ao lado do outro. Em seguida, Marta caminhou até eles e os três entraram.

— Mariana há de estar lá dentro — Cristóvão sussurrou.

— Prefiro examinar o alçapão antes — disse Vicente. — Não haverá outra oportunidade para isso.

— Vá, padre. Cuidarei de cá.

Vicente entrou sorrateiro na casa e tomou o candeeiro de cima da mesa. Meteu a mão na caixinha em cima do armário e tateou um molho de chaves. Foi até a portinhola do alçapão e tentou chave por chave até encontrar a certa. Sentiu o clique da fechadura e sorriu. Levantou o postigo e iluminou lá embaixo.

O quartinho era basicamente um buraco escavado no chão. Estava mobiliado apenas com um altar, no fundo, no qual se escorava uma imagem de Cristo crucificado sobre uma toalha branca, rodeado de velas. No chão, perto do altar, estavam os objetos

de ferro que ele tinha visto na semana anterior dentro do armário: uma cinta de espigões e um chicote, ambos instrumentos de mortificação.

Passou a luz pelas paredes e encontrou nelas vestígios de sangue. Nuno Soares havia lhe dito que era um quarto de santos, onde era comum nas famílias mais devotas o suplício, e talvez Marta e a filha fossem obrigadas a se automutilarem lá dentro. Havia, porém, mais uma coisa.

No altar, ao pé da imagem, um livro com capa preta, com os dizeres *Ordo Rex Absconditus*. Ordem do Rei Encoberto.

Vicente folheou-o rapidamente e identificou vários desenhos e caracteres estranhos e escritos desordenados. Parecia um livro de rezas em várias línguas e alfabetos. Identificou alguns textos em latim, em grego e em hebraico. Seu conhecimento de grego era mediano e não sabia nada de hebraico.

Conseguiu identificar um trecho que parecia uma oração de conjuração:

Ó grande, potente e poderoso Amainon, vós que sois Rei, cingido pela potência do Supremo Deus El sobre todos os espíritos superiores e inferiores das ordens infernais nos domínios do Leste. Eu invoco-te pelo poder e comando do nome do Verdadeiro Deus; por esse deus que vós adorais; e pelo selo da vossa criação; e pelo nome mais poderoso e potente de Deus, Iehovah Tetragrammaton que vos deu forma ainda antes da criação do paraíso, junto com vossos irmãos; e pelo nome Primeumaton que comanda sozinho no paraíso; pela vossa majestade, obriga e compele o espírito para vir até mim, diante deste círculo em uma forma adequada e amigável, sem dano a mim e toda e qualquer outra criatura, e que corresponda fiel e verdadeiramente a todos os meus pedidos; de modo que eu possa realizar minha vontade e...

Nas páginas seguintes havia desenhos de pentáculos, como os que encontrara no livro negro dentro da cabana. Numa folha solta, encontrou instruções para rezar o *pater noster* na língua original, o aramaico:

*Yaticadash sh'mach
Ela patsian min bishta*

[Santificado seja Teu Nome

Mas livra-nos do Mal]

As frases que Mariana recitou enquanto delirava!

Vicente estremeceu. Algo terrível tomou conta dos seus pensamentos. O tempo todo, então, era a mãe que a fazia dizer aquelas coisas? Era também a mãe que a fazia delirar? A mãe era a Mulher de Preto que aparecia à noite ao pé de sua cama e sussurrava vozes dentro de sua cabeça?

Sim, ele pensou. *O chá.*

Logo seus ouvidos o alertaram de que alguém havia entrado na casa. Fechou a porta do alçapão depressa e apagou a luz do candeeiro. Esperou, na completa escuridão.

Os passos ressoaram no assoalho acima da sua cabeça.

Viu as sombras se moverem pelas frestas da madeira. Tapou a boca para não deixar que um ruído involuntário escapasse. Estava de repente preso num quartinho sufocante debaixo da terra, e por isso começou a suar frio e a tremer. Seu coração palpitou. Teve a impressão de que ia estourar. Os passos se movimentaram pela casa. Ouviu outros barulhos, de objetos caindo no chão. Quem estivesse ali, procurava por algo, e Vicente só esperava que não fosse pela chave do alçapão.

Os passos pararam em frente ao armário. Depois andaram mais um pouco. E pararam de novo.

Rezou para Nosso Senhor. Não achou que Ele atenderia as preces de um padre que invadia casas e se esgueirava pelas sombras como um ladrão, mas rezou mesmo assim. Não poderia depois dizer se tinha sido obra Dele ou se apenas tivera sorte, mas quando os passos voltaram a se movimentar, foram para longe.

Estavam bem no meio do celeiro, iluminados apenas por uma lamparina. A mãe e o pai rezavam em volta. Dom Aguilar se elevava diante de Mariana. Ela, de joelhos, encostava o queixo no peito, semblante abatido e atormentado.

O inquisidor pousou a mão direita sobre a cabeça dela. Estava vestido com uma *superpelliceum* branca e uma estola roxa. Com a mão esquerda segurava um pequeno livro, o *Rituale Romanum*, publicado sob orientação de Paulo V.

Nuno segurou a filha pelos ombros quando esta parecia querer avançar sobre Dom Aguilar, que a aspergia com água benta de forma feroz. Mariana fez uma careta medonha, ainda que seus olhos estivessem sempre baixos e demonstrasse estar bastante exausta.

— Eis aqui, que serão tomados de terror — disse o inquisidor. — Não há nada a temer, porque Deus há de dispersar os ossos de teu agressor, a quem tu destruirás, porque o Senhor o rejeitou.

A luz da lamparina oscilou e as janelas e as portas do galpão bateram. Os pais olharam em volta, aterrorizados, mas o inquisidor permaneceu encarando-a com firmeza.

— Deixa-me sair! — Mariana gritou com uma voz grave que não parecia ser a sua. — Solta-me!

Dom Aguilar se curvou sobre ela.

— Esconjuro-te, espírito imundo! Cada poder satânico, cada incursão do Adversário infernal! *In nomine Christi*, ordeno que deixe este corpo!

Da boca escancarada da menina saiu um mugido.

— Mentiroso! — ela gritou para ele, depois se virou para a mãe. — Conte a verdade, mulher! Tu me envenenaste! És tu a verdadeira bruxa!

Então se virou de novo para Dom Aguilar e cuspiu em seu rosto. Ele limpou com desdém e atirou o vidro de água benta contra o rosto dela, e ela se contorceu como um animal acuado. O pai a puxou com força pelos braços e a manteve presa e firme. Mariana deixou-se cair sobre os braços do pai, completamente exaurida.

O corpo de Mariana começou a se contrair, e ela deixou a cabeça cair para trás. O inquisidor ficou irrequieto e voltou a rezar, contrito: *Adiuro ergo te omnis immundissime spiritus, omne phantasma, omnis incursio Satane, in nomine Iesu Christi Nazareni!*

Enquanto Mariana se debatia, como se tivesse se convencido de sua própria possessão, a mãe lhe trouxe uma coroa de flores e pôs em sua cabeça. O pai, sob o olhar cúmplice do inquisidor, a despiu de seu vestido. Com a ajuda da mãe, colocou um manto alvo e translúcido sobre os ombros da filha.

Sentiram o vento soprar forte mais uma vez contra o celeiro e a luz lá dentro tremulou até apagar de vez. A porta começou a bater com força. O interior do galpão estava agora completamente imerso na escuridão.

Um clarão de luz iluminou tudo ao redor. Chamas infernais explodiram em cima da pilha de feno e uma fogueira começou a subir em direção ao teto. Nuno Soares olhou espantado, e teve a impressão de ter visto a face do demônio aparecer no meio do fogo. Labaredas saltaram para todos os lados, tomando a palha seca com voracidade.

— Apaguem o fogo! Tragam água! — Nuno gritou.

Marta correu até a cisterna do lado de fora do celeiro e voltou com um balde de água. Nuno tentava abafar o fogo com todo tipo de objetos que encontrava por perto:

tábuas, lonas de algodão, ferramentas de campo, baldes de cobre. Dom Aguilar, com a ponta das botinas, tentava apagar as pequenas labaredas que saltavam na sua direção.

— Precisamos de mais água — Nuno gritou para ele. — Vá buscar água!

O comissário saiu a contragosto e foi ajudar a mulher a buscar mais baldes enquanto Nuno tentava tirar de perto das chamas os materiais inflamáveis.

Por fim, depois de longos minutos, conseguiram conter o fogo. Suspiraram aliviados e escoraram-se, exaustos, nas pilastras.

Só quando acenderam o lampião perceberam que Mariana não estava mais lá.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Cristóvão ajudou a descer Mariana da mula. Awa veio ajudá-los a carregá-la. Pensaram que era melhor escondê-la na igreja, pois os guardas em breve viriam buscá-la.

Não havia nenhum movimento do lado de fora, e as árvores eram apenas formas que se moviam contra o céu escuro, vagamente iluminadas pela lua cheia. O vento encrespava o hábito de Vicente e o gibão de Cristóvão, e quase os impedia de fechar a porta principal. Tiveram de empurrá-la com força.

Estavam no amplo espaço escuro da nave, entre dois lampiões que iluminavam apenas o fundo da igreja. Deitaram Mariana sobre o altar, feito uma santa virginal e martirizada. Colocaram Awa para lhe cuidar e voltaram para trancar as entradas.

Perto das janelas, os galhos dos altos pinheiros vergavam sem descanso. Vicente pediu ao garoto que o ajudasse a colocar as travas extras, pois quem quer que estivesse atrás deles, deveria ser impedido de entrar. Vicente bloqueou a porta de acesso da sacristia com uma tranca dupla de madeira. Cristóvão, enquanto buscava as barras de ferro para passar às aldrabas, olhou pela janela e murmurou:

— Padre... estão vindo.

Reuniram-se no centro da nave. Awa abraçou Mariana e, afetuosamente, colocou a mão em seu rosto, depois começou a sussurrar baixinho suas cantigas ou preces africanas. Um silêncio angustiante tomou conta do interior da igreja por um momento.

— Senhor, perdoe-me, porque pequei — sussurrou Vicente.

Agora que estava próximo do perigo, imagens de sua juventude voltavam violentamente à sua cabeça.

— Estais bem, padre? — perguntou Cristóvão.

Vicente olhou para Mariana, desfalecida sobre os braços da escrava. Precisava que ficasse tudo bem, precisava que Awa a salvasse. Ele devia isso a *ela*. Em outra época, em outra vida, ele deixara uma menina como Mariana morrer.

Apagaram os lampiões e se refugiaram na escuridão.

* * *

Vicente abriu a porta e a luz fraca de uma única vela ofereceu o quarto para que ele o contemplasse. Sobre a cama, de braços e pernas estendidas, sua mulher berrava e contorcia o corpo. Duas outras mulheres, uma de cada lado, tentavam acalmá-la. A visão encheu-lhe de pavor. Jamais tinha visto tantas expressões de agonia, tantos gritos de dor.

Uma das mulheres, a mais velha, empurrava com força a barriga de sua esposa. Um fluxo volumoso de um líquido amarelado escorria pelo meio de suas pernas. *Como pode a natureza ser perfeita, ele pensou, se para que algo tão belo nasça, seja preciso tanto sacrifício, tanto sofrer?*

A parteira fazia sua esposa respirar de forma profunda e pausada. Enfiou a mão no meio das suas pernas e olhou para Vicente com uma cortante tristeza.

— A mulher viverá — disse ela.

Vicente saiu do quarto, temendo não aguentar. Sentou-se num banco comprido no corredor e esperou. Viu dois homens se aproximarem. Um deles era seu pai, homem alto e de barba espessa, que com a voz grave lhe apresentou o sujeito baixo de bigode fino:

— Trouxe o médico.

A parteira deixou o quarto e veio até o corredor falar com eles. Em nenhum momento se dirigiu a Vicente. Apenas cumprimentou o médico com a cabeça baixa e detalhou a situação ao pai.

— Meu senhor, creio que não se poderá salvar a mãe e a criança ao mesmo tempo.

O pai ofereceu-lhe um olhar severo e seguro, então disse para o médico:

— Sabes o que fazer. Primeiro a criança.

Com essa ordem, o médico entrou. A parteira virou-se para segui-lo, mas o pai a impediu. A parteira se embruteceu, mas não disse nada e saiu. Vicente olhou para o pai com os olhos cheios de raiva.

— Pai.

— Um homem precisa saber esperar, Vicente. É sua maior virtude.

Vicente avançou sobre a porta, mas o pai lhe agarrou pela gola da camisa e o jogou contra a parede com a facilidade com que lidava com sacos de açúcar. O jovem jurou que jamais deixaria homens como aquele saírem vitoriosos.

— O que farei se perder minha mulher? — gritou.

O pai olhou com zombaria:

— Entras para a Igreja.

Ouviram barulhos do lado de fora. Primeiro pareciam apenas estalos na madeira, espaçados e lentos. Depois perceberam se tratar de passos. Pelo luar que se projetava das janelas, viram passar uma sombra. Logo em seguida outra. E então mais uma. Estavam rondando o prédio. Mesmo com todas as luzes apagadas lá dentro, era tarde demais para tentarem se esconder. Sabiam que eles estavam lá. Ouviram batidas na lateral, na sacristia.

— Estão procurando um jeito de entrar.

Outra forte batida. Olharam na direção da porta, mas não conseguiram ver nada. Os barulhos em volta do prédio aos poucos cessaram e houve um longo silêncio.

— O que houve?

Durante um minuto, tudo ficou calmo. Vicente sabia que era só uma distração.

— Ouve-me, pois não temos muito tempo — disse para Cristóvão e fez um gesto para que Awa lhe alcançasse o braço de Mariana. Tomou-lhe o pulso com uma mão e o de Cristóvão com a outra. Depois disse: — Só há uma forma de salvar Mariana.

Cristóvão compreendeu. O padre queria casá-los.

Vicente se levantou e foi buscar o livro de cerimônias. Cristóvão tomou Mariana nos braços e a pôs sentada em seu colo. Ela estava debilitada, mas consciente. Retribuiu o olhar do garoto quando ele a olhou com ternura.

— Mariana, desculpe-me os modos — começou a dizer. — Sei que não é o momento propício para isso, mas não creio que ter uma conversa com teus pais agora seria o melhor jeito, então, já que temos o padre ao nosso lado, bem... queria que soubesses que é desejo mui grande de meu coração tornar-te a mulher mais feliz deste mundo...

Mariana fez força para erguer a cabeça e gemeu. Quando Cristóvão se aproximou para ouvi-la, os lábios dela tremeram:

— Pelo amor de Deus — murmurou. — Ande logo com isso.

Cristóvão sorriu.

Vicente voltou e se ajoelhou diante deles. Aspergiu a testa de Mariana com água benta e fez o sinal da cruz sobre ela.

— “Grande glória ao marido é ver sua esposa como lhe tem governada a casa...” — leu Vicente em voz alta. Pulou alguns trechos e continuou, apressado: — “Para que, lembrando-se ela do particular ofício das mulheres, entendesse que não casara para estar

ociosa em delícias e passatempos, senão para estar sempre ao que mais pertence às mulheres honradas...”

— Ande, padre — gritou Cristóvão.

— “Ame-se a mulher, mas de tal sorte que se não perca por ela seu marido a dignidade. Alumie com a luz que ele lhe der, e tenha também alguma claridade”. — Virou-se para Awa: — Preciso de duas testemunhas. Penso que só há duas neste recinto, eu e tu. Dê-me tua mão.

— Não sou cristã — disse Awa.

Vicente tomou-lhe a mão mesmo assim. Pôs seu dedo no tinteiro e pressionou sobre o livro dos registros. Logo em seguida, assinou seu nome logo abaixo. Depois voltou-se para Cristóvão e Mariana:

— E com isso vos declaro marido e mulher.

Tirou do bolso dois anezinhos de prata que pegara na sacristia e entregou-os ao garoto. Ele colocou um em seu dedo e outro no de Mariana, mas o anel era folgado e deslizou do dedo dela.

Estavam casados. Vicente poderia ser punido pelo ato, mas Mariana não poderia mais ser levada.

— Vamos subir ao campanário.

Cristóvão ergueu sua esposa e a carregou pelos ombros por onde o padre indicava. Awa os seguiu pela escadinha helicoidal na lateral do átrio, que levava à tribuna do segundo piso. Da janela da tribuna eles podiam ver a noite brilhante lá fora, banhada pela lua cheia e fustigada pelo vento forte. Foram tentar abrir a portinhola que dava para o campanário. Por ali poderiam chegar até o telhado. No entanto, quando se preparavam para destrancá-la, voltaram a ouvir barulhos nas portas lá embaixo.

— Estão aí — suspirou Vicente. — Foram buscar algo para abrir.

Fizeram silêncio e se afastaram. Correram até o canto da tribuna, que dava para o coro. Estava muito escuro lá dentro, longe da janela.

— Eles vão entrar — sussurrou Cristóvão.

SÁBADO

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Já passava da meia-noite. Vicente sabia disso porque as estrelas Dubhe e Merak da Ursa Maior estavam alinhadas com a estrela polar do Norte.

Saíram pela janela do coro, que agora estava livre. Cristóvão carregava Mariana nos ombros e Awa corria na frente puxando Vicente pela mão. Contornaram a igreja e se esconderam na parte de trás do prédio.

Vicente não estava acostumado a correr, e teve de se escorar contra o muro para recuperar o fôlego. Aquela brincadeira de gato e rato dentro e fora da igreja já se estendia por mais de uma hora. Quem quer que estivesse atrás deles, havia agora invadido a casa de Deus para matá-los.

— Tome a besta e fuja com Mariana — disse Vicente.

Cristóvão fez um gesto para dizer que não o abandonaria ali sozinho, mas Vicente se adiantou:

— Tudo que fiz até agora foi para salvá-la.

Sabendo que a mula era o único meio de ganharem distância, Cristóvão concordou. Lançou um último olhar de clemência e gratidão ao padre e, sem dizer nada, virou as costas com sua esposa.

Vicente e Awa os viram sumir entre os pinheiros na entrada do bosque.

— Tenho que voltar à casa paroquial — disse Vicente. — Tenho que buscar algo. Vou distraí-los enquanto tu foges.

Awa também quis negar, mas a expressão do padre era tão firme que era impossível desobedecê-lo.

Então Vicente tomou ar e correu em direção ao outro lado, atravessando o pátio iluminado entre a igreja e a casa. Atingiu a porta da frente, girou a maçaneta e entrou.

Ele sabia que estava sendo estúpido, arriscando-se demais. Mas também sabia que não iria embora daquele lugar sem levar seus papéis, sua longa pesquisa, sua obra de uma vida inteira. *É para isso que eu vivo*, pensou, e sem isso não há motivo para escapar.

Estava silencioso lá fora. Ele se atirou em direção à sua escrivaninha e com os braços em forma de pá foi arrastando todos os seus papéis para dentro da algibeira de couro. Vicente percebeu que seu caderno não estava sobre a mesa e foi procurá-lo na estante, junto dos livros. Seu peito arfava, seu rosto pingava de suor e seu coração estava prestes a explodir.

Entre uma prateleira e outra, espiava pela janela, para ter certeza de que ninguém se aproximava. Foi então que percebeu, no chão do cômodo, um rastro de terra. O rastro levou seus olhos direto para a janela do outro lado, que estava com as grades de madeira quebradas. Alguém tinha entrado lá.

Não. *Alguém estava lá dentro.*

Neste momento, um vulto passou por ele no fundo do cômodo, onde a luz que vinha da janela não alcançava.

— Está na hora — disse uma voz fantasmagórica.

Vicente saltou para o lado num reflexo. Suas entranhas gelaram. Seus olhos se esbranquiçaram e sua visão se turvou.

— Não se mexa — a voz sussurrou. — Não diga nada.

Das sombras surgiu uma figura esguia e comprida. Tinha a forma de um homem, alto e magro, mas se balançava sobre as pernas feito um animal.

Vicente se moveu para ver de um ângulo em que a luz de fora entrava pela janela. Era um homem muito pálido que vestia apenas uma tanga branca. Os olhos arregalados e muito brancos apareciam na penumbra. Na mão direita um objeto comprido reluzia.

— Domingos Furtado — disse Vicente.

Ele lançava um olhar cheio de loucura e pavor, entrecortado, com expressões de dor e sofrimento. Vicente estendeu a mão para que se acalmasse.

— Fique onde está, padre — disse ele com um fio de voz.

Enfim está começando, pensou Vicente. Não havia mais nada a fazer a não ser encarar o abismo. Dar a volta e fugir era tarde demais. Seus dentes começaram a bater, descontrolados.

— Há muitas coisas que não sabeis — disse Domingos.

Vicente parou de tremer e se empertigou, fazendo uma expressão séria. Mal movia os olhos. Só importava ficar quieto e esperar alguma brecha. Também não ousou virar a cabeça. Não ousou ver nada mais naquela noite, pois o que o aguardava era pavoroso.

Domingos lançou um gemido que misturava choro desesperado e riso histérico. Tapou a boca com a outra mão.

— O senhor não sabe por que há tanto medo — ele disse. — As vozes... Olhe para cá, padre. Não tema. Logo nos reuniremos no Gólgota.

Então ouviram um estalido, como se uma lingueta de ferro tivesse sido destravada. Lentamente a porta começou a ranger e a luz de fora começou a vazar por ela. Vicente não mexeu nenhum músculo. Não havia mais nada o que fazer.

Domingos Furtado ergueu o objeto em sua mão e o encaixou na boca. Era um cano comprido de bambu, como uma flauta. Mas quando ele a assoprou, não saiu dela nenhuma nota melodiosa.

Em seguida ele sentiu uma picada no pescoço, parecida com uma picada de inseto. Deus, como ele odiava insetos e suas picadas! Esperou, até sentir um chiado agudo nos ouvidos. E então não viu nem ouviu mais nada.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Não sabia onde estava. Um lugar escuro e silencioso. Respirava com dificuldade e não conseguia se mover. Não conseguia gritar, paralisado.

Aos poucos compreendeu a precária situação: tinha as mãos amarradas atrás das costas e não as sentia, porque os braços estavam adormecidos. Os pés também estavam presos um ao outro. Uma mordaca tapava sua boca e um capuz cobria sua cabeça. O ar faltava e, quando tomou consciência disso, seu coração disparou.

Primeiro tentou livrar as mãos ou os pés, mas, com o esforço, perdeu fôlego. Tentou manter a calma e economizar o ar. Seu peito inchava e se contraía. Só quando conseguiu diminuir a tensão enxergou através do capuz escuro. Isso revelava que ele não estava soterrado. Não sabia por quanto tempo estivera desmaiado. Talvez duas ou três horas. Ainda há esperança de morrer de forma rápida e indolor.

A tampa de madeira sobre ele foi aberta. Duas mãos o puxaram para fora e o colocaram de joelhos. A dor às vezes aliviava e às vezes piorava, mas não passava. Estava faminto, mas, sobretudo, com sede. Seus lábios e todo o interior de sua boca, completamente secos. Em seu pescoço, sentia a crosta pegajosa do sangue.

Diante dele, parada de pé, uma figura negra.

Começava a imaginar o que ia lhe acontecer. Dor. Desespero. Escolhas difíceis. Pensava em Mariana, queria que estivesse bem. Mas não era tão nobre a ponto de se entregar a qualquer martírio apenas com o pensamento de que ela estaria em segurança. Ele queria estar em segurança também.

As mãos o puseram de pé e ele ouviu a porta ranger. Mesmo que não tivesse a mordaca na boca, não lhe ocorreria dizer nada. Já presenciara, outrora, sessões de interrogatório seguido de tortura. Era seguido um protocolo em que nada do que dissesse, gritasse ou gemesse faria diferença.

Na hora certa, diriam para que ele respondesse as perguntas, mas ainda nesse momento não lhe dariam ouvido. Tudo o que falasse seria ignorado, até que a tortura e a intimidação o dobrassem, e o medo e a exaustão estivessem impregnados em sua voz.

Mas também nesse momento o que ele falasse não teria importância, pois ele diria qualquer coisa que o mandassem dizer. Seria como aqueles belos pássaros verdes que repetem as falas dos seus donos, implorando para a dor cessar.

Foi empurrado até o lado de fora do cômodo. Pela brisa através do hábito ele podia sentir que estava ao ar livre. Pela escuridão podia supor que ainda era noite e que estavam em um lugar afastado. Sentiu o cheiro de um cavalo, e logo mais sentiu a presença dele. Entendeu que seu captor o faria montá-lo. Montou no animal sem resistência, seguido pelo seu carrasco.

Cavalgaram em trote ligeiro, porém firme, por vários minutos. Quase nada distinguia através da venda, mas podia perceber a tênue claridade da lua entrecortada pelas árvores, e concluiu que atravessavam a mata. As sombras diminuíram, como se tivessem entrado numa clareira. A pessoa às suas costas falou:

— O Visitador não aprovaria o que estamos a fazer — disse a voz, grave, masculina e imponente, levemente familiar. — Por mais que tenhamos inimigos em comum, nossa servidão é irreconciliável. Aqueles a quem escolhemos seguir estão em lados opostos na batalha entre o Bem e o Mal. No entanto, padre, somos muitos espalhados por aí. O que fazemos é para o bem do Império e do povo.

Não tentava esconder sua identidade. O juiz Diogo Corrêa parecia ter se transformado drasticamente. Não mais aquele homem comedido e sutil, mas alguém constituído pela mais pura arrogância. Falava em tom pastoral, como se quisesse ensinar lições de vida a Vicente.

— Em breve o senhor vai compreender o que fazemos aqui. E quando compreenderdes, concordareis conosco. E desejareis estar ao nosso lado. Porque acreditamos que o senhor ou o Visitador poderiam ter nos ajudado em algum momento, que poderiam estar ao nosso lado na batalha que realmente importa, que é varrer o protestantismo da face da Terra. Mas parece que El-Rei e seus soldados inquisitoriais estão mais preocupados com mosaicos, mouros e demônios. É um mal dos castelhanos.

Fez uma pausa, como se esperasse que Vicente tentasse falar ou gesticular em concordância, depois continuou.

— O Demônio foi subjugado há muito tempo. É o que dizem as Escrituras. Não há por que duvidar disso. O que mais poderíamos achar, se não é essa a vontade grandiosa

de Deus? O Senhor nos deu o poder de subjugá-lo, invocá-lo e controlá-lo. Não estamos aqui para prestar-lhe culto, mas para fazê-lo nos obedecer.

Vicente ficou horrorizado.

— O senhor já viu o Diabo, padre? Já olhou em seus olhos? Eu vos digo: ele é feio. É uma visão medonha. Nem todos têm a alma tão consagrada a ponto de ficarem diante da Besta. O que fazemos aqui é algo muito oculto, muito profundo, que apenas gente muito abençoada há de presenciar.

Vicente gemeu o que parecia ser três palavras. Diogo Corrêa pensou por um breve momento e então disse:

— Oh, não, não. Sei o que estais a pensar. Não é nada disso. Não fazemos este tipo de coisa. Não oferecemos nada ao Inimigo. Mariana é uma oferenda a Nosso Senhor. Faremos o que é feito todo o Domingo da Ressurreição. Comemoramos a volta de Cristo, damos graças ao Deus da Manhã e celebramos a fertilidade da terra. Estamos na primeira lua cheia da primavera, o que quer dizer que a terra e as mulheres estão propícias à fecundação. O senhor dirá que é pagão. Chame como quiser. Não somos selvagens. Somos conhecedores profundos das leis de Deus e do Rei Salomão.

Vicente já tinha lido sobre o livro negro que associavam ao Rei Salomão. O primeiro chamava-se *A Clavícula de Salomão*, e consistia em rituais para invocar e governar os anjos. O segundo chamava-se *A Clavícula Menor de Salomão*, ou *Lemegeton*, e servia para invocar e comandar os demônios. O Rei Salomão capturara e prendera todos os 36 senhores do inferno num jarro mágico e o selou com uma chave mágica, a Chave de Salomão. O livro descreve os espíritos demoníacos e as condições necessárias para obrigá-los a fazer a vontade do conjurador.

— Sete anos atrás — disse Diogo Corrêa — Nuno Soares e sua esposa vieram me procurar, pois não conseguiram ter um filho homem. Após a menina, que cresceu com vida, três outras crianças morreram em seus braços após nascerem. Todas nasceram mulheres. Eles estavam tomados pela desesperança. E a desesperança leva o homem a tomar medidas seminais. Eles ouviram que havia uma possibilidade. Um ritual poderoso, que extraía dos demônios o poder de lhes conceder o que queriam, se pudessem conjurá-lo e fazê-lo obedecer. Eu sequei as lágrimas daquela pobre mulher e lhe disse que havia um jeito. E perguntei-lhe se era verdade que tinham uma filha, quase na idade de sangrar. Ela veio a mim e disse: “sim, temos, temos uma moça que já é quase mulher” e eu lhe respondi: “uma moça assim costuma ser muito fértil.”

Vicente deixou escapar um suspiro.

— Não sejais ingênuo, padre. Todos nesta terra fariam o mesmo. Muitos já o fizeram e farão de novo. Uma filha é um dote valioso para os pais.

Houve então um novo silêncio, e foi como se nesse tempo se formasse no ar a pergunta que enchia Vicente de medo: o que fazem com elas?

— Nós as trocamos — disse a voz tenebrosa do juiz. — As trocamos por bons filhos. Por braços fortes para essa pobre gente, que é o que mais importa nesse mundo.

De repente, pararam.

— Não sois como padre Antônio, que sabia o lugar no mundo dos escolhidos por Deus. É pena, padre, que o senhor não tenha dado atenção aos nossos avisos. Queríamos que tivésseis ido embora a tempo, no entanto insistísseis em ficar.

O avisado vê o mal e se esconde, pensou Vicente, mas o simples de coração passa e sofre a pena.

Agora tinha chegado sua vez.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Pelo tecido negro da venda, Vicente enxergou uma grande fonte de luz. Sentiu seu calor próximo. Ouviu vozes e sentiu a presença de muitas pessoas. Eram vozes em êxtase, inflamadas por louvores e cânticos. Ao fundo, um som ritmado de batidas, tambores e chocalho. Apenas pelo som, Vicente podia imaginar as terríveis e inebriantes visões que os poetas fizeram do Inferno.

Duas mãos retiraram seu capuz, mas mantiveram a mordança em sua boca. Finalmente ele pôde ver a incrível cena.

Uma larga clareira se estendia no meio do canavial. A fonte de luz e calor erguia-se na forma de uma enorme cruz incandescente. O fogo espalhava-se por toda a base, ponta e transepto, queimando com ferocidade, como uma gigantesca tocha no meio da escuridão. À volta dela, formando um grande círculo, estavam cerca de trinta ou quarenta pessoas, homens e mulheres, vestidos em túnicas brancas. Alguns deles usavam máscaras feitas de cascas de árvore e palha de cabaça. Outros tinham o rosto descoberto, e Vicente identificou Nuno e Marta Soares entre eles. Eram em sua maioria camponeses e aldeões, homens e mulheres, jovens e velhos, brancos, negros e índios. Estavam com o dorso nu, mulheres com seios caídos e murchos, entoavam estranhos sons, sílabas que não significavam nada em nenhuma língua.

Enxergou Cristóvão e Ana, de costas no canto do círculo, com os rostos virados para uma grande árvore solitária que se erguia no meio da plantação.

No centro do círculo estavam quatro figuras mascaradas, vestidos com roupas cerimoniais. Três deles pareciam urubus gigantescos em volta de uma carcaça, paramentados com túnicas negras, aventais de pele e faixas roxas na cintura, enfiados em capuzes negros e pontudos com buracos apenas para os olhos. Cercavam um altar, todo rodeado por velas.

A quarta figura vestia-se de branco. Também usava um capuz sinistro que encobria seu rosto, mas no alto da cabeça tinha uma espécie de mitra, vermelha e dourada,

como um cardeal. Carregava uma vara comprida de ferro e fazia um gesto expansivo, cerimonial. Fosse o que fosse, aquela figura parecia ser o mestre.

Escravos percutiam atabaques, chocalhavam maracás e cantavam.

A figura de branco saiu do centro do círculo.

— Irmãos — disse ele. — É chegada a hora.

Homens e mulheres do círculo se organizaram em duas plateias, viradas para o centro com a cruz de fogo. Duas mulheres mascaradas e vestidas como aias, com aventais vermelhos sobre as túnicas brancas, vieram recitando cânticos, como numa missa. Elas passavam uma fumaça em turíbulo e batiam sinos dos carrilhões.

Duas aias traziam uma menina pelos braços. Vestia também a túnica branca que ia até os pés, as mãos amarradas à frente. Era Mariana. Estava desperta e caminhava, porém outra vez parecia estar num estado de transe, com os olhos esbranquiçados e perdidos.

Quando chegou ao altar, as aias desamarraram os laços nas costas da túnica e a deixaram cair sobre seus pés. Mariana ficou completamente nua. Trouxeram novamente a coroa de flores e puseram-na em sua cabeça.

A figura de branco prostrou-se atrás dela e pronunciou:

— Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo.

Todos bateram palmas e gritaram.

— E todos os que sobre a terra respiram — continuou o líder — agora vinde a adorar estes cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro.

Por um instante, Vicente teve a impressão de que representavam a Dança Macabra, com seus personagens: a Morte, o Rei, o Cavaleiro, o Papa, a Virgem.

Um dos mascarados de preto desembainhou uma espada e ergueu-a para o alto. Disse:

— Não tenhamos prazer na morte dos ímpios! Assim juramos pela palavra do Soberano. Antes, desejamos que eles se desviem dos seus caminhos e vivam.

Trouxeram três jovens do povoado, entre eles Joaquim Soares. Usavam camisas largas e calças até o joelho, à moda francesa, e tinham um nó de corda enrolado em seus pescoços, como se fossem hereges a caminho da forca. Os três se ajoelharam diante do mestre e este empunhou uma adaga cerimonial.

Uma das aias entregou em suas mãos um coelho. O mestre tomou-o pelo pescoço e, enquanto o bicho se debatia, o degolou. A aia depositou uma grande taça de cobre embaixo das mãos do mestre e recolheu o sangue do coelho.

O mestre devolveu o animal morto e tomou a taça, passando-a para os jovens iniciados beberem.

— Falou o Senhor a Moisés — recitou o mestre. — Aos dez dias deste mês, tomai cada um para si um Cordeiro. Ele será sem mácula, tomado dentre as ovelhas do rebanho. E o guardareis, e todo o ajuntamento da congregação o sacrificará. E tomarão do sangue, e pô-lo-ão na verga da porta das casas. E Eu passarei pela terra esta noite, e ferirei todo o primogênito, desde os homens até os animais, e todos os outros deuses que idolatrem, deles farei juízo. Eu sou o Senhor.

O mestre então tomou a espada e pousou sobre o ombro de Joaquim.

— Em nome da Ordo Rex Absconditus, eu te consagro Cavaleiro.

Repetiu o gesto e a fala nos dois outros. Por fim veio um homem, seminu, que ergueu um pedaço de pele de animal e leu as inscrições nela, que pareciam tratar de um juramento.

Quando terminou de ler, os três rapazes juraram, e então um dos homens de preto, com o punhal, baixou a camisa dos garotos e fez três cortes fundos nas suas costas, e depois um círculo dentro, formando uma figura angular que lembrava uma pirâmide com um olho. Em vez de sentirem dor, os garotos sorriram e pareciam orgulhosos.

Depois passaram novamente as aias e deram para as pessoas ali presentes uma beberagem, um suco de ervas que Vicente deduziu ser o chá que os gentios chamavam de petimã e que os fazia ficar em transe e chegarem ao estado de santidade.

Depois de tomarem da bebida, caíram desfalecidos no chão, entortando a boca, botando a língua para fora. Se retesavam e se contorciam com os tremores, falando entredentes e fazendo um sinal exaltado de três gestos, como se estivessem a formar o sinal da cruz, mas desenhando um triângulo no ar.

Terminados os movimentos, as mulheres começam a tremer, parecendo possuídas, deitando-se no chão e espumando pela boca.

A plateia se abriu e, pelo corredor de acólitos, Vicente viu surgir uma criatura que não podia ser deste mundo. Contra a luz, era uma coisa enorme e disforme. Quando se aproximou, Vicente pôde vislumbrar a coisa medonha que estava entre eles: tinha a forma de um homem, mas a sua cabeça era de um boi. Era o Demônio.

Foi colocado no centro de um círculo desenhado no chão com giz.

— Eu vos confino e conjuro, ó Demônio — disse o mestre para ele. — Por todos os nomes mais gloriosos e mais potentes do Senhor inefável Anfitrião, que vos dirijiu até aqui, desde os confins da terra, onde teu império se encontra, responder corretamente as

minhas ordens, visível e amigável, falando com voz inteligível. Eu voz conjuro e confino, ó espírito, por todos os nomes até agora pronunciados, e pelo poder destes sete nomes que o grande Salomão utilizou para aprisionar-te, junto com vossos companheiros na Arca de Bronze, os quais são Bael, Agares, Vassago, Valefor, Amon, Paimon, Astaroth, Belial, eu vos conjuro a comparecer ante este círculo, para cumprir nossa vontade em todas as coisas que nos parecerem justas. E caso ainda se mostre desobediente e resista, pela Vontade onipotente e poderosa do nome supremo e onipresente do Senhor Deus, eu vos constrinjo e vos privo de tuas funções, da alegria e de seu lugar, ligando-os à profundidade do poço sem fim do Abismo, para que lá permaneça até o Dia do Julgamento. E eu vos ligarei ao fogo eterno, e no lago de fogo e enxofre, a menos que venha sem demora e apareça diante deste círculo para fazer nossa vontade.

O homem com a cabeça de boi também começou a tremer e convulsionar, como se estivesse possuído. O Cavaleiro o carregou até o centro do círculo e apontou o punhal para ele, como se eles fossem lutar. Ali mesmo, o agressor saltou e agitou a adaga, e o Demônio se lançou à frente como se quisesse tentar tomá-la de sua mão. Mas o Cavaleiro o abateu com uma estocada na altura do ventre e lhe derrubou com o pé. Colocou-o de joelhos e ergueu seu pescoço. A cabeça de boi caiu, revelando seu rosto. Vicente reconheceu-o: o capataz da fazenda de Dom José. Ele fez uma careta medonha para o mestre, revirando os olhos e urrando.

— Ó, Demônio — disse o mestre —, porque respondeste diligentemente minhas ordens, provando pronto anseio em vir atender-me, concedo-lhe licença para volver aos ermos de onde surgiste, sem trazer o agravo ou o perigo a homem ou besta. Parta, então, eu digo, devidamente exorcizado e consagrado pelos ritos da Santa Igreja e esteja pronto para nos atender. Eu convido-o a se retirar pacífica e tranquilamente, e que a paz de Deus seja mantida entre ti e nós!

Então o Cavaleiro o segurou pelos cabelos e passou a lâmina em sua garganta. O homem estremeceu com um som gutural pavoroso, afogando-se em seu próprio sangue, e caiu no chão, estrebuchando, até parar quieto.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Vicente já tinha ouvido falar sobre cultos que se espalhavam pelo sertão. Tinham sempre um mestre, como um sumo sacerdote, e celebravam uma espécie de missa, dizendo orações e cantando hinos. Mas a cena que se desenrolava diante dele parecia congrega mais que um desses rituais, mais que uma ordenação de cavalaria ou adoração. Era tudo ao mesmo tempo.

— Não diga nada, padre.

A voz próxima quebrou seu torpor e ele voltou à realidade como se despertasse de um delírio. Virou os olhos para trás e sentiu que alguém pressionava seus pulsos atrás das costas. O dono da voz era um mascarado idêntico a qualquer outro ali, e ninguém teria reparado nele ou na sua movimentação.

— Como tivestes coragem? — Vicente murmurou, contrariando a ordem de seu agressor. — Veja o que farão com Mariana.

O homem aproximou seu rosto demoníaco do ouvido do padre.

— Não farão nada com Mariana... ainda.

Então a corda que prendia as mãos de Vicente começou a ceder. Nuno Soares a cortava com uma pequena lâmina.

— Deixei-te um manto e uma máscara atrás daquela árvore.

Disse isso e se afastou. Quando Vicente olhou para trás, já o tinha perdido no meio da multidão. Suas mãos estavam livres, mas ele as manteve às costas para não despertar a atenção. Todos pareciam estar em transe e não repararam quando ele começou a andar em direção à árvore.

No centro do círculo, o mestre caminhou e ergueu os braços. As aias trouxeram Mariana, nua, para a frente do altar. Os três jovens iniciados pararam à esquerda do mestre. Do lado direito, três acólitos se enfileiraram. As aias tiraram suas máscaras, e se revelaram três meninas, entre elas as filhas gêmeas de Afonso e Teresa Coutinho.

— Não há nada mais sagrado que a Virgem — disse o mestre, apontando para as meninas. — Elas darão ao homem o sagrado lar, e darão frutos em sua terra, e sua fertilidade fará brotar o milho, a mandioca e a cana na primavera. E de seu ventre sairão os filhos que Deus lhe der, e eles serão braços fortes para a colheita!

Os homens e mulheres levantaram os braços e gritaram amém.

Vicente pegou uma tocha pendurada numa estaca e contornou a árvore. Ana e Cristóvão estavam agora ajoelhados, de frente para o tronco. Suas mãos foram amarradas a uma corda que circundava toda a árvore. Estavam semidesfalecidos. Ana tinha ferimentos no rosto e uma expressão aturdida no olhar.

Vicente recolheu do chão os paramentos que Nuno tinha deixado ali. Vestiu a túnica branca sobre o hábito jesuíta e encarou as órbitas vazias da máscara de palha. Era realmente assustadora. Perdão, Senhor, pensou ele, por trajar algo tão diabólico.

Camuflado em meio ao grupo, tentou desamarrar a corda. Mas haviam-na fechado com um nó cego, que ele não conseguiria abrir sem a ajuda de alguém. Precisava de algum objeto cortante. A ansiedade começou a lhe tomar conta e o seu peito arfou. *Que desespero, meu Deus, que desespero!*

Procurou pelo chão e encontrou uma pedra pontuda. Tentou afiá-la antes na madeira, e, depois, com toda sua força, tentou desfazer a corda, fibra por fibra.

Cristóvão foi o primeiro a vê-lo. Acordara de seu estado entorpecido. Olhou para o acólito mascarado esfiapando a corda em que estava preso. Vicente fez um sinal para que ficasse quieto e o rapaz pensou que estivesse num sonho.

A corda começou a se dilacerar com o atrito da pedra. Cristóvão, mesmo sem saber o que acontecia, tentou ajudá-lo, pressionando as amarras para que fossem mais vulneráveis e arrebentassem.

— Temos que tirar Mariana de lá — ele disse.

Vicente continuou cortando a corda. Ouviram um gemido abafado vindo do centro do círculo. Aos poucos os tambores e os maracás cessaram e um burburinho se iniciou entre a plateia.

Vicente esticou o pescoço para enxergar acima das cabeças. Diante da enorme cruz de fogo, viu os homens de preto cercando o mestre, que tinha algum tipo de objeto — *uma faca!* — cravado na altura das costelas.

Houve uma grande comoção e muitos foram acudir o líder. Vicente e Cristóvão aproveitaram a confusão para terminar o trabalho. O jovem puxou com força as amarras

em várias direções, para afrouxar o nó, e Vicente friccionou a pedra com tanta energia que, quando a corda finalmente arrebentou, ele caiu tonto contra o tronco da árvore.

Cristóvão se arrastou até o outro lado e soltou as amarras nas mãos de Ana. Ela se levantou com uma força súbita e foi se arrastando em direção ao meio da confusão.

— Leve Ana para o canavial — disse Vicente. — Escondam-se lá.

Cristóvão negou, afastando-se em direção à multidão.

— Desculpe-me, padre — disse ele. — Preciso buscar Mariana.

Naquele momento, os acólitos já haviam capturado o autor do atentado. Arrancaram sua máscara e o puseram de joelhos na frente do altar. Era Nuno Soares. Estava com uma expressão serena. Juntou as mãos em forma de oração e começou a recitar:

— O Senhor porá fim a todo aquele que fala em Seu nome usando as palavras do Inimigo. O falso messias não enganará mais o teu povo, Senhor.

Então o Cavaleiro se aproximou e o degolou com um único golpe do punhal. Nuno caiu morto no chão sem nenhum ruído.

A multidão silenciou. Os acólitos carregaram o mestre para longe dali e ele fez gestos para avisar que passava bem.

Vicente não enxergou mais Cristóvão. Também não enxergou Mariana, nem Marta. Ana vinha caminhando com dificuldade na sua direção, trazendo uma faca, a mesma que tinha sido arrancada das costelas do Mestre.

— Pelo amor de Deus, mulher! Vamos, enquanto há tempo!

Correram em direção ao canavial e deixaram para trás toda aquela loucura.

CAPÍTULO CINQUENTA

A lua baixava no horizonte.

Escondidos entre os pés de cana, altos e envergados pelo vento, Vicente tentava confortar Ana em seus braços. Seu corpo debilitado não reagia. Seus olhos começavam a perder o brilho. Ela começava a querer desistir.

— Padre — ela murmurou. — Como é o Paraíso?

Ele olhou para ela e uma tristeza imensa o invadiu. Sorriu.

— É como dormir um boa noite de sono — ele disse. — Para sempre.

Ela tentou sorrir também, mas todos os músculos do seu corpo, até os da face, produziam uma dor agonizante. Chegaram até onde podiam. Ele sabia disso. Não haveria nada além. Nenhuma esperança para bons homens e mulheres naquele mundo dominado pela força da violência.

Ana ergueu o braço e estendeu a faca para Vicente.

— Mande-os para o Inferno.

Ele segurou a mão dela e a levou de volta ao peito, a faca ficou pousada sobre o coração de Ana, sua mão segurando-a com força.

— Não posso fazer isso — disse Vicente. — Sou padre. Tu farás melhor uso dela.

Fez o sinal da cruz sobre o rosto dela. *Ainda hoje estarás comigo no Paraíso.*

Ergueu-se de pé e avistou a alguns metros uma figura negra se aproximar. Levantou a tocha e, encarando o Cavaleiro que vinha lhe buscar, encostou o fogo nas folhas de cana. Depois trocou de mão e pôs fogo às folhas do outro lado. Quando o fogo começou a crescer e tomar o canavial, caminhou em direção ao seu inimigo.

— O Senhor está comigo — disse em voz alta. — O Senhor é a Luz, e a Luz é tudo aquilo a que nomeio Deus.

O Cavaleiro parou e tirou a espada da bainha. Por onde Vicente passasse, deixava o rastro de fogo nos pés de cana.

— Ele é a Luz! — Vicente gritou. — E a Luz é o único nome que a Ele importa, pois todo o resto é escuridão!

Quando o Cavaleiro se aproximou, o canavial já ardia. Vicente tentou acertá-lo na cabeça com a tocha, mas o Cavaleiro, com um golpe rápido, trespassou a espada em seu ventre. Vicente caiu de joelhos. Um gosto ferroso invadiu sua boca.

— Perdoa-o, Pai — sussurrou. — Ele não sabe o que faz.

Com suas últimas forças, arrancou a espada da barriga e a jogou no chão. Não poderia mais vencê-lo.

O Cavaleiro se aproximou, recolheu a espada e olhou para o padre, como se decidisse se valeria a pena acertá-lo mais uma vez, se poderia se compadecer por aquela pobre alma, ou como se temesse ter má sorte por matar um padre. Foi embora e o deixou em paz.

Diante de si, Vicente avistou um trono grande e branco, e nele não estava sentado nenhum rei. Em volta dele viu muitas pessoas com semblantes tranquilos: sua mãe, seus irmãos e sua esposa, carregando nos braços uma criança. Aquelas eram suas melhores lembranças, e ele as viu mais uma vez.

Depois, lentamente, a imagem sumiu, e ele viu o fogo subir aos céus e iluminar a escuridão da noite. *Tudo está consumado*, disse para si.

Inclinando a cabeça, entregou seu corpo à terra.

O fogo devorou o canavial e ardeu durante vários dias.

No início não havia nada além do escuro. Awa Ndongo estava só. Ela rastejou pelas sombras como a Serpente, escondeu-se no breu das árvores como o Sapo e espreitou-se entre os arbustos como a Pantera.

Parou para tomar fôlego perto do córrego, matou a sede e sentou-se numa pedra para que os espíritos pusessem sua cabeça no lugar.

A Lua era engolida pela garganta púrpura do Sol. O céu começava a se azular. A luz se espalhou por todas as partes.

— Salvem, Ancestrais — ela sussurrou para o céu. — Salvem tua filha.

Os passarinhos livres vieram ver quem era ela. Ela cantou para eles bem baixinho e sorriu, enquanto ainda podia se sentir confiante. Os resquícios da Lua apontavam a direção pouco antes de sumirem por completo. Estava no caminho certo. Um Macaco veio ver o que ela estava fazendo de cima de um galho alto. A Aranha veio perturbar seu caminho, mas ficou para trás com seu veneno.

Ouviu um ruído que não era da floresta. Era de gente. Virou-se e se escondeu atrás de um arbusto. O que viu trouxe confusão. Eram duas pessoas montadas num cavalo. Dois jovens, um casal. Aquela moça branca, que o padre tinha lhe pedido para sarar, e o rapaz que casou com ela. Apreensivos, observavam todos os sons. Fizeram uma pausa breve no córrego para encher seus cantis, depois voltaram a montar no cavalo e seguir caminho pelo meio da mata. Pela primeira vez, Awa viu aquela menina acordada, viva.

— Ai, protejam essa alminha — sussurrou também.

Ouviu novos ruídos na mata. Não era a única que observava o casal passar. Correu assustada, os espinheiros dos arbustos rasgavam suas pernas, mas avançou, cambaleando, caindo e se levantando. Não estou rápida o suficiente, pensou. Seus músculos não conseguiriam levá-la para muito longe.

Finalmente identificou os ruídos que ouvia: latidos de cães. Eles vinham atrás dela. Parou outra vez para tomar ar, escutando apenas as batidas do seu próprio coração.

Seus pulmões estavam prestes a explodir. Pensou em subir na árvore, mas era uma ideia ruim, pois poderia ser vista. Tornou a ouvir os latidos a uma distância menor. Não restava muito tempo. Melhor continuar onde estava.

Quando tornou a ouvir os latidos, eles estavam muito perto. Teve a impressão de que os cães sabiam exatamente onde ela estava e vinham em sua direção. Depois ouviu um som estranho, o som de algo cortando o ar. *Zuuumpt*. Ouviu o ganido agudo e seco. *Caiim*. E então não ouviu mais nada.

Tremendo, Awa podia sentir o cheio do animal. Estava a poucos palmos.

Ainda agachada atrás da árvore, ela espiou para contemplar seu destino. Se fosse para fugir, ou se fosse para voltar à fazenda, ela tinha de saber. Mas o que viu a encheu de confusão. Ali, a poucos metros dela, o enorme cão jazia estirado sobre o solo, perdido entre a vegetação rasteira, já morto, ou quase. Uma vara comprida atravessava seu abdômen.

Mas quem...?

Viu os homens. Saíam de trás das árvores, como parte da própria mata. Pretos como ela, tinham o dorso nu. Fortes e ferozes. Vestiam trapos na cintura ou velhas calças de algodão. Diferente dos pretos que conhecera no engenho, estes usavam colares, brincos, argolas e todo tipo de enfeites de batalha, como os guerreiros que conhecera em sua terra.

Armavam-se com lanças iguais à que tinha atravessado o cachorro. Um deles se aproximou de Awa e falou em português:

— Vem de onde?

Embora ainda estivesse escondida atrás da árvore e tentasse fingir que ninguém a tinha visto, tomou coragem e saiu para falar com ele.

— Do engenho — ela disse em quimbundo, e apontou na direção do canavial, para se certificar de que o homem a entenderia.

Ele fez um sinal para os companheiros, que ela não entendeu o que significava. Depois olhou de volta para ela e, vendo que estava apavorada, ergueu as mãos, mostrando que não tinha armas. Depois deu um passo à frente.

— Viemos do *kilombo* de Acotirene — ele disse em quimbundo. — Buscamos fugidos para levar para lá. Se quiser pode vir conosco.

Awa se espantou, arregalou os olhos e deixou um gemido escapar dos seus lábios.

— Noventa léguas para a frente — ele disse, apontando para o Norte. — Muitos dias de caminhada. Os feitores estão no nosso rastro.

— Onde estão os outros? — perguntou Awa. — Os outros do engenho?

O homem fez um gesto em direção à mata.

— No acampamento.

— Quantos são?

— Só uma mulher — disse o homem. — Uma mulher sem a mão.

Deu as costas e voltou a se embrenhar no mato. Os cinco homens que estavam com ele se viraram e o seguiram. O último da fila olhou para Awa, como se esperasse sua decisão. Depois se virou e entrou na mata também.

Awa ficou parada em frente ao corpo estendido do cachorro. Uma tristeza inundou seu coração quando ela compreendeu que jamais conseguiria voltar para sua terra, que jamais atravessaria o mar outra vez. Pelo resto de sua vida, caso sobrevivesse, seria uma alma desterrada dentro de um corpo estranho. Ela nunca seria livre entre os brancos, mas também nunca deixaria que a prendessem de novo.

Olhou para o Sol iluminando as copas das árvores, o teto da mata se acendeu, os animais saíram para caçar, e ela pensou que ser livre não era uma condição. Ser livre era uma estrada que nunca acaba, e que nela nunca se sabe o que há de se encontrar. Mas não importa, ela pensou. Era preciso seguir em frente.

FIM

POÉTICA DO MEDO DO ESCURO

*Ninguém ficou realmente surpreso com o fato,
pelo menos não no nível do subconsciente,
onde se desenvolve tudo que é selvagem.*

Stephen King

1 AS HISTÓRIAS DE MEDO

1.1 UM PÓS-ESCRITO PARA A *NOITE DO CORDEIRO*

Neste breve texto tentarei explicar alguns pontos principais do processo criativo de meu romance, *A Noite do Cordeiro*. Auxiliado pela pesquisa bibliográfica, tentarei demonstrar de que maneira a experiência de leitura e a tradição de modelos do discurso histórico e dos romances e filmes de terror e suspense serviu para o desenvolvimento de minha obra ficcional.

Esta reflexão não visa desenvolver uma teoria sobre a literatura de terror, muito menos discutir sobre o medo na literatura de forma geral, tema que exigiria uma tese inteira. Apresentarei apenas o ponto de vista de alguns autores sobre o assunto e a convergência com o meu próprio. A pesquisa, no entanto, me levou a compreender as *histórias de medo*, isto é, narrativas ficcionais que buscam causar no leitor ou espectador o efeito de pavor, angústia, tensão ou estranhamento, e que geralmente se enquadram nos gêneros tradicionais de horror, terror, suspense, mistério ou *thriller*. A partir dessa compreensão, direcionei a pesquisa a um tipo de efeito de sentido próprio dessas histórias, que neste ensaio denominei *medo no escuro*.

A exemplo de textos personalísticos como o “Pós-escrito a O nome da rosa”, de Umberto Eco⁴, ou “A filosofia da composição”, de Edgar Allan Poe⁵, improvisei neste ensaio uma análise póstuma do conteúdo e do processo criativo do meu romance, utilizando-o como exemplo para os elementos de composição aqui discutidos. Tais elementos, como a figura do monstro, a estrutura do enredo de suspense, a importância da atmosfera, a simbologia e o tema da caça às bruxas são abordados pela perspectiva da

⁴ ECO, Umberto. Pós-escrito a O nome da rosa. In: _____. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. P.543-576.

⁵ POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: _____. *O corvo*. Org. e trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

escrita criativa — na qual minha experiência pessoal como escritor de ficção, a teoria da literatura e a narratologia são usados como referência.

Este texto está dividido em três partes: na primeira, trato da questão do medo do escuro como efeito de sentido nas narrativas de terror e suspense; na segunda, da função do monstro e da monstruosidade; e, na terceira, da estruturação de enredo que, espera-se, possibilite gerar a emoção almejada na recepção da obra. Em cada parte, além de apresentar minha percepção sobre tais aspectos, tento demonstrar como esses elementos foram utilizados na criação do meu próprio romance.

1.2 MEDO DO ESCURO

O medo é a emoção mais primitiva e universal. Não apenas porque é inerente a todos os seres humanos, mas porque é inerente a quase todas as formas de vida. É o estado nervoso e emocional que responde de forma consciente ou inconsciente a uma situação de perigo. É uma reação instintiva e imediata que observamos nos níveis mais elementares da biologia, incluindo certas plantas e organismos unicelulares. No ser humano é ainda mais complexo, pois surge como sintoma da angústia de viver, tal como observou Freud⁶, já que o ser humano é uma espécie capaz de antever sua própria morte.

Já nas primeiras manifestações da vida humana encontramos os elementos de reação pré-mortal que se pode identificar como medo. Muito antes que se presuma que o recém-nascido tenha noção de sua própria existência ou finitude. O medo é uma sensação reativa: o alarme para não ser devorado. Porém, com a consciência da morte, o medo é duplamente sentido no ser humano: pelo corpo e pelo intelecto.

Defendo a ideia de que o medo é o mais universal e primitivo sentimento por que é anterior a qualquer outro valor ou emoção que nos defina: os conceitos de amor, lealdade ou justiça podem variar de cultura para cultura, e de épocas para épocas, mas o sentido de medo continua imutável. Na sua *História do medo no Ocidente*, Jean Delumeau⁷ levanta a hipótese de que foi o medo, e não qualquer outro sentimento, que fez com que indivíduos da espécie humana cooperassem entre si. Para se fortificarem contra as ameaças externas, passaram a formar sociedades. Assim, a solidariedade humana seria muito mais um produto do medo do que do amor, o que torna a perspectiva

⁶ FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e medo*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

⁷ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800 – uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Coleção Companhia de Bolso)

da existência humana bem mais pessimista. A necessidade de segurança seria a base da afetividade, e que “haja ou não em nosso tempo mais sensibilidade ao medo, este é um componente maior da experiência humana, a despeito dos esforços para superá-lo”⁸.

Mas o medo do ser humano é tão diversificado que ele sente necessidade de escrever sua própria história para se manter vivo e eterno. E assim, afirma Delumeau, o medo subjetivo é um choque, um tipo de emoção geralmente precedida de surpresa e provocada pela tomada de consciência de um perigo, pois quando entramos em estado de alerta, a região do cérebro chamada hipotálamo desencadeia diversos comportamentos somáticos, como aceleração dos batimentos cardíacos, falta de ar, imobilização, tremor⁹.

H. P. Lovecraft, um dos mais cultuados escritores de terror do século XX, é autor da célebre afirmação de que “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido”¹⁰. Não é à toa que o medo e o terror sempre foram temas recorrentes nos mais diversos tipos de arte.

Para Lovecraft, entretanto, há diversos objetos para o medo, e nem todas as pessoas têm medo das mesmas coisas. O apelo ao macabro espectral, por exemplo, exige certo grau de imaginação do leitor e, por isso, o terror é um gênero restrito na modernidade, já que são poucos os que realmente conseguem se libertar do ritmo do cotidiano e da apreciação realista das representações. O terror responde aos instintos e emoções mais primordiais, que desde sempre reagiram aos apelos do ambiente onde se encontrava. Sensações baseadas no prazer e na dor, portanto, que se desenvolvem em torno de fenômenos cujas causas e efeitos não se compreendem objetivamente.

O desconhecido é o imprevisível e, portanto, o caos. Assim, a “incerteza e perigo são eternos aliados íntimos, transformando qualquer tipo de mundo desconhecido num mundo de perigos e possibilidades maléficas”¹¹. Como as crianças sempre terão medo do escuro, afirma Lovecraft, os “homens de espírito sensível” sempre irão tremer diante da ideia de mundos ocultos e insondáveis.

O medo sempre foi um aspecto intrínseco à literatura como um todo, não apenas à de gênero. A própria tragédia se constituiu por meio desses sentimentos: o horror de

⁸ Delumeau, 2009, p.23.

⁹ Idem.

¹⁰ LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural na literatura*. Trad. Celso M Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

¹¹ Lovecraft, 2007, p.15-16.

Édipo ao descobrir que assassinara o pai e desposara a mãe e, depois, o horror do espectador quando ele arranca os próprios olhos para punir-se de sua falta. A morte, a dor, a violência e o derramamento de sangue, bem como os monstros, as forças incompreensíveis do universo e o lado mais perverso do ser humano sempre acompanharam as mais diversas narrativas.

Mas o que torna o gênero *terror* diferente das demais formas de arte que tratam do perigo e da morte? Muitas pessoas passam longe dos filmes de terror, ou às vezes assistem encolhidas na cadeira e com a mão na frente do rosto. Algumas simplesmente não conseguem entrar no mesmo cômodo em que um filme desse tipo estiver sendo exibido. Por outro lado, a maioria dessas pessoas convivem tranquilamente com narrativas de guerra, de ação, de intriga, de tragédia, ou seja, histórias recheadas de horrores, perigos e mortes violentas. Por que então o terror é diferente de outras obras que abordam a ameaça de morte?

O terror se diferencia do *horror*, que é um gênero próprio, ainda que os dois tenham semelhanças. Por definição, o horror se caracteriza pela presença dos sentimentos de medo e repugnância, que supostamente levam o espectador a reações físicas. É normalmente composto por cenas de violência e sanguinolência explícita. A palavra “horror” deriva do latim *horrore*, que significa “erizar”. Eriçar a nuca ou ficar com os cabelos de pé são reações físicas muitas vezes derivadas de ficar horrorizado. A aversão estaria relacionada ao nojo, uma sensação que temos diante do que parece ser impuro, abjeto, imundo ou podre. É o que sentimos em relação contrária à pureza. Logo, o que é puro é bom e certo, e o que a polui é ruim, indesejável — um perigo à ordem social.

Já o terror é caracterizado pela sensação de medo intenso (pavor), e tem uma dinâmica muito mais psicológica, que geralmente envolve suspense e construção gradual da tensão. As histórias de terror mexem com um sentimento profundo e irracional do ser humano: não o medo de uma ameaça real, mas o de uma ameaça incompreensível. Não à toa, a maioria das histórias de terror lidam com o sobrenatural, o oculto ou o desconhecido: fantasmas, demônios, vampiros, extraterrestres e criaturas grotescas são os principais temas dessas narrativas.

O sobrenatural, entretanto, não é uma regra. Monstruosidades são também cometidas por pessoas ou animais vindos da própria ordem natural. Sua ameaça, entretanto, é sempre extraordinária, como a de um assassino ou uma fera incontrolável. Tais histórias, que não rompem com a realidade objetiva, são muitas vezes chamadas de

terror psicológico, e seus temas são a insanidade, o descontrole, a conspiração e a lida com conhecimentos ocultos.

Tudo isso parece estar relacionado. Por isso, chamei essa sensação específica, resultante do efeito causado pelas obras de terror, de *medo do escuro*. Parto aqui de um princípio científico: o medo do escuro como um mecanismo evolutivo da espécie humana, que, diferente de outros mamíferos, tem a visão deficiente onde há falta de luz. Como mecanismo de reação, o cérebro envia sinais de atenção reativa ao corpo. Quando não consegue enxergar, o ser humano tende a entrar em estado de alerta. E quando identifica uma possível ameaça num ambiente onde não consegue ver ou se movimentar livremente, entra em estado de medo intenso (pavor).

As narrativas de terror parecem trabalhar na emulação desse efeito, tanto no plano visual quanto simbólico. Visual, ao invocar uma imaginação repleta de sombras, vultos e mistérios, sempre centralizada na noite ou em ambientes fechados e hostis. E simbólica, quando transfere o desconhecido para objetos sociais: assim, o *escuro* torna-se um signo, que é representado pela ideia de *oculto* — a magia (oposto à razão científica), a loucura ou a dissimulação (que escondem as intenções), as seitas, grupos e sociedades secretas (que se opõem à sociedade normatizada) e assim por diante.

Delumeau dedica um capítulo de seu tratado à noite, período em que os inimigos dos homens (fantasmas, demônios, lobos e bruxas) tramam suas “sórdidas perversões”¹². As trevas, afirma o historiador, são alvo da desconfiança da maior parte das civilizações, mas, no Ocidente, são especialmente marcadas pela tradição judaico-cristã. A luz e a escuridão, simbolicamente, definem a passagem da vida para a morte, da castidade para a perversão, do sagrado para o herético. Também são bíblicas as ideias de que os animais noturnos são maléficos, que a peste é tenebrosa, e que estão corrompidos os homens que fogem da claridade — adúlteros, ladrões e assassinos. Se foi Deus quem criou a luz, então a escuridão é profana, e o que vem dela é demoníaco.

A simbologia da escuridão, entretanto, não é apenas uma construção do Ocidente. O próprio Delumeau vai buscar na biologia a causa primitiva desse medo cultural da noite. Lembra ele que “cegos que não conhecem a luz do dia são assim mesmo tomados de angústia quando vem a noite: prova de que o organismo vive no ritmo do universo”¹³. Por isso, distingue metodologicamente o medo *da* escuridão e medo *na* escuridão:

¹² Delumeau, 2009, p.138.

¹³ Delumeau, 2009, p.141.

O medo *na* escuridão é aquele que experimentavam os primeiros homens quando à noite se encontravam exposto aos ataques dos animais ferozes sem poderem adivinhar a aproximação nas trevas. Assim, precisavam afastar por meio de fogueiras esses “perigos objetivos”. Esses medos que voltavam todas as noites sem dúvida sensibilizaram a humanidade e ensinaram-na a temer as armadilhas da noite¹⁴.

Mas há ainda o medo naturalmente sentido pelas crianças e por aqueles adultos que acordam desorientados no meio da madrugada. Neste caso, afirma Delumeau, tratam-se de perigos subjetivos, uma espécie de ressonância instintiva do medo noturno objetivo que sofriam nossos ancestrais. É a sensação instintiva — portanto inexplicável — de que algo terrível surgirá das sombras para atacar ou que ficará à espreita, invisível.

Essa reprodução dos medos objetivos da noite que se acumularam ao longo das eras é o que povoa os medos individuais dos leitores e espectadores. É nesse ponto que o medo *na* escuridão se torna o medo *da* escuridão.

Partindo desse raciocínio, o medo do escuro pode ser descrito — pelo menos em se tratando de recepção artística — como uma intuição de origem primitiva do ser humano de que, nas sombras ou na falta de luz, podem surgir perigos dos quais não conhecemos, não percebemos ou não compreendemos racionalmente. O medo do escuro é o medo de ser surpreendido, objetivamente e até intelectualmente, com uma realidade assombrosa, fora da nossa compreensão.

1.3 GÊNEROS DO MEDO

O mercado editorial costuma chamar de literatura de gênero todo grupo de livros de ficção que reúne certas características convencionais em torno de um tema ou estilo. Dessa forma, se leitores gostam de ler sobre sexo, podem ir direto às estantes de livros eróticos, onde, independentemente da qualidade, as obras seguramente apresentarão cenas e situações envolvendo sexo.

A parte injusta dessa classificação é que não se baseia em critérios de profundidade ou relevância. Livros com virtudes literárias podem se ver apagados pelo simples encaixotamento de características mercadológicas. Imagine, por exemplo, relegar uma grande obra como *1984*, de George Orwell, a um gênero muito específico, como o da ficção científica. Não se trata apenas de torná-lo ficção menor, mas também de

¹⁴ Delumeau, 2009, p.141.

restringi-lo a um público limitado — no caso, o dos fãs de ficção científica, quando a obra claramente se destina a leitores de literatura clássica, política, sociológica etc.

Uma divisão mais interessante dos gêneros literários poderia ser o agrupamento de obras a partir das emoções que elas suscitam. Dessa forma, poderíamos classificar os livros eróticos como aqueles que buscam provocar excitação. Da mesma forma, as comédias são aquelas que pretendem nos fazer rir, as fantasias as que nos transportam para outra realidade, e os dramas aqueles que buscam nos emocionar. Continua sendo uma divisão insuficiente, como são todas as generalizações e rótulos, mas desvia o foco do tema, não apaga a potencialidade literária e enaltece a qualidade dos efeitos de sentido de uma obra.

Dentro dessa proposta de observação, poderíamos afirmar que os sentimentos de aversão, medo e tensão são efeitos das narrativas de horror, terror e suspense, respectivamente. O filósofo americano Noël Carroll¹⁵, que analisou o gênero horror pela perspectiva da filosofia da arte, chama de “horror artístico” a emoção específica que resulta desse gênero, que não é exatamente o medo real, no sentido do qual nos assustamos com os terrores do dia-a-dia, mas uma emoção que emula as sensações fisiológicas de um estado de horror (arrepio na nuca, aceleração do coração, injeção de adrenalina etc.). Por ser fruto da mimese artística, é apenas a representação do medo.

Uma das características em comum de muitas histórias de terror é que elas têm seu momento de clímax num ambiente escuro e claustrofóbico: o sótão em *Os pássaros*, de Alfred Hitchcock; a salinha onde Rosemary descobre que deu à luz o anticristo em *O bebê de Rosemary*, de Ira Levin, adaptado para o cinema por Roman Polanski em 1968; ou o quartinho onde o padre Karras realiza o exorcismo de Regan em *O exorcista*, de William Peter Blatty, adaptado para o cinema por William Friedkin em 1973. Eles representam com perfeição o compartimento mais primitivo e recônditos do nosso inconsciente, lá onde a razão não alcança e onde dormem nossos piores pesadelos — lá onde não entra a luz. Como já notamos, o desconhecido, o primitivo, o inconsciente e o oculto são temas inegáveis do terror. Todos esses elementos que podem ser reunidos sob a dualidade do escuro em oposição ao claro.

A despeito de considerarmos o terror um gênero literário moderno, a tentativa de provocar medo nos leitores e espectadores por meio de uma narrativa extraordinária ou fantástica é quase tão antiga quanto o próprio ato de narrar. As histórias ancestrais já

¹⁵ CARROLL, Noël. *A filosofia do horror ou paradoxos do coração*. Campinas-SP: Papyrus, 1999.

falavam sobre deuses terríveis, criaturas abomináveis e almas de outro mundo, e são encontradas no imaginário de todas as culturas antigas. Histórias de violência, visões ou situações apavorantes estão por todas as mitologias e textos sagrados. O passo seguinte, isto é, o surgimento dos gêneros narrativos do medo e sua consequente popularização na cultura de massa não são, de forma alguma, um fenômeno recente, e nos remetem à literatura gótica do Romantismo, às lendas fantasmagóricas e contos de fadas sombrios que sobreviveram especialmente nos meios rurais.

Contudo, ainda podemos nos perguntar: o que nos leva a desejar sentir tais emoções voluntariamente e pensar nelas, sentindo prazer no consumo de obras desses gêneros?

1.4 PRAZER ESTÉTICO NO HORROR

Como lembra Edgar Allan Poe em “A filosofia da composição”, quando buscamos o Belo na obra de arte, nos referimos não a uma qualidade, e sim a um efeito: a elevação da alma. Nesse aspecto, não se busca alimento nem ao coração nem ao intelecto, que são território de outras estratégias de composição. O Belo é obtido de forma mais direta pelo poema, segundo Poe, enquanto o intelecto é saciado pela perseguição da Verdade¹⁶.

Mais uma vez, vale lembrar, essa Verdade não é uma qualidade e sim um efeito: o de que o receptor da obra alcançará um conhecimento inteligível valioso. E tanto a Verdade como a Paixão, efeito estético que satisfaz o coração, são encontrados mais comumente na prosa, de acordo com Poe. Enquanto o Belo exige a construção harmoniosa e rítmica do verso, a Paixão exige simplicidade e a Verdade exige precisão.

Com isso podemos concordar que o terror não é propriamente um efeito do Belo. Se o medo e a angústia geram sensações negativas, perturbadoras e indesejadas, como explicar o prazer em assistir filmes ou ler livros que buscam provocar tais sensações? É uma característica masoquista gostar de sentir medo diante de uma obra de ficção? Seria difícil concordar com essa proposição. O prazer ante a uma obra de suspense, terror ou horror é provavelmente o mesmo que se sente ao contemplar uma chocante tragédia de Shakespeare, a um angustiante conto de Kafka ou a um doloroso romance de Tolstói. Isto é, trata-se de um *prazer estético* específico — não pelo Belo, mas talvez pela Paixão e

¹⁶ Poe, 2019.

pela Verdade — que converge sentimentos genuínos de aflição e tristeza com retribuição e alívio intelectual.

Nas obras ficcionais, o efeito do medo é administrado pelo *pavor*, resultado de um susto ou da experimentação de uma ideia pavorosa, ou de *tensão*, mediante o uso do mistério e suspense, desenvolvido até um ponto de clímax. O termo *suspense* foi utilizado por Aristóteles já em sua *Poética*. Ele atribuía o prazer da contemplação de objetos feios à dupla natureza da mimese: pode derivar da admiração de uma técnica bem realizada ou do regozijo ante o reconhecimento da imagem original na imitação. Essa foi a explicação que o filósofo encontrou para justificar o prazer estético ante a coisas grotescas, assustadores ou trágicas:

Parece haver duas causas, e ambas devidas à nossa natureza, que deram origem à poesia. A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distingue-se de todos os outros seres, por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquire seus primeiros conhecimentos, por ela todos experimentam prazer. A prova é-nos visivelmente sem custo, contemplamo-los com satisfação em suas imagens mais exatas; é o caso dos mais repugnantes animais ferozes e dos cadáveres. A causa é que a aquisição de um conhecimento arrebatado não só o filósofo, mas todos os seres humanos, mesmo que não saboreiem durante muito tempo essa satisfação. Sentem prazer em olhar essas imagens, cuja vista os instrui e os induz a discorrer sobre cada uma e a discernir aí fulano ou sicrano¹⁷.

Esse seria um prazer sensível de ordem intelectual, um “ver cognoscitivo” (*aisthesis*), como afirmou Hans Robert Jauss¹⁸. Nesse caso, o espectador é afetado por aquilo que é representado pela narrativa, identificando-se com as pessoas da ação, dando livre curso às próprias paixões despertadas e sentindo-se aliviado por sua descarga, como se participasse de uma “cura” (*katharsis*)¹⁹.

Devemos observar também que o significado de prazer vem de “ter o uso ou o proveito de uma coisa”, o que quer dizer que não está necessariamente ligado ao Belo, ao positivamente sensível ou a uma necessária qualidade técnica, virtuosidade ou erudição. O prazer pode estar ante a obra que se realiza no jogo da significação (*poiesis*). Nesta

¹⁷ ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto Carvalho. 15. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro (s.d.). (Clássicos de bolso). p.244.

¹⁸ JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

¹⁹ Jauss, 1979.

relação, o espectador alcança um saber que se distingue tanto do conhecimento conceitual e científico, quanto da atividade utilitária.

Jauss também retoma Santo Agostinho para discutir outras concepções clássicas a respeito do prazer estético. No livro X das *Confissões*, o filósofo medieval distingue o uso dos sentidos humanos para o prazer (*voluptas*) e para a curiosidade (*curiositas*). O primeiro refere-se ao que é harmonioso, perfumado, saboroso — as sensações positivas aos cinco sentidos. Já o segundo, é esclarecido também por seu oposto, “como pela fascinação por um cadáver mutilado ou ainda apenas pela lagartixa que caça moscas”²⁰.

Enquanto o primeiro contém o risco de ceder à sedução estética da experiência do gozo, no segundo caso pode-se, paradoxalmente, se deleitar ante os fenômenos desagradáveis e até mesmo repugnantes. Tal prazer é condenado por Agostinho: trata-se do avesso do deleite, pois, pela curiosidade, não se “goza de seus objetos como tais, mas goza de si mesma, pelo poder de conhecimento confirmado por eles”²¹.

O filósofo Górgias, anterior a Aristóteles, se reportou ao prazer provocado pela retórica e pela poesia de sua época nas categorias terror (*phobos*) e paixão (*eleos*). Assim, se para Jauss o prazer estético provocado pelo discurso ou pela poesia é a tentativa de deixar-se persuadir pela transformação do *pathos* (paixão, padecimento), para Górgias o prazer catártico que leva ao *pathos* e ao *ethos* só pode ser alcançado por meio da persuasão, pela arte da palavra, que pode chegar a implantar no crente a descrença e vice-versa, fazendo aparecer o inacreditável ou o desconhecido, mesmo que não corresponda à verdade. Por meio do discurso pode-se “influenciar a alma como um veneno ao corpo e enfeitiçar o ouvinte tanto para um bom objetivo, quanto conduzi-lo para o mau”²².

Ainda:

Este “puro efeito estético” não é encontrável na realidade, na qual “gozamos as alegrias dos sentidos apenas como indivíduos” e as “alegrias do conhecimento apenas como espécie”, enquanto a beleza, a única que podemos “gozar ao mesmo tempo como indivíduo e como espécie”, pertence ao reino da aparência estética²³.

²⁰ Jauss, 1979.

²¹ *Apud* Jauss, 1979, p.66.

²² *Idem*.

²³ Jauss, 1979, p.69-70.

O prazer catártico, dessa forma, se relaciona à vivência do indivíduo. Uma forte experiência estética pode despertar no espectador a lembrança de uma experiência passada, semelhante ou não àquela, mas que de alguma forma se relacione e que seja crível não pela verdade, mas pela verossimilhança.

Aí se explica o motivo de tal fascínio pelo sórdido, tal como olhar um cadáver, ou pelo medo, resultante de uma situação apavorante em que estejam metidos os personagens. Obviamente, quando se fala em prazer estético, não se refere a um prazer sádico, um gosto por ver imagens de corpos mutilados ou cenas de chacina. Trata-se do sentido de “fazer uso” de tal conhecimento e de tal experimentação, não sem algum fascínio natural pelo que é grotesco, repulsivo ou assustador. É esse o prazer inexplicável que sentimos ao acompanhar o terror de Winston Smith em *1984*: o fazer uso de uma alegoria, para dela extrair um posicionamento crítico à vida.

Outra reflexão que ajuda a pensar sobre o fascínio pelo terror é o conceito de sublime desenvolvido por Edmund Burke²⁴. Essa seria uma qualidade estética que se distingue do Belo e do Pitoresco para elevar a alma, voltando-se a aspectos extraordinários e grandiosos da natureza. O sublime é um sentimento ligado à inadequação do homem com o incomensurável, por isso provoca espanto, medo e admiração. Assim define Burke: “O que quer que de alguma forma seja capaz de excitar as ideias de dor e de perigo, ou seja, tudo o que for terrível de alguma forma, ou que compreenda objetos terríveis, ou opere de forma análoga ao horror é fonte do sublime”²⁵.

Segundo essa perspectiva, o sublime é a emoção mais poderosa que a mente humana é capaz de sentir, pois, segundo Burke, as ideias de dor e de morte são mais fortes que as de prazer estético mais vívidos. A ansiedade causada pela ansiedade de dor e morte se assemelha à dor real, segundo ele, e tais pensamentos se intensificam se estiverem envoltos em obscuridade, pois quando não se conhece a natureza real de um perigo, ele se torna terrível, e o terrível é fonte do sublime²⁶.

Assim, o espectador experimenta nas narrativas de terror e suspense uma dupla experiência: a de se chocar ou de se apavorar com os fatos narrados (e, principalmente, como aqueles apenas sugeridos), bem como se sensibilizar empaticamente com os

²⁴ BURKE, Edmund. *Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e da beleza*. Trad. Daniel Moreira Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2016.

²⁵ Burke, 2016, p.52.

²⁶ Burke, 2016, p.65-66.

envolvidos, e nisso assumir certa lição, aprendizado ou mera experiência de alteridade, além de reconhecer sua própria condição contrária, isto é, a condição de segurança.

Sentado na poltrona do cinema ou de uma sala de leitura, o leitor ou espectador se sente mais vivo e mais seguro ao testemunhar a morte ou o perigo do outro, mesmo que se horrorize ou se comova. O medo na ficção torna-se catarse para o medo real. Esta justificação do prazer estético pelo negativo “nos deu a única resposta até hoje convincente sobre a questão de por que a contemplação do mais trágico acontecimento nos causa o mais profundo prazer”²⁷.

1.5 MEDO E REPULSA

Como dito anteriormente, as cenas de horror conjugam o sentimento de medo e repugnância, baseados na oposição entre ordem e caos, seguro e perigoso. Medo e aversão são sentimentos culturais que traduzem os instintos naturais do ser humano em detectar ameaças²⁸. São consideradas impuras as coisas intersticiais, que atravessam as fronteiras da classificação, de conceitualização ou de reconhecimento lógico. Daí surge a figura do monstro: algo que não é nem totalmente humano, nem totalmente animal ou totalmente espectral. São também impuras as partes intersticiais do organismo: fezes, sangue, suor, tufo de cabelo, pedaços de carne²⁹, imagens recorrentes em filmes de horror.

Noël Carroll³⁰ sugere que esse impuro, poluído e perigoso podem ser classificações simbólicas atribuídas não apenas a seres e objetos, mas também a práticas sociais e situações que fazem sentido para o sistema social estabelecido e legitimam uma ordem hierárquica. O encontro entre o sentimento de medo e de aversão — ambos uma resposta às ameaças do mundo lógico — nos leva aos inúmeros exemplos de figuras que são tradicionalmente vistas como “horroríficas”: mortos-vivos, lobisomens, extraterrestres, seres fantásticos, objetos ou pessoas possuídas por forças desconhecidas e visões sobrenaturais. Da mesma forma, afirma Carroll, “a incompletude categórica pode

²⁷ Komerell *apud* Jauss, 1979, p.65.

²⁸ CÁNEPA, Laura. *Medo de quê? Uma história do horror nos filmes brasileiros*. 2008. 498 p. Tese de doutorado (Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

²⁹ Cánepa, 2008.

³⁰ Carroll, 1999.

ser aspecto padrão para causar repugnância e abjeção, como seres vivos sem olhos, braços, pernas ou pele, ou que estão num estado avançado de decomposição”³¹.

Faz parte das imagens horríficas a sensação dualista de ordem/caos, primitivo/civilizado, instinto/razão, que se traduz em metáforas como morto/vivo, bestial/humano, natural/artificial, confirmando a ideia de que para a sensação de horror é necessário a contradição entre tais categorias conceituais da existência. São objetos culturalmente incompreensíveis, geralmente relegados ao mundo do mítico ou fantástico, do sobrenatural ou da ficção científica.

Em seu texto clássico *Introdução à literatura fantástica*, Tzvetan Todorov divide as histórias fantásticas em três tipos: o *maravilhoso*, em que os acontecimentos sobrenaturais são encarados com naturalidade (como nos contos de fada, mitos, lendas folclóricas, histórias de alta fantasia; o *estranho*, que compreende histórias que até podem ser explicadas pela razão, mas que, por motivos extraordinários, causam estranhamento, inquietude ou perplexidade no leitor; e o *fantástico*, que compreende histórias de mistério em que a explicação do sobrenatural é mantida em tensão com a lógica ao longo da narrativa³².

A partir dessas definições, Carroll classifica o gênero horror como subgênero do fantástico — com possíveis características do estranho ou do maravilhoso —, em que fenômenos sobrenaturais provocariam pavor nos personagens. Mas se para ele o horror está intrinsicamente ligado ao fantástico, como explicar o horror provocado por histórias onde não há presença do sobrenatural, porém é inteiramente calcado na sensação de medo e aversão, até mesmo invocando uma figura de monstruosidade (como nas narrativas de assassinos)? Essa seria a ligação das histórias de horror modernas com a categoria do “estranho”, e seriam melhor classificadas no gênero *terror*, que pressupõe a presença do medo intenso, mas não necessariamente do sobrenatural.

³¹ Carroll, 1999, p.9-10.

³² TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

1.6 UMA HISTÓRIA DE LOUCURA E MORTE

Seguindo a recomendação que Umberto Eco faz em seu *Pós-escrito a O nome da rosa*: “O autor não deve interpretar. Mas pode contar como e por que escreveu”³³. São os chamados “estudos de poética”, de grande interesse hoje para os estudos na área da Escrita Criativa. Essas poéticas, segundo ele, não servem para entender a obra, mas para compreender como resolver o problema técnico que é a sua produção.

Para Eco (assim como para muitos escritores), a motivação foi simples: “Escrevi um romance porque me deu vontade de escrever”. Como também foi simples a escolha do tema: “Tinha vontade de envenenar um monge”³⁴. No meu caso, também a motivação foi natural. Escrevi *A Noite do Cordeiro* porque precisava saber quem atacou Mariana na floresta e por que culparam Ana Pereira e Maria Bernardina. Todo o resto foi um simples desenrolar dessa questão.

Desde a ideia inicial do romance eu tive consciência de que queria escrever um livro de mistério que suscitasse momentos de terror, ainda que o sobrenatural nunca rompesse o limite da realidade histórica. Nos termos em que definiu Todorov, minha história teria uma típica estrutura *fantástico-estranho*, em oposição às histórias *fantástico-maravilhosas*, isto é, aquelas em que apresentam uma premissa fantástica (a suposta aparição de uma bruxa), cujo desfecho apresenta uma explicação naturalista, ainda que insólita.

Nesse ponto, minha história estaria vinculada a um tipo de narrativa comum no final do século XIX, ainda ligada à tradição dos romances góticos, cujos expoentes na Inglaterra foram Sir Arthur Conan Doyle, com as histórias de Sherlock Holmes, e Henry James com *A volta do parafuso*. Em *O cão dos Baskervilles*, de Conan Doyle, temos um exemplo clássico dessa estrutura, uma vez que apresenta uma premissa misteriosa (um homem morto por um cão demoníaco) com típicos elementos de terror — monstro, morte, conspiração, pântanos, nevoeiro, aparições fantasmagóricas, invasões noturnas — para no final se resolver com uma explicação naturalista: o monstro era um cachorro comum coberto com um elemento químico (fósforo).

Desde o princípio eu queria que minha história fosse do tipo fantástico-estranho, isto é, que as respostas para os mistérios propostos tivessem fundo lógico e natural. Então,

³³ Eco, 2019, p.547.

³⁴ Eco, 2019, p.548.

as duas principais questões formais que me preocupavam eram: 1) o tema da bruxa iria aparecer, mas não para reforçar um estereótipo comumente abordado em histórias do gênero, e sim para desmistificá-lo e ressignificá-lo; e 2) o “monstro” e seus atos seriam humanos, improváveis na realidade histórica, mas ainda assim possíveis.

Para criar a sensação do medo do escuro que eu buscava, utilizaria somente recursos de suspense possíveis no mundo natural: desorientação noturna, sombras, vultos, ruídos, presenças misteriosas, livros antigos com conhecimentos ocultos, seitas secretas, aparições na floresta, animais mortos. Para constituir uma atmosfera densa e assustadora, sem poder me valer dos cenários góticos típicos (normalmente associados ao hemisfério norte), eu utilizaria a mata, a chuva, o barro, as construções primitivas e as povoações isoladas do período colonial.

Assim nasceu *A Noite do Cordeiro*, com suas questões, cenários e sensações muito antes de se tornar uma história sobre Vicente, um padre jesuíta atormentado por um trauma do passado. Primeiro, era preciso saber quem era o monstro dessa história.

2 O MONSTRO

2.1 O MONSTRO COMO ARQUÉTIPO

O monstro é a personagem mais importante das histórias de horror, seja no papel de protagonista ou de inimigo a ser derrotado. No gênero terror, de caráter mais psicológico, o monstro pode existir ou não, e sua presença pode ser mais ou menos ofensiva. No *thriller*, gênero que raramente evoca aspectos sobrenaturais, podemos encontrar, por sua vez, antagonistas com características monstruosas.

Segundo Mary Del Priore³⁵, o interesse por monstros durante a transição entre o Iluminismo e o mundo moderno, uma era caracterizada pela descoberta da ciência e da razão, revela como a crença no racionalismo e no mecanicismo estava e ainda está fragmentada. Os monstros, assim como as histórias de horror, sempre surgem nos momentos de crise, em que a fé, a ciência e a razão não dão conta de explicar o mundo. Assim, lembra a historiadora, eles não servem para nos mostrar o que não somos, e sim o que poderíamos ser. O monstro é um ponto de referência para uma imagem de nós mesmos que não reconhecemos ou que tentamos negar ou exorcizar.

A primeira concepção que devemos ter a respeito do monstro é que não necessariamente ele seja uma criatura de outro mundo. Sobretudo, o monstro é uma função narrativa. Do ponto de vista etimológico, a palavra deriva do termo latino *monstrare*, que quer dizer “aquele que mostra” ou “aquele que revela”. Para santo Agostinho, monstros seriam simultaneamente homens e criaturas de Deus, filhos de Adão. Os monstros eram aqueles que mostravam — prediziam, anunciavam — os sinais do Apocalipse. Na tradição ocidental, eles eram os arautos do Juízo³⁶.

³⁵ DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do Velho e do Novo Mundo (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.12-13.

³⁶ Del Priore, 2000, p.23.

Em termos gerais, o monstro é a personagem estranha ou fantástica (ou tecnológica: vide o monstro de Frankenstein ou o alienígena de *Alien: o oitavo passageiro*) que está à margem da humanidade. Muitas vezes, é o próprio homem que abandonou ou renegou a humanidade. “Só participamos da sua existência pelo horror que ele nos inspira”³⁷, afirma Del Priore.

Para ser um monstro, de acordo com Noël Carroll, é preciso ter certas características horríficas, mas não necessariamente tanger o sobrenatural. Por outro lado, não necessariamente um ser fantástico é um monstro. Há vários seres sobrenaturais nas histórias de fantasia, nos mitos e nas lendas folclóricas que não provocam medo. Da mesma forma, há vários monstros que provém do mundo natural. Basta lembrarmos de *Tubarão*, livro de Peter Benchley, adaptado para o cinema por Steven Spielberg em 1975; ou *O massacre da serra elétrica*, filme de Tobe Hooper, livremente inspirado no assassino em série Ed Gein. O tubarão branco de Spielberg e o assassino Leatherface de Hooper nada têm de sobrenaturais, mas são certamente monstruosos, e causam horror não apenas pelo medo de sua ameaça, mas também pela repugnância de sua estranheza categórica — um animal com tamanho e ferocidade fora do normal, um ser humano que mata para se alimentar das vítimas.

O monstro é uma entidade que deve estar imbuída de pavor e aversão em relação a um ou mais personagens da história (não necessariamente ao leitor ou espectador), e é importante que sua contraposição — o protagonista — seja não-monstruosa, isto é, que encarne as características da ordem, ou da civilidade, ou da razão, ou da pureza, etc. É no contraste entre a clareza e a obscuridade que surge o sentimento de terror³⁸.

Essa é a demarcação entre histórias de terror e meras histórias fantásticas: a atitude dos personagens racionais em relação ao monstro como uma perturbação do meio natural. O monstro é a figura da impureza e do perigo, um objeto incompreensível, detentor de poderes extra-humanos. Provém dos lugares marginais ou da natureza selvagem, que representam o inconsciente profundo: o fundo do mar (o tubarão) ou uma fazenda abandonada (Leatherface). Tal perturbação encarnada pela figura monstruosa é geralmente relacionada a um espaço também obscuro do ponto de vista da razão. Lugares que, assim como o monstro, encarnam características híbridas, que fogem à pureza das

³⁷ Del Priore, 2000, p.13.

³⁸ Carroll, 1999.

categorias sociais e desafiam a razão. Podem também ser casas antigas, ruínas, cidades abandonadas, cemitérios, esgotos, florestas, cavernas, masmorras ou o espaço profundo.

Monstros podem ser seres humanos, mas neste caso geralmente aparecem com aberrações físicas ou morais (deformados, assassinos). O monstro surge da oposição entre pureza e impureza, segurança e perigo, normalidade e anormalidade, consciência e inconsciência.

Lembra Mary Del Priore que é em cemitérios silenciosos, velhas mansões assombradas e pântanos mergulhados em bruma que costumados colocar nossos monstros, já que eles evocam a ideia de ilusão e de fantasmagoria: a perplexidade humana diante das manifestações inexplicáveis. Assim, os monstros que outrora faziam parte do imaginário cotidiano, eram uma resposta dos homens a algo que lhes dava medo, cuja fonte estava na religião, na ciência ou na política. O imaginário teratológico servia como contrapeso ao cotidiano, como resistência às categorias racionalistas impostas pelo humanismo. O monstro era escapismo que amenizava as descobertas científicas que redefiniam o mundo conhecido, a “ditadura da experiência”³⁹.

2.2 O MONSTRO COMO IDEOLOGIA

Antes de prosseguir, é importante esclarecer um aspecto da função social do monstro: como ele é um “agente do caos”, normalmente o tema das histórias de terror é a oposição entre a ordem estabelecida e o Outro ameaçador, e não raro a diferença aparece como valor a ser combatido, como se a história fabulizasse sobre a vitória da norma contra o tabu, o incompreendido, o reprimido ou o estrangeiro. Por isso, naturalmente muitas histórias de terror servem a valores conservadores (como de fato ocorreu nos anos 50, quando os filmes de terror retratavam a luta dos Estados Unidos contra o “mal comunista”) e inspirar sentimentos de xenofobia, racismo, discriminação e preconceito.

Hoje se sabe, por exemplo, que muitos escritores de terror tinham posições reacionárias, tais como H.P. Lovecraft, que era de fato racista. Discutir a biografia de autores para interpretar suas obras é um equívoco que os estudos literários já conseguiram superar. No entanto, as possíveis ideias que permeiam o gênero e se alastram pela cultura de massa devem ser, sim, discutidas.

³⁹ Del Priore, 2000, p. 123-125.

A questão da ideologia não passou despercebida nos tratados de Noël Carroll nem de Stephen King — que chega a declarar (mesmo se posicionando contrário) que “a história de terror, sob o disfarce de garras e susto, é tão conservadora quanto um republicano de Illinois vestindo um terno de três peças”⁴⁰, e que o autor de histórias de terror é um agente das virtudes da norma. Noël dedicou um capítulo de seu livro para tratar disso, e conclui que não há nada na estrutura básica do terror — como histórias da ordem contra o desconhecido — que prove que elas estejam necessariamente a favor do *status quo*. Noël demonstra que, em muitos filmes de terror, a desordem ou o desconhecido aparecem de maneira crítica, muitas vezes como resultado de atos políticos humanos (como usar a ciência de forma antiética ou poluir um ambiente natural) ou mesmo da repressão moral e psicológica.

Nesse caso, o tema da norma vs. desordem é um indicativo de que há problemas na sociedade que precisam ser resolvidos:

Para uma ideia acerca desse tipo, talvez seja útil estabelecer uma breve analogia entre ela e certas explicações antropológicas populares tempos atrás sobre os “rituais de rebelião”, isto é, rituais, como as antigas saturnais ou o Carnaval dos dias de hoje, que oferecem um “espaço” circunscrito, por assim dizer, em que o decoro, a moralidade e os tabus costumeiros podem ser relaxados, e as esquematizações conceituais — por exemplo, das relações das espécies — podem ser viradas de cabeça para baixo, para trás e de dentro para fora. Tais rituais, evidentemente, costumam terminar com o reestabelecimento da ordem social e, às vezes, são interpretados como válvula de escape para abrandar a tensão gerada na organização cultural da experiência. Embora esses rituais incluam obviamente certa crítica da ordem social, contêm esse protesto de uma maneira que a preserva e fortalece.⁴¹

Quando as normas são contestadas, a ordem política é contestada, diz ele. Ou seja: com o aparecimento do monstro nas histórias de terror, é aberto um espaço cultural de discussão, em que os conceitos e valores podem ser invertidos ou problematizados. Como veremos adiante, o monstro assusta na mesma proporção em que fascina, e isso é, presumivelmente para Carroll, catártico para o leitor/espectador de terror.

⁴⁰ King, 2013, p.440.

⁴¹ Carroll, 1999, p.282.

2.3 AS FUNÇÕES DO MONSTRO

O pesquisador Jeffrey Jerome Cohen⁴² elaborou sete teses sobre o conceito de monstro, ou melhor, um conjunto de postulados de momentos culturais distintos para compreender as culturas por meio dos monstros que elas geram. Sua tentativa de categorização é, sobretudo, útil para organizar as ideias em torno das funções narrativas dessa personagem. Para Cohen, entender os monstros descritos nas lendas, mitos, crônicas de viagens, contos folclóricos e histórias populares é uma forma de compreender as diversas culturas, já que os elementos simbólicos contidos na figura do monstro sempre refletem medos e fantasias do consciente coletivo.

A primeira tese é de que o corpo do monstro sempre é representado como um corpo cultural. Por isso a relação entre vida e morte é comum nessa personagem: o vampiro, o zumbi, o monstro de Frankenstein e o fantasma são personagens que estão entre o mundo dos vivos e dos mortos, e trazem em seus corpos — ou falta deles, no caso do fantasma — a marca da morte. A fera, o lobisomem e os monstros mitológicos (minotauros, cinocéfalos, sereias) carregam a marca da animalidade, por sua vez, e por isso geralmente apresentam partes de animais ou vestígios delas (pelos, chifres). “O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas”, afirma Cohen⁴³. O corpo do monstro incorpora, assim, medo, desejo, ansiedade e fantasia, de um certo momento, época ou sentimento de lugar. Um construto e uma projeção que “é pura cultura”.

A segunda tese é de que o monstro sempre escapa. Diferente do vilão — o antagonista clássico das histórias de heróis —, o monstro é uma espécie de agente da crise, e não, necessariamente, uma fonte do mal, de acordo com os valores maniqueístas presentes em algumas histórias de cunho moral. Vemos o estrago material e concreto que o monstro causa, afirma Cohen, mas o monstro é uma entidade imaterial, e ele sempre sobrevive no conflito qual suscita.

O monstro deve ser analisado na matriz das relações sociais, psicológicas e culturais que os gera. E, como todo conflito humano é contínuo, o monstro sempre volta numa próxima oportunidade. Assim, uma das principais características da figura do monstro é que ela gera um número limitado de arquétipos que representam características

⁴² COHEN, Jeffrey Jerome Cohen. A cultura dos monstros: sete teses. In: _____. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

⁴³ Cohen, 2000, p.26.

bem específicas. Esses arquétipos resistem ao passar da tradição e se readaptam a cada nova geração. O arquétipo do vampiro é encontrado desde o Egito Antigo, e o da bruxa desde as primeiras sociedades africanas. Fantasmas, homens-fera, mortos-vivos e gigantes também resistem ao tempo e aparecem em diversas culturas e épocas.

A terceira tese é de que o monstro é o arauto de uma crise de categorias. Como ressaltou Noël Carroll, convergindo com o ponto de vista de Cohen, o monstro é a figura que está no limiar das categorias: vivo/morto, animal/humano, terreno/extraterreno, bom/mal. Criaturas monstruosas, como o alienígena em *Alien: o oitavo passageiro* (1979) de Ridley Scott, são quase sempre híbridas. O alienígena de Scott desafia o darwinismo e se alterna entre bípede, crustáceo, réptil e humanoide. Troca de pele como uma cobra, mas põe ovos em hospedeiros, como uma vespa. Sua carapaça é como de um artrópode, e sua inteligência é como a de um mamífero. Essa recusa em fazer parte de uma ordem classificatória de categorias o define como uma criatura maravilhosa (de acordo com o termo de Todorov), cuja explicação seja a ficção científica, e cuja relação com as personagens seja a de horror, uma vez que ela as caça e as mata violentamente.

Por sua limiaridade ontológica, afirma Cohen, tais modelos monstruosos surgem na cultura — geralmente através de narrativas e, mais especificamente, em narrativas de medo — em épocas de crise. Como se fosse uma explicação possível, sempre especulativa e fantástica, para um impasse cultural. No caso do monstro de *Alien*, diríamos que esse impasse pode ser o dilema ético entre tecnologia avançada e exploração de novos territórios: o homem deve ir mesmo ao espaço?

A quarta tese é de que o monstro mora nos portões da diferença. Como função do Outro dialético nas narrativas fantásticas, o monstro torna-se a representação do Fora, do Além ou da Margem. Assim, a alteridade é inscrita na condição híbrido do monstro. A filosofia do horror de Carroll corrobora com essa perspectiva: não raro, o local onde os monstros habitam são espaços intersticiais: florestas, cavernas, buracos, esgotos, o espaço profundo, o limbo ou mesmo o inferno e — na mitologia — o mundo inferior ou o mundo dos mortos. A diferença encarnada pelo monstro é sempre cultural, sexual, política, racial, psicológica ou econômica.

Cohen cita a distorção feita pela Bíblia ao descrever os habitantes de Canaã como gigantes terríveis, a fim de justificar a colonização hebraica da Terra Prometida. O mesmo acontece na colonização da América, onde os povos indígenas são descritos nas crônicas quinhentistas como uma nação de monstros, selvagens, canibais, feiticeiros. A falta de alteridade com o Outro leva sempre a demonizar, isto é, atribuir características bestiais e

monstruosas a quem está Fora, Além ou à Margem. O estrangeiro, como símbolo do Outro, é quase sempre deformado pela cultura dominante, trocando-se um tipo de diferença (cultural, nacional) por outra (selvageria, barbárie).

Na época das grandes viagens marítimas, o fascínio pelos monstros aumentou, e não raro eram levados à corte e apresentados aos reis como bizarro espetáculo os hermafroditas, tidos como seres que “avisavam” (*monstrare*) as consequências de desafiar a lei natural de Deus, isto é, a heterossexualidade. Amazonas, bruxas e sereias são personagens típicas de lendas em vários países e culturas (O rio Amazonas, no Brasil, foi batizado assim pois se acreditava que suas margens eram habitadas por uma tribo de mulheres guerreiras) e, na forma de seres monstruosos, incorporam a diferença sexual: o medo de uma fome insaciável (fome sexual?), subversão aos meios conceptíveis e maldade irrestrita das mulheres, já que todas essas personagens eram descritas como devoradoras de crianças ou recém-nascidos.

A quinta tese é a de que o monstro polícia as fronteiras do possível. Como um Guardião do Limiar, e a partir de sua posição nos limites do conhecimento, o monstro situa-se como uma advertência contra a exploração de seu território incerto. Assim como o já referido passageiro extraterrestre no filme de Ridley Scott, frequentemente os monstros são resultados de um limite ético ultrapassado, seja ele em termos de crença religiosa — o sacrifício final em *O Homem de Palha*, filme de Robin Hardy — ou de ciência, como os dinossauros recriados pela biogenética e que fogem ao controle em *Jurassic Park*, de Steven Spielberg, ou mesmo a criação de um ser a partir de corpos de cadáveres, em *Frankenstein*.

Segundo Cohen, o monstro também polícia essa fronteira de forma espacial: o lugar que ele abita — o espaço, o mar, a selva — é o lugar onde não se deve ir. Aqueles que cruzarem essa fronteira, serão punidos. Portanto, a curiosidade, o fanatismo, a ganância ou a perversidade sem limites quase sempre são punidos de forma violência nas histórias de horror, e esse agente da punição é quase sempre o monstro. O monstro não é o mal, e sim a consequência de um mal, geralmente humano.

A sexta tese é a de que o medo do monstro é realmente um desejo. Como um agente da diferença e um guardião do limiar entre categorias híbridas, o monstro costuma estar ligado a práticas proibidas. Assim, as criaturas que aterrorizam podem evocar fortes fantasias escapistas e encenar práticas que seriam consideradas horrendas, em geral ligadas a certos tabus. O vampiro, por exemplo, está ligado a duas grandes perversões: o

estupro e o canibalismo⁴⁴. Ao ler ou assistir a uma cena em que Drácula seduz Mina e a morde no pescoço para sugar seu sangue, fantasiamos um ato bestial, que reprimimos diante das normas sociais e morais. Isso, segundo Cohen, torna o monstro uma personagem sedutora nas narrativas, pois engendra uma fuga temporária da imposição. E esse movimento de repulsão e atração é o que o torna culturalmente popular. Cohen afirma que “nós o odiamos ao mesmo tempo que invejamos sua liberdade e, talvez, seu sublime desespero”⁴⁵.

As histórias de monstros, sejam elas de terror ou de qualquer outro gênero, permitem que o leitor ou espectador experimente fantasias de agressão, dominação e inversão dentro de um espaço claramente delimitado e de forma segura. O monstro nos desperta para os prazeres do corpo e para os impulsos violentos naturais de todo o ser humano e reprimidos pelo eu social. Não é difícil, daí, imaginar porque as cenas de brutalidade e sanguinolência fascinam os fãs do gênero.

A última tese de Cohen é de que o monstro está situado no limiar do tornar-se. Isto é, eles podem ser marginalizados, negados, odiados, expulsos para longe, exorcizados dos corpos inocentes e até derrotados momentaneamente, porém eles sempre retornam. Os monstros são nossos filhos pródigos. E quando retornam, afirma Cohen, trazem um conhecimento mais pleno da nossa história e do nosso lugar. Os monstros nos questionam a respeito de como enxergamos o mundo e a questão humana em determinada época e lugar. Eles “nos perguntam por que os criamos”⁴⁶.

Tal como o herói nas mitologias, o monstro é um símbolo cultural, o registro de uma mentalidade, de um medo, de uma fantasia e de um comportamento tabu que em determinada época e lugar tentamos reprimir.

2.4 A BRUXA E O DEMÔNIO

O medo de não ter o controle sobre a reprodução humana é uma das mais fortes e antigas fobias sociais presentes na cultura ocidental⁴⁷. Dele resultou dois arquétipos monstruosos que assombraram quase toda a Europa e a América durante a Renascença: a

⁴⁴ Ver King, 2013.

⁴⁵ Cohen, 2000., p.48.

⁴⁶ Cohen, 2000., p.55.

⁴⁷ Ver Delumeau, 2009.

bruxa e o Diabo. O fenômeno histórico da caça às bruxas, ocorrido principalmente entre os séculos XVI e XVIII na Europa Ocidental, pode ser considerado o mais perverso resultado dessa fobia. E, por mais curioso que possa parecer, da caça às bruxas até a pautas do conservadorismo contemporâneo, o medo da independência feminina continua a fazer parte de um amplo complexo social que está na base de um sistema mercantil que, mais tarde, veio a se tornar o capitalismo moderno.

A pior fase da caça às bruxas na Europa e na América ocorreu justamente quando o Iluminismo ganhava força nos planos científicos, filosóficos, artístico e econômico. Ironicamente, o século das luzes foi o que mais matou mulheres com base em superstição — o mesmo século que acolheu as megeras e feiticeiras de Shakespeare e deu à luz o *Paraíso perdido* de Milton, revisitando o mito da mulher pecadora, do homem provedor do trabalho e do diabo como o tentador.

A historiadora italiana Silvia Federici, em seu livro *Calibã e a bruxa*⁴⁸, defende a tese de que a perseguição às mulheres no início da Idade Moderna estava intrinsecamente relacionada à acumulação primitiva do sistema econômico que resultaria no capitalismo atual. A partir dessa perspectiva, a autora joga luz também sobre o verdadeiro significado do demônio: aquele que perverte a mulher de seu “caminho natural” do lar e da procriação. Sua tese é de que a economia de subsistência em que o homem, a mulher e os filhos tinham igual importância na produção familiar foi substituída pelo sistema do salário, no fim da Idade Média, na qual o homem se tornou o único provedor de renda, os filhos se tornaram mão de obra e as mulheres passaram a ser dependentes deles. Para ter controle sobre a mão de obra trabalhadora deste novo sistema era preciso ter controle absoluto sobre a relação familiar⁴⁹.

Para garantir a prevalência desses novos valores masculinos, a mulher era sistematicamente excluída do convívio público, e seu mundo passou a ser o privado. Com o surgimento do capital, ela passou a ser ainda mais dependente do homem, já que suas funções indispensáveis na economia familiar e de subsistência deixaram de ser “capitalizadas”. Apenas o homem passou a receber salário pelo seu trabalho, enquanto a mulher dependia do sustento do pai ou marido. Tal dependência e afirmação simbólica causou uma opressão trágica que perdurou até o surgimento do feminismo no século XX.

⁴⁸ FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

⁴⁹ Federici, 2017.

Além de garantir a submissão da mulher ao homem e relegá-la ao papel de pureza sexual, maternidade e centralização do lar, as narrativas patriarcais desse período também passaram a reforçar o papel do homem no trabalho. O pecado original de Eva, mito central das religiões judaico-cristãs, desloca o problema central da humanidade ao ato sexual, à transgressão do proibido. Amor e integração com a natureza passam a ser elementos desestabilizadores, dando lugar à competitividade, conhecimento e violência. Conceber filhos e parir não é mais um ato individual, e sim uma obrigação social, e “a grandeza agora pertence ao homem, que trabalha e domina a natureza”, como afirma a antropóloga Rose Marie Muraro na introdução da edição brasileira de *O martelo das feiticeiras*⁵⁰. O medo de interferências nesse sistema passa a ser materializado no medo da mulher, especialmente aquela que é menos dócil e submissa e mais dificilmente controlada — a mulher transgressora, a pecadora.

Muraro relaciona a caça às bruxas durante a Renascença com a perspectiva da misoginia: é certo que o patriarcado sempre dominou em quase todas as culturas depois que o ser humano deixou de ser caçador-coletor, quando então a força física masculina passou a desempenhar um papel central na sobrevivência. No entanto, afirma, o ser humano passou mais de três quartos de sua longa história vivendo da caça de pequenos animais e, nessas sociedades antigas, era a mulher quem tinha um papel central. “Nesses grupos, a mulher ainda é considerada um ser sagrado, porque é capaz de dar a vida e, portanto, ajudar a fertilidade da terra e dos animais. Nesses grupos, o princípio masculino e o feminino governam juntos”⁵¹. Mesmo nas culturas das grandes caças, a mulher também teve papel central, enquanto era atribuído a ela o papel de gerar a vida. Nesse aspecto, o masculino primitivo via-se marginalizado. Muraro fala de um complexo contrário ao falocentrismo, isto é, uma espécie de “inveja do útero”.

Enquanto a mulher tinha sinais de maturidade claros, como a menstruação, que marcavam sua entrada no mundo adulto, o homem precisava recorrer aos ritos de iniciação. Tais ritos deram início ao inconsciente coletivo do homem, e formaram os heróis e seus mitos. Enquanto a identidade da mulher é marcada pelo corpo, a do homem

⁵⁰ MURARO, Rose Marie. Introdução. In: KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Trad. Paulo Fróes. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. p.15.

⁵¹ Muraro, 2017, p.9.

é construída pelo símbolo. Daí se desenvolveu, segundo Muraro, o “poder biológico” da mulher e o “poder simbólico” do homem⁵².

Em algum momento do período neolítico, o homem também passou a conhecer sua função biológica na reprodução e querer controlá-la. Surgiu um sistema de casamentos em que a mulher se torna propriedade e seu poder e bens materiais é transmitido para seus descendentes. Surgiram os primeiros impulsos das sociedades primitivas em dominar e reprimir a sexualidade feminina, já que o ato da reprodução passa a definir o destino das comunidades. Nascem os primeiros tabus e as primeiras narrativas que delegam à mulher o papel de causadora do mal original (além do Gênesis bíblico, o mito grego da caixa de Pandora, entre outros).

A relação entre procriação, crescimento social e abundância de recursos, que no mundo moderno se realizou através do capitalismo, andou sempre lado a lado com essas narrativas, muitas delas de cunho religioso, mas grande parte também proveniente da própria literatura. A ideia defendida nesse discurso é: quanto mais filhos a família tivesse, mais soldados para defender as terras, ou mão de obra para arar. As mulheres passaram a ter sua sexualidade rigidamente normatizadas por coerção discursiva, uma vez que eram os homens que narravam os mitos, organizavam as religiões e criavam as leis⁵³.

Nasceram as raízes desse medo: o adultério (pois o filho de outro ameaçava sua herança), o aborto, a independência da mulher (que poderia afastá-la das obrigações domésticas, implicando na deficiência da criação de filhos). E a partir dessas narrativas, a mulher torna-se ameaçadora: está ligada à natureza, à carne, ao sexo, ao corpo e ao prazer. Esses domínios devem ser normatizados pela cultura: a serpente passa de símbolo de fertilidade e sabedoria para a figura do Demônio, a essência do mal, da tentação e da manipulação.

Do terceiro ao décimo séculos, alonga-se um período em que o Cristianismo se sedimenta entre as tribos bárbaras da Europa. Nesse período de conflito de valores, a situação da mulher é muito confusa. Contudo, ela tende a ocupar lugar de destaque no mundo das decisões, porque os homens se ausentavam muito e morriam nos períodos de guerra. Em poucas palavras: as mulheres eram jogadas ao domínio público quando havia escassez de homens e voltavam ao domínio privado quando os homens reassumiam o seu lugar na cultura.⁵⁴

⁵² Muraro, 2017, p.9.

⁵³ Muraro, 2017, p.11-12.

⁵⁴ Muraro, 2017, p.16.

Durante todo o período colonial no Brasil, as mulheres ocupavam o papel de curadoras e parteiras, detinham os saberes da medicina popular e as transmitiam de geração em geração. As camponesas cultivavam ervas e unguentos dos mais variados e para as mais variadas funções. Até a ocupação da obstetrícia por médicos homens, o que começa a ocorrer na Europa no século XVII, as parteiras eram as únicas que tinham conhecimento sobre o que acontecia dentro do quarto quando as mulheres davam à luz. Desses segredos de alcova o homem criou terríveis pesadelos, formando em seu inconsciente o pavor do aborto e do infanticídio.

Em segundo lugar, as camponesas formavam organizações pontuais que se estruturavam em confrarias, na qual trocavam entre si conhecimentos sobre seu corpo. Durante as revoltas camponesas, eram essas confrarias que encabeçavam as insurgências. Foi essencial ao sistema capitalista que começava a surgir no centro do feudalismo um controle estrito ao corpo e à sexualidade feminina, uma vez que o novo sistema dependia do braço forte, barato e numeroso gerado pela mulher.

A partir do século XVI o controle e repressão à mulher insurgente é levado a uma obsessão, e os menores gestos femininos são regulados. “Todos, homens e mulheres”, afirma Muraro, “passam a ser, então, os próprios controladores de si mesmos, a partir do mais íntimo de suas mentes”⁵⁵. Instala-se a devoção exagerada, fortalece-se o braço inquisitorial da Igreja e do Estado, inicia-se uma longa e perversa caça a homens e mulheres desviados da conduta sexual.

As regras convencionais só eram válidas para as mulheres e homens das classes dominantes, através dos quais se transmitiam o poder e a herança. Assim, os quatro séculos de perseguição às bruxas e aos heréticos nada tinham de histeria coletiva, mas, ao contrário, foram uma perseguição muito bem calculada e planejada pelas classes dominantes, com o objetivo de conquistar maior centralização e poder⁵⁶.

Transgredir a moralidade era uma questão política, e embora o senso comum também tenha atribuído o papel principal de caça às bruxas à Igreja, foi o Estado laico que mais condenou mulheres à morte. A caça às bruxas não apenas coincidiu com o surgimento do capitalismo como foi o gatilho necessário para sua expansão global. Para dominar a reprodução e combater os métodos contraceptivos, era essencial que o Estado

⁵⁵ Muraro, 2017, p.19.

⁵⁶ Idem.

dominasse as mulheres insurgentes, solteiras, viúvas, prostitutas, mendigas, parteiras, curandeiras — toda mulher que estivesse à margem da norma familiar.

Também se operou, como lembra Federici, um pavor terrível das jovens babás, pois eram aquelas que estavam mais próximas dos filhos burgueses quando seus pais estavam longe, e o medo do infanticídio tomou proporções históricas pela Europa⁵⁷.

No Brasil, o estado português também repreendeu a moralidade e as tradições populares contrárias ao catolicismo. Mas no caso particular do mundo ibérico nas américas, a igreja, por meio da Inquisição, foi a que mais repreendeu cristãos por esses atos. Dizer heresias, falar blasfêmias, comportar-se de modo impróprio, fazer feitiços e se reunir à noite eram fortemente criminalizados. Muitos homens e mulheres foram julgados e condenados por esses comportamentos, mas, sobretudo as mulheres, foram as mais perseguidas em Portugal e no Brasil pelo crime de feitiçaria e bruxaria, segundo os importantes estudos de Francisco Bithencourt⁵⁸ e Laura de Mello e Souza⁵⁹.

Para que se entenda, feitiçaria e bruxaria eram crimes diferentes. Feitiçaria era o ato de fazer adivinhações, previsões, curas, amuletos, maldições e bem-querências. Era um crime mais leve em comparação à bruxaria, que estava ligada ao pacto demoníaco. A bruxa não era apenas uma feiticeira, mas uma mulher que se associou ao demônio para conseguir seus poderes. Às bruxas eram associados os malefícios, tais como se transformar em animais para não serem vistas, voar à noite para encontros secretos na floresta, infanticídio, abortos, causar impotência nos homens, invocar temporais, rogar pragas contra animais e plantações⁶⁰.

Para o imaginário do colonizador, ainda vinculado ao pensamento medieval, a floresta era o local de mistérios insondáveis, monstros desconhecidos, selvagens canibais, pecado, magia e paganismo. Como símbolo do que é mais desconhecido, desbravado e bárbaro, representava a morada do diabo. Assim descreve Laura de Mello e Souza:

⁵⁷ Federici, 2017.

⁵⁸ BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁵⁹ SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

⁶⁰ RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. *História da bruxaria*. Trad. Álvaro Cabral, William Lagos. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2019.

No mundo precário do homem medieval, surgia a necessidade de nomear e encarnar o desconhecido a fim de manter o medo nos limites do suportável: monstros descritos pela religião (Satã), monstros descritos pelo bestiário (unicórnio, dragão, formiga-leão, sereias, etc.), monstros humanos individuais (aleijados, tarados) e monstros que habitavam os confins da Terra, parecendo-se com homens normais (ou seja, europeus do oeste) mas trazendo traços monstruosos hereditários.⁶¹

Em seu estudo sobre a religiosidade popular, demonologia e inquisição no período colonial brasileiro, Souza afirma que a feitiçaria e a religiosidade colonial passaram a ser associadas ao próprio processo de colonização, em uma época em que visões paradisíacas e infernais a respeito das terras americanas divergiam e se completavam no imaginário colonizador. Embora a maioria dos europeus visse a nova terra como Paraíso Terrestre, reforçando a ideia desenvolvida por Sérgio Buarque de Holanda, alguns viam como o lugar do Purgatório: os desvios cometidos em solo português eram purgados na colônia através do degredo, e “colonos desviantes, hereges e feiticeiros eram, por sua vez, duplamente estigmatizados por viverem em terra particularmente propícia à propagação do Mal”⁶².

O demônio era a explicação natural para todo o mal que ocorria na colônia, sobretudo as iniciativas fracassadas, os acidentes ou os insucessos nos objetivos coloniais. A mentalidade, ora feudal, ora mercantilista, pressupunha o objetivo benevolente, de acordo com os valores cristãos, de forma que todo obstáculo a ele era demoníaco. O inferno era o que merecia e se ameaçava todos que se afastasse de tais objetivos.

Podemos presumir que as populações à margem do sistema colonial — mulheres, índios, africanos e seus descendentes — encarnassem o medo supremo do diabo, e fossem agentes da perseguição aos dissidentes da fé. É preciso também observar, a partir do estudo das mentalidades, que a natureza divina é a alma, portanto tudo que é espiritual, enquanto a natureza do inferno é o que vem de baixo, o inferior, a terra, o corpo⁶³. O corpo encarna o prazer (a tentação) e o abjeto. O corpo era o desviante da alma, onde residia o diabólico e o horrorífico.

Laura de Mello e Souza lembra que a existência do diabo era a prova máxima da existência de Deus, pois sempre esteve ligado ao monoteísmo, e sua força como Opositor

⁶¹ Souza, 1986, p.49.

⁶² Souza, 1986, p.17.

⁶³ Idem.

nunca houve nas culturas pagãs. Com o triunfo do monoteísmo, tornou-se necessário explicar a presença do mal no mundo⁶⁴.

O medo da mulher encarnado na forma da bruxa foi tema de todos os principais contos de fadas europeus (em que ela é ridicularizada), nas grandes tragédias (em que ela é símbolo de poder proibido) e nas histórias de terror contemporâneas, onde sua força — a força da mulher independente, poderosa e à margem da norma estabelecida — desafia a razão. Ela é símbolo de forças estranhas, de contato com o sobrenatural, de interação com a natureza e de exposição do corpo. De *Macbeth* a *João e Maria*, até *A bruxa*, filme de 2015 de Robert Eggers, o arquétipo da bruxa é um dos mais explorados pelos gêneros do medo como figura assustadora. Também é assim a figura do demônio, que esteve presente nos casos reais da possessão das freiras de Loudun, na França em 1634, e no julgamento das bruxas de Salém, nos Estados Unidos, em 1692.

Ao observarmos algumas célebres histórias de terror das últimas décadas, percebemos que dois temas clássicos aparecem de forma recorrente: a maternidade e o demônio. Esses são os temas por trás de *O bebê de Rosemary*, escrito por Ira Levin e adaptado para o cinema por Roman Polanski; *O Exorcista*, escrito por William Peter Blatty e adaptado para o cinema por William Friedkin; *A Profecia*, escrito por David Seltzer e adaptado por Richard Donner; *Carrie, a estranha*, filme de Brian De Palma, baseado no livro de Stephen King. Em todas essas histórias citadas, o demônio surge como a força maléfica que se interpõe entre mãe e filho. Daí se pode deduzir uma questão fundamental: por que quando o mal é encarnado na forma do demônio, as vítimas ou protagonistas são sempre jovens mulheres, filhas ou mães?

O demônio tem inspirado livros e filmes incontáveis de terror, e agora podemos notar que o medo do diabo funciona inadvertidamente melhor se ele se opõe ao tema da maternidade e da mulher como símbolo de pureza. Tal como as mulheres insurgentes da Idade Moderna, a bruxa e o diabo continuam normatizando a sociedade contemporânea e colocando medo naqueles que se desviam da ordem vigente.

Por isso, torna-se urgente uma proposta de terror que subverta esse modelo, isto é, que retire a carga negativa empregada à figura clássica da bruxa e do demônio e redirecione a uma ideia de “mal interior”, onde a ameaça não vem mais de fora, das profundezas da mata, e sim de dentro da própria sociedade.

⁶⁴ Souza, 1986, p.249.

2.5 DOIS MONSTROS PARA UM SÓ MAL

Em *A Noite do Cordeiro*, trabalhei com a presença de dois monstros, ou melhor, com dois níveis da função monstruosa. O primeiro é a Enforcada, uma lenda que ronda a pequena comunidade a qual Vicente investiga. Logo sabemos que a Enforcada seria a alma-penada de uma mulher que, num passado próximo, foi morta, acusada de bruxaria. Assim, num primeiro plano, a narrativa trabalha com o tema da bruxa, uma entidade sobrenatural, um agente do desconhecido que volta para assombrar aqueles que lhe fizeram mal. Como guardião de uma fronteira, esse monstro (apenas referido) não é nem bom nem mal, é apenas consequência de atos humanos.

Durante boa parte da narrativa, quis dar a impressão ao leitor de que estava numa clássica história de fantasmas, um modelo fantástico-maravilhoso. O ataque a Mariana, os animais mortos e os vultos que perseguem Joaquim visam a criar a ilusão de que essa presença fantasmagórica é real, e daí decorrer o terror, a sensação do medo do escuro.

Entretanto, a Enforcada é apenas uma lenda, que por sua vez encobre o verdadeiro horror da narrativa: quem quer que faça essa lenda se propagar, tem interesses bem mais perversos. À medida que o romance avança, o leitor deve perceber que a figura da bruxa é desfeita: as bruxas não existem, a não ser nas acusações daqueles homens que detém o poder do discurso. Isso fica claro quando Ana Pereira, uma mulher afastada do convívio social, é acusada de bruxaria pelo comissário do Santo Ofício português.

A partir daí, a narrativa se mostra uma estrutura fantástico-estranha (começa com uma premissa fantástica, mas possui um desfecho naturalista, ainda que insólito). Não é, por fim, uma história sobre bruxaria, mas sobre caça às bruxas. Começamos a perceber que há algo maior que um monstro, que há um segredo em que muitos estão envolvidos. Esse segredo nunca é explicitamente revelado, embora eu tenha espalhado as peças do quebra-cabeças ao longo da narrativa. Há uma mudança brusca no ritmo quando a história chega ao final, e o que parecia ser um enredo policial retoma os temas do terror. Por fim, Vicente, o protagonista, confronta um estranho culto, e todos estão encapuzados e mascarados, entoando cânticos desconhecidos, recitando preces aparentemente desconexas e participando de um ritual regado a bebidas alucinógenas.

Livremente inspirados em livros como *O bebê de Rosemary*, *Cerimônias satânicas* e *Breve romance de sonho*, quis dar a essa cena um aspecto de quebra da realidade, onde nada mais parece ser o que é. A ideia de apresentar todos mascarados foi uma forma de intensificar o desconforto, retirando suas identidades, tornando-os

fantasmagóricos. Entra em cena uma figura bestial, um homem “vestindo” uma cabeça de boi, como se quisesse parecer um demônio. Naturalmente, pensei aqui na função intersticial — humano/animal — do monstro. Os acólitos lidam com elementos do lado de fora da norma: o primitivismo, a violência, a cerimônia noturna, o sacrifício, o delírio, o fanatismo, o contato com o mundo espiritual (que eles acreditam).

Ao mesmo tempo, tentei dar realismo à cena incluindo diversos elementos dos cultos de santidade que ocorreram realmente no Recôncavo Baiano naquela época, da qual Ronaldo Vaifas fez um excelente estudo⁶⁵. A diferença é que os cultos de santidade eram realizados por índios cristianizados que formavam revoltas contra sua escravização. No meu romance, o ritual passa a ser (mais uma vez) apropriado pelos portugueses.

⁶⁵ VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

3 O ENREDO

3.1 AS ESTRUTURAS DOS ENREDOS DE TERROR

Os enredos das narrativas de medo são muitas vezes previsíveis ou repetitivos. Isso ocorre porque, como gênero consolidado a partir de convenções, o terror e o *thriller* precisam articular um número mínimo e limitado de elementos que identifique a história como tal — ao tempo que a utilização frequente desses elementos causa inevitáveis desgastes. Se vamos ler um livro de terror ou assistir a um filme desses gêneros, já esperamos que as personagens se deparem, mais cedo ou mais tarde, com algum tipo de assombração, criatura, malignidade ou loucura. Com a presença ou não do plano sobrenatural ou fantástico, são basicamente esses os principais temas.

Por outro lado, se lemos um romance policial também podemos adivinhar a história desde o princípio: haverá um crime (geralmente um assassinato) e não saberemos quem é o autor até perto do fim. O caso precisa ser resolvido o mais rápido possível, pois o tempo corre contra o enigma antes que haja uma nova vítima. O protagonista — um detetive, policial, jornalista etc. — irá investigar e, ainda que termine bem ou mal, o autor do crime e seu motivo serão revelados. Essa é a recompensa pela leitura, o reestabelecimento da ordem.

O *thriller* difere do gênero policial porque não se sustenta pelo mistério, e sim pelo suspense. No *thriller*, normalmente sabemos quem é o assassino desde o início, ou pelo menos bem antes do final, o que faz com que o leitor ou espectador mude sua pergunta de *quem* para *como*.

Esse tipo de convenção ou esquema se repete a cada obra com pouca ou quase nenhuma alteração, justificando que leitores e espectadores pouco afeitos ao gênero o julguem monótono e pouco original. Os entusiastas, por sua vez, encaram tais convenções como elementos-chave de familiaridade, funcionando como uma estrutura básica, um chão sobre o qual se assentam nuances de outro plano. A princípio, pode parecer um mau hábito esperar que as histórias tragam sempre o mesmo enredo, o que normalmente faz

com que críticos julguem tais gêneros como defasados, rasos, pueris, vulgares etc. Mas esse é um julgamento apressado, uma vez que há inúmeros exemplos de obras de qualidade ao longo das décadas, renovando o gênero a cada geração, sem abandonar os elementos convencionais que o constituem.

Mas quais são esses elementos-chave? Por convenção, as narrativas de terror lidam quase sempre com poucos personagens, um único conflito e um desenvolvimento linear, que inicia em estado de equilíbrio e termina em forte clímax, passando por picos de tensão. Tende a ser perigoso, nos gêneros do medo, explorar formas muito complexas de enredo — como a inserção de subtramas, estrutura em *media res*, múltiplos conflitos ou núcleos dramáticos — pois a sofisticação da narrativa tende a dissipar o efeito de tensão e de clímax.

Por ser um gênero artístico bastante restrito, ele lança mão de um número muito pouco variado de estratégias narrativas. Mas sabemos que, mesmo tendo desenvolvimentos familiares, de tempos em tempos surgem romances e filmes de terror surpreendentes, que soam originais mesmo para o público familiarizado. A meu ver, isso ocorre quando o autor tem profundo conhecimento dos elementos que compõe o gênero, tanto os simbólicos quanto os estruturais, e sabe utilizá-los com inteligência a favor do efeito que quer produzir, em vez de simplesmente repetir clichês. Conhecer a fundo essa estrutura também permite ter melhor domínio sobre ela quando se tenta subvertê-la.

Nöel Carroll, ao discutir sobre os enredos de terror, identifica dois modelos característicos, os quais ele chama de “enredo de descobrimento” e “enredo do extrapolador”. São estruturas narrativas genéricas que se assemelham em suas funções comuns e compartilham de movimentos semelhantes no seu desenrolar.

O *enredo de descobrimento* tem três movimentos básicos: a *irrupção* do conflito, por meio de vestígios (vítimas, rastros, aparições misteriosas); o *descobrimento* do problema; e o *confronto* com ele. Quando este enredo se propõe a responder a origem da causa sobrenatural ou misteriosa, Carroll chama de *enredo de descobrimento complexo* e acrescenta um quarto movimento: a *confirmação* da existência do monstro ou do problema e, conseqüentemente, sua explicação.

O segundo tipo, o *enredo do extrapolador*, está ligado ao que Carroll classifica como subgênero do “cientista louco”. A mais exemplar dessas histórias é a de *Frankenstein*, de Mary Shelley, mas muitas outras se enquadrariam: *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, *O grande deus Pã*, de Arthur Machen, e *O horror de Dunwich*, de H. P. Lovecraft. Enquanto o enredo de descobrimento está ligado ao tema

da existência de entidades sobrenaturais ou conhecimentos ocultos, o tema recorrente no enredo do extrapolador é sobre o conhecimento (científico na maioria das vezes, mas também pode ser místico) que não deveria cair nas mãos do ser humano.

O enredo do extrapolar, segundo Carroll, também apresenta quatro movimentos: a preparação da experiência, a própria experiência, o acúmulo de provas de que a experiência deu errado e o confronto com o monstro. Em geral, esse enredo não apresenta a clássica distinção entre heróis e monstros, ou heróis e vilões, já que o protagonista é o próprio extrapolador, ou seja, o agente que contrapõe a ordem vigente ou a ética e causa o aparecimento do monstro.

O pensamento de Stephen King sobre o tema corrobora a opinião de Carroll. Para ele, as histórias de terror são divididas entre aquelas em que o terror resulta de um ato de vontade própria — a decisão consciente de fazer o mal — e aquelas em que o terror vem de fora, é um meio exterior, fruto da vontade demoníaca ou simplesmente predatória de um ser ou entidade desconhecida⁶⁶. Para King,

As histórias de terror de fundo psicológico — aquelas que exploram os caminhos do coração humano — quase sempre giram em torno do conceito de vontade própria; “mal interior”, se assim desejarem, aquele a que não se tem o direito de responsabilizar Deus-Pai. Um exemplo é Victor Frankenstein criando um organismo vivo a partir de partes humanas soltas, para satisfazer sua própria arrogância, para então cometer o pecado de recusar-se a assumir a responsabilidade pelo que fizera. Outro exemplo é Dr. Henry Jekyll, que cria Mr. Hyde, fruto essencialmente da hipocrisia vitoriana — ele quer ser capaz de farrear sem que ninguém, nem mesmo a prostituta mais barata, saiba que ele não é outro senão o inocente Dr. Jekyll, cujos pés estão “sempre galgando o caminho da retidão”. Talvez a melhor história de mal interior já escrita seja “O Coração Delator” de Poe, em que o assassinato é cometido por maldade pura, sem quaisquer circunstâncias atenuantes para mitigá-lo. Poe sugere que nós chamaríamos seu narrador de louco porque precisamos sempre acreditar que tal maldade perfeita, sem justificativa, é uma loucura, para o bem da nossa própria sanidade⁶⁷.

Importante ressaltar que ambas as formas tratam do tema do desconhecido ou do oculto, e seu processo de descoberta ou revelação à humanidade. Afirma Carroll:

Examinando o campo das estruturas de enredo descritas até aqui, ficamos impressionados com um tema que atravessa a maioria desses exemplos. É o tema do descobrimento. No enredo do extrapolador, o extrapolador descobre algum segredo do universo, muitas vezes para consternação do resto da humanidade. E, na maioria das estruturas de enredo derivadas da história de

⁶⁶ King, 2013, p.81.

⁶⁷ Idem.

descobrimto complexo, ocupa uma posição de primeiro plano a descoberta daquilo cuja existência era anteriormente negada⁶⁸.

O enredo do extrapolador, segundo Carroll, alerta a humanidade contra a vontade de saber demais, seja por meio da ciência, da magia, da mediunidade ou do ocultismo. Ao passo que o enredo do descobrimto repreende a humanidade por ser complacente demais com relação ao desconhecido. Ambos tratam do mesmo tema — o “escuro” como signo do desconhecido ou oculto — em via opostas: o enredo do descobrimto alerta para a curiosidade de menos, o do extrapolador pela curiosidade demais. Assim, afirma Carroll, as duas famílias de enredos desenvolvem aspectos diferentes da relação do ser humano com o desconhecido ou o oculto.

Para Stephen King, os romances e contos de terror que lidam com a ideia de “mal exterior”, em contraposição ao “mal interior”, são frequentemente mais difíceis de serem levados a sério. Isso porque, muitas vezes, tomam a dimensão de histórias de aventuras: os alienígenas que invadem a terra e, no final, são derrotados pela perspicácia humana (*Guerra dos mundos*, de H. G. Wells, é um exemplo), ou o monstro que surge do pântano e encontra a morte nas mãos de um herói.

Contudo, o conceito de mal exterior é mais amplo, como aparece nas histórias de horror cósmico de H. P. Lovecraft, na qual frequentemente deuses-alienígenas ou seres gigantes e ancestrais, ou entidades de malignidade suprema ameaçam a sanidade das personagens humanas. “A melhor delas nos leva a sentir a enormidade do universo no qual vivemos, e sugere a existência de forças sombrias que poderiam nos destruir a todos com um simples ronco durante o sono”⁶⁹, diz Stephen King.

Não ignoro que para o gênero terror ou suspense valham as mesmas regras da boa literatura: que toque na essência humana e tenha algo a dizer que seja atemporal e duradouro, isto é, que não se esgote na simples leitura. Para a perspectiva da escrita criativa, como aponta Luiz Antonio de Assis Brasil⁷⁰, a essência do romance é a sua personagem, pois é dela que emana o conflito e sobre ela que os acontecimentos externos convergem, não importando quão aleatórios sejam. O conflito sempre é interno e

⁶⁸ Carroll, 1999, p.181.

⁶⁹ King, 2013, p.82.

⁷⁰ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Escrever ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

transcende a personagem — ou seja, continua a existir depois que o livro acaba ou que o problema externo é resolvido, e nunca se esgota, daí sua permanência.

Podemos afirmar, então, que o conflito geral das histórias de terror são o mistério incompreensível do universo: o oculto ou o desconhecido. Já nos *thrillers*, o enredo é sempre da descoberta, e o conflito geralmente está ligado à psique: os motivos que levam a um assassinato, os jogos psicológicos entre criminoso e investigador, o comportamento dos envolvidos e suas noções particulares de justiça e ética.

3.2 O SUSPENSE E O MISTÉRIO

Em seu livro *A arte da ficção*, o crítico literário inglês David Lodge⁷¹ apresenta o mistério e o suspense como técnicas literárias ao mesmo tempo distintas e complementares. Segundo ele, o mistério é “o manto que cobre uma determinada questão”, mantendo-a desconhecida do leitor até o momento final da trama, e sendo desvelada aos poucos por pistas e vestígios. Já o suspense, que vem do termo latino *suspendere*, é a técnica narrativa de retardar a resolução de uma situação, deixando a trama “em suspenso”.

Segundo Lodge, todas as formas de narrativas modernas — romances, contos, filmes, seriados, histórias em quadrinhos etc. — prendem a atenção do espectador suscitando perguntas ou questões sobre os personagens ou a trama, e tardando para respondê-las⁷². Essas perguntas pertencem a duas categorias: a da causalidade e a da temporalidade. E quando lemos ou assistimos às histórias, nos perguntamos o que aconteceu ou quem fez tal coisa (causalidade), e nos mantemos atentos para saber o que acontecerá em seguida (temporalidade). O tempo que decorre entre a resolução de uma questão e outra resulta na situação de *tensão*. A tensão, por sua vez, é o resultado do nosso sentimento natural de angústia e ansiedade, que busca ser confortado com a desfecho da história.

Para ele, as duas categorias de questões aparecem na forma clássica das histórias de detetives, que são narrativas populares de aventura cujo centro narrativo é a resolução de um mistério, geralmente um crime peculiar que precisa ser solucionado⁷³. O suspense

⁷¹ LODGE, David. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

⁷² Lodge, 2009.

⁷³ Lodge, 2009, p.24.

era originalmente um efeito associado ao *thriller*, um misto de história de detetive e de aventura. Tais narrativas, segundo ele, são concebidas de forma a colocar o herói em situações de perigo (geralmente uma atrás da outra), levando o leitor a sentir a ameaça que ronda a personagem e, então, poder sentir o seu medo e ansiedade em relação ao desfecho. O suspense teria, portanto, essa relação estreita com a ficção popular e o terror psicológico.

Mas se o suspense pergunta ao leitor o que vai acontecer, o mistério, por sua vez, pergunta *como foi que aconteceu*. Lodge lembra que escritores vitorianos como Dickens, Poe e Conan Doyle exploraram o mistério na conexão com crimes e contravenções, o que mais tarde motivou o desenvolvimento do gênero policial. Um mistério que se resolve é um acontecimento que conforta o leitor e assegura o triunfo da razão sobre o instinto — da ordem sobre o caos, da civilização sobre o primitivo. Por isso o mistério é tão precioso para a narrativa popular, pois “o maior de todos os mistérios é o coração humano”⁷⁴.

Para Dan Brown⁷⁵, um dos mais bem-sucedidos escritores de *thrillers*, a essência desse gênero é criar lacunas para serem preenchidas, mostrando apenas o suficiente para avançar até o próximo ponto. Assim, quanto mais perguntas forem propostas no início da narrativa, de forma imediata, mais forte será a expectativa do leitor em seguir adiante. A história precisa responder a todas as questões que propõe, e deve prometer ao leitor mostrar, no final, algo que ninguém mais sabe. De forma que, em geral, o leitor intui que a personagem investigadora resolverá todos os enigmas⁷⁶.

Outro fator relevante é o tempo ou o *tique-taque*: a cena final de *Tubarão*, de Spielberg, mostra um barco afundando e um tubarão gigante se aproximando do protagonista. Se tivesse alguém para dirigir o barco de volta, não haveria suspense: a personagem precisa estar ilhada pelo perigo, com o relógio contando, cara à cara com o monstro, e o autor deve apresentar ao leitor a ordem cronológica de como esses fatos se sucedem e de como essa personagem resolverá o problema. Se o herói tiver a vida toda para se resolver, não há suspense, mas drama. O inverso também vale: se Emma Bovary tivesse apenas alguns dias para resolver sua vida, sendo ameaçada pelo comerciante para

⁷⁴ Lodge, 2009, p.44.

⁷⁵ BROWN, Dan. *Teaches Writing Thrillers*. Masterclass, 2019.

⁷⁶ Brown, 2019.

o qual ela devia dinheiro, ou correndo o risco de ser descoberta pelo marido, o romance de Flaubert seria um *thriller* — o que muda é apenas a forma, não a profundidade.

O perigo e o ritmo são os elementos fundamentais, portanto. Todo tipo de *thriller* tem suspense e alto risco, mas o que o define é sua aceleração: *como* o enredo chega até o leitor e não o *quê*. De acordo com as sugestões de Dan Brown, são formas conhecidas de incitar o suspense: uma sensação ruim em certo lugar; o perigo iminente (uma ameaça atrás de uma árvore); o segredo sombrio no passado do personagem; o inimigo sem rosto; cenas que se iniciam com sensação de urgência e desconforto; informações importantes retidas pelo máximo tempo, mas com motivos realistas; informações valiosas trancadas em lugares que o herói não tem acesso; personagens reagindo a algo que o leitor não sabe o que é, etc.

Em *A Noite do Cordeiro*, para instituir o efeito de tensão, também parti do princípio de tempo e perigo: um personagem cético e racional (Vicente) se confronta com um problema misterioso (uma menina atacada na floresta que assume uma espécie de estado catatônico), mas encontra um grave obstáculo (a chegada de um visitador da inquisição), e precisa resolver esse problema num curto período de tempo (sete dias) para evitar uma consequência desastrosa (que o estado da menina cause uma histeria coletiva e pessoas sejam acusadas injustamente). Há ainda um atenuante: enquanto Vicente investiga, as personagens são assombradas por visões espectrais que evocam o monstruoso e o sentimento do sublime.

Muitas perguntas são oferecidas ao leitor no início da narrativa: quem atacou Mariana? Qual o trauma do passado que perturba Vicente? O que aconteceu com o antigo padre? Quem ou o quê ronda a casa dos Soares? Quem não quer que Vicente investigue o caso? O que é a aparição que algumas pessoas veem na mata? Conduzir o leitor por centenas de páginas até que essas dúvidas fossem satisfeitas e mantê-lo interessado e atento a esse desenrolar foi meu maior desafio ao escrever essa história.

3.4 AS PERSONAGENS

O bom herói do *thriller*, explica Dan Brown⁷⁷, tem sempre um desejo a realizar, e um obstáculo enorme o impedindo. A personagem tende a não se tornar interessante até que tenha que vencer algum obstáculo em prol de algo importante para ela. Portanto, para

⁷⁷ Brown, 2019.

se criar um personagem adequado ao universo da narrativa, é preciso antes pensar na sua oposição. Em termos clássicos, para que haja um herói é preciso que haja um antagonista, alguém que crie obstáculos tão fortes que apenas uma pessoa muito específica possa impedi-lo.

Bons antagonistas têm motivações relativas, afirma Dan Brown. Eles podem estar fazendo as coisas erradas pelos motivos certos. O autor deve saber o que suas personagens querem. Há romances com muitos personagens, mas no *thriller* é importante que o leitor possa se focar na trama sem ficar o tempo todo se perguntando: que personagem é esse, o que ele quer, o que ele faz?

Um dos recursos comuns nos *thrillers* para introduzir um personagem marcante é provê-lo com uma ou duas características objetivas. Personagens facilmente lembrados pelo leitor tendem a ganhar maior importância. Destacar características marcantes, porém, não significa torná-la rasa: a profundidade, contradições e dilemas tornam as personagens humanas e nos fazem identificarmos com elas.

Para intensificar o conflito das narrativas *thriller* e de terror, é preciso que algo de natureza perigosa ponha em risco a vida das personagens. E nada tornará o protagonista interessante mais rápido do que um obstáculo. Quase sempre, nessas narrativas, o obstáculo mais forte é a morte. Uma recomendação de Dan Brown é colocar em jogo algo necessário para o personagem conseguir realizar seu desejo e então o impedir com um grande empecilho. A questão se torna: como conseguir isso?

Mas há ainda outra coisa a falar a respeito das personagens de terror e *thrillers*: o conflito entre crença e descrença. A maior parte das narrativas do tipo *enredo de descobrimento complexo* postula a existência de um monstro, um antagonista ou um mal e sua consequente descoberta, incorra em confronto direto no final ou não. Assim como se espera que no romance policial o protagonista seja um investigador (mesmo que não seja ligado à polícia), espera-se que nos *thrillers* e no terror psicológico o protagonista assuma uma posição própria do arquétipo do Detetive, qual seja, a desconfiança, o método racional cartesiano e o exame de evidências e provas. Se não houver esse posicionamento e, digamos, o protagonista logo associe os indícios do problema à verdadeira natureza do mistério, não haverá suspense.

Os personagens dos gêneros do medo quase sempre irão encarnar o arquétipo do Cético, e não raro suas ocupações se relacionam à ideia de racionalidade e dúvida: policiais, jornalistas, cientistas, professores, advogados etc.

Para compor meu protagonista de *A Noite do Cordeiro*, baseei-me também num subarquétipo comum dessas histórias, o Padre em Crise de Fé, um personagem que aparece constantemente nas narrativas de terror. O contexto histórico teve igual relevância: no Brasil do século XVII, era quase exclusividade dos jesuítas o papel de homem letrado. Historicamente, os jesuítas foram personagens de grande ambiguidade no discurso da colonização, uma vez que, embora lhes pese o papel de expropriação cultural dos povos indígenas, sabe-se que também foram defensores do conhecimento, das artes e do humanismo. Ao pensar num personagem ideal para um *thriller* no século XVII, portanto, um jesuíta em crise de fé me pareceu o mais assertivo para conduzir a trama.

3.5 ESPACIALIDADE E ATMOSFERA

Um dos aspectos que Edgar Allan Poe considerou para a composição de seu poema *O Corvo* foi o lugar em que se passava a ação, isto é, o cenário. Sabemos disso pois o próprio autor relata esse processo em “A filosofia da composição”⁷⁸. No seu ensaio, Poe afirma que, em determinado momento do ato criativo, ponderou entre uma floresta ou um campo como ambiente natural para o aparecimento de sua ave agourenta, mas, por fim, se deu conta de que era imprescindível uma estreita “circunscrição espacial” para o “efeito de um incidente isolado”, invocando a “força da moldura de um quadro”. Era, segundo ele, uma força moral inquestionável na medida em que concentrava a atenção do leitor, e não devia ser confundida com a simples escolha de um lugar físico.

Assim, Poe decidiu situar a personagem do poema em um pequeno quarto fechado, “um quarto que se tornou sagrado para ele por força das lembranças daquela que antes o frequentava”⁷⁹. O poema conta a história de um jovem estudante atormentado pela morte de sua amada e se encontra com seu desespero final ao ver o quarto invadido por um estranho corvo que responde suas perguntas sempre com o grasnar “nunca mais”. Poe revela que, de forma proposital, descreveu o recinto ricamente mobiliado, a fim de expressar a ideia de beleza: tanto a do Belo artístico quanto da beleza da amada morta, que era o tema final de sua ideia. Por fim, escolhe uma noite de tempestade, tanto para

⁷⁸ Poe, 2019, p.68.

⁷⁹ Idem.

dar ao corvo um motivo para buscar abrigo quanto “por conta do efeito de contraste com a serenidade (física) dentro do quarto”.

Do mesmo modo, para H. P. Lovecraft a atmosfera é a coisa que mais importa na narrativa de terror, porque à parte da harmonização do enredo, a atmosfera é a criação de uma determinada sensação no leitor:

Podemos dizer, generalizando, que uma história fantástica cuja intenção seja ensinar ou produzir um efeito social, ou uma em que os horrores são explicados no final por meios naturais, não é uma genuína história de medo cósmico; mas persiste o fato de que essas narrativas muitas vezes possuem, em seções isoladas, toques atmosféricos que preenchem todas as condições da verdadeira literatura de horror sobrenatural⁸⁰.

Uma história de terror, portanto, não deve ser julgada pela presença ou não de elementos fantásticos, e sim pelo nível emocional que atinge em seus pontos altos. Se as sensações apropriadas forem provocadas, o clímax deve ser admitido e validado, mesmo que seja desfeito na sequência — por exemplo, na explicação naturalista de seu mistério.

Para Lovecraft, “o único teste do realmente fantástico é apenas este: se ele provoca ou não no leitor um profundo senso de pavor e o contato com potências e esferas desconhecidas”⁸¹. A escolha do espaço, isto é, do cenário, portanto, não é meramente ilustrativa, pois acompanha a evolução emocional das personagens e estimula o leitor/espectador a fazer esse mesmo movimento psicológico.

Geralmente observamos nas histórias de terror uma transição emocional do protagonista acompanhando uma transição espacial. Enquanto ele perpassa os graus de medo (de uma mera posição de prudência ao estado de pavor), transita entre lugares luminosos — geralmente a cidade, que simboliza a razão, a ciência e a civilização — e lugares aterradores — ambientes escuros, pequenos, apertados e abafados, como cavernas, sótãos ou porões, que representam o local mais nebuloso e claustrofóbico do nosso inconsciente primitivo. Entre a cidade e o porão, não raro a personagem passa por lugares intermediários, como cidadezinhas, vilas, campos, estradas e florestas, todos eles com seu grau de rusticidade, primitivismo ou selvageria.

Do ponto de vista da fenomenologia, os espaços físicos remetem a espaços íntimos. Assim, é válida a abordagem que Gaston Bachelard faz em sua *Poética do*

⁸⁰ Lovecraft, 2007, p.17-18.

⁸¹ Idem.

*espaço*⁸² com relação ao sótão e ao porão da casa. Segundo ele, “a verticalidade [do caráter psicologicamente concreto] é assegurada pela polaridade do porão e do sótão”⁸³, em que se pode opor a racionalidade do telhado à irracionalidade do porão. O telhado, segundo Bachelard, revela imediatamente sua razão de ser, e cobre o homem que teme a chuva e o sol. Em cada região, a inclinação do telhado é um indicativo do clima, e compreendemos sua função. No porão, entretanto, está o “forte arcabouço do vigamento”, e embora encontramos utilidade nele, é o ser obscuro da casa, como o inconsciente é o ser obscuro de um corpo racional. É no porão que guardamos as coisas das quais não queremos nos lembrar, porém não conseguimos nos desfazer. Daí que, no porão da nossa mente e nos porões das casas das histórias de terror, escondemos nossos mais primitivos medos.

A partir dessa reflexão, fica claro entender por que as histórias articulam esses espaços: o clímax quase sempre ocorre em lugares apertados, escuros e claustrofóbicos. Em outras palavras, quando o pavor não ocorre no porão de uma casa, ocorre num simulacro de porão. O porão é cenário do clímax dos filmes *A Bruxa de Blair* e *Sinais*, do conto *O gato preto* de Poe, de *A maldição da residência Hill*, de Shirley Jackson e até de *A volta do parafuso*, de Henry James. Quatinhos fechados são cenários de clímax em *O exorcista* e *O bebê de Rosemary*, bem como de *Os pássaros* e *Psicose*, de Alfred Hitchcock. Há inúmeros outros exemplos dessa relação.

Essa consciência foi fundamental para a determinação dos cenários finais de *Noite do Cordeiro*. É em espaços escuros, fechados e isolados que se desenrolam as últimas ações: primeiro, no alçapão e no celeiro da casa dos Soares; depois, no campanário da igreja; e, por último, no meio do canavial, à noite, à volta de uma fogueira (na verdade, uma cruz em chamas). A trajetória de Vicente como um letrado que inicia sua jornada em Coimbra e termina em um canavial isolado no sertão é uma tentativa de representar, por meio do uso dos espaços, sua transição de um estado de controle e racionalidade ao de loucura e selvageria, onde a única saída é a própria morte. A transição da personagem é também a transição da história do país, e o clímax do romance busca expressar a sensação de sufocamento, obscurantismo e barbárie sentido por muitos brasileiros nos dias atuais.

⁸² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁸³ Bachelard, 1998, p.36.

Ainda não tenho certeza se consegui imprimir ao meu romance a atmosfera de terror que buscava. Muitos leitores dirão talvez que se trata de um drama ou uma tragédia, com eventuais cenas de tensão, e que isso não basta para considerá-lo um exemplar do gênero. De qualquer forma, este ensaio foi uma tentativa de demonstrar minhas *intenções* ao escrever *A Noite do Cordeiro*, e, enquadrando-se ou não nas fórmulas arquetípicas das histórias de terror, deixo aqui registrado minha admiração pelo gênero e a tentativa de expressar da forma mais natural possível essa influência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de crise e instabilidade cultural, política e econômica, é natural a busca por repostas no passado histórico. Em períodos de insatisfação, costumamos olhar para a memória coletiva a fim de encontrarmos elementos com o qual possamos pensar o presente como consequência de causas anteriores. Nesse contexto, o campo dos estudos literários se abre cada vez mais a pensar as relações entre ficção e história, lançando luz ao que aconteceu em nosso passado ou, às vezes, ao que *poderia* ter acontecido.

As transformações do próprio discurso histórico, não mais visto como mero registro da realidade passada, e sim como uma representação das mentalidades de outrora, consequentemente modificaram a forma de pensar também a ficção histórica. Neste trabalho, tentei me afastar da noção clássica de romance histórico para desenvolver uma ficção com *fundo histórico*, que não se prende à rígida noção de verossimilhança externa.

Nas últimas décadas, a literatura brasileira tem se servido bastante dessa relação, e a ficção têm encenado com regularidade nosso passado. Consequentemente, também recebeu notório reconhecimento da crítica. Como ressalta Marilene Reinhardt, “assim teve oportunidade de rever conceitos, discutir critérios de classificação, aventar hipóteses sobre causas, traçar panoramas e avaliar a qualidade das realizações”⁸⁴. Essa revisitação do passado traz à tona uma discussão inerente aos dias de hoje: as consequências de um passado colonizador, escravocrata, patriarcal para as culturas — indígenas, africanas — que foram apagadas por esse processo e buscam se reafirmar.

Mas não só isso. A ação de meus personagens, todos eles fictícios, podem ajudar a esclarecer tanto um período que aconteceu quanto um que poderia ter acontecido. Mas, sendo eles essencialmente humanos, suas ações devem refletir sobre o presente, isto é, sobre nossa humanidade hoje.

Em *A Noite do Cordeiro*, busquei descobrir como uma narrativa insólita — que misturasse elementos de suspense e terror — pudesse ser pensada dentro do âmbito dessas

⁸⁴ WEINHARDT, Marilene. *A Terra de Santa Cruz e o Brasil Colônia na ficção do fim do século XX*. Revista Versalete, v.2, n.3. Curitiba: jul.-dez. 2014.

discussões sobre o passado colonialista brasileiro. Por outro lado, tive de buscar nas narrativas populares a forma ideal para contar essa história, valendo-me da tradição dos gêneros que utilizam o medo como efeito de sentido, em especial o terror e o *thriller*.

Como escreveu pontualmente Umberto Eco, de todas as perguntas que um leitor pode fazer a um escritor, a mais ociosa é aquela que sugere que falar do passado é um modo de fugir do presente⁸⁵. Muitos escritores, é verdade, escreveram sobre o passado porque o presente não lhes interessava, mas até mesmo nesse gesto de negação há algo de insatisfação com o hoje. Assim como os problemas da Itália de Eco se formaram na Idade Média, e ele foi até lá buscar respostas, também nossos problemas de hoje se originaram na colonização e “é preciso voltar sempre a ela para fazer nossa anamnese”⁸⁶.

⁸⁵ Eco, 2018 p.572.

⁸⁶ Idem.

REFERÊNCIAS

1 REFERÊNCIAS TEÓRICAS E HISTORIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto Carvalho. 15. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro (s.d.). (Clássicos de bolso).

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Escrever ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010 (Edições do Senado Federal v.134).

BROWN, Dan. *Teaches Writing Thrillers*. Masterclass, 2019.

BURKE, Edmund. *Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e da beleza*. Trad. Daniel Moreira Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2016.

CÁNEPA, Laura. *Medo de quê? Uma história do horror nos filmes brasileiros*. 2008. 498 p. Tese de doutorado (Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

CARROLL, Noël. *A filosofia do horror ou paradoxos do coração*. Campinas-SP: Papyrus, 1999.

COHEN, Jeffrey Jerome Cohen. A cultura dos monstros: sete teses. In: _____. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CORDEIRO, Tiago. *A grande aventura dos jesuítas no Brasil*. São Paulo: Planeta, 2016.

CRUZ, Gilmara. *Práticas de feitiçaria: o caso de Maria Gonçalves Cajada*. Indaiatuba-SP: Via Sestra, 2019.

DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do Velho e do Novo Mundo (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

_____. *Histórias da gente brasileira: volume 1 — colônia*. São Paulo: Leya, 2016.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800 – uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Coleção Companhia de Bolso)

DICIONÁRIO do Brasil Colonial (1500-1808). Ronaldo Vaifas (dir). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

DICIONÁRIO da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (org). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DONATO, Hernâni. *O cotidiano brasileiro no século XVI*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

_____. *O cotidiano brasileiro no século XVII*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. In: _____. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. P.543-576.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos): além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.328-376.

_____. *Inibição, sintoma e medo*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GINZBURG, Carlo. *História noturna*. Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GREEN, Toby. *Inquisição: o reinado do medo*. Trad. Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KING, Stephen. *Dança macabra: o terror no cinema e na literatura dissecados pelo mestre do gênero*. Trad. Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Trad. Paulo Fróes. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

LODGE, David. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural na literatura*. Trad. Celso M Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MURARO, Rose Marie. Introdução. In: KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Trad. Paulo Fróes. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

NOVINSKY, Anita Waingort. *Viver nos tempos da inquisição*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva. *Messianismo e Milenarismo no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: _____. *O corvo*. Org. e trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. *História da bruxaria*. Trad. Álvaro Cabral, William Lagos. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SÁ, Daniel Serravalle de. *Gótico tropical: o sublime e o demoníaco em O guarani*. Salvador: EDUFBA, 2010.

SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga, traição e histeria em Salem*. Trad. José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SEPARATA dos anais do Museu Paulista: tomo XVII. *Segunda visitaçào do Santo Ofício às partes do Brasil pelo inquisidor e visitador licenciado Marcos Teixeira*: livro das confissões e ratificações da Bahia — 1618-1620. Int. Eduardo D'Oliveira França e Sonia A. Siqueira.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. *Inferno atlântico: demonologia e colonização — séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. (org); NOVAIS, Fernando A. (coord). *História da vida privada no Brasil*, volume 1: cotidianos e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VAIFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIEIRA, Antônio. *Essencial Padre Antônio Vieira*. org. Alfredo Bosi. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

WEINHARDT, Marilene. *A Terra de Santa Cruz e o Brasil Colônia na ficção do fim do século XX*. Revista Versalete, v.2, n.3. Curitiba: jul.-dez. 2014.

2 REFERÊNCIAS FICCIONAIS

ANSON, Jay. *Amityville*. Trad. Eduardo Alves. São Paulo: DarkSide Books, 2016.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Breviário das terras do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

ATWOOD, Margaret Eleanor. *O conto da aia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BLATTY, William Peter. *O exorcista*. Trad. Milton Persson. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

BUTLER, Octavia Estelle. *Kindred: laços de sangue*. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2017.

CONDÉ, Maryse. *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem*. Trad. Angela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

D'ANDREA, Luca. *A essência do mal*. Trad. Paulo Henrique Pappen, Karine Simoni. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

DE FELITTA, Frank. *O demônio de Gólgota*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GOMES, Dias. *O santo inquérito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HAWTHORNE, Nathaniel. *A casa das sete torres*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

_____. *A letra escarlate*. Trad. A. Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro, s.d.

HUXLEY, Aldous. *Os demônios de Loudun*. Trad. Sylvia Taborda. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

DOYLE, Arthur Conan. *O cão dos Baskervilles*. Trad. Antonio Carlos Vilela. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

JAMES, Henry. *A volta do parafuso*. Trad. João Gaspar Simões. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

JINKS, Catherine. *O inquisidor*. Trad. Paulina Pinsky. São Paulo: Contexto, 2017.

LEVIN, Ira. *Mulheres perfeitas*. Trad. Franklin Rumjanek. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *O bebê de Rosemary*. São Paulo: Manole, 2013.

MAIA, Ana Paula. *Enterre seus mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. Org. José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MILLER, Arthur. *As bruxas de Salém*. Trad. Rui Guedes da Silva. Lisboa: Editorial Presença, 1961.

MIRANDA, Ana. *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Musa Praguejadora: a vida de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MUSSA, Alberto. *A Primeira história do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ORWELL, George. *1984*. Trad. Alexandre Hubner. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A muralha*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 110 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Pref. Rafael Balseiro Zin; pos. Ana Flávia Magalhães Pinto. Porto Alegre: Taverna, 2018.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

REZENDE, Maria Valéria. *Carta à rainha louca*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

TRYON, Thomas. *As possuídas do Diabo*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

WYLD, Evie. *Onde cantam os pássaros*. Trad. Leandro Durazzo. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2015.